



DRICA BITARELLO

A CRUZE O CRESCENTE

Radegund - livro 2



Radegund

Livro III

A CRUZ E O CRESCENTE

Drica Bitarello

1ª edição

2017



© 2017 Adriana C Bitarelo
Todos os direitos reservados à autora.

*Proibida reprodução total ou parcial, salvo sob autorização.
Todos os personagens desta obra são fictícios, exceto os históricos. Qualquer
semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.*

Capa:
Drica Bitarello
Sara Vertuan

APRESENTAÇÃO

Prólogo

Parte I – O Dia

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Capítulo IX

Capítulo X

Capítulo XI

Capítulo XII

Capítulo XIII

Capítulo XIV

Capítulo XV

Capítulo XVI

Parte II – A Noite

Capítulo XVII

Capítulo XVIII

Capítulo XIX

Capítulo XX

Capítulo XXI

Capítulo XXII

Capítulo XXIII

Capítulo XXIV

Capítulo XXV

Capítulo XXVI

Epílogo

O Despertar do Dragão

APRESENTAÇÃO

Existe uma frase atribuída a Thomas Mann, romancista alemão e vencedor do Nobel de Literatura em 1929, que diz que “*O escritor é um homem que mais do que qualquer outro tem dificuldade para escrever.*” E durante o tempo que passou entre a publicação de “Fogo Vermelho” e o lançamento deste livro, “A Cruz e o Crescente”, eu pude experimentar esta paradoxal dificuldade.

Escrever é um ato profundamente solitário, tanto quanto nascer ou parir um filho. Todo esforço necessário, toda força e toda vontade nascem de dentro de nós. E quando essa energia falta, quando a fonte se esgota e a visão obscurece, é muito difícil retomar o processo. Não é uma questão de inspiração. Aliás, a *inspiração* é uma entidade folclórica. Um livro não nasce da inspiração; ele vem da transpiração, de suor e ideias, que brotam depois de muito esforço. Traduzir para o papel aquilo que nos passa pela cabeça de forma lógica, inteligível e atraente requer concentração e dedicação absolutas. E isso me faltou ao longo dos anos que passaram entre um livro e outro. E embora a história já estivesse há muito escrita, e eu já soubesse do rumo que teriam os personagens, o livro não estava pronto.

A “Cruz e o Crescente” não é um livro fácil para mim. Ele é um divisor de águas, um amadurecimento das personalidades que habitam o mundo de Radegund, um fluir constante de emoções. Espero, sinceramente, que estas emoções transbordem das páginas e consigam, de verdade, chegar ao seu coração. Ele é uma história de amor, dor, amizade e lealdade. Acima de tudo, este livro é uma história de superação. Dos personagens, e minha também.

Desejo a você, leitora ou leitor, uma viagem maravilhosa por estas páginas. E agradeço a incrível paciência e o maravilhoso suporte ao longo desses quase dez anos.

Radegund retornou.

Drica Bitarello, inverno de 2017.

PRÓLOGO

Meu olhar se perde na distância, tentando ver a costa através da luz desbotada do amanhecer. Para minha tristeza e angústia a praia diminui de tamanho, encolhendo sob meus olhos da mesma maneira que meu coração se encolhe dentro de meu peito. Minha amada e a criança da qual jamais verei o rosto ficaram para trás. Do outro lado do Mediterrâneo, muito além do meu alcance.

Os marinheiros passam ao meu lado. Observam-me, respeitosos, parecendo até mesmo solidários com meu sofrimento. O capitão esteve ao meu lado por alguns minutos. Deu-me alguns tapinhas amistosos nas costas e depois, num gesto de fidalguia, afastou-se em silêncio ao notar que havia lágrimas em meus olhos.

Eu deveria estar feliz. Deixo para trás as intrigas, o sangue e o sol escaldante desta terra que parece jamais ter sido tocada pela paz. Verei de novo o verde, as montanhas e os rios caudalosos da minha Draig Fawr. No entanto, tudo o que sinto, em lugar da alegria de voltar para casa, é a imensa falta da mulher que amo. E se não fosse pelo risco de vê-la assassinada junto com o filho que carrega no ventre, eu juro que nadaria de volta até a praia. Se fosse apenas a minha vida em risco, eu a entregaria de bom grado, apenas para poder passar mais um amanhecer ao lado dela.

Das memórias de Anwyn Ap Iowerth, na primavera do ano de Nosso Senhor de 1157.

PARTE I – O DIA

CAPÍTULO I

“E SOLITÁRIA E SEM NINHO A ÁGUIA ATRAVESSARÁ O SOL”

O Profeta. Gibran K. Gibran

Jerusalém. Reino Latino de Jerusalém, 1158

Ahmed apertou as contas do *masbaha* entre os dedos calejados ao ouvir mais um grito de Aziza. Olhou por entre as frestas da gelosia, mas nada viu lá fora. Só a escuridão fria da madrugada dividida em pequeninos losangos de madeira. Do cômodo alto onde guardava seus preciosos instrumentos astronômicos, suas cartas do céu e as caras lentes montadas sobre os suportes de cobre, que viam muito mais longe do que os olhos de qualquer mortal, enxergava-se durante o dia *Djebel az-Zeitun*. Lá, Isa, o *al-Masih*, teria ascendido aos céus quarenta dias após Sua Ressurreição, segundo acreditavam os cristãos. No entanto, para um Crente como ele, aquela doutrina soava estapafúrdia. Estava escrito no Livro que Isa, bem-aventurado fosse, não morrera. Fora arrebatado aos céus por Alá, o Clemente e Misericordioso, onde continuava vivo à espera do Juízo Final. A ignorância dos pálidos bárbaros do Norte era digna de pena...

O súbito silêncio da filha fez com que Ahmed emergisse de suas reflexões, desviando o olhar para dentro da casa. Fitou longamente o portal oculto pela cortina, tomado de angústia. Considerou se deveria se arriscar a sofrer a ira da parteira. Socorrer sua menina enquanto ela se esforçava para dar à luz ao filho bastardo do cavaleiro cristão. Na quietude da noite a calma sinistra pareceu durar horas, e não apenas alguns segundos. Por um átimo de tempo passou pela mente de Ahmed o pensamento profano de que talvez fosse melhor que sua filha, sua joia adorada, morresse durante o parto, poupando-os da vergonha, dos olhares maldosos e dos subornos que calariam a língua do cádi. Outro grito cortou a noite e só então, ao exalar seu alívio, foi que Ahmed percebeu que havia retido o fôlego, tamanha era a sensação de perda e de vazio que a simples sugestão da morte da filha lhe causava. Aziza estava viva. Logo, sucedendo o grito, ele o ouviu. Um som forte para uma criatura mal chegada ao mundo insensato dos homens. O choro de uma criança sadia.

– Amo! – A criada esbaforida e suada atravessou a cortina que ocultava o portal. – Amo! É um varão, seu neto é varão!

Ahmed mal percebeu que sorria. Mal notou que lágrimas desciam de seus olhos amendoados, se perdendo na barba grisalha. Como se a mulher não estivesse ali, voltou-se para a noite além da gelosia e murmurou.

– Meu neto... Que Alá, o Grandioso, seja louvado!

Por trás do monte das Oliveiras o céu, eivado de nuvens escuras que pareciam rasgões num tecido, estava tingido de vermelho, num presságio de

sangue e dor. E embora o ar estivesse parado, e o inverno ainda andasse longe de *Al-Quds*, o astrônomo estremeceu, como se envolvido por uma brisa fria.

– Oh, Clemente! – Implorou. – Tende piedade desta criança!

Draig Fawr. Deheubarth, Gales, 1191

Mark se ajeitou sobre a sela. Inclinou-se para o lado, praguejando contra a dor nas costas, ao mesmo tempo em que alcançava o odre. Soltou a tampa e tomou um generoso gole de água fresca. Saciada a sede, prendeu o odre novamente e esticou os braços para o alto, espreguiçando-se, ativando a circulação depois de horas de cavalgada ininterrupta. Acariciou a crina de Baco e olhou em volta, deslumbrado com a paisagem.

Verde. Para onde quer que olhasse o verde dominava tudo, sendo interrompido aqui e ali pelo cinzento das rochas. Gales era realmente uma terra deslumbrante, absolutamente diferente da Palestina. Passara por cachoeiras, rios caudalosos e florestas intermináveis. Tudo era tão verde e fértil, tão distante das paisagens quase sempre áridas, ainda que belas, do lugar onde tinha nascido! E pensar que tudo em sua vida poderia ter sido diferente. Poderia ter conhecido aquele lugar, poderia ter crescido ali, escalado aquelas montanhas e desfrutado das águas cristalinas que escorriam das rochas cinzentas. Poderia ter aprendido a língua melodiosa daquela terra, e a cadência melancólica de sua música, que parecia brotar da boca dos homens e das mulheres em cada uma das incontáveis tavernas espalhadas por Cymru, que era como aquela gente chamava a terra onde seu pai havia nascido. Onde ele poderia ter nascido, caso sua mãe não tivesse sido abandonada. Usada e descartada como roupa velha. Deixada para trás para suportar sua vergonha. Ele.

Esfregou os olhos, espantando o cansaço e os pensamentos traiçoeiros. Sua busca estava quase no fim. Percorrera um longo caminho de investigações e gastara uma pequena fortuna até chegar ali. Estava prestes a encontrar o homem que o havia gerado, mas que jamais fora seu pai.

O único pai que conhecera fora o avô. E, de certa forma, era grato por este fato. Ahmed ibn-Farouq al-Bakkar, além de homem digno e cumpridor das tradições, fora também um grande mestre. Generoso, passara para o único neto a maior parte de seus ensinamentos e de seus elevados princípios. Paciente, soubera compreender seus arroubos e sua revolta. Sábio, Ahmed mediera as infinitas ocasiões em que ele, tomado de rancor, confrontara a mãe, na ânsia de arrancar de seus lábios a verdade sobre as próprias origens.

Confrangeu-se ao lembrar-se da mãe, tão bela e digna em sua solidão. Aziza suportou tudo com serenidade. Perdoou o filho rebelde inúmeras vezes. E muitas outras o consolou com sua voz doce, entoando as melodias de sua terra,

exortando-o a sempre esperar por dias melhores. Praticamente reclusa, segregada da própria gente, sua mãe se acostumou com prazeres simples, como a companhia do pai idoso e de seu único e adorado filho. Talvez por isso ele fosse tão cruel ao revidar as negativas dela em revelar o nome de seu pai. Nada feria mais Aziza do que passar dias a fio sem ver o próprio filho. E nada o feria mais do que o enorme arrependimento em ter se privado da companhia dela. Se ao menos soubesse que teriam tão pouco tempo juntos! Se ao menos soubesse que aquela maldita febre dos pulmões a levaria em poucos dias, quando mal havia completado trinta verões...

Pensar na mãe e no avô fez o coração de Mark se apertar de saudade e tristeza. Quando deixou sua casa num acesso de raiva, ainda um rapazinho, não imaginou os rumos que sua vida tomaria. Inspirou profundamente ao se recordar da inconsequência de sua juventude, revivendo a mágoa que infligiu a si mesmo.

Ducado de Veneza, 1174

Para um rapaz de dezesseis anos como ele, Veneza era como uma cidade num permanente dia de festival.

Havia saído sozinho de Jerusalém em busca de aventuras já há algum tempo. Viajou até Acre, onde embarcou num navio mercante veneziano rumo àquela cidade. Apesar dos pedidos do avô, Mahkim resolvera partir. Com a morte da mãe, que se negou até o último suspiro a lhe dizer o nome de seu pai, ele se revoltou e resolveu deixar a casa de Ahmed. Tanto melhor. Ele e sua família sofriam um grande estigma pelo fato de ser bastardo, e de seu avô ter permitido à filha que permanecesse em casa, mesmo depois de desonrada. Tanto da parte de sua gente, quanto dos cristãos e judeus, sempre recebeu olhares enviesados e insultos velados.

No início, quando era apenas uma criança, costumava correr para casa e esconder seu choro no colo da mãe, ou nos braços da ama. Depois, quando teve idade suficiente para entender a razão de ser tratado como escória pelos outros garotos do bairro, passou a questionar a mãe sobre sua verdadeira origem. Recebia dela apenas um olhar tristonho e um suspiro resignado. Com o tempo, aprendeu a ignorar os abusos. E com mais tempo ainda, e a estatura e o corpo avantajados que desenvolveu, aprendeu a cobrar caro por cada insulto que lhe era dirigido. Contudo, não possuía amigos; vivia isolado, mergulhado em seus livros. Ou então metido no meio dos mercadores, dos peregrinos e dos condutores de caravanas, dos quais bebia com avidez as histórias sobre um mundo além daquele que conhecia entre os muros de Jerusalém.

Parado no porto, com um alforje sobre os ombros já bem largos para sua idade, Mahkim, ou Mark, o nome do santo cristão pelo qual sua mãe o chamava,

só Alá sabia o porquê, estava entusiasmado. De alguma forma parecia um bom auspício que ele comesse sua vida bem ali em Veneza, cidade da qual o tal santo era o padroeiro.

Desde que havia chegado, não se cansava de descobrir novidades sobre a cidade, aonde no lugar de vias calçadas de pedras, havia inúmeros canais. Para onde quer que seus olhos curiosos se voltassem havia uma cena nova e fascinante para se ver.

Mercadores de todas as partes do mundo conhecido, com as mais diferentes vestimentas, apregoavam seus produtos. Sacerdotes cristãos exortavam, do alto de púlpitos improvisados sobre caixotes, soldados e homens livres a partirem para a Terra Santa, onde jorrava leite e mel, em busca da salvação à custa do pescoço de algum infiel.

Mahkim riu com desdém daquela visão estreita dos cristãos. Segundo seu sábio avô, tudo era relativo. Pois se para os sarracenos os cristãos eram os ignorantes, – com toda aquela confusão entre Pai, Filho, Espírito Santo e uma mãe-virgem – quem estaria verdadeiramente com a razão?

Mordeu a fruta amarela e doce que comprou de um mercador, apreciando seu sabor. Nunca havia experimentado algo tão saboroso! Olhou em volta, capturando o colorido do mercado. Viu mulheres de vida fácil que serviam a quem lhes desse mais moedas; viu marinheiros de pele negra e colares de dentes afiados no pescoço; viu espertos e malandros que roubavam as poucas moedas dos bolsos dos servos que se aventuravam em seus jogos de azar.

Caminhando pela rua apinhada, foi em busca do capitão do navio siciliano. Segundo o imediato da embarcação que o trouxera, o homem estava em busca de ajudantes. Não demorou a encontrar a grande nau de linhas arredondadas atracada ao cais do porto. Caminhou em direção à prancha, mas sua passagem foi barrada por um homem barbudo que cheirava a cerveja e comida rançosa.

Mahkim torceu o nariz. Indagou-se se aqueles povos do Norte eram desprovidos do sentido do olfato. Ou se eram, de fato, bárbaros porcos e sujos. Entre sua gente valorizava-se a higiene do corpo e das vestimentas.

– O que quer? – O homem perguntou no idioma dos genoveses. E por ter passado tanto tempo no meio dos mercadores, Mahkim já conhecia essa língua.

– Procuro o capitão. – Disse num tom que lhe pareceu firme. – Soube que precisam de ajudantes.

O homem o mediu de cima a baixo, avaliando-o como a um cavalo ou um saco de farinha. Percebeu logo que o jovem moreno não era totalmente sarraceno. Tinha traços dos franj, um nariz quase romano. Um mestiço. Não seria recusado.

– Sim, é verdade, – o homem respondeu – precisamos de ajudantes com urgência. Um dos garotos que trabalhava para nós morreu de febre e o outro se engajou noutra tripulação. Partiremos ainda hoje, na maré vazante.

Mahkim se empolgou. Sua estrela estava brilhando! Que boa sorte arrumar um navio que partiria logo naquele dia. Não teria que se preocupar em gastar suas poucas moedas arranjando um lugar para comer ou dormir. Do alto da inconsequência de sua juventude, assentiu sem pestanejar.

– Posso zarpar agora, se o capitão quiser, meu bom homem. – Afirmou com um sorriso confiante. – Não tenho família, nem nada que me prenda por aqui.

– Ah, não? Muito interessante... – o homem confiou a barba embaraçada – então entre e deixe suas coisas no porão. Se quiser descansar por lá, fique à vontade. O capitão voltará em uma hora.

Com um sorriso animado, antecipando o mundo de aventuras e descobertas que se desvendaria dali em diante, Mahkim subiu apressado pela prancha de embarque. Sem olhar para trás, desceu a escadinha que levava a parte inferior do navio. Assustou-se ao ver mais três rapazes, que pareciam ter a mesma idade que ele, acorrentados no fundo do porão escuro. Seu coração disparou e os cabelos de sua nuca eriçaram-se.

Tarde demais percebeu que havia alguém às suas costas. Antes que pudesse se defender, levou uma violenta pancada na cabeça. A dor explodiu em seu crânio, cegando-o e roubando suas forças. Os joelhos se dobraram, alheios a sua vontade. Desabou sobre a palha suja, o rosto batendo no chão, causando nova onda de dor.

Enquanto era tragado pela inconsciência, ouviu a risada maldosa do homem que o recebeu na prancha falando aos outros prisioneiros.

– Mais um idiota. Seja bem-vindo, escravo.

Mark afastou a recordação amarga da mente. Concentrou-se na estrada, que fazia uma curva acentuada adiante. Deixou que Baco ditasse o ritmo do galope e aspirou o perfume fresco da mata ao seu redor. Ao completar a curva, puxou as rédeas suavemente e afagou o pescoço do animal, sentindo o coração bater mais rápido no peito.

– Chegamos, meu amigo... – olhou o pequeno castelo à sua frente, suas paredes cinzentas, o rio que passava por trás dele, a vila logo abaixo da colina onde fora construído – a casa do senhor Anwyn, meu pai.

Condado de Delacroix. Normandia.

Sua antiga casa permanecia tão imponente quanto ela se lembrava. Embora tivesse vivido boa parte de sua vida naquele lugar, e ainda que poucos meses

separassem o momento presente do dia de sua partida para Anjou, era impossível conter a sensação de deslumbramento que a assaltava todas as vezes em que parava sobre a ponte e erguia o olhar para a colina onde Delacroix estava encarapitado.

A majestade do lar ancestral dos LeFort sempre a comovia. E também trazia muitas lembranças; umas amargas, outras felizes. As últimas, na verdade, também a deixavam dividida entre a melancolia e a raiva, e diziam respeito muito especificamente a um cavaleiro mestiço de tez morena e sagazes olhos castanhos. Deliberadamente evitou pensar em seu nome. Evocá-lo, ainda que mentalmente, cutucava uma ferida ainda aberta. De forma inconsciente, puxou as rédeas da montaria, fazendo-a parar. Ao perceber o que fizera, simplesmente permitiu que a égua mansa comesse a pastar, enquanto sua pequena comitiva se afastava. Apertou os olhos claros, observando as muralhas.

Depois que Mark al-Bakkar havia partido, ela juntou os cacos de seu orgulho e se refugiou em Anjou, a pretexto de visitar os filhos. Permaneceu o quanto pôde no lar de sua infância, até que o período em que a criança de sua prima nasceria se aproximou. Teve então que reunir todas as suas forças para pisar novamente em Delacroix.

Agora que se via à sombra do castelo, as recordações de seu tórrido envolvimento com o mestiço ameaçavam escapar dos grilhões com os quais as prendera bem fundo em sua mente. Foi necessário reunir toda sua força de vontade para sufocá-las.

Estava ali com uma missão; conduzir a criança de Radegund ao mundo. Faria disso o centro de seus dias. Comería e beberia à mesa de seu cunhado Luc, ouviria as novidades da vila, reforçaria seus estoques de ervas e unguentos e ajudaria a prima com os últimos preparativos para receber o bebê. E depois que a criança nascesse, se incumbiria de auxiliar Roger na administração do castelo, até que Raden chegasse ao fim do período de resguardo. Retomaria sua existência pacata e serena, como fora um dia, antes que Mark al-Bakkar passasse sob os portões de Delacroix, abalando seu mundo. Reaveria a rotina de um dia após o outro, sem sobressaltos, sem emoções intensas, sem ilusões e sem sonhos. Sem riscos. Sem graça.

Os latidos alegres dos cães de Luc trouxeram-na de volta de seu devaneio. De cabeça erguida, incitou suavemente a montaria, que reiniciou o passo. Minutos depois, Clarisse passava sob as muralhas de Delacroix. Estava em casa.

– Clair!

Braços longos e uma nuvem de sedosas ondas vermelhas a envolveram assim que entrou no salão. Afastando-se dela, ainda mantendo as mãos sobre

seus ombros, Radegund comentou com um largo sorriso iluminando suas feições.

– Fica mais bonita a cada dia, minha prima!

Clarisse recuou um pouco para observar a silhueta arredondada da anfitriã. Embora estivesse perto do fim da gestação, Radegund parecia conservar a natureza enérgica que sempre a caracterizara.

– Ora, minha querida, – ela rebateu – você é quem está resplandecente. A gravidez lhe fez muito bem!

– Digo a mesma coisa para ela todos os dias, cunhada. – Luc, o conde de Delacroix, aproximou-se para cumprimentá-la.

– Luc! – Clarisse abraçou o velho amigo. – Que barba é essa, em nome de Cristo?

– Estão usando na corte. – O conde esfregou o rosto coberto pela barba loura, muito bem aparada. – Não quis chamar atenção sendo diferente. Sabe como é...

Radegund fez um gesto de desprezo com uma das mãos e dirigiu-se à prima.

– Já disse a ele para tirar isso da cara, Clair. Fica parecendo um sarraceno que desbotou. – Torceu o nariz, enquanto o marido revirava os olhos. Logo mudou de assunto. – Onde estão os garotos?

– Foram atrás de Gwydyon. A velha fascinação por cavalos... – acariciando a barriga da prima, Clarisse perguntou. – E então, quando minha priminha nascerá?

– Primo – resmungou Luc.

– Ora, meu bravo, tenho certeza de que será uma menininha! – A ruiva discordou sorrindo, enquanto enlaçava a cintura do marido. Luc assumiu uma expressão desolada.

– Então, que os céus me ajudem, porque duas de você me farão enlouquecer, mulher!

– Ora, Luc, não seja ingrato! – Clarisse deu um tapinha amigável no braço do cunhado, enquanto se adiantava pelo salão. – Se não fosse por minha prima, você ainda estaria enfurnado naquela abadia criando bolor. – Voltou-se para além do conde ao ver o velho conhecido. – Roger!

O administrador de Delacroix apressou-se em cumprimentar a dama que fora a castelã daquele lugar.

– Minha senhora, está encantadora! – O idoso *chevalier* fez uma mesura. – Seja bem-vinda de volta!

– Obrigada, Roger. Lothair e Gaetain estão cheios de novidades. E querem saber se a torre foi preparada para receber os falcões.

– Está tudo pronto. – Luc confirmou enquanto se aproximava. – Eu mesmo supervisionei tudo. Aliás, verá que venho fazendo várias melhorias em Delacroix.

– Ah, Clair! – Radegund tomou o braço da prima. – Meu marido anda inquieto com seus projetos. Imagine que resolveu até mesmo fazer novos aposentos para nós! – Torceu o nariz e mudou de assunto. – Ora, mas estamos aqui tagarelando e nem nos lembramos de que acabou de chegar. Venha, vou pedir a Trudy que organize as bagagens em seus aposentos. Vamos subir para que você se refresque e me conte as novidades.

Clarisse acompanhou a prima, enquanto avaliava o vestido que ela trajava. Não resistiu a fazer troça.

– Parece que se rendeu às saias...

Radegund sacudiu os ombros, num gesto que ficou entre o enfado e a resignação.

– Por hora, Clarisse. Até porque, se usasse calças estando com esta barriga enorme, ficaria parecendo um estalajadeiro velho e gordo...

Observando as duas mulheres subindo as escadas em meio a risadas, Luc se sentiu o homem mais abençoado de toda a Cristandade. A gravidez avançada obrigava sua sempre ágil esposa a moderar o passo. Em breve seu filho, ou filha, nasceria, trazendo ainda mais felicidade para sua vida. Enquanto Radegund e Clarisse desapareciam para dentro de um dos corredores do segundo andar, um medo vago apertou o coração de Luc, lançando uma sombra em seu olhar. Era tão comum uma mulher morrer durante o parto... apenas a possibilidade de aquilo acontecer o lançava na mais profunda angústia. Imaginar que Radegund, sua guerreira tão forte e poderosa, pudesse sucumbir daquela maneira o deixava paralisado de terror.

Não! Não pensaria naquilo, não alimentaria a imaginação com pensamentos ruins! Pediria ao Senhor que enviasse seus Anjos para proteger sua esposa, e faria uma generosa doação à Igreja como prova de sua fé. A aproximação de Roger ajudou a desviar o rumo de seus pensamentos sombrios.

– Quem as vê assim, não imagina os maus bocados pelos quais já passaram – comentou o velho homem.

– Sim, Roger – Luc confirmou com um suspiro – e graças a Deus, tudo acabou. – Olhou para as pontas das botas e comentou num tom mais baixo, colocando em palavras um pouco da angústia que sentira ainda há pouco. – Sabe que às vezes me sinto tão feliz que tenho até medo?

O velho cavaleiro achou graça do comentário.

– Medo de que, meu senhor?

– Não sei. Às vezes tudo me parece tão bom, tão perfeito, que temo que não seja verdade, que seja apenas um sonho. Temo que tudo se acabe de repente; – balançou a cabeça espantando de vez os pensamentos ruins – tolíce a minha, não?

Roger não teve oportunidade de responder. Dois meninos, um louro e outro de cabelos castanhos, entraram correndo pelo salão, seguidos pelo capitão da guarda. Começaram a falar ao mesmo tempo.

– Tio Luc, trouxemos os falcões!

– Mamãe nos deu luvas novas!

– E Gwydyon vai nos ensinar a caçar!

– Ei, tenham calma, garotos! – Luc se abaixou para falar com os sobrinhos.

– Seu tio está um tanto velho para acompanhar a rapidez de vocês.

– Não me parece velho, meu tio – falou Gaetain, o filho mais novo de Clarisse. Contava apenas nove anos e tinha os mesmos cabelos castanhos de Guillaume, seu falecido pai. Estudando o rosto do homem à sua frente, completou. – Aposto que ainda consegue derrubar muitos malfeitores com sua espada!

– Onde está a espada que Radegund forjou, tio Luc? – Perguntou Lothair, curioso. – Falei para meus amigos que ela era do meu tamanho, mas eles não acreditaram!

Luc sorriu e achou que agora, Lothair, com onze anos, já devia estar realmente maior do que a arma que sua mulher havia forjado. Seguindo a tendência dos LeFort, Lothair já estava bem mais alto do que a maioria dos garotos de sua idade.

– Mais tarde eu lhes mostrarei, e também iremos à torre cuidar dos falcões. Mas agora, – ele colocou as mãos nos ombros dos sobrinhos – quero que subam, se lavem e se troquem. Logo o jantar será servido. Daí podemos conversar sobre as novidades destes últimos meses.

Os meninos assentiram, obedecendo. Correram escadas acima. Gwydyon respirou aliviado.

– Ufa! Que dupla! Parecem um vendaval. Cresceram um bocado nestes últimos meses.

– Sim, é verdade. – Luc sorriu, enternecido pelos sobrinhos. – E pensar que meu irmão não soube dar valor a eles...

– Nem à mulher maravilhosa que teve como esposa, se me permite a observação, *messire*.

O conde acenou em concordância. Apreciava a franqueza e a retidão de caráter do soldado. Sempre lhe dera liberdade para dizer o que pensava.

– Guillaume desperdiçou sua chance de ser feliz, meu caro Gwydyon –

olhou para o capitão com gravidade – e é por isso que agarrei a minha com unhas e dentes.

Svenhalla, Reino da Noruega

Esmagada sob seus pés, a serpente se agitou. Calcou mais firmemente o salto da bota sobre sua cabeça, e ainda assim o animal peçonhento se contraiu e se encolheu. Outra serpente, um pouco menor, surgiu do nada, como se brotasse da terra. Começou a se enroscar em sua perna; as voltas geladas causando arrepios a cada ondulação do corpo escamoso. Arrancou-a com um puxão, mas o animal se enroscou em seu braço. A serpente que esmagou sob o pé, agora livre, subiu por uma de suas pernas.

No auge do desespero, agarrou a cabeça da serpente menor, impedindo que ela a atacasse. As mandíbulas se abriram e as presas gotejaram veneno, enquanto os olhos estranhamente negros da víbora a encaravam. A outra cobra se enrolava em torno da sua cintura, e começava a lhe aplicar um aperto mortal. Sua mão se fechou logo abaixo da mandíbula da serpente menor, enquanto a outra subia por seu tórax, indo em direção ao pescoço. Estava perdida...

Do nada, chamas azuladas surgiram, envolvendo-a sem queimá-la. As serpentes, porém, foram calcinadas. Sua mão apertava agora um punhado de cinzas, que lentamente eram carregadas pelo vento.

Diante dela, o Dragão, com suas imensas asas negras, escamas azuis e estranhos olhos, um de cada cor, agitou a cabeça de um lado para o outro. Inquieto, arisco. Abriu as asas e a encarou. Uma voz grave, um eco cavernoso que parecia brotar de outro mundo e, ao mesmo tempo, de dentro dela, reverberou em sua mente.

“É preciso terminar. O Fim ainda não chegou.”

Ulla Svendsdatter despertou agitada, saltando como se impulsionada por uma mola. O suor frio escorrendo ao longo do pescoço, pegajoso e incômodo. Sentou-se na beirada da cama, lívida, os olhos arregalados, o coração descompassado. Ela o viu de novo, depois de tantos anos. Por quê?

Jogando as cobertas para o lado, enxugou a testa e colocou-se de pé. Puxou o robe de lã e enrolou-se nele, tentando espantar o frio. Aproximou-se da janela com passos cautelosos, como se temesse pisar numa das serpentes que haviam infestado seu sonho. Olhou para fora. Ainda era cedo, o sol demoraria a sair. Lá adiante só havia a paisagem serena do fim de outono, com as árvores balançando suavemente ao vento noturno e as estrelas brilhando no céu de Svenhalla.

Ulla se lembrou da última vez em que o viu, há três anos atrás. Quando

olhou através do reflexo na água. Quando Ragnar, conforme soube depois do retorno de seu irmão, esteve no limite entre a vida e a morte. No limiar do *Valhalla*.

Na ocasião ela foi encontrada horas depois, sem sentidos, diante da lareira apagada de seu quarto. Nua e gelada. Passou três dias de cama, totalmente esgotada. Como consequência, sua mãe lhe passou uma descompostura quando, enfim, teve forças suficientes para ouvi-la. E o pai prometeu pela milésima vez mandá-la para um convento, caso não parasse de se envolver com “*aquele tipo de coisa*”. Apesar disso, sentiu-se tentada a buscar novamente as respostas na bacia de prata. Porém, descartou o pensamento imediatamente. Não porque tinha sido admoestada. Mas sim, porque não haveria como cruzar os portões fechados e passar despercebida pelo guarda da noite para ir buscar água pura na fonte, fora dos muros de sua casa. Ulla suspirou e atou o laço do robe, resignando-se. Não iria conseguir dormir mesmo. Saiu pela porta, caminhou em silêncio pelos corredores vazios e entrou na biblioteca, que fora o refúgio sagrado de seu pai. O cheiro pungente de couro, cera de abelhas e poeira quase a fez chorar.

Sven Haakonson partira para o reino dos mortos há um ano. Entretanto, ela ainda podia sentir sua presença em cada objeto, em cada um dos volumes encadernados em couro, em cada móvel e em cada pedra daquele local. Acendendo uma vela sobre a escrivaninha, Ulla se voltou, subitamente consciente de que não estava só. Assustou-se com a grande sombra postada diante das vidraças.

– Ragnar! – Levou a mão ao peito, onde o coração batia descompassado. – Por Freyja! Que susto me deu, meu irmão!

O gigante louro, enrolado numa manta de peles, virou-se em silêncio. Com um sorriso nos lábios, estendeu o braço para ela.

Ulla cruzou a distância entre eles e abraçou o irmão mais velho. Aquele que sempre a mimara e que, apesar de ostentar o nome da família, não era na verdade seu irmão de sangue e sim, de coração.

– Somos uma terra cristã há gerações, – resmungou irônico ao ouvir a imprecisão da jovem – mas na hora do aperto, sempre invocamos os Deuses pagãos de nossos ancestrais... O que faz aqui, irmãzinha? – Ele perguntou depois de uma breve pausa, acolhendo a moça esguia e tão loura quanto ele. – Ainda é madrugada.

Ulla suspirou e encostou a cabeça no peito largo do irmão. Ela era alta, tinha alguns palmos a mais do que boa parte dos homens. Mas Ragnar ainda excedia sua altura em uns quatro ou cinco palmos. Desde criança, havia sido ele – com seu tamanho e sua força incomuns – quem sempre a protegia das traquinagens dos outros garotos, e até mesmo dos irmãos mais velhos. E também

quem sempre escondia suas travessuras dos pais deles.

– Tive um pesadelo, Rag. – Murmurou.

Ele sorriu. Só Ulla o chamava assim.

– O que foi dessa vez, Ulrika? Um naufrágio, uma praga, uma tempestade...

– Ulla sempre possuiu aquele estranho dom de premonição, o que a tornava diferente aos olhos dos outros, até mesmo temida pelos mais supersticiosos. Ele sempre acreditou nela, sempre a ouvia. Sempre procurava acalmar, na medida do possível, suas angústias com relação às coisas que via e pressentia. Olhou nos olhos da irmã. Notou que sua preocupação, desta vez, parecia maior e mais profunda. Refez a pergunta, agora em tom mais sério, mais grave. – O que foi, Ulla?

A jovem estremeceu.

– Eu o vi, irmão. – Seu olhar ficou mais sombrio, distante como as nuvens que se juntavam sobre o mar lá adiante. Conseguia cheirar a tempestade que se aproximava. – Eu o vi de novo. O Dragão.

Ragnar sentiu um calafrio percorrer seu corpo. Abraçou a irmã com mais força, envolvendo-a com a manta, encorajando-a.

– Conte-me.

Ela narrou o sonho e ao concluir, indagou.

– Por quê, depois de todos esses anos? Não me disse que o feiticeiro foi morto por seu amigo, o mestiço?

– Sim, querida. – Alisou os cabelos da moça e tranquilizou-a. – Ele está morto.

– O perigo virá, Ragnar. – Ulla falou repentinamente, a voz estranhamente distante; grave e rouca. – Proteja os seus, reúna-os. O perigo virá, irmão. – Ergueu o rosto, e seus olhos estavam estranhos, fixos, como se olhassem além e através dele. – As sombras se juntam. Set despertou.

Antes que as palavras – e aquele nome maldito – se imiscuíssem no cérebro de Ragnar, o corpo de Ulla amoleceu. A jovem pendeu desacordada em seus braços. Lá fora, a manhã estranhamente custava a nascer, atrasada pela sombra da Lua num eclipse solar.

Draig Fawr

Baco balançou a cabeça impaciente, agitando a crina sedosa. Bateu os cascos sobre a precária ponte de Draig Fawr. Mark puxou as rédeas devagar e acalmou o animal com palavras suaves na língua de sua terra. Diante dele, um par de olhos castanhos estranhamente familiares o observava. Era emoldurado pelo rosto sujo de um rapazinho metido em roupas de lã e pele que brandia pateticamente uma velha espada enferrujada.

– Alto lá, infiel! O que veio fazer em Draig Fawr? – Indagou na língua dos francos, com acentuado sotaque.

Conteve o riso diante da valentia do juvenzinho, e também por ser chamado de infiel. A cimitarra embainhada ao seu lado sempre lhe rendia aquela pecha. Falou pausadamente, mantendo uma expressão cordial no rosto.

– Venho em busca do senhor Anwyn ap Iorwerth.

O jovem estreitou os olhos por sob a barra do gorro.

– E quem quer saber?

– Mark al-Bakkar, de Jerusalém.

O rapaz ficou pálido. Contraiu o rosto e lhe deu as costas. Saiu pisando duro, passando apressado pelos portões do castelo, sem lhe responder. Mark piscou, surpreso. Porém, refazendo-se do espanto, saltou de Baco e tentou enxergar o jovem, que parecia ter virado fumaça. Puxando o animal pelas rédeas, avançou pela ponte gritando por ele.

– Ei, garoto! Volte aqui!

Um guarda precariamente armado e equipado com uma armadura que devia ter pertencido a algum contemporâneo de Guillaume, o Conquistador, saiu de dentro dos portões, cuja madeira já vira dias melhores. Acenou para Mark, chamando-o sem muita cerimônia.

– Por aqui, senhor. – Indicou o homem, com o mesmo sotaque carregado. – Não ligue para aquela criatura selvagem. Pode deixar seu animal no estábulo e entrar. A senhora já o espera.

Mark franziu o cenho. No entanto, não perguntou mais nada. Sua atenção foi atraída pela situação de completo abandono em que o diminuto castelo de Draig Fawr – que nada mais era do que uma torre fortificada – se encontrava. Enquanto caminhava devagar, observou os arredores.

O pátio estava repleto de entulho, como se uma guerra tivesse sido travada ali. Cães corriam soltos, espalhando seu odor pelos cantos dos muros, espantando as parcas galinhas que tentavam ciscar alguma coisa no meio da sujeira. De uma janela no alto da torre, uma criada despejou o conteúdo de um balde, do qual ele conseguiu agilmente se desviar, agradecendo aos céus por não descobrir na própria pele do que se tratava.

Desde que se aproximara do vilarejo ao redor do castelo tudo o que vira foram campos abandonados, chalés minúsculos com os telhados desabados e algumas poucas ovelhas pastando livremente pelos quintais de casas vazias. Não passara por nenhuma sentinela, arrendatário, lavrador ou outro ser humano qualquer. A situação financeira de seu pai não deveria ser das melhores, especulou.

Resignado, amarrou Baco numa estaca, já que não conseguiu enxergar o tal

estábulo, e seguiu atrás do homem que o recebera.

O soldado, que parecia ser o único componente da guarda do castelo, também fez as vezes de porteiro e lacaio. Ao entrar no salão mal iluminado, cheirando a fumaça e palha mofada, o homem gritou em galês para a criada que despejara o balde pela janela, e que agora descia as escadas. Ela lhe respondeu na mesma língua estranha. Só então o soldado se voltou para ele, usando de novo um francês carregado.

– Suba as escadas. Ao chegar ao corredor, entre na segunda porta à direita – ordenou sem delongas. – A senhora vai recebê-lo.

– E o senhor Anwyn? – Mark perguntou, mas o soldado já lhe dera as costas e sumira pela mesma porta na qual haviam entrado.

Mas que diabo de gente esquisita, pensou. Será que Anwyn está fora? E onde estarão os criados?

Subiu os degraus de pedra com o coração batendo acelerado. A cada passo que dava, sentia-se mais perto da verdade. De confrontar o homem que o havia gerado abandonado sua mãe grávida em Jerusalém. O homem que não lhe deu sequer um nome. Que o condenou ao estigma da bastardia. Sentiu as palmas das mãos ficarem úmidas e a boca ressecar. Não tinha ficado nervoso assim nem na primeira vez em que encarou a cavalaria inimiga.

Chegando ao fim das escadas, Mark adiantou-se devagar pelo corredor mergulhado na penumbra, repleto de poeira e teias de aranha pelos cantos. Uma cadeira de três pernas encostava-se à parede nua; uma armadilha para algum incauto que nela se sentasse. O vento frio e a umidade davam um aspecto ainda mais tristonho ao local. Não havia tapetes, nem tapeçarias nas paredes para abrandar seus efeitos. Todo tipo de quinquilharia se acumulava nas laterais do corredor. Um verdadeiro caos. Por fim, parou diante de uma porta de madeira maciça. Respirou fundo para acalmar o ritmo frenético em seu peito. Bateu duas vezes. Uma voz fraca e feminina respondeu lá de dentro.

– Entre.

Com a mão um tanto trêmula, empurrou a porta. O interior do aposento surpreendeu Mark. A limpeza e a organização contrastavam com todo o restante do caótico castelo. Não era um aposento luxuoso, pelo contrário. O mobiliário antigo e as tapeçarias gastas passavam uma mensagem de glórias passadas e pobreza evidente. Apesar disso, o cômodo era amplo, confortável e aquecido.

A lareira, cujas pedras haviam enegrecido pelo uso constante, estava acesa. Um tapete de peles já bem gasto estendia-se sobre o piso de madeira diante dela. Mais adiante, havia uma mesa e duas cadeiras, além de um tamborete forrado de couro, colocados sob a única janela do aposento. Esta permanecia fechada. Além da mesa, havia uma grande cama de dossel, com um baú comprido e de tampo

arredondado aos seus pés. Ao lado da cama, sobre uma mesinha baixa, ardiam duas velas de sebo num castiçal.

Sobre a cama, recostada em travesseiros, havia uma mulher de aparência doentia, coberta com mantas de lã em padronagem xadrez. Seus cabelos castanhos, opacos e sem viço, entremeados de fios grisalhos, desciam pelos ombros emagrecidos. As mãos ossudas, com veias azuladas e dedos arroxeados, denunciavam uma moléstia grave dos pulmões, analisou. A mulher emitia um penoso chiado a cada inspiração. Seus lábios descorados permaneciam permanentemente abertos, numa vã tentativa de absorver um pouco mais de ar para dentro de seu corpo esquálido. Devia ter sido bonita há alguns anos, mas estava totalmente consumida pela doença. Seus olhos, porém, apesar de todo sofrimento físico, permaneciam atentos, brilhando com uma teimosa chama de vitalidade e argúcia, fixos em seu rosto, inundados por uma emoção indefinível.

Mark deu um passo à frente e cumprimentou-a, respeitoso.

– Dama... – inclinou-se numa mesura.

– Eu já o esperava... – ela falou devagar, para depois ser acometida por um acesso de tosse – ...Mark. – A mulher fixou os olhos claros em seu rosto com mais intensidade, e duas lágrimas escorreram deles, suavizando sua expressão severa e doentia. – É a imagem de meu Anwyn.

– Senhora, sabe quem eu sou? – Indagou intrigado, a voz mal passando pela garganta apertada.

– Mesmo que eu não o esperasse por todos esses anos – ela tossiu novamente – ainda assim saberia quem é. Exceto pelo formato de seus olhos, e pelo tom de sua pele, é a imagem de seu pai. – Acenou, chamando-o. – Venha cá.

Movido por uma força além de sua compreensão, Mark obedeceu e chegou bem perto da mulher, ajoelhando-se ao lado do leito. Ela estendeu a mão magra sobre as cobertas. Ele esticou a dele, trêmula, envolvendo os dedos descarnados e frios.

– Seja bem-vindo, meu senhor. – Um arremedo de sorriso iluminou fugazmente o rosto encovado. – Sou Sian O’Dwyer, viúva de seu pai.

Viúva.

Involuntariamente ele apertou a mão da mulher na sua. E só quando notou sua expressão de dor, foi que relaxou a pressão. Mas manteve a mão unida à dela.

Viúva!

A palavra ficou ecoando em sua cabeça, instalando a ideia insidiosamente em seu cérebro. Corroendo suas esperanças, como a água que se infiltra ano a ano nas rachaduras de uma muralha. *Viúva, viúva...*

Anwyn, maldito fosse, estava morto! *Seu pai* estava morto. Tanto tempo, tanto sacrifício, tanta luta. Para nada. Absolutamente nada. Mark nunca se sentira tão vazio em toda sua vida.

Era como ser sugado para um abismo sem fim. Repentinamente, o objetivo que o movera ao longo de toda sua existência havia deixado de existir. O confronto pelo qual havia esperado desde que atingiu idade suficiente para entender o porquê dos olhares atravessados, dos sussurros disfarçados e das piadas maldosas, jamais se realizaria. Jamais poderia atirar no rosto daquele homem toda sua raiva, toda sua revolta por ter sido privado de um nome e de uma família. Jamais poderia dizer ao *chevalier* Anwyn o quanto um pai fizera falta para um garotinho solitário, para um adolescente órfão e para um rapaz inconsequente.

Sian olhou para o rosto do homem à sua frente. Percebeu sua decepção e tristeza. Viu todas as emoções que se espelharam na fisionomia morena. Leu a frustração, a raiva e o rancor contidos em seu olhar. Mas também notou a nobreza da alma daquele homem. A transparência de sua reação disse a Sian tudo o que ela precisava saber. Foi capaz de sentir naqueles breves momentos a integridade e a solidez de caráter dele. Isso a tranquilizou, acalmando seu coração sofrido. Tão cansado da luta inglória contra a solidão da viuvez, a pobreza e a doença. O Senhor finalmente ouvia suas preces. Poderia confiar nas mãos dele o maior tesouro dela e de seu amado Anwyn.

Uma pessoa saiu das sombras e postou-se silenciosa do outro lado da cama. Mark reconheceu, surpreso, o garoto que o atendera no portão do castelo. O que um simples criado, talvez um cavaleiro, fazia ali, nos aposentos da senhora de Draig Fawr?

Não tardou a obter sua resposta.

– Quero que conheça alguém, meu rapaz – ela falou para Mark e pegou a mão do garoto, que relutava em chegar muito perto, como se ele fosse uma fera mitológica, pronta a saltar sobre seu pescoço. Sentiu o peso da hostilidade contida naquele olhar.

Sem rodeios, a viúva de seu pai o bombardeou com a mais surpreendente revelação de sua vida, desde que o jovem soldado Raden virara Radegund diante de seus olhos.

– Esta é Terrwyn, sua irmã.

Irmã?

CAPÍTULO II

“TU VÊS AS COISAS COM MUITA SAGACIDADE”
Muito Barulho por Nada. Cena 2, Ato 1. William Shakespeare.

Terrwyn ferch Anwyn ap Iorwerth acompanhou a chegada do infiel do alto dos penhascos que cercavam Draig Fawr. Escalou as pedras com a facilidade de quem havia sido criada sobre aquelas rochas cinzentas e entre os campos verdejantes.

Assim que viu o homem grande e moreno, montado no belo garanhão branco, apontar na curva da estrada, disparou pelos bosques, cortando caminho pelos diversos atalhos, entrando no castelo por uma passagem escondida e indo esperá-lo sobre a ponte levadiça.

Apesar de todos esconderem dela os segredos do senhor Anwyn, seu pai, Terrwyn descobrira, desde a mais tenra idade, que as passagens secretas de Draig Fawr eram meios eficazes de obter as mais variadas informações. Logo havia descoberto que tinha um meio-irmão que ficara em algum lugar da Terra Santa, e que era conhecido como Mark-qualquer-coisa.

Escondida atrás de tapeçarias, embaixo de armários ou no buraco de uma chaminé, Terrwyn ouvia, ano após ano, as conversas entre seu pai e sua mãe.

Sentira a melancolia na voz do pai, por um amor perdido e impossível deixado numa terra exótica em sua juventude. Notara a tristeza e a resignação da mãe por saber que jamais estaria colocada no mesmo patamar daquela sarracena sem rosto, que capturara o coração de seu gentil marido. Ouvira os sussurros abafados dos criados a respeito da doença que consumia Sian, e soubera da morte de seu pai antes mesmo que o mensageiro que trouxera a notícia fosse recebido no salão do velho castelo.

No fundo, Terrwyn sempre soube que aquele encontro um dia chegaria. E essa certeza havia sido reforçada quando, alguns meses atrás, um primo distante de sua mãe, um gentil cavaleiro irlandês, chegou a Draig Fawr buscando informações sobre o senhor Anwyn.

O cavaleiro, um tal Gilchrist, do clã O’Mulryan, era um bocado esquisito. Muito alto, de cabelos escuros, usava um tapa-olho e estava habitualmente de cenho franzido, apesar de sempre tratar a mãe e a criada dela com gentileza e consideração.

Terrwyn se mantivera longe do alcance de seu perspicaz olho negro, escondida nas passagens secretas. Só que ele sempre parecia pressenti-la e, mesmo sem lhe dirigir uma palavra, ou mesmo um olhar direto, ela sabia que ele sabia que ela estava lá, esgueirando-se por entre as paredes.

“Ah, que confusão Terrwyn!”, ralhou consigo mesma.

O Esquisito, como ela secretamente o apelidara, ficou ali apenas três dias. E havia sido o suficiente para sua mãe ficar mais prostrada ainda. Ela ouviu as conversas, escutou o nome estranho do seu desconhecido irmão e soube que ele estava a caminho, e que buscava pelo pai. Na época, temendo por suas terras e por sua filha, Sian disse ao cavaleiro que o senhor Anwyn se encontrava caçando com o suserano, nas montanhas. Bem, ele não deixava de estar nas montanhas. Enterrado sete palmos abaixo de suas férteis terras...

De certa forma, ela até sentia pena do meio-irmão, que veio até ali em busca de um pai e achou apenas uma viúva doente e endividada, um castelo pobre, caindo aos pedaços, e uma meia-irmã que não ia nem um pouco com a cara dele.

Terrwyn lançou mais um olhar desconfiado para o sujeito moreno, alto e forte, sentado ao lado da cama de sua mãe, completamente deslocado naquele ambiente. Incrível que ele possuísse olhos castanhos tão iguais aos dela. Mas, se os dela eram como os de seu pai...

Pensar no senhor Anwyn fez seu coração se apertar dentro do peito. Queria tanto ter sido amada por ele! Não que o cavaleiro maltratasse sua única filha, não era isso. Ele havia sido apenas gentil, delicado... e só.

Olhava para ela com uma condescendência irritante, talvez da mesma forma como quem olhasse para um cachorrinho muito novo, que roesse os móveis e rasgasse as tapeçarias. Ele nunca havia brincado com ela, nunca a erguera nos ombros ou a levava para ver o cordeirinho recém-nascido no estábulo. O senhor Anwyn jamais rira de seus folguedos, ou sequer os acompanhara. Nunca a maltratara, mas também nunca a repreendera. Nem quando ela amarrara o filho do moleiro ao eixo da mó.

Ela crescera solta, sem rédeas e sem limites. Com uma mãe doente, um pai indiferente, e a ausência de fundos para contratar tutores, tivera a educação negligenciada e sequer sabia escrever o próprio nome. Sentia-se como um bichinho selvagem e arisco. No fundo, seu comportamento sempre fora mais uma forma de tentar conseguir a atenção do sempre distante senhor Anwyn. Ela suspeitava, entretanto, que apesar de seus esforços, ele nunca a enxergara realmente.

O senhor Anwyn, na verdade, nunca desejara *aquela* família. Não se apaixonara por sua mãe, não da maneira como havia se apaixonado pela sarracena, anos atrás. Casara-se com Sian para firmar uma aliança, sob determinação do suserano, o senhor Rhys, com um dos clãs irlandeses de Limerick, no Munster. Claro, ele as amara de certa forma. Afeiçoara-se a jovem muito branca e frágil, de doces olhos cor-de-âmbar, que tudo fazia para agradá-lo. Por mais que seu pai se esforçasse, porém, aquela rosa doentia estava longe

da criatura exuberante que lhe roubara o coração num lugar onde o sol dourava a terra e as pessoas que nela viviam.

A doença de Sian se agravava ano após ano. Depois de uma gravidez difícil e de um parto extremamente arriscado, o casal se afastara num acordo tácito de palavras não ditas, mas muito bem ouvidas. Oficialmente, o senhor Anwyn quisera poupar a mulher do risco de outra gestação. No fundo, porém, ele sabia que não conseguia desejar aquela pobre moça que, para ele, era mais uma irmã mais jovem do que uma esposa.

Terrwyn crescera então convivendo com aquela distância polida e gentil entre seus pais. Tornara-se uma menina vendo os olhos melancólicos do senhor Anwyn se voltarem para a direção em que o sol nascia mais vezes do que pudera contar. Virara uma mocinha acompanhando a saúde da mãe se deteriorar, e seus sonhos murcharem, como uma flor malcuidada e mal regada. Pelas sombras das passagens secretas, ela acompanhara o desinteresse do pai pelas terras, a lenta e gradativa decadência de Draig Fawr.

Nunca tinham sido ricos; viviam do comércio da lã produzida pelas ovelhas, e o plantio era de subsistência. E sem atenção, sem uma boa administração, sem uma mão firme que cuidasse das defesas do castelo e da propriedade, invasores roubaram o gado, arrendatários descumpriram suas obrigações, servos fugiram na calada da noite carregando carroças, arados e outros implementos. Tudo sob os olhos indiferentes de seu pai.

Para Terrwyn, quando ele morreu, não deixou de ser um alívio. Mesmo assim sentia saudade de algo que poderia ter sido, mas que jamais foi e nem seria.

Contendo um suspiro, fez um esforço para voltar ao presente e engolir a emoção que aquelas lembranças despertavam. Obrigou-se a encarar o irmão, aquele que de certa forma era o culpado por todas as suas desventuras.

– O que este infiel faz aqui, minha mãe?

– Terrwyn! – Sian arregalou os olhos e olhou espantada para a filha – o *chevalier* Mark é seu irmão, e como tal deve respeitá-lo.

Embora cansado e decepcionado, Mark lançou seu mais belo sorriso – aquele que derreteu todos os corações da Terra Santa – para a jovem franzina e desgrenhada. Cumprimentou-a com a mesma elegância que usava diante de reis e rainhas.

– Como tem passado, minha irmã?

– *Meia-irmã* – ela fez questão de frisar num grunhido, antes de completar, ácida – como você está vendo. De pé, aqui, olhando para você. – A jovem estreitou os olhos, adquirindo uma semelhança impressionante com o irmão mais velho, Sian observou. – O que quer aqui? Como vê, nosso pai não deixou coisa

alguma para você. Nada além de dívidas e duas mulheres para sustentar. Não há herança, gado, bens, ouro... Só este velho castelo caindo aos pedaços!

Sian ficou tão constrangida com a rispidez e a franqueza inoportuna da filha que foi acometida por um novo acesso de tosse. Mark adiantou-se imediatamente para ampará-la, mas Terrwyn não gostou de ver aquele intruso tocando a única coisa ali que ainda podia chamar de *sua*.

– Tire as mãos de cima de minha mãe!

Ele se irritou, lançando a ela um olhar gélido.

– Não é hora para brincices, menina! Sua mãe está doente e eu tenho meios para ajudá-la! – Terrwyn o encarou emburrada, mas se afastou. Mark esperou que a tosse passasse e que Sian se refizesse, para então perguntar. – Há quanto tempo está assim, minha senhora?

– Há muito tempo – um chiado contínuo saía de seu peito tornando cada inspiração um suplício. Seus lábios estavam azulados pela falta de ar. – Tenho os pulmões fracos... desde menina...

Mark ajustou os travesseiros e recostou-a gentilmente. Em seguida falou.

– Aprendi medicina em minha terra, senhora. E estudei muito as moléstias que atacam os pulmões. Posso ajudá-la; não a se curar, pois essa fraqueza dos pulmões é uma doença misteriosa mesmo para os homens mais sábios. Mas ao menos posso lhe dar algum alívio.

O gesto daquele estranho comoveu Sian. Afinal, ele tinha tudo para odiar a mulher que tomou o homem que sua mãe amava e que, de certa forma, o havia privado da convivência com o pai. Emocionada, estendeu-lhe as mãos magras e agradeceu.

– Muito obrigada, meu senhor. Posso ver que é um homem muito generoso. Depois que eu repousar e me refizer, conversaremos. Então eu responderei a todas as suas perguntas. – Ela lançou um olhar de desalento para a filha, que se afastara até a lareira. Respirou fundo, devagar, e continuou em voz baixa, para que só ele a ouvisse. – Por favor, não dê ouvidos à Terrwyn. Ela está insegura com sua presença.

Mark assentiu com a cabeça e afirmou.

– Não me aborreci, senhora, não se preocupe. Eu a compreendo. – Ele lançou um olhar para a moça franzina que, agachada, remexia as brasas da lareira. – Que idade ela tem agora?

– Fez dezessete no último mês. – Ela o fitou durante algum tempo como se fosse acrescentar mais alguma coisa, mas, ao falar, dirigiu-se a filha. – Terrwyn, prepare o aposento que era de seu pai para o seu irmão.

A jovem saltou como uma mola. Postou-se aos pés da cama da mãe, indignada.

– Mãe! Os aposentos de meu pai!? Para... – ela o lançou um olhar de desprezo – para esse daí?

– Terrwyn! – A voz da mulher soou surpreendentemente forte para alguém tão debilitada. – Não admitirei que fale assim com seu irmão! Ele não tem culpa de nossa situação. Acaba de chegar de uma longa viagem e é tão vítima desta história quanto nós fomos. – A voz dela se abrandou. – Ninguém escolhe suas origens, minha filha...

Mark achou que o lábio inferior da menina tremia, e que seus olhos pareciam subitamente mais brilhantes diante daquela constatação da mãe. Mas tudo durou só um segundo, pois Terrwyn já voltava de novo para ele seus olhos castanhos dardejantes.

– Pois que seja, *irmão*. – Pontuou desdenhosa, dando-lhe as costas, indo em direção a porta do aposento. Parou e voltou-se para ele, de forma que só Mark viu seu sorriso mal-intencionado. – Espero que goste de suas acomodações.

Resignado, Mark constatou que seus problemas em Draig Fawr estavam apenas começando.

Taverna A Rosa Dourada, Ducado da Normandia.

Quando a porta se abriu, o vento frio da noite de outono fez os poucos fregueses sentados no salão se arrepiarem e se encolherem. A pessoa coberta por um longo e pesado manto escuro avançou pelo ambiente, arrastando-se num penoso coxear. Seu rosto estava parcialmente encoberto pelo capuz, e a pouca luminosidade proporcionada pelas velas não afastava as sombras que obscureciam suas feições. O taverneiro aproximou-se para atender o freguês tardio.

– Pois não... – ele tentou ver o rosto sob o capuz. Mas o homem, ou pelo menos sua voz o fez crer que o era, baixou mais o queixo e falou.

– Um quarto. – A voz era estranha, uma rouquidão engrolada que parecia sair de uma garganta sem uso há muito. – Um quarto privativo. Farei as refeições lá.

O taverneiro lançou um olhar às roupas do sujeito e avaliou se ele teria condições de pagar por tanto luxo. Para acabar com suas dúvidas, uma mão, calçada em uma luva de couro negra, estendeu-lhe duas moedas de ouro. Com um assentimento, e sem mais perguntas, o taverneiro chamou.

– Siga-me, senhor. – Virou-se e foi andando, acompanhado pelo viajante.

No caminho, foi pensando que talvez o sujeito fosse um tipo recluso, um estudioso ou eremita. Parecia aleijado, já que coxeava daquele jeito. Talvez por isso quisesse ficar num quarto sozinho, e comer longe das vistas dos outros fregueses. De qualquer forma, contanto que não fosse um fugitivo do rei, ou um

assassino, ele nada tinha a ver com a história. Seu trabalho era oferecer hospedagem e comida, ser pago por isso, e deixar os hóspedes em paz. Abriu a porta do aposento e acendeu uma vela, que colocou sobre a mesinha ao lado da cama.

– Quando quer que traga o seu jantar, senhor?

O homem passou pelo taverneiro e parou no centro do aposento. De costas para ele, respondeu.

– Deixe-o diante da porta. Não quero ser incomodado.

Dando de ombros, pois já vira pessoas muito mais esquisitas e cheias de manias do que aquele homem, o taverneiro saiu e fechou a porta.

O homem apagou a vela e retirou o capuz, descobrindo a cabeça. Aproximou-se da janela e olhou pelas frestas, sem abri-la. A sombra furtiva de seu acompanhante, lá embaixo no pátio, olhou naquela direção. Mesmo sem vê-lo, assentiu, virando as costas e desaparecendo pela estrada escura. Ele sorriu satisfeito. Tudo era uma questão de tempo.

Delacroix

– Clair perguntou por ele?

A voz de Luc soou abafada, vinda do outro cômodo, em meio ao barulho da água se agitando.

– Não, – Radegund respondeu, mirando-se no espelho enquanto desembaraçava os cabelos – evitou deliberadamente tocar no assunto. Mas eu acabei comentando sobre a mensagem que ele mandou de Cardiff. – Fez uma pausa, deixando o pente sobre o toucador. – Ela ainda gosta dele, Luc...

– Ainda não compreendo por que Mark não se entendeu com ela antes de viajar. – Ela ouviu o marido responder.

Luc não sabia das desconfianças de Mark a respeito do envolvimento do Templo no sumiço de seu pai. O cavaleiro pediu segredo a ela. Mesmo dividida, Radegund manteve-se leal ao amigo. Afinal, aquele era um assunto dele. Respondeu apenas.

– Ele teve seus motivos.

Do outro lado da parede, dentro da banheira, Luc torceu o nariz, mas não disse nada. Já fazia algum tempo que aprendera a respeitar a amizade daqueles dois. Já não sentia ciúmes de seus segredos. Imaginou, entretanto, que deveria existir alguma razão muito grave para que Bakkar não pudesse ficar ali e finalmente se declarar a Clarisse, tomando-a por esposa. Dando de ombros, Luc terminou de se enxaguar. Talvez, depois que o bebê nascesse, Mark resolvesse aparecer para uma visita. Daí, seria mais fácil tentar resolver a situação do casal.

No quarto, Radegund acabou de se pentear. Ergueu-se com cuidado da

banqueta e dirigiu-se à grande cama do casal. Esticou-se no leito preguiçosamente, aconchegando-se na manta com um suspiro. Estava exausta depois de um dia de intensas novidades, com a chegada de Clarisse e dos meninos. E também havia aquela imensa barriga que carregava...

Oh, céus! Não via a hora de seu bebê nascer para que voltasse a andar novamente como um ser humano, e não como uma pata-choca. Estava se sentindo tão desajeitada!

Luc surgiu à porta do quarto, terminando de se enxugar, após o banho. Sorriu ao vê-la se remexer na cama.

– Tem custado a dormir, meu amor.

– Diabos! – Ela resmungou irritada e tentou se ajeitar de novo, sem sucesso. – Não durmo porque não consigo mais uma posição para dormir! Acho que vou passar a noite no gabinete...

– Nada disso, moça. – Ele a admoestou. – Precisa descansar. O dia de hoje foi muito agitado. E aposto que amanhã você vai querer passear pelo castelo com Clarisse para lhe mostrar as novidades.

– Sem dúvida! Quero mostrar a ela tudo o que meu marido tem feito para tornar a vida em Delacroix melhor. – Ela observou o corpo de Luc brilhando a luz da lareira, o desejo por ele aquecendo seu sangue. – Pena que não posso mais montar. Gostaria de ir com Clair aos campos.

Ele jogou a toalha sobre uma cadeira e meteu-se sob as cobertas, acomodando a esposa junto ao corpo.

– Paciência. Falta pouco agora. Em breve nosso filho irá nascer e, segundo Clarisse, logo você estará pronta para cavalgar outra vez.

Luc abraçou a mulher por trás e acariciou seu ventre volumoso. Emocionado, sentiu o bebezinho se mexer de encontro à palma de sua mão, distendendo o abdome dela.

– Ela o reconhece, meu marido. – Radegund comentou com suavidade, a voz carregada de afeto. – Nossa filha sabe que é você quem nos toca.

Luc encostou o rosto em seus cabelos e perguntou.

– Como sabe que é “ela” e não “ele”?

Ela deu de ombros e, num suspiro, respondeu.

– Não sei, é só uma certeza que eu tenho, uma intuição desde o momento em que descobri que estava grávida. – Fez uma pausa e prosseguiu. – Só gostaria que ela nascesse logo. Estou tão desajeitada!

No escuro, Luc sorriu e abraçou a mulher com mais força, enterrando o rosto em seu pescoço, causando-lhe um arrepio de prazer.

– Não tem nada de desajeitada. – Ela ia retrucar, mas ele a silenciou pousando delicadamente os dedos em seus lábios. – E antes que diga que está

gorda, feia, redonda ou qualquer outra tolíce nesse sentido, saiba que eu a estou achando linda!

– Ora, Luc! Com essa barriga imensa?

Luc beijou-lhe a curva dos ombros e uma de suas mãos foi subindo até um dos seios, que haviam se tornado mais voluptuosos com a gestação.

– Faz ideia, Radegund, do quanto uma mulher grávida atíça o desejo de um homem? – Ele acariciou um mamilo devagar, arrancando-lhe um gemido deliciado. Falou em seu ouvido, a aspereza da barba roçando sua pele. – Não falamos nisso, porque parece um pecado. Mas a verdade é que uma mulher em seu estado é mágica, misteriosa, fascinante. – A outra mão foi descendo por sua barriga com reverência e encontrou o triângulo de pelos macios entre as pernas. – Você está linda, totalmente desejável... tanto que não consigo tirar minhas mãos de cima de você!

– Ah, e nem tente tirá-las! – Ela gemeu enquanto ele a provocava com os dedos. – Se fizer isso agora, será um homem morto, *sire*!

Luc riu e continuou beijando seu pescoço, seus ombros, enfiando a língua em sua orelha, traçando o contorno do lóbulo com os lábios e a ponta da língua. Suas mãos brincavam com seu corpo pleno da maternidade, cheias de carinho, arrancando-lhe gemidos cada vez mais intensos.

– Ah, querida! Você me enlouquece totalmente! – Ele sussurrou junto ao seu ouvido enquanto separava suas coxas e introduzia-se com cuidado dentro dela. – Vou dizer “olá” para nosso bebê!

Radegund sorriu. Agarrou-se a ele entorpecida, sentindo o peito largo do marido em suas costas, arqueando o corpo de encontro ao dele. Moveu-se devagar, com cuidado por causa de seu bebê, mas sem deixar de sentir todo o prazer que aquele homem amoroso lhe proporcionava.

Os dois gemeram em uníssono. Luc libertou-se de seu controle, deixando que o gozo viesse. Ele chegou numa vibração suave, um estremecer lânguido de corpos arrepiados. Um gemido prolongado e dedos entrelaçados com força marcaram o êxtase que os transportou, logo a seguir, para a serenidade do sono, satisfeitos e felizes. Sob a mão carinhosa de Luc, o bebê pareceu se aconchegar e dormir.

Draig Fawr

Terrwyn esgueirou-se em silêncio pela passagem secreta. O pequeno túnel, um reles espaço de pouco menos de cinco palmos entre duas paredes, só permitia que uma pessoa andasse de lado, deslizando no meio das pedras emboloradas. Caminhou devagar, testando o chão com os pés descalços, evitando fazer qualquer som. Não sabia se o infiel tinha sono leve.

O corredor fez uma curva e, mesmo na escuridão, ela achou o que queria. Uma reentrância na pedra, algo que só quem andou por aquelas verdadeiras catacumbas a vida inteira conseguiria achar, ainda que na total ausência de luz. Terrwyn acionou a alavanca disfarçada e agradeceu aos céus por manter sempre as engrenagens e trilhos das portas deslizantes bem lubrificadas.

Saiu da escuridão da passagem para a penumbra do quarto de vestir, nos aposentos que um dia haviam sido de seu pai. Sorriu satisfeita ao ver o volume sob as cobertas, mal iluminado pela fraca claridade da lareira. Pegou a bolsa de couro presa à cintura, onde guardou a surpresa que havia preparado para seu irmão.

Ah, ele teria uma noite e tanto quando ela despejasse todas aquelas pequenas rãs – que diligentemente recolhera à tarde – em cima de sua cama! Infernizaria tanto a vida dele, que o infiel partiria dali no mesmo pé em que chegara.

Caminhando na escuridão, Terrwyn avançou, os pés descalços afundando no tapete de pele de urso, muito puído, que fora o orgulho de seu pai. Estava bem perto da cama, quando uma sombra enorme saiu da escuridão e saltou sobre ela, derrubando-a no chão. Antes que pudesse gritar, uma lâmina gelada estava em sua garganta. Apavorada, encarou a perspectiva da própria morte.

Mark estava cansado. Muito cansado. Assim que se lavou e comeu o jantar simples, constituído de pão, queijo, um guisado de cordeiro e legumes, ele se despiu e foi se deitar. Manteve-se apenas de calções, contrariando o hábito que tinha de dormir nu. Poderia ter que se levantar apressado no meio da noite, para acudir mais uma crise de Sian.

Adormeceu assim que encostou a cabeça no travesseiro. Porém, seu sono era leve. Passara anos tendo que dormir com um olho aberto e outro fechado, protegendo o próprio pescoço. Despertou com um som quase inaudível, que parecia vir de dentro das paredes.

Saiu da cama devagar, pegando a adaga que mantinha sob travesseiro. Em seguida, embolou uma manta e um dos travesseiros e enfiou-os sob o lençol, criando um volume que, na obscuridade, facilmente seria confundido com uma pessoa adormecida. Esgueirou-se para as sombras, longe do alcance da luz mortífera das brasas da lareira e esperou com paciência. Foi recompensado quando uma parede se abriu, num deslizar suave, dando passagem à jovem franzina que ele conheceu naquela manhã.

Terrwyn?

Diabos! Será que a própria irmã atentaria contra sua vida? Não! Descartou imediatamente a hipótese. A raiva e a mágoa da jovem não seriam tão grandes

assim. E ele achava que, no fundo, a menina tinha boa índole. Apenas carecia de orientação e de uma mão firme que a colocasse nos eixos. Resolveu ficar ali. Esperaria para ver o que a mocinha tinha ido fazer em seu quarto. Na certa iria lhe pregar alguma peça. Algo como sapos, cobras, insetos, ou alguma erva irritante que o faria se coçar até o dia do juízo final... Ah, sim! Conhecia todo aquele repertório de traquinagens. Ele mesmo os usara vezes sem conta. Terrwyn não sabia com quem estava se metendo!

Achando a situação toda muito divertida, Mark decidiu inverter o jogo. Pregaria ele mesmo um grande susto na mocinha implicante. Seria uma forma de começar a mostrar para ela que para tudo havia um limite. No momento em que a jovem se aproximava da cama, ele deu o bote. Saltou sobre ela e encostou a adaga em seu pescoço. Por um momento, divertiu-se ao ver o pavor estampado em seu rosto. Depois, sentiu que ela relaxava ao perceber que fora ele quem a derrubara, e não um intruso qualquer.

– Surpresa, irmãzinha? – Mark perguntou com um toque de divertimento na voz, o que irritou profundamente a Terrwyn.

– Vai me matar, infiel? – Falou, aborrecida por ter sido apanhada em flagrante. – Já disse que nosso pai não deixou nada. Só ficará com as dívidas!

Mark retirou a adaga de seu pescoço. Manteve a irmã imobilizada de encontro ao chão. Tentou não soar irritado. Em vão.

– Em primeiro lugar, mocinha, eu tenho um nome. Então pare com essa história de me chamar de infiel.

– E não é um?

– Não sou um muçulmano, se é o que quer saber.

– Nem tampouco cristão.

– Não. E daí? Isso a incomoda?

– Você me incomoda.

– O que me leva a segunda questão. Como sua mãe disse, ninguém escolhe suas origens. Vim aqui apenas para falar com o homem que me gerou. Que deixou que minha mãe sofresse a desonra de ter um filho fora dos laços do matrimônio. Lamento pelo seu incômodo. E garanto a você, menina, que ele não é maior do que o que eu sofri a vida inteira por ser um bastardo. Bastardo e mestiço!

Os irmãos ficaram se encarando durante um bom tempo. Terrwyn, surpreendentemente, ficou calada. Mark se levantou e sentou no tapete, mudando de tática. Estendeu a mão para a irmã.

Terrwyn aceitou a ajuda e se ergueu, ajoelhando-se e procurando com os olhos a bolsa com as rãs, que havia caído de sua mão. Diabos! Se os bichos se soltassem ali agora, na certa ele a esganaria! Seu irmão passou as mãos pelos

cabelos e voltou a falar, com voz macia.

Evidentemente, quer me ganhar com a mesma lábia que usou com minha mãe...

– Olhe Terrwyn, eu não vim até aqui para brigar, nem para usurpar nada seu ou de sua mãe. Vim apenas em busca da verdade sobre meu pai. Queria saber exatamente o porquê de ele ter abandonado minha mãe, se todos diziam que eram tão apaixonados. Se lhe agrada saber, assim que conversar com Sian eu irei embora e... – Mark não terminou a frase. Uma coisa gelada e pequena saltou em seu peito, causando-lhe um arrepio. Depois mais um daqueles bichos pulou em uma de suas pernas. Rãs. Dúzias de rãs. Estreitou os olhos e olhou para a irmã. Ela parecia indecisa entre rir ou correr dele. – Isso é obra sua, não é? – Rugiu.

A resposta foi um riso abafado.

Mark se levantou, espanando as rãs, e correu para acender a vela que ficara sobre a mesinha. A claridade banhou o quarto. Pôde ver com clareza os bichinhos pegajosos pulando pelos móveis, sobre o tapete, em cima da cama, sob a cadeira... E pôde ver Terrwyn que, a esta altura, não fazia mais nenhum esforço para conter o riso. Ela gargalhava, revirando sobre o tapete.

Eu mereço!

– Quer parar de rir! – Ele grunhiu. – Trate de me ajudar a recolher esses bichos. Ou eu a trancarei aqui com eles e dormirei em sua cama!

Terrwyn levantou-se parcialmente, com lágrimas nos olhos de tanto rir da expressão indignada de seu meio-irmão.

– Lamento, *sire*. Creio que não seria muito adequado, considerando que durmo junto com minha mãe! – Ela gargalhou de novo e apontou. – Tem uma em cima da sua cabeça...

Mark ergueu os olhos para o alto, tirando o animal do meio dos cabelos. Perguntou que pecado teria cometido para merecer aquela diabinha em forma de gente como irmã. Obteve como resposta mais um corpinho gelado e saltitante caindo sobre ele. Anteviu uma noite infernal.

Condado de Tipperary. Munster, Irlanda.

Gilchrist olhou para trás e acenou para o primo, Dermott O'Mulryan, seu administrador. Em seguida, instigou o cavalo a um galope rápido.

Resolveu partir logo pela manhã, assim que o sol havia nascido. Logo depois de ter despertado de um estranho sonho, onde a mulher branca e dourada apareceu novamente, ressurgindo das profundezas de suas lembranças. Havia acordado banhado em suor, apesar da fria madrugada de outono. Os dragões tatuados em seus punhos mais uma vez pareceram balançar as caudas para ele. *Lembre-se, estamos aqui.*

Algo estava errado, muito errado. Algo relacionado aos acontecimentos sinistros em Tiro, três anos atrás. Podia sentir no ar. Percebia uma força negra, sinistra, carregada de maldade, se aproximando. Só não podia precisar de onde vinha. Nem para onde ela iria. A única coisa que lhe ocorrera então fora partir imediatamente. Reunir todos os envolvidos no episódio. Todos os que estiveram juntos naquela maldita casa, nos arredores de Tiro. Todos que, de alguma forma, tiveram algo a ver com a morte do sacerdote de Set.

A garoa fina e insistente continuava a se infiltrar por suas roupas, ameaçando enferrujar a cota de malha antes mesmo que conseguisse cruzar o Mar da Irlanda. Ele não se incomodava. Tudo o que queria era alcançar Waterford e embarcar para Gales, sua primeira parada. Com certeza conseguiria a pista de al-Bakkar em Draig Fawr. Seria para lá que ele certamente teria ido após receber sua mensagem, meses atrás. Se lograsse encontrá-lo, seria fácil chegar aos outros.

Sabia que Ragnar e Leila estavam na Noruega. Assim que chegasse à Inglaterra despacharia um mensageiro para Nidaros em busca dos Svenson, com um aviso para ficarem atentos. Com Radegund seria mais fácil. Agora ela estava casada com o conde de Delacroix. Gilchrist riu sozinho. Não conseguia conceber a feroz guerreira, pela qual nutria um afeto especial, bordando uma tapeçaria à frente da lareira como se fosse uma pacata dama. Pobre de seu marido...

O cavaleiro cruzou os limites do condado de Tipperary e estimulou mais ainda a montaria. Sentia que o tempo se esgotava. Tinha pressa. Embora, verdade fosse dita, ele não tivesse nada de concreto. Nenhum fato, carta, ameaça, nada. Só a certeza de que, de alguma forma, as forças movidas naquela noite infernal retornavam agora para assombrá-los. Gilchrist só esperava que não fosse tarde demais para deter o rumo dos acontecimentos.

CAPÍTULO III

“E QUEM GARANTIRÁ QUE TUDO IRÁ CONFORME PLANEJAS?”

Da Brevidade da Vida. Sêneca, cap. 3, v. 5.

Delacroix

Antes do amanhecer, Trudy já havia descido e verificado se as criadas estavam de pé, preparando o desjejum. Em seguida, foi até o pátio para saber quantos homens havia na casa da guarda. Assim poderia mandar que lhes servissem a refeição da manhã. Depois, voltou ao salão e supervisionou a arrumação das mesas, deixando tudo ao gosto de seus senhores.

Desde que fora para Delacroix, sua vida tinha mudado completamente. A senhora Clarisse, com toda paciência e diligência que lhe eram comuns, a treinava para um dia assumir o cargo de governanta do castelo. E Trudy estava se saindo muito bem. Estava muito distante da mocinha que chegara ali há algum tempo atrás, na época em que servia mesas na taverna, e que dormia com fregueses para arrumar algumas moedas a mais. Agora ela era uma jovem respeitável. Até mesmo aprendera a escrever! O administrador Roger lhe dissera que a ensinaria, pois, para ser uma governanta seria necessário saber ler as listas de víveres, fazer o levantamento das despensas, e também rotular e armazenar as especiarias e conservas. Orgulhosa e grata, ela se aplicara. Logo dera conta do trabalho e do aprendizado.

Trudy olhou com orgulho para o salão bem arrumado. Estava perfeitamente limpo. A palha do chão era fresca, e ela mandou misturarem a ela maços de alfazema, para perfumar o ambiente. As mesas estavam caprichosamente polidas, e as travessas de metal haviam sido esfregadas com areia até brilharem.

Seus senhores haviam passado um bom tempo na terra dos sarracenos onde, eles diziam, as pessoas limpavam muito bem suas casas e objetos, assim como os próprios corpos. Segundo a senhora Radegund, que aprendera muitos dos hábitos dos sarracenos, aquelas medidas evitavam moléstias como as febres e as disenterias. Sua senhora devia estar com a razão, pois há muitos meses nenhuma criança morria de febre ali em Delacroix.

Embora colocar ordem em um castelo daquele tamanho lhe desse um trabalho gigantesco, Trudy ficava feliz, e desempenhava suas tarefas com zelo. Era sua forma de demonstrar gratidão aos senhores que a haviam acolhido de com tanta generosidade.

O som de passos interrompeu seus pensamentos. Era o conde de Delacroix, que vinha descendo as escadas.

– Bom dia, meu senhor! – Ela o cumprimentou com uma mesura.

Luc sorriu para a mocinha que um dia havia salvado a vida de Mark. Dava-

lhe gosto ver como havia florescido.

– Bom dia, Trudy. Mande servir meu desjejum. – Disse enquanto se passava por ela. – Vou sair para cavalgar.

– A senhora Radegund também vai descer agora, meu senhor? – Indagou a jovem. – Devo preparar o desjejum dela também?

– Não, eu a deixei dormindo. – Ele se sentou à grande mesa e apanhou um jarro de cidra quente. – Avise-a, quando acordar, de que demorarei um pouco, pois quero inspecionar as obras do moinho, está certo?

– Sim, meu senhor.

Valiant havia galopado satisfeito pelas colinas, sob o pulso firme, porém gentil, de seu dono. O exercício deixou os dois, homem e animal, suados e sedentos. Luc vinha pela estrada, saboreando a velocidade do animal. Pensava numa boa refeição, acompanhada de uma caneca de cerveja fresca. Já avistava os muros de Delacroix, quando uma sombra cruzou seu caminho. A montaria empinou, obrigando-o a fazer um imenso esforço para segurar-se na sela.

– Calma, rapaz! O que foi?

Vasculhou os arredores rapidamente. Logo, seu olhar foi atraído para uma figura estirada no chão. Luc saltou da sela e correu até o local.

– Virgem Santa! É um menino! – Virou o rosto sujo e esfolado. – Mas como diabos foi se meter na frente do cavalo?

Com cuidado, apalpou a cabeça do garoto, assim como os membros e as costelas, para ver se havia algo fraturado. O menino, de cerca de doze ou treze anos, gemeu, mas não acordou. Com cuidado, Luc o ergueu do chão e o colocou atravessado sobre a sela de Valiant. Em seguida, partiu em disparada para o castelo.

A chegada de Luc com o menino ferido nos braços causou uma pequena comoção em Delacroix. Para poupar a prima, Clarisse logo assumiu os cuidados. Instalou-o num catre, no canto do salão. Examinou-o demoradamente e, por fim, não encontrou nenhum ferimento mais grave.

– Ele está apenas desacordado, Luc – disse ao cunhado, que fitava o menino, preocupado – o que aconteceu?

– Sinceramente, eu não sei, Clair! Quando dei por mim, ele já estava praticamente sob as patas de Valiant! Foi muita sorte não ter sido pisoteado!

Clarisse olhou de Luc para o menino e notou que ele se agitava e, em seguida abria os olhos. Eram negros e demonstravam confusão. Ela sorriu e afofou os cabelos escuros.

– Olá, rapaz. Como se sente? – O menino a olhou como se custasse a focalizá-la. Pareceu perdido, como se não entendesse o que ela havia dito. –

Tudo bem com você? – Ela refez a pergunta, preocupada.

Ele respondeu numa voz fraca.

– Sim... Sede.

Clarisse ergueu sua cabeça e lhe deu de beber com cuidado. Em seguida, ajeitou-o sobre o travesseiro e perguntou.

– Qual é o seu nome?

O garoto pensou um pouco. Olhou confuso da dama para Luc, que estava atrás dela. Em seguida, deu de ombros.

– Eu... Eu não sei!

Luc e Clarisse entreolharam-se. Ele perguntou em voz baixa.

– Será que a pancada na cabeça afetou sua memória?

– É possível, cunhado. Talvez ele se recupere depois de descansar um pouco, – ela se voltou para o menino com um sorriso sereno – não se preocupe, rapaz. Se houver alguém procurando por você, iremos descobrir em breve. Deixaremos avisos sobre o acidente no vilarejo e nas tavernas da região. Tenho certeza de que encontraremos sua família e descobriremos seu nome.

O menino sorriu timidamente e agradeceu.

– Obrigado, senhora. É uma mulher muito boa.

Lothair e Gaetain apareceram neste instante, curiosos com o novo hóspede. Logo foram perguntando ao menino qual era seu nome. Como ele não soubesse, os dois irmãos apressaram-se em arrumar um provisório.

– Vamos chama-lo de Jean! – Exclamou Lothair e em seguida olhou para o garoto em busca de aprovação. – Você gosta?

– Sim, – o menino assentiu – Jean... gostei desse nome.

Draig Fawr

Mark sentiu alguma coisa gelada em seu nariz. Antes de abrir os olhos, levou a mão até o rosto e encontrou o que o incomodava. Mais uma. Já fechava os dedos sobre a pequena rã acomodada na ponta de seu nariz, quando garras afiadas se fincaram neles. Seguidas de um rosnado baixo e ameaçador. Mark abriu um olho.

Um grande gato malhado, de pelos eriçados, estava sentado sobre seu peito. O bicho o encarava com os olhos amarelos apertados, as orelhas abaixadas junto ao crânio peludo. Disputava com ele a pequena presa. Estava pronto para atacá-lo. O nariz de Mark começou a coçar de forma irritante. Um espirro fez cócegas nele e inevitavelmente saiu.

– Atchim!

O gato arrebatou a rã num bote preciso. Saltou para o chão com o troféu na boca, lançando um olhar ameaçador para o patético animal desprovido de pelos

deitado sobre cama. Saiu rebolando a cauda e desapareceu pela passagem que ficara aberta.

Mark deixou-se cair de novo sobre o leito e colocou o travesseiro sobre o rosto. Talvez fosse tudo um maldito pesadelo. Ou então, viera parar num asilo de loucos!

– Levante-se, irmão!

A voz de Terrwyn chegou até ele, abafada pelo travesseiro. Abaixou devagar o volume de tecido e ervas e olhou para a irmã com cuidado, esperando que a moça lhe pregasse outra peça. A visão que teve foi uma surpresa.

A figura desgrenhada e suja que conheceu na manhã anterior tinha desaparecido. Em seu lugar estava uma jovem bonita, de olhos castanhos muito expressivos e faces delicadas. Os cabelos, que antes foram escondidos pelo gorro, também eram castanhos. Estavam cortados muito curtos, rente ao pescoço esguio. O nariz era discretamente arrebitado. A boca pequena tinha um ar de troça que, ele suspeitava, devia ser permanente. O vestido era simples, de lã rústica, com um corpete amarrado por cordões sobre a camisa de baixo. Seu corpo, apesar de franzino, era delicado e bem proporcionado. Terrwyn lembrava-lhe uma flor daquelas que apareciam nos campos espontaneamente e que, justamente por serem tão simples e singelas, tinham uma beleza única, cativante.

Sentiu-se emocionado ao olhar para a irmã. Emoção esta que transparecia em seu rosto, pois Terrwyn enrubesceu diante de seu exame. Ela, no entanto, mascarou as emoções sob uma capa de desdém.

– Belo cavaleiro o senhor é, meu irmão! Na cama até uma hora dessas!

Mark sorriu diante de sua bravata e atirou-lhe o travesseiro. Terrwyn o apanhou no ar, surpreendendo-o com a rapidez de seus reflexos.

Ora!

– Se tivesse permitido que eu dormisse direito, – ele falou, sentando na beirada da cama – certamente eu teria me levantado mais cedo. Como sua mãe passou a noite?

– Mal, como sempre.

– Hoje eu quero sair e procurar algumas ervas. Vou fazer uma poção para ela. Ajudará a aliviar seu cansaço. Enquanto isso, quero que você e a criada arejem o quarto de Sian, troquem as roupas de cama e batam o colchão para tirar a poeira. A limpeza do ambiente, assim como a do corpo, são meio caminho andado para a cura das doenças.

Terrwyn aproximou-se mais um pouco dele, tentando vencer a desconfiança natural.

– Sabe mesmo curar as pessoas?

– Sei tratá-las, – ele replicou com suavidade – apenas o Criador pode curá-

las.

A jovem franziu o cenho.

– Disse que não era cristão, tampouco muçulmano...

Mark achou graça daquela dedução que a irmã fizera. Pegou uma camisa do alforje aos pés da cama e explicou, enquanto enfiava a peça pela cabeça.

– Sim, Terrwyn. Realmente não sou nem uma, nem outra coisa. Mas não disse que não creio num poder acima de nós. Apenas não lhe dou um nome, como fazem os homens santos e os crentes.

A jovem deu de ombros e sentou no chão à frente dele.

– Conte-me.

– O que?

– Como aprendeu a tratar as pessoas.

1175, Damasco, Sultanato da Síria

Os dois jovens recrutas se lançaram nas águas frias do Barada, incentivados pelos brados animados de seus colegas e sob o olhar atento do mestre de natação. Os rapazes, ambos morenos e altos, já haviam adquirido mais músculos ao longo dos últimos cinco meses de treinamento e estudo da furusiyya. Seus membros, fortalecidos pelos treinamentos e pela boa alimentação, venciam em braçadas vigorosas a correnteza do rio.

O mestre os observou com satisfação. Eram os dois melhores e mais promissores recrutas da última leva de cativos, recebida de Veneza, Gênova e das terras além do Nahr al-Urdun.

Os dois rapazes chegaram juntos à outra margem do rio e se jogaram sobre a areia, tentando recuperar o fôlego. O mestre acenou para mais dois recrutas iniciarem a travessia, enquanto seus predecessores os assistiam.

Mahkim se levantou sobre os cotovelos e observou a segunda dupla. A distância era grande e, depois de uma manhã de treino puxado nas aulas de equitação e arquearia, ninguém mais parecia ter braços ou pernas suficientes para cruzar o Barada. Naturalmente, ele e o beduíno, com o qual vivia numa eterna rivalidade para verem quem se saía melhor, foram os primeiros a se lançarem nas águas esverdeadas do rio. Desta vez o beduíno venceu. Mahkim olhou-o de soslaio. Até que ele não era má pessoa.

No início, logo que chegaram à madrasah, os dois se estranhavam todos os dias. Não passavam de dois rapazes revoltados, privados da liberdade, ansiosos para arrumar confusão com quer que fosse. Com o passar do tempo, porém, foram percebendo que seriam muito mais fortes juntos do que divididos por disputas sem sentido. Assim, num acordo tácito, canalizaram suas energias numa rivalidade saudável, em que um sempre tentava superar o outro e ambos

saíam vencendo.

Saindo de suas divagações, Mahkim notou com apreensão que um dos nadadores afundara e ainda não voltara à tona. E antes que mais alguém pudesse sequer pensar em agir, ele já mergulhava e trazia o rapaz desacordado a superfície.

O mestre, na outra margem, apenas observava enquanto Mahkim era ajudado por Aswad, o beduíno, a retirar o recruta desacordado da água.

– Ele não respira! – Observou o beduíno.

– Vamos tirar a água de seus pulmões, – o mestiço falou virando o jovem desacordado de bruços – vi um dos médicos fazer isso outro dia.

Ele começou a apertar as costas do afogado. A água saiu pela boca do jovem. Ainda assim, o rapaz não reagiu. Mahkim e Aswad entreolharam-se. Não queriam que o recruta morresse.

Determinado a não perder aquela vida tão jovem quanto a dele, Mahkim virou o recruta de barriga para cima e tentou a manobra que vira um discípulo do maristan executar. Só esperava que estivesse certo... abriu a boca do rapaz e soprou o ar repetidas vezes em seus pulmões.

Aswad observava tudo, pasmo e apreensivo. Já ouvira falar que às vezes os médicos recorriam àquele procedimento. Mas achava que fosse mentira, uma invenção dos estudantes mais velhos, criada para zombar de recrutas como ele. Do lugar de onde vinha, uma terra repleta de superstições e demônios que habitavam sob as areias, soprar a vida dentro de outra pessoa era o mesmo que praticar feitiçaria.

O rapaz afogado começou enfim a tossir e a cuspir água. Do outro lado do rio, os outros recrutas levantaram vivas, aplausos e exortações a Alá, o Misericordioso, por ter colocado o mestiço no caminho do jovem afogado.

O mestre de natação assistiu a tudo muito interessado e impressionado com a habilidade do jovem. Já notara que ele era muito inteligente, mas hesitava em promovê-lo a soldado, pois era muito rebelde, revoltado e tinha espírito indomado. Talvez aquela fosse a chance que o jovem precisava para canalizar melhor suas forças e se tornar mais útil ao Sultão. “Sim”, pensou o mestre coçando a barba escura, “será um bom caminho. ”

Quando Aswad e Mahkim trouxeram o jovem de volta através do Barada, o mestre chamou o herói do dia num canto.

– Mahkim, hoje o Todo Poderoso lhe deu a oportunidade de descobrir um novo talento, o de salvar uma vida. Em nome Dele, o Clemente e Misericordioso, eu lhe digo que deve aceitar esta missão.

– O que quer dizer, Mestre?

– Hoje, após a Asr, irá comigo ao maristan. – Mahkim arregalou os olhos,

surpreso demais para falar alguma coisa. O maristan! O hospital de Nur al-Din! Onde se formavam os maiores médicos de toda a Síria! O mestre continuou falando. – Deve me responder apenas uma pergunta, meu jovem.

– Sim, mestre.

– Deseja abraçar esta missão?

– Sim, mestre. – Mahkim exultava. – Desejo ser um médico.

O mestre balançou a cabeça.

– Não, rapaz, você não me entendeu. Estudará no maristan, e adquirirá todos os conhecimentos da prática médica. Só que ainda será um mamluk.

– Mas, eu pensei...

O mestre o silenciou com um gesto.

– Você é propriedade do sultão, só ele pode dispensá-lo de seu vínculo com a tropa. O que eu lhe ofereço é uma chance de se aprimorar e desenvolver uma aptidão natural. Tenha em mente, porém, que será uma tarefa árdua. Terá que dar conta de seus estudos e de seu treinamento com a tropa. Aqui poderá ser dispensado das aulas de filosofia, de línguas e de todas as outras disciplinas comuns à nossa formação e a dos médicos. Mas seu treinamento militar não será interrompido. Você aceita, Mahkim?

O jovem mestiço pensou na proposta. Não teria nada a perder ao aceitá-la. Era alguém sem pátria, cuja única família, seu avô, ele abandonou num rompante de rebeldia. Foi feito escravo e vendido ao sultão, que fez dele um aspirante em sua tropa de elite. Aceitando receber a instrução no maristan, estaria aproveitando uma oportunidade única de aumentar seus conhecimentos. E se um dia fosse liberado de suas obrigações junto ao regimento, poderia exercer a profissão. Respirou fundo e olhou nos olhos sérios de seu mestre.

– Sim, mestre. Eu aceito.

Terrwyn bebia avidamente cada palavra que o irmão dizia. Sem perceber, ficara sentada no chão, olhando fascinada para o homem moreno, de voz cadenciada e suave, que a hipnotizava com imagens de uma terra misteriosa e distante. Pensou em como a vida dele deveria ter sido emocionante. Tentou sentir através das palavras dele, temperadas por um sotaque indefinível, as cores, os perfumes e os sons dos lugares dos quais ele falava. Muitos deles, ela nem imaginava que pudessem existir.

Mark observou a irmã, enquanto contava suas aventuras no hospital sarraceno. Parecia ter encontrado um meio de cativar a pequena rebelde. Sim, Terrwyn era curiosa, sedenta de conhecimento como ele mesmo o fora em sua juventude. Chegava a ser engraçado o fato de ele estar sentado ali, confidenciando a uma quase estranha, histórias que nem mesmo à Radegund ele

havia contado. Era como se Terrwyn fosse sua imagem resgatada do passado, como se ali estivesse a chance de mudar a própria história. Esse pensamento chocou Mark. Terrwyn, *sua irmã*.

Tão órfã quanto ele foi naquela mesma idade. Tão sozinha e sem orientação como ele foi; ou pior ainda. Ele ainda pôde contar com o avô, um homem sábio e de mente aberta, que o estimulava a aprender cada vez mais, a olhar o mundo e a vida por todos os ângulos. Mas Terrwyn...

Anwyn estava morto. Sian, pelo que ela mesma lhe contara, sempre fora doente e obviamente não pudera acompanhar o desenvolvimento da filha. Não havia tutores, governantas, damas, um padre, nada. Ninguém para orientar a jovem, que crescia como uma erva perdida no campo. Uma grande tristeza se abateu sobre Mark. E também uma enorme determinação. Puxando as botas para perto, interrompeu a narrativa.

– Bem, agora chega de histórias. Vamos descer.

Ele sacudiu a bota e de dentro dela caiu mais uma rã. Sua irmã riu. Balançou a cabeça e sorriu para ela.

– Você é mesmo uma diabinha. Mas vamos andando, pois quero sair logo após o desjejum. Posso contar com você para tomar as providências necessárias à limpeza dos aposentos de Sian?

Terrwyn o encarou como se ele fosse um débil mental.

– *Sire*, se não percebeu ainda, eu já sou a responsável por esta parte.

– Como assim?

A jovem revirou os olhos. Falou como se explicasse os enigmas do universo a uma criança pequena.

– Caso não tenha olhado a sua volta, não temos mais criados. Com exceção de Fynchan, o homem que o recebeu, e Berth, que é quem cozinha e lava as roupas. Todos os outros debandaram. Não sei se lhe passou pela cabeça, irmão, mas para se manter criados é preciso ter renda. Afinal, eles também comem, se vestem, enfim, fazem tudo o que nós fazemos.

Criatura petulante, exasperante, abusada! Mil vezes discutir com Radegund, do que encarar essa pequena atrevida!

– Então meu irmão? – Terrwyn, impaciente com seu mutismo, ergueu-se num salto e colocou as duas mãos na cintura. – Vai ficar aí parado me olhando? Se quiser os aposentos de minha mãe limpos e arejados, vai ter que me ajudar!

Mark se levantou e colocou-se diante dela, ainda segurando uma das botas na mão, obrigando-a a levantar a cabeça para encará-lo.

– Alto lá, mocinha! Sou seu irmão mais velho, trate de me respeitar, está bem? Vai ter que começar sem mim, pois, pelo jeito, ainda terei que cuidar de Baco e quem sabe até, cozinhar meu próprio desjejum. Diga-me, como

conseguem viver neste lugar?

O semblante de Terrwyn perdeu todo o brilho beligerante. Ela baixou a cabeça, parecendo, subitamente, bem mais velha que seus parcos dezessete anos.

– E viveríamos aonde, *sire*, se mal temos o suficiente aqui?

A vergonha se abateu sobre ele. Falou sem pensar e acabou sendo absurdamente grosseiro. Magoou a moça. Grunhiu um palavrão, chocado com a própria insensibilidade. Comovido com o sofrimento da irmã. Céus, ela era praticamente uma menina! Desde quando assumira o peso de tantas responsabilidades sobre seus ombros? Desde quando fora obrigada a largar seus sonhos e anseios juvenis para assumir os cuidados com uma mãe doente e desenganada, e para com a manutenção de um castelo decadente? Deu um passo à frente. Jogou no chão a bota que ainda segurava. Colocou uma das mãos sobre o ombro da irmã, e com a outra a fez erguer o rosto. Deus! Terrwyn chorava!

– Ah, irmã! – Ele a abraçou. – Me perdoe.

Como se apenas esperasse por aquele sinal para se libertar de suas mágoas, a jovem começou a soluçar, aconchegada a ele. Cada um daqueles soluços aumentava ainda mais o rancor de Mark para com seu misterioso pai, que pusera dois filhos no mundo apenas para que fossem infelizes.

Terrwyn, desde que seu pai havia morrido, jurou nunca mais chorar. Acreditava mesmo que não possuía mais nenhuma lágrima para derramar. Seu irmão, todavia, tocou em um ponto sensível demais. A insegurança com relação ao futuro. A perspectiva de se ver sozinha no mundo, atirada à miséria.

Sabia que sua mãe não duraria muito. Seu estado se deteriorava dia após dia. E ela não possuía mais nenhum parente próximo em quem pudesse se apoiar. O tal cavaleiro irlandês, que apareceu por lá meses antes de seu irmão, era um primo afastado. Ela nem fazia ideia de onde ele vivia. E mesmo que soubesse, não teria recursos para ir atrás dele. Havia também a questão do castelo. Esta ela ainda não contara ao irmão...

As terras e todo aquele lugar já estavam praticamente nas mãos de Adwr ap Maddog, o senhor do feudo vizinho. Terrwyn suspeitava que Adwr, um sujeito vil e asqueroso, estava por trás dos roubos de ovelhas e da debandada dos arrendatários e servos, ocorrida nos últimos anos. Ela, porém, não tinha como provar suas suspeitas, e nem recursos para ir até o senhor Rhys, o suserano, e fazer uma petição.

Adwr imiscuíra-se em sua casa há alguns anos, quando seu pai ainda era vivo. E naquela época, mesmo sendo ainda uma criança, ela se sentia mal. Não conseguia esquecer os olhares lascivos que o homem corpulento e atarracado lhe lançara, nas poucas vezes em que haviam se encontrado. Temia que, a qualquer

momento, o infeliz aparecesse por ali para cobrar as dívidas que seu pai contraíra, reivindicando o título de posse das terras. Aí ela e a mãe ficariam, realmente, sem nada.

Terrwyn secou as lágrimas. Com um suspiro, afastou-se do abraço do irmão. Apesar da desconfiança, sentiu-se grata por sua presença. Ao menos, tinha em quem se apoiar.

– Desculpe-me por minhas palavras rudes, Terrwyn. – Ele a apaziguou em voz suave, acariciando-lhe os cabelos curtos. – Não imaginei que a situação de vocês fosse tão calamitosa. Perdoe-me pela grosseria.

– Desculpe-me você também, irmão. – Ela ergueu o rosto ainda molhado de lágrimas para ele. – Devia tê-lo recebido melhor.

– Tudo bem. Isso agora não tem importância. Vamos cuidar de sua mãe e depois, quando formos ao campo buscar as ervas, você me conta em detalhes a situação de Draig Fawr, está certo?

– Feito, *sire* – ela respondeu já com a sombra de um sorriso.

Delacroix, uma semana depois

– Luc! Não pode estar falando sério!

– Ora, Radegund, qual é o problema?

Ela olhou para o marido como se ele estivesse ficando louco.

– O problema é que você vai transformar este lugar num verdadeiro pandemônio! – Retrucou, jogando as mãos para o alto num gesto de impaciência.

Luc estava passando por um surto, só podia ser isso! Agora ele aparecera com um projeto para transferir os aposentos senhoriais para a torre no lado leste do castelo. Segundo seu marido, ali eles teriam uma vista privilegiada, além de sol a maior parte do ano. Céus! Ele até projetara uma enorme janela em forma de balcão de onde, segundo ele, poderiam apreciar os campos cobertos com florezinhas miúdas na primavera.

– Radegund, seja razoável! – Luc falou com doçura. – Serão apenas alguns meses. Depois tudo voltará ao normal.

– Luc, nosso bebê nascerá em breve. Não quero uma confusão de pedreiros, marceneiros, carpinteiros e artífices entrando e saindo daqui, me deixando louca!

Ela cruzou os braços emburrada. Luc a abraçou, compreendendo que, na verdade, aquela irritação toda se devia ao final da gravidez. Acostumada à liberdade e a atividade intensa, sua mulher estava se sentindo uma verdadeira prisioneira de suas próprias limitações. Depositou um beijo suave em seu nariz e fez cócegas em sua orelha. Em seguida, olhou para ela, maroto.

– Ora, vamos, minha bela ruiva... desmanche essa carranca e me dê um sorriso.

Ela não resistiu e seus lábios se curvaram para cima. Luc a abraçou mais forte e aconchegou-a junto a si, acariciando-lhe a barriga.

– Falta pouco agora, garanto-lhe que quando nosso bebê chegar você vai se sentir melhor. Enquanto isso, prometo manter os operários afastados de seu caminho.

Ela apontou-lhe um dedo e fez uma expressão ameaçadora.

– Acho bom mesmo, *messire*. Porque senão eles conhecerão a ira de uma grávida ensandecida!

Clarisse entrou no gabinete neste momento e sorriu diante da alegria do casal. Suspirou ao pegar-se desejando uma felicidade igual à deles. Seu tempo, porém, havia passado. Com Guillaume só encontrara decepção e humilhação. Exceto por seus dois filhos, sua união fora, no mínimo, um fracasso. E com Mark...

As sombras invadiram seus olhos ao se lembrar do cavaleiro mestiço. O breve relacionamento, se é que poderia chamar assim, foi intenso e arrebatador. Um verdadeiro turbilhão de emoções que arrastou a ambos, mal lhes dando tempo para avaliar o que sentiam um pelo outro. E quando Clarisse descobriu que o amava, Mark simplesmente partiu em sua busca pelo pai, recusando-se terminantemente sequer a lhe dar esperanças de um retorno. Compreendia a necessidade dele em ir atrás do homem que o gerara. Era justo aquele acerto de contas com o passado. O que ela não entendeu foi a rejeição dele aos próprios sentimentos, e aos dela.

Acreditava que Mark não era um mau-caráter, que jamais se aproveitaria dela apenas para seu próprio prazer. Entretanto, a maneira como ele a dispensou, a forma como tudo aconteceu antes dele partir, ainda trazia um travo amargo à sua garganta.

Por diversas vezes Clarisse abordou o assunto com a prima. Suspeitava que Raden soubesse de algo que, tanto ela quanto Luc, ignoravam. Claro, aqueles dois sempre tinham seus segredos. A lealdade de um para com o outro não poderia ser maior nem se eles tivessem nascido de uma mesma mãe. Nesses momentos a prima sempre desconversava e dizia que, um dia, Mark retornaria.

Clarisse, entretanto, desistira de esperar pelo cavaleiro. Para falar a verdade, ficara tão magoada com a falta de confiança dele para com ela que preferia que ele não pusesse os pés em Delacroix nunca mais.

Balançando a cabeça para afastar os pensamentos ruins, Clarisse adiantou-se, chamando a atenção do casal para sua presença.

– Ora vejam, parece que o charme de meu cunhado fez mais uma vítima!

Radegund estendeu a mão para a prima.

– Sim, Clair. Meu marido, com essa fala mansa e esses olhos doces,

consegue o que quer de mim. – Ela olhou para Luc e ergueu uma das sobrelanceiras. – Até mesmo demolir um pedaço de nossa casa!

– Como assim, Luc? – Indagou Clarisse, curiosa.

Luc soltou-se da esposa e deu a volta na grande mesa do gabinete, abrindo alguns rolos de pergaminhos.

– Venha ver com seus próprios olhos, Clair. – Ele segurou as folhas com as duas mãos, para que não enrolassem de novo e as primas se aproximaram. – Este é o projeto de reforma da torre leste, para onde serão transferidos nossos aposentos.

Clarisse olhou admirada para os desenhos feitos pelo engenheiro contratado por Luc.

– É fantástico, Luc! – Ela se voltou para Raden. – Terão uma visão privilegiada do vale, prima. E sol por quase o ano inteiro. – Luc olhou para a esposa com uma expressão de triunfo no rosto, como se dissesse “Não falei?”. Ela revirou os olhos e não respondeu. Clarisse perguntou. – Quando pretendem começar?

– Os pedreiros acabam de chegar de Rouen.

Raden olhou para a planta e em seguida para o marido, assaltada por uma súbita preocupação.

– Tem que lembrar, meu marido, que temos muitas crianças no castelo. Quando começarem a demolir a parede da torre, precisaremos manter a ala isolada. Uma queda daquela altura, com tantas pedras lá embaixo, seria fatal.

– Sim, claro. Tem toda razão. Instruirei os operários para que mantenham sempre trancada aquela porta após o trabalho. E durante o dia, deixaremos sempre uma criada supervisionando a área para que os as crianças não se aproximem.

– Por falar em crianças, – Raden perguntou – como vai Jean? Por acaso se lembrou de mais alguma coisa, Clair?

– Fisicamente ele está bem, mas sua memória é como uma folha em branco. Ele não consegue se recordar de nada antes do acidente.

Radegund e Luc ficaram penalizados. O conde comentou.

– Fiz o que pude para tentar identificar a família do garoto. Espalhei sua descrição e a notícia do acidente por todo o condado. Mas até agora não obtivemos sucesso.

– Coitado! – Comentou Radegund. – Deve ser muito difícil não saber sequer o próprio nome!

– Sim, mas ele está se dando muito bem com Gaetain e Lothair.

Luc coçou a barba.

– Talvez possamos treiná-lo como pajem. Se no final das contas não

conseguirmos encontrar sua família, e nem fazer com que se recupere, ao menos terá uma ocupação e meios de prover o próprio sustento. O que acham vocês duas?

Raden e Clarisse entreolharam-se, concordando.

– Por mim – disse a ruiva – tudo bem. Ao menos ele não se sentirá um fardo e terá uma forma de preencher os dias. Ainda tenho esperanças de que, com o tempo, possa se recordar de algo.

Nesse momento, Roger surgiu à porta do gabinete.

– Com licença, meu senhor.

– Diga, Roger.

– O mestre-de-obras deseja lhe falar.

– Diga-lhe que me espere no pátio; logo irei ter com ele. – E voltando-se para as duas mulheres, gracejou. – Sinto deixar a companhia de duas damas tão lindas. Vemo-nos no jantar.

Recolheu seus projetos e guardou-os num tubo de couro. Com um beijo, despediu-se da esposa e saiu pela porta do gabinete.

As damas se sentaram diante da janela e puseram-se a conversar animadamente, até que Clarisse perguntou.

– Já arrumou todas as coisas do bebê, prima?

– Sim, falta apenas colocar o berço em nossos aposentos. Luc disse que há um berço guardado na torre, que pertenceu a ele e ao irmão. Contou que está na família há várias gerações.

– Sim, é verdade! Oh, Raden, ele é lindo. Aliás, há várias coisas guardadas naqueles baús lá em cima que poderíamos usar. Os pais de Luc tinham muito bom gosto; há mantas, cortinados, colchas... São coisas de excelente qualidade. Usei algumas peças para meus filhos, mas há muito mais.

Radegund levantou-se da cadeira, tão depressa quanto seu estado permitia.

– Então, vamos aproveitar que estamos com tempo livre e começar a vasculhar aqueles baús! Avisarei a Trudy para que fique de olho em tudo. Assim podemos ficar sossegadas na torre até a hora do jantar

– Excelente ideia, prima!

Deixaram o gabinete de braços dados, chamando entusiasmadas pela criada.

Draig Fawr

Sian e Terrwyn estavam sentadas no salão do castelo, agora bem mais limpo e aconchegante do que estivera ao longo dos últimos anos.

Durante uma semana de trabalho árduo, Mark, Terrwyn e os dois criados reviraram o velho castelo de cima a baixo, varrendo, esfregando, polindo e lavando. Terrwyn chegou a achar que o irmão era um verdadeiro maníaco por

limpeza. Porém, um dia depois da faxina feita em seus aposentos, Sian conseguiu dormir melhor. A ausência de poeira e de fuligem na lareira havia sido um eficiente remédio.

Depois, quando o salão foi devidamente limpo e organizado, Mark levou Sian nos braços e a acomodou numa confortável cadeira diante da lareira. Lá ela passava o dia bordando e conversando, saindo do habitual confinamento que só a deixava ainda mais doente. E sob seus olhos atentos, a mudança no relacionamento dos dois irmãos se tornou evidente.

Terrwyn havia passado da franca hostilidade do primeiro dia à aberta adoração. Se bem que, de vez em quando, ainda surgiam algumas rugas entre eles. O que era natural, já que possuíam personalidades fortes. Mark, porém, mais maduro, conseguia contornar os problemas. Na maioria das vezes. Em outras simplesmente saía pisando duro, resmungando numa língua estranha. A única coisa que Sian entendia no meio daqueles grunhidos era um nome que ele sempre repetia, algo como Raden, ou às vezes, Radegund.

Mark apareceu à entrada do salão, trajado como se fosse viajar: um arco numa das mãos, a aljava às costas e aquela estranha espada curva que ele chamava de *shamshir* presa à bainha.

Terrwyn ergueu-se num pulo ao ver o irmão vestido daquela forma, o coração querendo sair pela boca, tamanho era o medo de vê-lo partir. Perguntou com a voz tensa, apertando as mãos uma contra a outra, enquanto ele se aproximava dela e da mãe:

– Vai embora?

Ao observar a irmã fitando-o com aqueles olhos arregalados e mordendo o lábio de tanta apreensão, ele tratou de responder com bom humor.

– Não pense que vai se livrar de mim assim tão rápido, mocinha!

A jovem chegou a suspirar de alívio, mas logo perguntou.

– E aonde vai, meu irmão, vestido assim?

– Caçar algo para abastecer nossa despensa. O que achou?

– É muito bom para nós, meu senhor. – Falou Sian, emocionada. – Só o que tem feito...

Ele se ajoelhou à frente dela. Colocou o arco no chão e tomou as mãos magras da mulher entre as suas.

– Faço de coração, minha senhora. E pare de me tratar com tanta formalidade. Para a senhora, sou apenas Mark. Sente-se bem hoje?

– Sim, na medida do possível. – Ela fez uma pausa e olhou-o com uma expressão indefinível. Em seguida, surpreendeu-o com uma ordem firme. – Terrwyn, deixe-me conversar a sós com seu irmão.

– Agora, mãe? – A jovem estranhou.

– Sim. Vá, vá ajudar Berth. – Terrwyn deu de ombros e ia se afastando quando a mãe a chamou. – Ah, e Terrwyn...

– Sim?

– Nada de ficar ouvindo por detrás das paredes. – Mark abafou o riso, enquanto a irmã saía batendo os pés, vermelha como um tomate. Sian voltou-se para ele com a sombra de um sorriso dançando nos lábios descorados. – Ela é uma boa menina, Mark. Só precisa de orientação e amor.

– Eu sei. Terrwyn é realmente uma jovem adorável. Mas, o que queria falar comigo?

– É sobre seu pai.

No alto dos rochedos que cercavam Draig Fawr os dois homens corpulentos, vestidos com mantos de pele e rústicas túnicas de lã, observavam o movimento.

– Inferno! – Resmungou o mais velho. – Daria tudo para saber quem diabos é este forasteiro!

– Já falei que acho que é um parente. – Respondeu o mais jovem, um pouco mais alto que o primeiro. – Não se lembra do tal primo que veio meses atrás, aquele com um olho só?

Adwr ap Maddog revirou os olhos diante da burrice de seu sobrinho.

– Dwnn, o que você acha ou deixa de achar não tem a menor importância! E duvido que seja um primo distante, ou algo assim. O homem praticamente tomou conta de tudo! Consertou cercas, cuidou das poucas ovelhas que restaram, arrumou a carroça... até subir no telhado para arrumar as calhas ele subiu! Não meu caro sobrinho. Aí tem coisa. Ou ele é um pretendente à mão da jovem, ou então...

– Então o que, tio?

Ou então ele é o tal filho misterioso do qual Anwyn, o idiota, sempre falava. E se for, esse infeliz vai estragar os meus planos.

– Então nada, parvo! E cale a boca. Sua voz já está me dando nos nervos! Trate de ficar de olho no movimento do castelo. Quero dormir um pouco. Se o homem sair, me avise.

O rapaz deu de ombros e voltou ao posto de observação enquanto Adwr, enrolado no manto de peles, deitava-se no chão, caindo imediatamente no sono.

Mark, sentado diante de Sian, aguardava pacientemente que a mulher comesçasse a falar. Ela não o decepcionou.

– Esperei até que estivesse um pouco mais forte para ter esta conversa com você porque sei que ela será difícil para nós dois. Para mim será duro, pois é

impossível me lembrar de meu marido sem me emocionar. E para você... – ela suspirou e balançou a cabeça – vou começar do princípio.

Mark apenas assentiu. Ansioso, aguardou que Sian tomasse fôlego.

– Seu pai, Anwyn ap Iorwerth, era filho único de um nobre, senhor das terras de Draig Fawr. O senhor Iorwerth era um homem muito piedoso, que ficou viúvo logo cedo e nunca mais se casou. Quando o Santíssimo Padre, papa Eugênio III, exortou os fiéis a uma nova Cruzada, ele enviou seu único filho, Anwyn, à Terra Santa, como prova de sua fé em Nosso Senhor. Nesta época, Anwyn era apenas um jovem escudeiro, tinha pouco mais que dezesseis anos. Ele serviu por alguns anos na Palestina. Foi sagrado *chevalier* no campo de guerra, como prêmio por sua bravura durante o cerco a Damasco, em 1148, apesar do fracasso da campanha, conforme ele me contou. Bem, depois disso, Anwyn partiu junto com o senhor Barisan de Ibelin para Jerusalém.

– O senhor Barisan? – Mark perguntou de cenho franzido. O pai de Balian, o atual senhor de Ibelin, conhecera o seu. Teria Ibelin, o filho, conhecido seu pai também?

– Sim, Anwyn foi para Jerusalém como um de seus ajudantes de ordens, e lá ficou até o ano do Senhor de 1157.

– O ano em que nasci...

– Exato. Quando Anwyn chegou a Draig Fawr, três anos depois, os criados diziam que nem seu próprio pai o reconheceu. Estava magro, abatido, melancólico. Meu sogro achou que fosse devido à guerra e às privações que ele sofrera na Terra Santa. Tratou de mandá-lo à corte, na tentativa de fazer o filho se recuperar. Porém, pelo que soube mais tarde, Anwyn não se interessava por nada. O tempo passou e, em 1164, o senhor Rhys ap Gruffydd selou uma aliança com meu clã, os O'Dwyer, de Limerick. Eu tinha dezenove anos naquela época. Devido à minha doença e aos longos períodos em que fiquei recolhida numa abadia para me tratar, eu já tinha passado da idade em que as moças se casam. Apesar disso, era tão cheia de expectativas... – Os olhos de Sian ficaram marejados e sua voz não saiu. Mark apertou as mãos da mulher, compartilhando com ela a dor de ver seus sonhos despedaçados. Após alguns minutos, ela conseguiu retomar sua história. – Nós nos casamos na Irlanda e logo em seguida, viemos para Draig Fawr. Nosso casamento foi consumado ainda sob o teto de minha família. Depois disso, Anwyn se afastou de mim. A princípio acreditei que fosse apenas uma atitude cavalheiresca, que ele estivesse me dando um tempo para me acostumar com ele, com minha condição de mulher casada. Porém, com o passar dos meses, comecei a questionar essa atitude. Ele me disse que era muito mais velho do que eu, que temia não agradar a uma jovem na flor da idade. Que bobagem! – Ela deu um sorriso tímido e seus olhos adquiriram um

brilho saudoso. – Seu pai, mesmo aos trinta e seis anos, ainda era um homem muito atraente. Você, aliás, é muito parecido com ele. Ele possuía maneiras refinadas, era bem-educado, viajado. Eu me apaixonei por Anwyn naqueles primeiros meses em Draig Fawr. Mas, somente um ano depois, retomamos nossa vida em comum. Mesmo assim, ele ficava tanto tempo fora de casa, caçando ou indo à corte, que mal nos víamos. Enfim, os anos foram passando. Devido a esses desencontros, e creio eu, à minha saúde frágil, demorei muitos anos para engravidar. Quando contei ao seu pai que esperava um filho, lembro-me de que, pela primeira vez, vi um sorriso genuíno em seu rosto. Achei que a chegada do bebê fosse finalmente trazer Anwyn para perto de mim.

– E não trouxe, senhora? – Mark indagou em voz suave, mais para encorajá-la do que por mera curiosidade.

– Meu parto foi muito difícil. Sofri muito e passei quase um mês acamada. Fiquei muito fraca e sequer pude amamentar Terrwyn. Tive que arranjar uma ama-de-leite para minha filha. Anwyn decidiu então, para poupar-me de outra gravidez, afastar-se definitivamente de nosso leito conjugal. Ele se fechou mais ainda naquela melancolia, naquela tristeza que parecia corroê-lo por dentro. Um dia, chegou um mensageiro a Draig Fawr. Terrwyn devia ter já uns dois ou três anos na época. Lembro-me que seu pai ficou lívido ao ler a mensagem. Depois, trancou-se em seus aposentos por dois dias, sem sair sequer para se alimentar. Então, quando ele saiu, mortalmente pálido e mil vezes mais triste, eu soube de sua existência, Mark. Anwyn me contou sobre sua mãe, sobre o amor que sentia por ela. Disse que a maior tristeza de sua vida foi ter sido privado da convivência com a mulher que ele amava e de conhecer o filho que tiveram. Disse-me também que a mensagem que havia recebido, vinda da Terra Santa, dizia que seu filho estava desaparecido, talvez morto.

Mark sentiu que o ar lhe faltava. Então o pai soube dele! Soube e, ainda assim, não o procurou! Por quê? Por que abandonou tão completamente sua mãe e ele? Por que rompeu todo e qualquer contato com eles? Seria a ameaça dos *Hashashin* verdadeira?

– Senhora, sabe quem foi o autor desta mensagem que meu pai recebeu?

– Seu pai nunca me disse, mas eu tenho todas elas.

– Todas? Houve mais de uma, então?

– Sim. Vou lhe explicar para que possa compreender que, apesar de tudo, seu pai nunca foi um mau-caráter que seduziu e abandonou sua mãe. Ele simplesmente não podia voltar a Jerusalém.

– Não podia? – Indagou ele, intrigado.

– Não. Se Anwyn voltasse a pisar na Terra Santa, você e sua mãe seriam mortos.

CAPÍTULO IV

“E LÁ O VENTO LEVANTA TEMPESTADES TERRÍVEIS,
AÇOITANDO E AGITANDO AS ÁGUAS
ATÉ QUE SOBEM ÀS NUVENS, E OS CÉUS CHORAM”

Beowulf. Poema Anglo Saxão, séc. VII

Uma garoa fina caía lá fora, trazendo a umidade para dentro do castelo. A friagem parecia se infiltrar pelas pedras e penetrar nos ossos das pessoas abrigadas em seu interior. Sian aconchegou-se mais em suas mantas, enquanto Mark achava impossível espantar o frio, que parecia vir de dentro de sua alma. Ergueu-se do chão, onde esteve sentado o tempo todo, ouvindo o relato da viúva de seu pai. Deu alguns passos sem rumo pelo salão. Voltou-se novamente para Sian.

– Disse que ainda tem as mensagens que meu pai recebeu. Nunca teve curiosidade de ler?

– Claro que sim, meu rapaz. Porém, leio muito pouco e, além disso, está escrito em uma língua que não conheço. Gostaria de vê-las? – Ele apenas fez que sim com a cabeça e Sian apontou. – Vai achar uma pedra solta aí na lareira, do lado direito. Retire-a do lugar e encontrará um compartimento oculto. – Mark encaminhou-se ansioso até a lareira e seguiu as instruções de Sian. – Agora, puxe a caixa que está guardada lá no fundo.

Seus dedos tocaram a madeira empoeirada. Ele a arrastou para fora. Soprou a tampa da caixa e espanou com os dedos o pó e as teias de aranha que a envolviam. Era uma caixa de tamanho médio, do tipo que se fazia para guardar joias, confeccionada em madeira entalhada, já escurecida pelos anos. Acabou de limpar a superfície e franziu o cenho. Tirou o pó das laterais da caixa e observou com atenção os entalhes. Para tirar a dúvida, abriu a tampa, que rangeu e resistiu um pouco. Depois do cheiro de bolor inicialmente liberado, veio o perfume conhecido do sândalo. Sua mão crispou-se sobre a tampa entalhada. Era idêntica à que Bharakat, o pai de Leila, havia dado à Radegund, ainda em Jerusalém, anos atrás.

– Creio que vá querer examinar com calma o que há aí dentro.

A voz de Sian parecia vir de muito longe, penetrando na névoa que envolvia a mente de Mark. Seu cérebro estava mergulhado em mil e uma suposições. A caixa idêntica à de Raden não poderia ser uma coincidência. Conhecia aquele tipo de trabalho. Sabia que aqueles entalhes eram sempre únicos, não havia peças iguais. No entanto, até a madeira era a mesma; o sândalo. Vasculhando a caixa, pegou um dos pergaminhos dobrados e abriu. Escrito em árabe. Sian jamais conseguiria lê-los. Alguma coisa muito estranha estava acontecendo ali. Ou melhor, acontecera. Há mais de trinta anos. E agora, chegava a hora de

descobrir. Dobrando novamente o pergaminho, recolocou-o na caixa e fechou a tampa. Em seguida, voltou-se para Sian e respondeu.

– Vou precisar ler tudo com calma, Sian. Mas antes disso, irei caçar e abastecer nossa despensa, pois o sol não espera. Depois que voltar, terei tempo suficiente para ler as mensagens e descobrir o que exatamente aconteceu com meu pai.

– Está certo de que não quer ler agora?

– Senhora, quem esperou uma vida inteira, pode esperar mais algumas horas.

Depois de guardar a caixa em seus aposentos, Mark recolheu o arco que ficara no salão e despediu-se de Sian, saindo para o pátio. Selou Baco e montou-o, partindo na direção da estrada. Tão perdido em pensamentos que mal sentiu a chuvinha fina sobre a pele.

Delacroix

Jean observava Lothair e Gaetain lidarem com os falcões, supervisionados pelo paciente Gwydyon e por um dos falcoeiros. Achava aquelas aves fascinantes, donas de uma beleza selvagem e mortal. Tivera a chance de ver o capitão exercitando-as no campo. Encantou-se com a precisão de seu voo em direção à presa. Nada se escondia daqueles olhos poderosos, nem da determinação férrea daqueles pássaros. Eram perfeitas e eficientes máquinas de caçar.

– Veja, Jean! – Gaetain o chamou. – O gerifalte aceitou minha isca hoje! Creio que ele já está se acostumando comigo.

– Lembre-se rapazinho, – retrucou o capitão – que esta ave é um presente que o senhor Luc dará para a esposa por ocasião do nascimento do bebê. É para isto que a estamos treinando.

– Ah, Gwydyon! – O menino mostrou-se aborrecido. – Eu queria caçar com ele! Por que não permite?

– Talvez porque ele ainda não esteja pronto para caçar, meu jovem senhor. – Comentou Jean com seriedade.

– Vê, Gaetain. O menino Jean é sensato. Devia seguir seu exemplo. O gerifalte necessita de um treino maior, ou acabará se perdendo, ou se metendo numa disputa com as outras aves.

– Há outras aves, Gaetain! – Exclamou Lothair. – Veja só esta belezinha. Um peregrino destes voa mais rápido do que um raio!

– Não vai querer que sua tia fique sem seu presente, não é mesmo? – Indagou Jean.

Envolvidas com uma profusão de mantas, cortinas e roupinhas de bebê, Radegund e Clarisse remexiam em todos os baús que encontravam. Sentada numa cadeira confortável, a ruiva estendia no colo uma camisolinha de pagão.

– Veja, Clarisse! – Apontou o bordado delicado na frente da peça. – São as iniciais de Luc! Meu marido deve ter sido um bebê lindo!

– Prima, você acharia seu marido lindo mesmo que ele estivesse virado do avesso! Nunca vi um casal mais apaixonado do que vocês dois!

Raden colocou a roupinha junto ao peito e fitou a prima com os olhos carregados de emoção.

– Oh, Clair! Luc foi a melhor coisa que já aconteceu na minha vida. Gostaria tanto que você e Mark...

A mudança drástica na expressão de Clarisse fez com que ela interrompesse a frase. Maldita fosse sua língua grande!

– Ele não me quis, Radegund. – Retrucou Clarisse, amarga. – Seu amigo foi bem claro ao me dispensar antes de ir embora daqui.

Raden se levantou e abraçou a pequena loura.

– Por favor, prima, não o julgue tão severamente. Pode vir a se arrepender depois. Mark a ama, esteja certa disso.

Clarisse afastou-se dos braços de Radegund. Tinha o rosto banhado em lágrimas, a expressão transformada pela mágoa e pela revolta.

– Ele me ama? Eu duvido muito! – Rebateu sarcástica. – Ouça, Radegund, eu até compreendi que ele precisasse ir atrás do pai dele, descobrir o aconteceu, o porquê de ele e a mãe terem sido abandonados. Mas o que ele me disse, a forma como tudo acabou... Céus! Se ele tivesse me dito uma palavra apenas, se tivesse me pedido, eu lhe juro prima, que eu o esperaria pelo tempo que fosse preciso!

– Clair! Eu... eu não sei o que dizer!

Clarisse a encarou determinada, os punhos fechados ao lado do corpo.

– Diga-me a verdade, Radegund! De uma vez por todas. Conte-me por que Mark rompeu tudo de maneira tão definitiva. Que maldito segredo é esse que vocês guardam?

Ela atirou cada frase em seu rosto aos gritos. Radegund chegou a dar um passo para trás, chocada com a fúria de Clarisse. Sentia-se dolorosamente dividida entre a lealdade para com o amigo e o amor que sentia pela prima. Queria muito poder contar a ela sobre as desconfianças de Mark. Porém, não poderia traí-lo. Vendo-se impotente, deixou os braços caírem ao longo do corpo, balançando a cabeça, incapaz de encarar sua prima.

Clarisse fechou os olhos com força. Esteve tão perto de saber! E no fundo, entretanto, sabia que a prima jamais trairia a palavra empenhada. Maldita fosse

aquela lealdade quase doentia!

– Sinto muito, Clair. – Radegund lamentou, sentindo-se culpada. – Eu não posso lhe dizer.

Chorando e sem dizer mais nem uma palavra, Clarisse deu-lhe as costas e saiu apressada da torre. Fazendo Radegund se sentir a mais cruel das criaturas.

Draig Fawr

Adwr e Dwinn aguardaram o cavaleiro desaparecer atrás das colinas de Draig Fawr para, só então, reunirem seus pertences, selarem os cavalos e galoparem em direção ao castelo.

Fynchan, parado no meio da ponte, fez com que os dois detivessem suas montarias.

– Saia da frente, paspalho! – Rosnou Adwr. – Quero ver sua senhora!

– Ela está doente, senhor. Não recebe visitas.

O homem estreitou os olhos e retrucou, debochado.

– Ora, meu caro Fynchan. Duvido que Sian se recuse a receber um velho amigo da família.

Dito isso, Adwr adiantou a montaria, obrigando o soldado a dar um pulo para o lado para não ser pisoteado. Desmontou no pátio, seguido do sobrinho. Entrou pelo salão como se fosse o dono da casa.

– Sian, minha cara! Vim lhe fazer uma... – sua voz morreu na garganta ao se deparar com Terrwyn, de pé ao lado da mãe, trajando um vestido simples – ora, vejam só! A filhinha de Anwyn cresceu!

Terrwyn amaldiçoou a hora em que resolveu usar aquele vestido. Quis se trajar como uma moça, e não como um moleque como sempre fizera, só para ganhar mais um elogio de seu irmão. Se tivesse adivinhado que aquele porco imundo iria aparecer ali, teria rolado no chiqueiro só para espantá-lo. O pior de tudo era o fato daquele brutamontes olhá-la de um jeito que lhe dava arrepios de nojo. Só faltava babar! E aquele imbecil do sobrinho dele, com seu sorriso de dentes podres e roupas imundas? Cruzes! A criatura fedia mais do que um curral. Procurando manter-se firme e não deixar transparecer o incômodo diante da maneira lasciva como era observada, Terrwyn empertigou-se. Pousou uma das mãos sobre o ombro da mãe, que estava sentada em uma cadeira. Em seguida encarou Adwr.

– O que deseja, senhor?

Adwr deu alguns passos para frente. Parou bem perto dela e da mãe.

– A princípio, vim receber uma dívida. Agora que eu a vi, confesso que pensei numa outra forma de pagamento pelo que seu pai me deve.

– Sabe que meu pai está morto e que não temos ouro, Adwr.

Ele fez que sim com a cabeça e olhou para seus seios. Terrwyn resistiu ao impulso de se cobrir com as mãos. Não iria dar esse gostinho ao bastardo!

– Quem é o homem que está hospedado no castelo?

Terrwyn franziu o cenho.

– Esteve nos espionando?

Adwr deu uma risada malévola, e foi imitado pelo sobrinho, que permanecia postado a porta do salão.

– Apenas por uma questão de segurança, minha menina. – Ele esticou a mão para tentar tocar seu rosto, mas ela se afastou. – Ora, é arredia! Que seja. Bem, – ele olhou para a apavorada e ainda mais pálida Sian – considerarei sua dívida quitada se me der sua filha em troca dela.

– O quê? – Gritou Sian. – Está louco, Maddog? Minha filha não é uma mercadoria, não está à venda. Ponha-se daqui para fora, imediatamente!

Ele apenas gargalhou e abaixou-se, apoiando as mãos nos braços da cadeira de Sian, falando bem perto de seu rosto.

– Não está em condições de impor coisa alguma, minha senhora. – Ele olhou para ela de cima a baixo com desprezo evidente. – O que uma mulher doente como você pode fazer contra mim? Nada!

Terrwyn se irritou. Empurrou Adwr para longe de Sian. Apanhado de surpresa, ele cambaleou para trás. Logo se ajeitou e olhou para ela com raiva.

– Não devia ter feito isso, mocinha. Não tolero uma noiva insubordinada. – Ele deu um passo na direção da jovem, que se afastou. – E como vai ser minha, começarei desde já a ensiná-la a se comportar como deve.

Antes que Terrwyn pudesse recuar, a mão grossa e peluda de Adwr já se fechava em seu braço. Embora se debatesse, foi arrastada com violência até chegarem à frente da cadeira de Sian.

– Vou lhe mostrar, mulher, como educo minha futura esposa.

– Não! – Sian gritou adivinhando as intenções de Adwr. – Deixe minha filha em paz!

Mesmo enfraquecida, Sian conseguiu se erguer da cadeira e avançou contra Adwr, fincando-lhe as unhas no rosto.

– Cadela! – Berrou.

Esbofeteou Sian com tanta força, que ela foi atirada contra a parede. Caiu meio sentada no chão, desacordada.

– Mãe! – Revoltada, Terrwyn reuniu ainda mais forças para lutar contra seu captor. – Covarde!

Começou a se debater furiosamente, a chutar e a distribuir unhas sobre Adwr. Seus gritos foram ouvidos por Fynchan e pela criada, Berth, que correram até o salão. Adwr, porém deu uma ordem ao sobrinho.

– Cuide deles, Dwenn, enquanto me divirto com minha noiva! – E olhando para Terrwyn, debochou. – Se fizer o que mando bem direitinho, garoto, posso até emprestá-la para você...

Animado, Dwenn derrubou Fynchan com um soco. Berth, apavorada, desmaiou.

Uma risada maldosa acompanhou a última frase de Adwr. Terrwyn desesperou-se. Lutou com fúria redobrada. Adwr, maior e mais corpulento, conseguiu contê-la. Encurralou-a contra a parede.

– Não! Bastardo! Largue-me!

– Só depois de terminar com você!

Puxou-a pelos cabelos e agarrou um de seus braços. Empurrou-a contra a parede, enquanto forçava um joelho entre suas pernas. Terrwyn sentiu vontade de vomitar quando Adwr tentou beijá-la. Mordeu-o com toda força. A gosto de sangue aumentou sua náusea.

– Vadia!

A bofetada violenta atirou Terrwyn ao chão. Seu rosto bateu contra as pedras ásperas, esfolando-se. Antes que tivesse a chance de se erguer, Adwr colocou um joelho sobre suas costas e forçou sua cabeça contra o piso.

– Vai me dar o que quero, por bem ou por mal!

Desesperada, Terrwyn se debateu. Sentiu a saia e a anágua sendo levantadas. O frio envolveu suas pernas nuas. O gosto do próprio sangue invadiu a boca, descendo de seu nariz. Por um ínfimo momento suspenso no tempo, fixou os olhos nas reentrâncias das pedras contra as quais seu rosto estava pressionado. Notou que elas estavam manchadas de vermelho; um filete bem fino corria entre a junta do piso e sumia através da fenda. Talvez, se pudesse desaparecer também por um buraco no solo...

A mão áspera meteu-se entre suas coxas, sacudindo a mente de Terrwyn do torpor no qual se refugiara. Seria estuprada por aquele animal, e também pelo sobrinho dele. A repugnância do fato levou-a a um desespero insano. Contorceu-se, na tentativa de se libertar, mas o máximo que conseguiu foi ter seus cabelos puxados com violência e a cabeça batida contra o chão. Luzes espocaram diante de seus olhos. O peso de Adwr sobre ela aumentou, bem como o pânico. Quase sem forças, horrorizada, gritou seu desespero. Chamou o nome da única pessoa que, se estivesse ali, poderia salvá-la de ser violada daquela forma.

– Maaaaark!

Assim que Baco fez a curva na estrada, e que Draig Fawr saiu de seu campo de visão, Mark avistou um cavaleiro vindo em sentido oposto. Reduziu a marcha de seu cavalo e pousou a mão no punho da *shamshir*. Não conhecia a região.

Não sabia se o viajante solitário era amigo ou inimigo. Porém, conforme o homem foi se aproximando, o espanto foi se fazendo presente. No instante em que conseguiu distinguir-lhe o rosto com clareza, o espanto se transformou em genuína alegria.

– Gilchrist O’Mulryan! – Adiantou Baco num trote ligeiro até encontrar com o velho companheiro. Apertou-lhe a mão estendida. – O quê, homem de Deus, faz perdido no meio de Gales?

– Bakkar! Parece que os anos foram generosos com você! – Gilchrist abriu um grande sorriso, cumprimentando o amigo. – Na verdade, eu vim procurá-lo.

– A mim? Por quê?

– É uma longa história. Antes de contá-la, eu gostaria de sair desta chuva, desmontar e pisar em terra firme de novo. Há horas que venho cavalgando sem parar.

– Pois que seja, então! – Falou Mark animado, virando Baco na direção do castelo. – Voltemos a Draig Fawr!

Gilchrist o acompanhou no trote. Foram conversando animadamente. Contornaram a colina, e Mark pode avistar o castelo. Uma súbita apreensão tomou conta dele. Uma sensação indefinível de perigo no ar, que o fez incitar Baco a ir mais rápido. Gilchrist estranhou a pressa repentina.

– Ei! O que houve?

– Não sei, Gil. – Falou de cenho franzido. – Sinto que há algo errado.

Ambos estimularam as montarias ao galope. Rapidamente alcançaram a velha construção de pedras e cruzaram a ponte de madeira. Antes mesmo de entrarem no pátio, notaram duas montarias estranhas. Quando Mark apeou, já com a cimitarra na mão, ouviu o grito desesperado de Terrwyn.

– Maaaaark!

O homem à porta do salão foi o primeiro a ser agarrado pelas roupas e jogado para fora. Mark viu então o estranho que tentava estuprar sua irmã.

– Cuide do infeliz, Gil! – Rugiu, apontando o sujeito que fora atirado para fora do salão. – Eu acerto as contas com o animal.

Adwr, preso à própria luxúria, só muito tarde se deu conta dos ruídos as suas costas. Um rosnado selvagem o alertou. Girou a cabeça para trás, sem largar sua presa. Arregalou os olhos e esboçou um movimento na direção da espada embainhada. Algo riscou o ar diante dele. Um brilho fugaz. O aço damasceno acariciou seu pescoço, num beijo gélido. Foi a última vez que Adwr viu ou ouviu algo. Sua cabeça foi separada do corpo por um preciso golpe da temida *shamshir* de al-Bakkar. Caiu com um baque seco e rolou pelo chão.

O sangue do galês espirrou sobre o mestiço. Esguichou em profusão sobre

Terrwyn, o chão e as paredes ao redor. Diante dos restos sem vida, Mark ainda precisou de alguns segundos para controlar a sede de sangue que o possuía. O coração trovejava no peito, ecoando em seus ouvidos. Sua visão estava nublada por uma névoa avermelhada.

Jamais havia sentido uma fúria tão violenta, um instinto assassino tão intenso e poderoso. Nunca sentira a voz do sangue clamar dentro de suas veias pela defesa da honra de um dos seus. Agora entendia. Sentia na pele a força que moveu Radegund por tanto tempo. Seus olhos talvez brilhassem neste momento com aquela mesma intensidade insana que conheceu há alguns anos no olhar dela. A mão ainda tremia no punho da arma, na tentativa de conter o desejo de retalhar o corpo do animal que ia violentar sua irmã.

Sua irmã!

– Terrwyn! – Agachou-se ao lado da jovem e a fez se voltar para ele. – Terrwyn, fale comigo, irmãzinha!

Gilchrist, ao notar que o invasor se levantava, sacou a adaga e avançou sobre ele.

– Parado aí!

Dwnn, entretanto não lhe deu ouvidos. Começou a correr. O irlandês partiu em seu encalço, mas o homem conseguiu alcançar o cavalo, tentando desajeitadamente montar. Jogando a adaga de lado, Gilchrist puxou a besta presa às costas. Em menos de três segundos a armou, fez pontaria e, justamente no momento em que puxava o gatilho, a montaria de Dwnn empinou. A seta errou o alvo, cravando-se na perna do bandido. Com um gemido, Dwnn incitou o cavalo num galope.

Sabendo ser uma imprudência sair no encalço do homem, pois não sabia se ele tinha outros comparsas, Gilchrist baixou a arma. Observou os arredores e, sentindo-se em relativa segurança, recuou para dentro do castelo.

Delacroix

Após a impetuosa saída de Clarisse, Radegund resolveu permanecer na torre, arrumando as roupinhas de bebê que encontrara. Era bastante honesta consigo mesma para admitir que estava tentando evitar a prima. Aproveitava também para remoer o culpa que sentia, por não poder contar a Clarisse a respeito dos motivos de Mark ter rompido com ela. Suspirou, agastada, e tentou se concentrar nas peças que trazia dobradas no colo. Olhou para a pequena janela e notou que o sol já ia baixo; logo seria hora do jantar. Colocou as roupinhas que havia separado dentro de um cesto. Levantou-se da cadeira onde tinha ficado sentada a tarde toda. Esticou o corpo com um gemido, ao sentir uma discreta

pontada na parte baixa do ventre.

– Diabos! Fiquei sentada por tempo demais. – Resmungou.

Ainda bem que agora faltava pouco. Em três, no máximo quatro semanas, seu bebê já estaria em seus braços. Com um suspiro, Radegund contornou os baús espalhados. Foi até a janela para dar uma espiada. Luc e os operários continuavam lá em baixo, em meio a uma agitação frenética. Balançou a cabeça, achando graça. Luc e suas ideias...

Virou-se para deixar o aposento. Iria pedir a Trudy que viesse buscar o cesto com as roupas mais tarde. No entanto, um velho baú encostado num canto chamou a sua atenção. Não o vira antes. Decerto porque ficara por detrás dos outros. Imaginou que poderia haver mais roupinhas de Luc ali dentro. Ou até mesmo outros objetos que a fizessem sonhar acordada – como fizera boa parte da tarde – com a época em que o marido era apenas um menino. Curiosa, resolveu dar uma última olhada.

Notou o brasão dos LeFort entalhado na madeira e, logo abaixo, as iniciais de seu marido, junto às armas de Delacroix. Deviam ser mesmo as coisas dele. Talvez coisas que os avós haviam guardado para um neto. Procurou os fechos e, soltando-os, ergueu a tampa. Um tecido grosso protegia o conteúdo. Cobriu o nariz e a boca com uma das mãos, resguardando-se da poeira, e o afastou.

A primeira coisa que chamou sua atenção foi uma caixa de madeira, entalhada com padrões nitidamente sarracenos. Tomou-a nas mãos e examinou-a com cuidado. Se não fosse pelo fato de ter mexido recentemente em sua própria caixa de joias, que fora presente do pai de Leila, juraria que a peça que tinha nas mãos era a sua.

– Que estranho... – murmurou sozinha, enquanto abria a caixa.

Encontrou diversos papéis dobrados. Alguns escritos em árabe, outros na língua dos francos. Passou os olhos sobre eles, sem ler exatamente, cada vez mais intrigada. A última folha de papel, porém, que trazia rompido um selo que ela nunca vira igual, lhe trouxe uma súbita apreensão. Leu e releu várias vezes, chegando a fazê-lo em voz alta para tentar se convencer de que era real. Seu coração estava disparado no peito. A respiração se tornara entrecortada.

Era uma lista de nomes. Muitos desconhecidos, outros dos quais ela já ouvira falar. E alguns conhecidos até demais. Estes ela os leu em voz alta, mais de uma vez.

– Balian de Ibelin, Lothair de Delacroix, Michael de Cornwall, Bharakat ibn Mahmoud, Yosef de Tiro, Anwyn ap Iorwerth... – o último nome saiu num sussurro – ...Luc de Delacroix.

O que diabos significava aquilo?

Olhou em volta, com receio de ser surpreendida. Dobrou rapidamente o

papel, enfiou-o no corpete do vestido e olhou pela janela. A luz do sol já quase se extinguiu por completo. Fitou novamente o baú a seus pés, temendo e ansiando pelo que ele lhe revelaria. O que mais sairia daquela caixa de Pandora?

Com mãos trêmulas puxou o pano, revelando o que restava no baú. O tecido branco, um pouco amarelado pelo tempo, ofuscou seus olhos no momento em que pegou o traje e o ergueu. Em suas mãos, a túnica de cavalaria, ostentando uma grande cruz vermelha na frente, debochava dela. Evocava lembranças de um passado doloroso que gostaria de esquecer. Imagens, sensações, cheiros e sons voltaram para atormentá-la. A risada sinistra do maldito inquisidor da Ordem ecoava em seus ouvidos. Voltando do inferno para onde o enviara, apenas para zombar dela.

O traje queimava seus dedos. Ainda assim, não conseguia largá-lo. Nem parar de fixar o uniforme da Ordem dos Cavaleiros do Templo em suas mãos. Ansiosa, revirou as costuras. Encontrou as iniciais do marido bordadas no interior, confirmando a quem pertencia a roupa.

Trêmula, Radegund amassou o traje entre as mãos. Mágoa, raiva, medo e dor borbulhavam dentro dela. Luc – *seu* Luc – fora um homem do Templo. E ela jamais soubera; ele jamais lhe dissera.

Como uma faca afiada, a dor a atravessou subitamente, fazendo-a largar o traje. Levando as mãos ao abdome, Radegund sentiu outra onda de dor intensa. Gritou, sem que pudesse evitar. Apoiando-se nos baús e móveis atravancados, ainda conseguiu dar alguns passos. Foi tomada novamente pela dor. Sentiu a umidade quente escorrer pelas pernas. Os joelhos se dobraram no instante em que alcançou a porta. Ainda conseguiu gritar mais uma vez, sem querer, o nome de seu marido.

– Luc!

Depois, perdeu os sentidos, com o choque e a dor.

CAPÍTULO V

“NOSSO TEMPO ESTÁ DESNORTEADO.”
Hamlet. Ato 1, cena 5. William Shakespeare

Draig Fawr

Terrwyn ainda estava em pânico. Olhava para irmão sem enxergá-lo de fato. Coberto pelo sangue de Adwr, Mark lhe estendia a mão.

– Terrwyn – repetiu em voz suave, ao vê-la encolher-se de medo – Tudo bem, menina. Sou eu, Mark, seu irmão.

– Mark... – a voz escapou num sopro dos lábios da jovem, que tentava se erguer do chão. A consciência chegou aos seus olhos e ela finalmente o viu. – Mark!

Atirou-se sobre ele e chorou copiosamente. Mark respirou aliviado. Abraçou a irmã com força, agradecendo mais uma vez à intuição que nunca falhava. Se demorasse apenas mais alguns minutos na estrada... não, não iria pensar nisso. Terrwyn estava ali, salva. Era só o que importava.

Gilchrist voltou ao salão, praguejando.

– Inferno! O bastardo fugiu! – Olhou então ao redor e viu Sian caída. Correu para socorrê-la. – Sian!

Atraída pela voz do irlandês, Terrwyn soltou-se dos braços de Mark. Procurou pela mãe.

– Mãe?

Antes que pudesse se aproximar, no entanto, o tom de Gilchrist, tenso e baixo, a fez tremer.

– Bakkar.

Correu para o local onde Sian fora atirada por Adwr. Ao ver seus olhos vidrados, e o pescoço num ângulo estranho, deixou escapar um grito de puro desespero.

– Mãe! – Abraçando a morta, sem se dar conta que o sangue que a cobria manchava as roupas simples, embalou-a como a uma criança. – Mãe! Não me deixe, por favor! Fale comigo, mãe! – A jovem segurou o rosto sem vida da mulher entre suas mãos. – Olhe para mim, mãe! Não me deixe sozinha! Mãe! Por favor, fale comigo!

Gilchrist e Mark sentiram-se impotentes diante do inevitável. Mark viu a si mesmo no lugar da irmã, há muitos anos atrás, quando Aziza, atacada por uma febre maligna, morreu em seus braços. Dividiu com Terrwyn o mesmo desespero, a mesma incerteza, o mesmo pânico de perder a principal referência de sua vida. O irlandês foi o primeiro a se recuperar. Abaixando-se, tocou o ombro de Terrwyn gentilmente.

– Sinto muito, minha jovem. – Falou em voz contida. – Ela já se foi. Permita-nos cuidar dela.

Terrwyn balançou a cabeça, numa vã negação. Sem forças, porém, deixou que Gilchrist a soltasse do corpo da mãe e a levasse para uma cadeira. Mark, ainda abalado com o desfecho trágico de um dia que começara tão sereno, cobriu Sian com uma manta. Fynchan, que recuperara os sentidos, aproximou-se desolado. Voltou-se para onde estava o corpo de Adwr e, em seguida, avisou Mark.

– Senhor, terão que fugir daqui o mais rápido possível.

Afastando-se do corpo de Sian, Mark indagou.

– Como assim, Fynchan?

– Quando os homens de Maddog derem pela falta dele, virão direto para cá. Cairão sobre Draig Fawr como um enxame.

– Ele tem razão, Bakkar – completou Gilchrist, acabando de acomodar Terrwyn – o outro bastardo fugiu. Ele alertará o resto do bando. Temos que sair daqui o quanto antes.

– Eu não vou deixar minha casa!

Mark se aproximou da irmã. Compreendia que estava sob forte comoção. Falou suavemente com ela.

– Eu sinto muito, Terrwyn. Não há escolha. Somos apenas eu, Gil e Fynchan. Não temos como defender Draig Fawr de um ataque. Seríamos dizimados.

Ela ergueu o rosto ferido. Encarou-o com os olhos castanhos suplicantes, anuviados pelas lágrimas.

– Por que, Mark?

– Ah, criança – ele a abraçou – eu não sei. Se pudesse poupá-la dessa dor, desse sofrimento, eu o faria. Mas não há como. Temos que sepultar Sian e partir o quanto antes.

– E para onde vamos, meu irmão?

– Ainda não decidi. – Ajudou-a a se recompor e ordenou. – Agora vá. Limpe-se e reúna seus pertences. Leve o necessário para uma viagem longa. Agasalho, cobertor, roupas confortáveis e sapatos resistentes. Mas limite-se a apenas dois alforjes. – Instruiu. – Pegue provisões para dois dias; é o bastante até alcançarmos um lugar seguro. Nós cuidaremos de Sian.

– E Berth? – Ela procurou com os olhos pela criada.

– Está despertando, – respondeu Fynchan – não se preocupe conosco, senhorita. Nós temos amigos nas montanhas. Assim que partirem, subiremos os rochedos. Nenhum dos homens de Adwr poderá nos encontrar.

– Muito bem, então – interveio Gilchrist – vamos nos apressar. As horas

passam depressa e o tempo está ruim. É bom tomarmos a dianteira.

– Vamos, Terrwyn? – Chamou Mark.

Em silêncio, ela assentiu. Com um olhar triste se despediu de sua mãe e de seu lar.

Delacroix

Quando Radegund gritou de dor pela segunda vez, e caiu à porta do aposento, Trudy, que arrumava os quartos no andar de baixo, subiu correndo as escadas. Deparando-se com a ruiva caída no chão e com as saias molhadas deduziu logo que havia algo errado com o bebê.

– Acalme-se, minha senhora, vou buscar ajuda!

Voltou às escadas e gritou por alguém. Logo, Roger e Gwydyon vieram. Quando chegaram, Radegund se contorcia de dor.

– Oh, Deus! – Gemia – Trudy, chame Clarisse! Meu bebê vai nascer!

Gwydyon ergueu a dama nos braços e levou-a para os aposentos senhoriais, enquanto Trudy corria pelos corredores atrás de Clarisse.

– Vou chamar meu senhor Luc! – Avisou Roger.

– Não! – Gritou Raden em meio a mais uma onda de dor.

– Mas, dama... – Roger ficou sem saber o que fazer.

Gwydyon não fez caso.

– Vá, homem! A senhora não consegue sequer raciocinar direito de tanta dor. Chame *messire* Luc!

– Não, Gwydyon... – ela gemeu, crispando as mãos sobre o ventre, enquanto o capitão a colocava sobre a cama do casal.

Atordoada, só conseguia se lembrar da imagem da túnica dos templários que encontrara. Seu marido, seu Luc. Não, ele não podia ser um cavaleiro do Templo, não podia fazer parte daquela corja de assassinos!

– Oh! Deus!

Mais uma onda de dor e ela se dobrou na cama. Gwydyon, sem saber como agir naquele assunto estritamente feminino, respirou aliviado quando Clarisse entrou no quarto, acompanhada por mais duas mulheres.

– Ainda bem que chegou, dama! – Ele falou. – Ela está com tanta dor que nem fala coisa com coisa.

Aproximando-se da prima, Clarisse respondeu.

– Tudo bem, Gwydyon. Obrigada por tê-la trazido. Luc já está vindo. Pode ir agora, deixe-nos a sós. Permita que apenas meu cunhado entre, mais ninguém.

Assentindo, o capitão deixou os aposentos, fechando a porta atrás de si. Lá dentro, Clarisse e as outras mulheres despiam Radegund e a recostavam nos travesseiros. A prima encontrou a lista que ela escondeu no corpete e perguntou.

– O que é isso?

Agarrando o punho de Clarisse ela implorou.

– Esconda! – Uma nova onda de dor fez com que se contorcesse. Grunhiu com os dentes cerrados. – Esconda, não deixe que Luc veja!

– Luc!? Mas, Raden...

– Esconda, Clarisse! – Gritou em meio à outra contração.

Clarisse desistiu de argumentar, e enfiou o papel nas dobras do vestido. Tratou de organizar tudo para o parto. Lavou bem as mãos, providenciou panos limpos e examinou a prima. Mal terminou de verificar as condições da dilatação, quando Luc entrou como um vendaval pela porta do aposento. Observou estupefata a prima se contorcer mais ainda, e se encolher de encontro à cabeceira da cama. Pálida e de olhos arregalados na direção de seu cunhado, como se estivesse... nossa, era como se Radegund estivesse com *medo* de Luc! Ora, que bobagem. Isso era impossível!

Alheio a tudo, Luc só tinha olhos para o sofrimento da esposa. Aproximou-se dela e murmurou carinhoso.

– Estou aqui com você, meu amor.

Radegund arregalou mais ainda os olhos quando Luc se sentou ao seu lado na cama, tomando-lhe a mão crispada. Dividida entre o pânico que a descoberta lhe causava e o desejo de ter o apoio de seu homem naquele momento. A segunda opção venceu quando mais uma contração veio.

Taverna A Rosa Dourada

– Disse para não vir até aqui. É arriscado demais. Pode colocar tudo a perder!

– Acalme-se, – disse com suavidade – todos estão concentrados no nascimento da criança. Parece que seu tempo se antecipou.

– Ora, a criança está chegando ao mundo? – Sua voz soou satisfeita. – É perfeito. Um bom sinal. E quanto a você, teve problemas para entrar no castelo?

– Claro que não. Delacroix é um lugar muito grande. É fácil entrar e sair sem ser notado. Principalmente com a reforma.

– Pois bem, continue fazendo seu trabalho. – Voltou-se para seu interlocutor, os olhos brilhando como brasas no aposento escuro. – Esta é apenas a primeira parte de meu plano. Quando todos eles estiverem aqui – estendeu a mão encarquilhada à frente – esmagarei um por um. Reduzirei seus espíritos a nada, lançarei a todos nas trevas mais profundas. Eles se arrependerão do dia em que nasceram!

Do outro lado do aposento, brilhou um sorriso de maldade. Nada lhe daria mais prazer do que cumprir aqueles desígnios.

Delacroix

O trabalho de parto se estendia interminavelmente. Fazia horas que havia escurecido. Ela estava exausta, vulnerável e com medo. Não queria se sentir assim. Aquela criatura acuada como um rato não era ela. Porém, como evitar?

Por mais que desviasse o rumo dos pensamentos, eles insistiam em voltar ao mesmo lugar, atirando-a naquela cela fétida em Tiro. De forma tão intensa, que era capaz de sentir o gosto metálico do próprio sangue misturado a bile que subia a cada pancada que atingia seu estômago. O suor escorria sobre a pele, salgando os incontáveis cortes, misturando-se ao sangue que brotava de cada um deles. Ambos empapando suas calças, colando a lã nas pernas exaustas de tentar mantê-la de pé enquanto era surrada. Quando os joelhos inadvertidamente cediam, a dor dos grilhões enterrando-se na carne de seus pulsos a resgatava da beira da inconsciência, puxando-a novamente para um novo ciclo de dor e desespero. Então houve aquele momento quando, entre a névoa de suor, sangue e cabelos que cobria seu rosto, ela viu o brilho nos olhos cruéis de seu torturador. Como se apenas naquele momento ele tivesse se dado conta de que, embora fosse um soldado, ela ainda era uma mulher. E de que havia ainda um tipo de tortura mais vil e mais baixa que poderia ser imposta a seu corpo e seu espírito. Sentiu mais dor quando a faca cortou os cordões que atavam a calça, do que quando a lâmina dilacerava a pele. Sua alma gritou. Mordeu o lábio cortado para não emitir nenhum som. Qualquer fiapo de esperança se desvaneceu quando a mão do torturador agarrou o cós da calça.

– Radegund!

Não teve como evitar o sobressalto, nem o gemido angustiado que escapou de seus lábios quando as mãos de Luc apertaram seus ombros. Sem aviso, outra onda de dor atravessou seu corpo, uma espada invisível que parecia rasgá-la em duas. E dessa vez, querendo ou não, ela gritou.

Clarisse havia instruído Luc a sentar-se por trás da prima e a segurá-la por sob os braços.

– Pelo amor de Deus, Clarisse! Faça alguma coisa! – Luc implorou enquanto observava os olhos de Radegund revirarem nas órbitas no momento em que chegava outra contração. – Ela não está bem...

Procurando manter a calma, Clarisse ergueu o olhar que até então estava fixado entre as pernas da prima, aguardando a cabeça do bebê surgir, e fitou o cunhado.

– É preciso deixar a natureza seguir seu curso. A criança está em boa

posição. Logo virá. Tente se acalmar e acalmar sua mulher.

Assim, após longas horas, com o apoio do pai e amparada pelas mãos competentes de sua prima Clarisse, veio ao mundo Elizabeth, a pequena herdeira de Luc de Delacroix.

Gales

Com a escuridão da noite, Mark, Gilchrist e Terrwyn saíram da estrada. Embrenharam-se pelas montanhas, em busca de um local seguro para acamparem.

A despedida de Draig Fawr foi a mais triste possível. O breve sepultamento de Sian, acompanhado de uma prece sentida de sua filha, marcou o início da árdua jornada. A jovem se despediu de Fynchan e Berth com lágrimas nos olhos, sabendo que aquela era a última vez que abraçava os dedicados servos. Depois, vestida com uma de suas velhas calças de trabalho, e envolta num manto grosso, entregou os alforjes ao irmão. Como em Draig Fawr não dispunham de mais nenhuma montaria, Terrwyn viajou ora com o irmão, ora com o irlandês. Assim, evitariam que os animais carregassem peso extra por muito tempo. O plano de Mark e Gilchrist era alcançarem Cardiff em dois dias. De lá atravessariam para Bristol, onde conseguiriam um barco que cruzasse o canal rumo ao continente.

Depois de organizarem o acampamento e cuidarem dos cavalos, os três se sentaram diante da pequena fogueira. Gilchrist a acendeu dentro de um buraco, para que o fogo não atraísse a atenção de ninguém sobre eles. Sentada num canto, Terrwyn, além de silenciosa, permanecia completamente apática.

Mark observou a irmã pela enésima vez. Preocupava-se com seu estado, que em nada lembrava a jovem espreitada que soltara dúzias de rãs em seu quarto. Enrolada no manto, ela fitava o fogo com os olhos castanhos repletos de dúvidas. Olhando para ela, com aqueles cabelos curtos e o rostinho delicado ferido pela agressão que sofrera, sentia o coração se apertar de preocupação. Como se lesse seus pensamentos, Gilchrist comentou.

– Dê-lhe tempo, Bakkar.

Mark olhou para o amigo, a fisionomia cansada e preocupada.

– Eu sei. Mesmo assim, não há como não me preocupar. – Fez uma pausa e olhou para o fogo, falando mais para si mesmo do que para o irlandês. – Nunca imaginei que teria uma família novamente. Depois que meu avô morreu, minha família foram meus amigos. E mesmo assim, nunca me preocupei tanto com alguém como me preocupo com Terrwyn.

– Exceto com Radegund. – Constatou Gilchrist com suavidade.

– Sim, exceto com ela. Desde que nos conhecemos, Radegund se tornou o mais próximo que eu tinha de uma família. Até agora.

Falar na amiga lhe trouxe uma estranha e súbita apreensão. A conhecida sensação de perigo, que tantas vezes o assaltara, penetrou em seu espírito com força total. Foi tão intensa, que precisou respirar fundo algumas vezes. Só assim controlou a onda opressiva que teimava em envolvê-lo.

Nos últimos dias, ocupado com as novidades e o trabalho em Draig Fawr, ele se desligara da ruiva. Mas agora que pensava na amiga, um frio conhecido começava a lhe corroer a alma. Radegund precisava dele. Alguma coisa não estava certa com ela; podia sentir sua angústia mesmo a milhas de distância. A decisão veio de forma instintiva. As palavras saíram de sua boca sem nem mesmo passarem por um nível consciente de seu cérebro.

– Seguiremos para Delacroix.

– O que disse?

– Delacroix, a casa de Radegund. Vamos para lá. – Ao dizer isso, se lembrou de Clarisse. Remexeu-se de encontro à árvore na qual se apoiara.

Diabos! Ir para Delacroix significava encarar Clarisse; encarar a tentação daqueles olhos azuis. Na certa ela estaria por lá. Claro. Já devia ser época do bebê de Raden nascer. Ela, com certeza, ficaria em Delacroix para auxiliar a prima.

Respirou fundo tentando, sem sucesso, apagar a imagem da loura em seus braços, na noite em que voltaram da velha torre Gombault. A noite em que se entregaram um ao outro de tal forma que nunca mais nenhum dos dois foi o mesmo. As sensações despertadas naquela noite o acompanhavam dia e noite. Clarisse ficara impregnada nele. E por mais que lutasse para mantê-la afastada de seus pensamentos, era preciso muito pouco para reavivar as lembranças. Um cheiro, uma cor, a visão do céu azul como os olhos dela.

Dissera a Raden, no dia em que partiu de Delacroix, que se não pudesse ter Clarisse, viveria o inferno em vida. E essa era a mais pura verdade. Céus! Até mesmo as noitadas nas tavernas haviam perdido a graça!

Mark esfregou os olhos e procurou mudar o rumo dos pensamentos para não enlouquecer. Lançou um olhar para Terrwyn. Apesar de Clarisse, Delacroix seria o lugar ideal para levar sua irmã. Lá ela teria segurança e proteção. E ele poderia continuar a investigar a história de seu pai sem colocar a jovem em risco. Ao pensar no assunto, recordou-se da caixa com as mensagens.

Diabos! Com toda aquela confusão, ele simplesmente não examinara os papéis. Com certeza ali haveria alguma pista sobre os motivos que impediram Anwyn de voltar a Jerusalém. Afinal, quem teria tanto interesse em mantê-lo afastado de lá? E por que?

– Não consigo imaginar Radegund casada e quieta num castelo. – Comentou o irlandês, remexendo o fogo, interrompendo seus pensamentos. –

Muito menos o sujeito que conseguiu agarrá-la!

– Quieta? Você deve estar brincando! Se bem, meu caro Gil, que eu também jamais suspeitaria que a ruiva fosse ser fisgada algum dia. Ainda mais por um monge fajuto! – Ele sorriu ao se lembrar do modo como ele e Radegund haviam conhecido Luc.

– Não entendi. – O irlandês o encarou, curioso.

– Vou lhe contar.

Terrwyn, enrolada numa manta, permanecera alheia a tudo, imersa em suas lembranças e em sua dor. Porém, quando o irmão começou a contar para o cavaleiro as suas aventuras junto de uma mulher que ele chamava de Raden, ou “*a garota*”, ela começou a se interessar. E ao final da narrativa, já havia se aproximado um pouco mais dos dois homens. Intrigada, acabou perguntando, surpreendendo agradavelmente o irmão ao sair de seu mutismo.

– É para a casa dessa mulher que nós vamos?

Ele sorriu e estendeu a mão para a jovem. Fez com que se sentasse entre ele e Gilchrist.

– Sim, irmãzinha. É para a casa de Radegund que iremos. E você vai conhecer a responsável por esse seu irmão ainda caminhar entre os vivos.

– Como assim?

Foi Gilchrist quem respondeu.

– Radegund e sua espada salvaram a vida de seu irmão. Foi numa batalha em que os maiores cavaleiros da cristandade pereceram.

Terrwyn arregalou os olhos.

– Vocês estão me dizendo que ela estava lá, no meio da guerra? Uma mulher? – Balançou a cabeça e externou sua incredulidade. – Estão zombando de mim!

Mark e Gilchrist se entreolharam e sorriram. Mark respondeu.

– Não, Terrwyn. Não estamos zombando de você. – Ele fez um gesto exagerado com as mãos e deu um tom dramático à voz. – Ela estava lá, magnífica e furiosa no meio da batalha; com sua espada, sua adaga e uma besta negra chamada Lúcifer. Parecia o demônio em pessoa.

– O demônio? Ela é... má?

Os dois gargalharam.

– Não é bem assim, Terrwyn. Digamos que ela seja um “*bom demônio*” – respondeu, ainda rindo, Gilchrist.

Mark completou, fazendo troça.

– Bom uma ova! Se você a encontrar num dia de humor azedo, saia de perto!

– Será que ela vai se importar? – Terrwyn indagou, insegura.

– Com o quê?

– Comigo. – Explicou. – Por me levar para a casa dela.

Mark acariciou os cabelos da irmã e a abraçou. Sabia que Radegund enxergaria a si mesma naquela jovem órfã e solitária, como ela também fora um dia.

– Não querida, muito pelo contrário. Raden vai gostar muito de você. Sabia que com sua idade ela partiu para a Terra Santa com um grupo de cavaleiros, se fazendo passar por um rapazinho?

– Sério? – Os olhos de Terrwyn brilhavam de curiosidade – Conte-me, Mark, por favor!

Gilchrist revirou os olhos e encostou-se na árvore, enrolado no manto.

– Já vi que hoje ninguém irá dormir...

– Vai me dizer que também não está curioso para ouvir esta história, meu bom Gilchrist? – Mark pilheriou. – Afinal, você sempre teve uma quedinha pela ruiva...

– Então, não é isso que estou dizendo? – O cavaleiro rebateu. – Ninguém vai dormir esta noite.

Svenhalla

Leila observou Lars, muito grande para seus nove meses, dormindo placidamente no berço. Afagou a cabecinha loura e caminhou até a cama da filha mais velha. Kristin dormia enroscada como uma gatinha. Beijou suavemente a criança e, em silêncio, deixou a alcova. Sorriu para a ama, que ficara sentada na saleta contígua costurando algumas roupinhas.

– É tarde, Frida – admoestou-a delicadamente – deixe isso para amanhã e vá dormir.

– Estou terminando, senhora – a moça exibiu o cerzido perfeito num cueiro – prometo que já vou me deitar.

– Está bem. – Leila sorriu novamente. Se deixasse por conta de Frida e sua dedicação aos garotos, ela provavelmente não dormiria. – Tenha uma boa noite.

– Boa noite, senhora. – Cumprimentou-a a jovem com uma breve mesura.

Com seus passos habitualmente leves, Leila caminhou pelos corredores de Svenhalla. Dirigiu-se a biblioteca, que também fazia as vezes de gabinete de trabalho. O local de onde os negócios da família Svenson eram conduzidos. Ali eram tomadas todas as decisões com relação aos contratos de pesca e exportação de arenque, o principal produto de Svenhalla. E era dali também que ela continuava a administrar os bens que herdara de tia Sophia. E embora todo o patrimônio agora pertencesse a seu marido, o comando daquela área estava em suas mãos.

Ragnar conhecia seu tino comercial e administrativo. Sabia que podia contar com a sagacidade da esposa para manter e multiplicar seus bens, ficando livre para se encarregar daquilo que era sua verdadeira vocação: as viagens e as negociações dos contratos comerciais.

Há três anos, quando chegou a Svenhalla, Leila foi recebida com carinho e alegria pela barulhenta família de seu marido. Naquela época, o pai adotivo de Ragnar, Sven Haakonson, ainda era vivo. Ele e sua esposa, Marit, haviam feito o possível para que a jovem estrangeira se sentisse acolhida naquela casa. E seus cunhados.... Ah, eles eram maravilhosos!

Björn, o primogênito, era apenas um ano mais velho do que Ragnar. Apesar de não terem parentesco algum, eram parecidos tanto no aspecto físico, quanto no temperamento. O enorme Björn era quase tão alto e forte quanto Ragnar, e igualmente expansivo e barulhento como irmão de criação. Acostumado a navegar desde muito jovem, era um homem do mar. Comandava com orgulho o principal navio da frota dos Svenson. Também era um solteirão convicto.

Einar, o irmão do meio, era o que menos parecia ser filho de Sven Haakonson. De cabelos castanho-claros, um pouco mais baixo do que o pai e os irmãos, havia saído da mãe. Era três anos mais jovem do que Ragnar. Saíra-se o estudioso da família. Dono de uma inteligência privilegiada, fora enviado para estudar com os padres em Nidaros. Voltara cheio de ideias para incrementar os negócios e as propriedades da família. Era ele quem junto com Leila mergulhava horas a fio em livros de contabilidade, contratos comerciais e acordos de exportação.

A caçula dos Svenson, Ulrika – ou simplesmente Ulla, como todos a chamavam – era um caso à parte. Expansiva como Ragnar, extremamente agitada, era motivo de dor de cabeça para os pais desde criança. Apesar de ser uma jovem bem-educada e de carregar o peso da linhagem Svenson, Ulla já quebrara mais ossos pelo corpo do que os três irmãos juntos. Naturalmente, eles sempre a protegiam e escondiam suas traquinagens desde crianças.

Ulla também era a protegida de Hrolf Brosa, o rastreador que, para desespero dos pais dela, a instruía em sua arte. Ele dizia que a jovem tinha o “dom”, e que não devia ser desperdiçado só porque ela nascera mulher. Como seu irmão Björn, fugia do casamento como o diabo da cruz, afugentando todos os pretendentes que apareciam em sua porta. Já passara da idade em que as moças se casavam, mas pouco se importava com isso. Leila suspeitava que Ulla se daria muito bem com Radegund...

Entrando na biblioteca, Leila encontrou Einar exatamente onde esperava. Acomodado na confortável cadeira forrada de couro, mergulhado em cálculos intermináveis.

– Boa noite, cunhado!

Einar ergueu os olhos dos livros. Afastou uma teimosa mecha que sempre caía em sua testa.

– Olá, Leila! Os dois já dormiram? – Indagou, puxando uma cadeira para a cunhada.

– Finalmente! Acho que contei todas as histórias do califa Haroum al-Rachid que conhecia, e mais algumas que inventei!

– Meus sobrinhos sabem o que é bom! Até eu gosto de ouvir suas histórias. – E passando-lhe uma pasta de couro, falou. – Estes documentos chegaram hoje no Freyja. São de Jamal para você e, creio eu, de caráter particular.

Leila pegou a pasta e leu a caligrafia firme de Jamal na etiqueta. Desde que ela partira de Tiro, Yosef o treinara para assumir seu lugar na administração dos negócios. E Jamal se saía muito bem. Leila rompeu o lacre, abriu a pasta e começou a ler a missiva que havia dentro dela. Conforme absorvia as informações, suas mãos começaram a tremer e seu rosto empalideceu. No fim da carta, ela soluçava.

– Leila! – Einar levantou da cadeira e contornou a mesa de trabalho. – Leila, o que houve?

Ela lhe estendeu a carta, incapaz de falar. Mergulhou o rosto nas mãos. Einar passou os olhos e leu a má notícia.

– Yosef! Ah, Leila, eu sinto muito. – Apertou-lhe o ombro e avisou. – Vou chamar Ragnar. Ele está no salão com nossa mãe.

Ela apenas assentiu. Einar deixou a biblioteca, apenas para voltar alguns minutos depois, junto com Ragnar. Ciente da notícia, e do quanto Leila gostava do velho Yosef, ele correu para abraçá-la.

– Ah, *liten*! Eu sinto muito!

Leila deixou as lágrimas correrem livremente, aconchegada nos braços do esposo. Einar afastou-se discretamente para um canto, lendo o restante dos papéis que acompanhavam a carta de Jamal. Ao notar que a cunhada já se acalmara, comentou.

– Jamal diz na carta que Yosef mandou que lhe entregassem, como seu último desejo, uma caixa. Ele a enviou junto com esses papéis. Você a viu, Ragnar?

– Ainda não, mas Björn deve saber. As encomendas pessoais foram descarregadas no solário, e ainda não mexemos nelas. – E voltando-se para a mulher perguntou. – Quer ir comigo dar uma olhada?

– Sim, vamos ver do que se trata. – Abraçou o marido e comentou – Pobre Yosef! Ele foi como um pai para mim!

– Onde quer que ele esteja, estará bem, pequenina. – Confortou-a, secando

suas lágrimas com as pontas dos dedos.

Encaminharam-se para o solário, onde diversas mercadorias aguardavam por seus destinatários. Peças de seda, damasco e brocado. Tapeçarias, óleos perfumados, especiarias, livros, enfim, tudo o que a família importava para seu conforto. Revirando as caixas, Leila logo encontrou um caixote marcado com seu nome.

– Deve ser esta, Ragnar.

Seu marido apanhou o caixote e o colocou no chão. Abriu a tampa e afastou a palha que protegia o volume em seu interior. Leila pegou o embrulho de veludo e desenrolou o tecido, revelando o formato quadrado de uma caixa de sândalo, toda entalhada.

– Ora! – Ela franziu o cenho e olhou para o marido. – Essa era a caixa que meu pai deu a Radegund, em Jerusalém. Como veio parar aqui?

– Impossível, Leila. Raden certamente levou a dela consigo. Tem certeza de que não é apenas parecida com aquela?

Leila examinou cuidadosamente os entalhes.

– Não, claro que não! Eu vi aquela caixa no gabinete de meu pai a vida inteira. E não se faz uma caixa igual à outra, é uma característica deste tipo de trabalho. Mas essa... ora, é idêntica!

– Abra-a e veja o que tem dentro.

Intrigada, Leila abriu a tampa. O aroma de sândalo se espalhou pelo solário, trazendo doces recordações de sua terra. Afastou com os dedos um fino tecido que recobria o conteúdo da caixa. Em seu interior, várias folhas de papel, escritas com caprichadas letras árabes estavam dobradas. No meio delas, outra folha, marcada por dobras e com um lacre rompido, chamou-lhe a atenção. Entregando a caixa ao marido, Leila desdobrou o papel e começou a ler.

– Ragnar, que coisa mais estranha! Veja – ele se aproximou e olhou por sobre o ombro da mulher. – É uma lista de nomes. Yosef e meu pai estão nela! O que será isso?

Ragnar leu alguns dos nomes e reconheceu-os também.

– Não sei Leila. – Esfregou a barba, confuso. – Confesso que não faz nenhum sentido uma lista onde aparecem juntos os nomes de seu pai, Yosef, Ibelin e Delacroix, o marido de Radegund.

O casal se entreolhou, ciente de que em suas mãos estava um grande mistério a ser resolvido.

Delacroix, outubro 1191

Ao longo do mês que passou desde o nascimento de Elizabeth, tanto Luc quanto Clarisse estranharam o comportamento arredio de Radegund.

Clarisse tendia a contemporizar, atribuindo aquele ar taciturno e sombrio da prima ao fim da gravidez. Chegou mesmo a dizer ao cunhado que algumas mulheres ficavam um pouco tristonhas depois que seus bebês nasciam, mas que acabavam voltando ao normal tempos depois. Luc, no entanto, conhecia bem sua esposa e suspeitava que existisse algo mais sob a polidez forçada e o distanciamento com os quais ela o andava tratando. Em mais de uma ocasião apanhou Radegund o observando de maneira estranha. Às vezes ela desviava rapidamente o olhar. Noutras, parecia que ia lhe perguntar algo, mas depois disfarçava e voltava a se concentrar na filha.

Elizabeth! Luc ficou radiante ao saber que a esposa havia concordado em dar o nome de sua mãe à filha deles. E mais radiante ainda ficou quando se viu com aquela criaturinha gorducha e ruiva em seus braços. Sentiu-se o mais tolo e também o mais abençoado dos homens.

Andando pelo quarto com a filhinha no colo, notou quando Raden estacou na porta do aposento, parecendo novamente hesitante em ficar sozinha com ele. Uma incomoda irritação fez seu estômago começar a arder. Fixou o olhar no dela, que rapidamente baixou os olhos e arrumou algo para fazer. Impaciente, cruzou o quarto em passadas largas e chamou Trudy da porta.

– Cuide de Lizzie, por favor. – Disse ele à mocinha quando ela apareceu.

A criada assentiu e saiu pelo corredor com a menininha no colo, cantarolando uma cantiga suave. E antes que Radegund, que já vinha apressada atrás dele, pudesse sair, bateu a porta e girou a chave, retirando-a da fechadura.

– Muito bem, mulher. Desta vez não irá a lugar algum. Trate de me explicar o que está havendo.

Radegund recuou. Fora apanhada de surpresa. *Diabos! O que digo a ele?* Optou por ganhar tempo enquanto a mente procurava freneticamente elaborar uma estratégia. Empertigando-se, indagou:

– Do que está falando?

– Do que estou falando? Ora! Estou falando deste seu comportamento estranho! O que há com você? Por que me evita?

Olhando para o outro lado e sem saber como fugir do confronto, ela tentou desconversar.

– Impressão sua, Luc. Não há nada de errado.

Atuação ridícula, Radegund.

Luc a agarrou pelo braço, fazendo-a ficar de frente para ele.

– Viu? É disso que estou falando! Inferno, Radegund! Ao menos olhe para mim quando falamos! O que foi que fiz a você? Devíamos estar felizes por nossa filha, unidos.... Que diabo, mulher! Que bicho lhe mordeu?

Tentando se conter, ela respirou fundo. Não se sentia pronta para confrontá-

lo, ainda não. Mas, ao mesmo tempo, sabia que não adiantava nada procrastinar. Não teria paz enquanto não esclarecesse tudo. A revelação do envolvimento de Luc com a Ordem do Templo a perseguia dia e noite. Tinha pesadelos com aquilo. Sonhos terríveis em que seu marido se transformava no homem que a torturou em Tiro.

Soltou o ar lentamente, tomando a decisão de acabar com aquele jogo de gato e rato de uma vez por todas. Não podia deixar que o medo de descobrir a verdade a paralisasse daquela forma. Melhor seria colocar Luc contra a parede e esclarecer a situação, do que ficar especulando sozinha por horas a fio. Desvencilhou-se da mão dele e falou em tom cortante.

– Vou lhe mostrar o que houve. – Caminhou até o toucador e tirou da gaveta a lista que Clarisse lhe devolvera. Voltou para junto de Luc e estendeu o papel. – Quero saber o que significa isto. – Luc pegou a folha amarelada. Antes mesmo de ler, viu o lacre rompido e soube do que se tratava. Inferno! Devia ter queimado aquilo tudo quando voltara da abadia. Agora era tarde. Radegund descobrira seu segredo mais bem guardado. Ela continuou a falar. – Sabe muito bem o que mais havia no lugar onde eu achei isso. Só quero que me responda uma coisa, *messire*. Qual é a natureza de seu envolvimento com a Ordem dos Cavaleiros do Templo?

CAPÍTULO VI

“A VERDADE NUNCA PODE SER CONTADA
DE FORMA A SER COMPREENDIDA, E NÃO ACREDITADA.
É O BASTANTE! OU É DEMAIS. ”

O Casamento do Céu e do Inferno. William Blake

O silêncio no aposento se prolongou até se tornar palpável. A tensão se ampliando de forma alarmante, enquanto Radegund o encarava, esperando uma resposta.

– Não sei do que está falando, mulher. – Ele respondeu enquanto a fitava de forma neutra, inexpressiva.

No entanto, assim que pronunciou essas palavras, Luc se sentiu o maior mentiroso da face da terra. Elas soavam ridiculamente falsas até mesmo aos seus ouvidos. E considerando o semblante furioso de sua mulher, bem... ele estava mesmo encrencado.

– Como ousa?! – Explodiu Radegund. – Como se atreve a insultar minha inteligência desta forma, Luc?

Radegund estava transtornada. Abismada ao ver o marido, a pessoa em quem mais confiava, mentir deliberada e descaradamente bem diante de seu nariz. Luc procurou contemporizar, tentando evitar que o conflito tomasse proporções ainda maiores.

– Acalme-se, Radegund. Não há razão para ficar tão aborrecida. – Procurou diminuir o ocorrido. – Afinal o que encontrou? Uma lista de nomes e algumas roupas velhas?

Delacroix, você é um cretino.

– Luc! – Ela não sabia se ria ou se chorava diante de tanto cinismo. – Uma lista de nomes? Algumas roupas velhas? Para o diabo com você! – Deu dois passos e parou bem na frente dele, o dedo em riste cutucando seu peito. – Nessa lista há nomes de gente que eu conheço muito bem, incluindo Ibelin, o pai de Leila e o pai de Mark!

Desta vez foi Luc quem ficou boquiaberto.

– Como assim *o pai de Mark*? Se ele sequer sabe quem é o pai dele...

– *Ele* sabe. *Eu* sei! – Ela ergueu mais ainda o queixo encarando-o com os olhos cintilando, furiosa. – Foi em busca dele que Mark partiu. E ele não disse nada porque descobriu que o pai poderia ter sido ameaçado pelos *Hashashin*... – ela fez uma pausa proposital e estudou atentamente a reação dele às próximas palavras – muito provavelmente, a mando da Ordem.

Luc empalideceu e recuou um passo. Diante de sua reação, Radegund se perguntou o que seu marido realmente sabia. Naturalmente, Luc não teria nada a ver com o desaparecimento do cavaleiro Anwyn; isso seria impossível. Ele era

um menino na época. Entretanto, qual era a ligação entre as pessoas na lista, Luc de Delacroix e a Ordem do Templo? Que trama sórdida era aquela? Quem era o conde de Delacroix, de verdade? Diabos, *quem era o seu marido?*

Ao se perguntar aquilo, Radegund se deu conta, surpresa, de que muito pouco sabia sobre o passado de Luc além daquilo que ele mesmo lhe contara. Conhecera-o como um noviço em Sainte Radegund, quando ele cuidara de seu ferimento. Soubera de sua briga com Guillaume, confirmada pelo abade e por sua prima, que terminara com a morte do irmão mais velho. De forma superficial, Luc também havia lhe contado que servira algum tempo na Terra Santa, voltando para casa alguns anos antes dela e de Mark, em virtude da doença do pai. Analisando as informações que possuía, notou que Luc jamais lhe dissera *aonde* havia servido na Terra Santa, nem sob as ordens de quem estivera. Ele nunca falava sobre aquele período. E ela nunca tinha sentido necessidade de perguntar, ou de saber. Até agora.

Luc estreitou os olhos. Segurou-a pelos punhos, resgatando-a de suas reflexões. Sua voz soou gelada.

– Quem é o pai de Bakkar? – Ela permaneceu encarando-o, em obstinado silêncio. Ele insistiu com mais veemência, chegando mesmo a sacudi-la. – Qual desses homens na lista é o pai de Mark? Responda-me Radegund!

Ela se debateu e tentou soltar os punhos, mas ele não afrouxou as mãos.

– Solte-me agora, Luc! – Sibilou. – Se não quer me contar seus segredos, por que pensa que trairei os de Mark?

Luc fechou mais ainda a expressão. Os olhos azuis estavam frios e determinados. Pela segunda vez em sua vida em comum, Radegund teve medo de seu marido. Soube que ele arrancaria aquela informação dela de qualquer jeito. A resposta que ele lhe deu fez com que temesse mais ainda. Não só por si, mas por todos eles.

– Porque, cara esposa, se o pai de Mark está realmente nesta lista, a vida de seu amigo pode estar por um fio!

Messina, Reino da Sicília

O cavaleiro Michael de Cornwall havia desembarcado em Messina com uma missão das mais importantes. E também das mais arriscadas. Coçando a cabeleira avermelhada, olhou de um lado para o outro da movimentada rua diante do porto. Ajeitou o alforje nas costas e puxou o cavalo pelas rédeas, tentando vencer a multidão de mercadores, compradores, viajantes, soldados e prostitutas aglomerados por ali.

Respirou aliviado quando deixou a região do porto e pôde montar. Examinou novamente as instruções que recebeu de Balian de Ibelin e dirigiu o

cavalo para a parte mais afastada do centro de Messina. A Oeste do porto, do outro lado da baía, onde ficavam as *villas* solarengas que se debruçavam sobre o estreito. Depois de uma hora cavalgando a passo, e de pedir algumas informações, chegou aonde queria.

Apeou do cavalo. Prendeu-o a uma árvore diante da residência térrea e comprida, sombreada por grandes árvores e de arquitetura nitidamente sarracena. Um homem que caminhava pelo pomar, onde se viam, entre outras espécies, romãzeiras e tamareiras, veio atendê-lo, falando numa mistura da língua dos francos com a dos sicilianos.

– Pois não, *messire*. Posso ajudá-lo?

– Sim. Procuro um cavaleiro mestiço conhecido por al-Bakkar. Esta casa pertence a ele?

O homem franziu o cenho e indagou.

– Perdoe-me, mas quem quer saber?

– *Chevalier* Michael de Cornwall. Servi com ele em Tiro, sob as ordens de meu senhor Ibelin.

O semblante do homem relaxou visivelmente à menção do poderoso barão. Com um gesto, convidou.

– Ah, venha, *signore*! O calor está forte a essa hora. Entre e refresque-se. Mandarei cuidar de seu cavalo. – E com uma medida e um sorriso, apresentou-se. – Sou Iohannes, administrador da *villa*.

Michael retirou as luvas. Cruzou o pomar atrás do homem até alcançarem o frescor que reinava dentro da construção. Olhou em volta, enquanto caminhava, admirado com o bom gosto do lugar.

O interior da casa era uma mistura de arquitetura sarracena e bizantina. Pisos de mosaico em diversos tons de verde, pé direito alto, janelas amplas com gelsias e cortinas de linho branco que balançavam suavemente ao sabor da brisa do Mediterrâneo. Havia ainda um pátio interno com uma fonte no centro, para onde davam diversas portas ornamentadas por arcos ogivais. Em todos os lugares, Michael via estantes com livros, pergaminhos, tapeçarias e aparadores com objetos das mais variadas partes do mundo. O cavaleiro se surpreendeu agradavelmente com aquele confortável refúgio.

Iohannes parou no centro do gabinete para onde os encaminhara. Indicou a Michel uma poltrona, enquanto se acercava de uma mesa onde repousava um samovar.

– Queira se sentar, *signore*. Os criados logo virão atender às suas necessidades – serviu um copo de chá fresco estendeu a ele – apenas sinto informar que perdeu sua viagem.

– Como assim? – Michael parou o copo a meio caminho da boca.

– *Signore* Bakkar partiu junto com a *signorina* há mais de um ano, para Veneza. E desde então, eles não voltaram.

– Praga do inferno! – Michael resmungou, inconformado, enquanto sorvia o líquido fresco num longo gole. Aquele mestiço bem que poderia sossegar o traseiro num canto. Já estava cansado de comer poeira andando atrás dele e de Radegund. Raios! Até no meio de uma caravana de beduínos ele já fora parar! Aonde diabos ele e a ruiva teriam se metido? Respirou fundo para conter a impaciência e perguntou. – Sabe me dizer, meu bom homem, para onde eles foram? Na certa Bakkar mantém algum contato, ao menos para saber de seus negócios.

– Claro, *signore*. Meu patrão é um homem cuidadoso. Sua última mensagem veio... só um minuto, – ele deu a volta numa mesa atulhada de livros e vasculhou alguns papéis. Pegou um deles e exclamou com um sorriso radiante. – Sim! É esse mesmo. Ele enviou esta mensagem há pouco mais de seis meses, de um lugar chamado Delacroix, na Normandia.

– Como? – Michael não podia acreditar no que estava ouvindo. Será que Bakkar havia descoberto... não, impossível. – Pode repetir o nome do lugar, senhor?

– Claro, veja, – mostrou-lhe o papel e apontou um trecho da carta – condado de Delacroix, Normandia.

Michael coçou os cabelos ruivos de novo e deu um suspiro resignado, enquanto calculava quanto tempo levaria numa embarcação rápida até Gênova.

A taverna diante do porto de Messina estava razoavelmente movimentada àquela hora do dia. Duas mulheres de rostos bastante pintados os observavam, interessadas em fregueses. No entanto, a postura deles e a cor de suas roupas, não as incentivavam a chegarem mais perto. Os três, em seus trajes de cavaleiros cristãos, conversavam em voz baixa. Cabeças inclinadas e espadas ao alcance das mãos davam a entender que ouvidos curiosos não seriam bem-vindos.

– Agora que ele chegou, na certa irá ao encalço do mestiço, – comentou o líder do grupo, coçando a barba escura – temos apenas que nos manter discretamente em seu rastro.

– Ainda não compreendo porque não podemos simplesmente cortar a garganta de Cornwall e depois ir atrás de al-Bakkar! – Resmungou o mais jovem deles.

Os irmãos mais antigos se entreolharam. O mais velho encarou o rapaz com ares de desdém.

– É por isso, meu jovem, que ainda é um aspirante. Entenda de uma vez por todas. *Eles* estão em todos os lugares. No momento em que Michael de Cornwall

deixar de se reportar a um dos postos de controle, toda a rede será avisada. E os pombos-correios, meu jovem irmão, são muito mais velozes do que cavalos e navios. Isso colocaria por terra os anos de planejamento que gastamos para levar a cabo esta missão. – Juntou as pontas dos dedos e recuou, encarando o rapaz com os olhos apertados. – Não há necessidade de pressa, quando se quer o máximo de eficiência. Seguiremos Cornwall à distância, e colocaremos as mãos na lista no momento oportuno.

– E daí? O que acontecerá? – O rapaz ansioso quis saber.

– E daí meu caro novato – ele ergueu o copo de vinho num brinde – toda a Sociedade estará em nossas mãos.

Delacroix

Radegund permanecia estática encarando Luc. Nenhum dos dois havia se mexido ou pronunciado qualquer palavra depois do que ele disse. Luc, porém, ao fitar os inquisitivos olhos verdes da mulher, quase podia vislumbrar as engrenagens funcionando furiosamente dentro de sua cabeça, fazendo inúmeras ligações.

Que Diabo! Tinha que descobrir qual daqueles homens era o pai de Mark. Como o mestiço usava o nome da família da mãe, ficava difícil saber. Ela teria que lhe dizer. Inferno, detestava agir daquela forma, odiava-se por ter que intimidar sua esposa, mas havia muito em jogo! Ele também daria tudo para descobrir como aqueles dois souberam da história envolvendo os *Hashashin* e o Templo. Só alguém de dentro de um círculo muito restrito sabia daquilo. Alguém de *dentro* da Sociedade os alertara. Quem? E por quê? E o que ele poderia dizer a Radegund, sem trair seu juramento, para justificar o interesse naquela informação? O quanto poderia revelar sem arriscar seus companheiros e sua família?

Raden observou cada uma das expressões que passou pelo rosto de Luc. Parecia que ele travava uma luta íntima, mergulhado em várias dúvidas. Entretanto, não iria ceder. Queria a verdade e iria até o fim. Notou quando voltou a atenção novamente para ela, no momento em que as mãos dele pressionaram com mais firmeza seus punhos.

– Diga-me Radegund, quem naquela lista é o pai de Mark? Preciso saber para poder nos proteger. É importante!

Ela chegou a abrir a boca para responder, mas uma batida na porta chamou a atenção de ambos.

Obrigada, Senhor!

Aproveitando a distração do marido, ela se desvencilhou e pegou a chave que Luc prendera ao cinto.

– Mulher impossível! – Ele praguejou entre dentes, surpreso, enquanto ela abria a porta.

– Sim, Roger? – Perguntou, tentando parecer natural.

– Minha senhora, há visitantes chegando. Uma comitiva se aproxima.

Ela franziu o cenho. Não esperavam ninguém naquela época do ano.

– Clarisse pode recebê-los?

– Sinto muito, senhora. A dama Clarisse foi ao vilarejo ver alguns doentes.

– Tudo bem, eu descerei logo. – Ela fechou a porta assim que o administrador saiu. Voltou-se para o marido, falando com voz distante e polida. – Vou me vestir de maneira adequada e receber quem quer que esteja chegando.

Luc interrompeu sua passagem.

– Ainda não terminamos nossa conversa.

– Não foi uma conversa, você estava me interrogando. – Rebateu Radegund, sarcástica. – Fico imaginando se usaria os mesmos métodos de seus pares. – Ergueu o queixo, resoluta. – Eu lhe aviso que pode até tentar, meu senhor, mas lhe garanto que comigo não serão eficientes. Um de seus confrades tentou e o resultado foi desastroso – ela fez uma pausa, adiantando-se pelo aposento e depois completou por sobre o ombro – para ele.

Dando-lhe as costas, Radegund sumiu pela porta que ligava ao quarto de vestir, deixando Luc sem entender absolutamente nada do que ela quis dizer com aquelas últimas palavras.

Em meia hora Radegund estava no salão de Delacroix. Vinha acompanhada por Trudy, que carregava Elizabeth nos braços. Roger veio encontrá-las.

– Minha senhora, o grupo já está no pátio do castelo.

– De quem se trata, Roger? – Ela indagou.

– De um “tio” louco para conhecer sua sobrinha! – Exclamou uma voz grave, muito conhecida, da entrada do salão. Seu coração disparou de alegria. Correu na direção dele com um grito extasiado.

– Mark!

Ondas ruivas, lã e um perfume fresco que lembrava as florestas, envolveram o fatigado cavaleiro, que retribuiu o abraço emocionado da amiga. Durante alguns minutos permaneceram nos braços um do outro, imersos naquele mundo de lembranças, amizade e cumplicidade, alheios a todo o resto. Ele se afastou primeiro. E comentou sorridente, procurando disfarçar a emoção de revê-la depois de tanto tempo. Segurou seu rosto entre as mãos antes de exclamar:

– Como está bonita, garota! – Estudou-a com atenção. – A maternidade lhe fez muito bem. Onde ela está?

– Como sabe que é ela? – Radegund indagou.

– Ora, só se fala nisso lá fora!

Radegund virou-se para Trudy, chamando-a. A moça se aproximou, cumprimentando Mark com um sorriso.

– *Chevalier*, – fez uma breve mesura – seja bem-vindo, senhor.

– Trudy! – Cumprimentou a moça com alegria. – Fico feliz em vê-la. – Puxou a manta que embrulhava a criança e deslizou o dedo enluvado pela bochechinha rosada. – Oh, céus! Pobre Delacroix, ela é ruiva como a mãe!

– Quer pegá-la, *messire*? – Indagou Trudy.

– Agora não. Estou muito sujo, coberto do pó da estrada. A viagem foi muito longa. Aliás, falando em estrada – ele ergueu o rosto, olhando de Lizzie para Raden – parece que teremos uma grande reunião por aqui.

– Não entendi.

– Olhe para a entrada do salão, minha linda ruiva, e entenderá. – Ele falou, com ares de troça.

Radegund fez o que ele disse. Desejou, naquele instante, uma cadeira onde pudesse se sentar. Pois certamente cairia ali, no meio do salão, tamanhos eram seu espanto e alegria.

– Sven... – seus olhos brilharam de felicidade – ...e Leila!

A delicada sarracena deslizou pelo salão e envolveu Radegund num longo e emocionado abraço. As duas choraram juntas lágrimas de saudade e alegria.

– Leila, minha amiga! – Ela apertou as mãos morenas nas suas. – Se soubesse o quanto senti sua falta! Quanto tempo...?

– Ah, Raden! E eu? São três anos! Gostaria tanto de ter estado aqui quando se casou! Mas meu bebê nasceu na mesma época. Como tem passado? Soube que tem uma menina.

– Está ali, no colo de Trudy – ela apontou a moça – Mark está lá com elas, se desmanchando.

Leila se afastou e Ragnar parou diante dela com um sorriso maroto.

– Já que Delacroix não está à vista, posso lhe dar um abraço?

– Ora, Sven! – Ela abriu os braços para o enorme norueguês e foi erguida do chão. – Ponha-me no chão, urso do Norte! – Pilheriou e depois comentou. – Que surpresa maravilhosa! Vieram todos juntos?

Ragnar olhou atentamente para ela. Inclinou a cabeça para o lado, fazendo os fios muito louros e compridos deslizarem sobre a gola do manto. Falou num tom misterioso.

– Surpresa você vai ter quando descobrir quem veio com Bakkar.

Ele saiu de sua frente. Uma silhueta alta desenhou-se contra o portal do salão. Radegund estreitou os olhos. Misericórdia! Seria possível que aquele fosse...

– Gilchrist? – Ficou olhando pasma enquanto o irlandês, muito sério, materializava-se diante dela. – É você mesmo?

– Dama Radegund, – ele tomou sua mão com a habitual galanteria – está ainda mais bonita do que sempre foi.

O olho negro faiscou em sua direção. Ela fitou significativamente o tapa-olho, erguendo uma sobrancelha. Ele lhe deu um meio sorriso. Então o segredo ainda era mantido? Interrompendo aquela comunicação silenciosa, ela abriu os braços.

– Ora, Gil! – Ela o abraçou, ao passo que ele retribuiu o gesto de forma um tanto desajeitada. – Deixe de rapapés, homem! Por onde tem andado?

– Na Irlanda, cuidando de meu castelo e de minha gente, criando bolor naquele clima úmido... – havia uma ponta de ironia em sua voz.

Raden riu e juntou-se ao resto do grupo, encantada com a inesperada reunião. Até se esqueceu da discussão com Luc.

Luc! Onde diabos estaria seu marido quando tantas visitas chegavam? E Clarisse, onde tinha se metido? Será que não viu o movimento da chegada dos viajantes?

Parada na entrada do salão, Terrwyn olhava fascinada para o eclético grupo de amigos de seu irmão. Bem, com O'Mulryan, o esquisito, ela até já se acostumara, naquele mês de intermináveis cavalgadas. O irlandês, apesar de sempre sério, era a gentileza em pessoa. Ele sempre se preocupava se ela estava confortável, se havia se alimentado direito, se aguentava bem a viagem, enfim.... Parecia que ao invés de um, ela ganhara dois irmãos mais velhos.

Então, quando alcançaram os limites do condado naquela manhã, encontraram com o grupo que trazia a mulher que parecia uma fada e o cavaleiro gigante.

Nossa! Seu irmão e O'Mulryan eram altos, mas aquele homem, Jesus! Ele parecia uma árvore! E a voz? Quando ele falava, soava como um trovão. Quando seu irmão disse que a pequena mulher era casada com ele, Terrwyn achou que fosse alguma piada. Mas aí ela o vira pegar a estrangeira nos braços para descê-la da montaria e olhar para ela parecendo um cachorrinho novo. Oh, na certa ela era uma fada sim, e enfeitiçara aquele gigante, que só faltava lambe-lo em que ela pisava!

Então, quando chegaram a Delacroix, e seu irmão entrou no salão daquele castelo lindíssimo, Terrwyn a viu com seus próprios olhos. Bem, ela já a enxergara pelos olhos do irmão e de Gilchrist. Formara uma imagem tosca em sua mente. Tosca porque, no momento em que a criatura entrou em seu campo de visão, qualquer imagem que pudesse ter feito dela anteriormente foi ofuscada

por sua presença. Boquiaberta, Terrwyn ainda não conseguira uma definição condizente com a mulher que povoou sua imaginação naquele longo mês de viagem.

Os cabelos, como Mark tinha descrito, eram vermelhos. E ela nunca vira, no isolamento de Draig Fawr, uma tonalidade como aquela. Ela era alta, mais do que a maioria dos homens e mulheres que havia conhecido, e andava de um jeito determinado, como se fosse uma rainha. E os olhos com que ela encarou seu irmão... com certeza ela derrubava metade dos malfeitores só com aqueles olhos, que pareciam ver através das pessoas. Terrwyn só se decepcionou por vê-la usando um vestido. Daria tudo para que ela estivesse com a cota de malha, o elmo e a espada em punho, como o Gilchrist a descrevera! E onde estaria a besta negra?

– Terrwyn! – Mark a chamava pela terceira vez. – Terrwyn, acorde!

– Hum! – Ela piscou repetidas vezes. Encarou o irmão e depois a mulher ruiva ao lado dele. Ficou vermelha de vergonha. – Oh, desculpe, Mark. Estava distraída.

Mark sorriu e olhou para Raden, apresentando-as.

– Garota, quero que conheça minha irmãzinha, Terrwyn ferch Anwyn.

Radegund olhou para Mark com genuíno espanto, mas foi sagaz o suficiente para não perguntar de onde diabos surgira aquela irmã. Haveria tempo para conversas mais tarde. O importante agora seria fazer a jovem, visivelmente encabulada, sentir-se confortável e acolhida.

– É uma alegria receber em minha casa a irmã daquele que é muito mais do que meu amigo. – Ela afirmou, com um sorriso franco. – Seja bem-vinda, Terrwyn.

A voz rouca da mulher a aqueceu e, quando ela se inclinou e a abraçou, envolvendo-a com braços longos e firmes, Terrwyn teve vontade de chorar. Não entendia porque. Controlou-se e agradeceu, tímida.

– Obrigada, minha senhora.

– Raden.

– Como? – Ela indagou, confusa.

– Meus amigos me chamam de Raden, Terrwyn. É assim que eu gostaria que me chamasse. Posso morar neste castelo, me vestir como uma dama, mas...

– Mas o soldado Raden jamais morreu – Mark completou, com um sorriso cúmplice, agradecendo intimamente à sensibilidade dela, que tão prontamente recebia sua irmã e fazia com que se sentisse acolhida. Com uma piscadela deu o recado à amiga.

Radegund assentiu e ordenou aos criados que preparassem os aposentos para os hóspedes. Depois de alguns minutos, quando todos já haviam se retirado,

ela finalmente pode ficar a sós com Mark. Imediatamente ele lhe perguntou.

– Onde está seu marido?

A sombra que passou pelos olhos de Radegund, antes que ela respondesse, mostrou que sua intuição estava certa. Havia realmente algo errado.

– Luc e eu discutimos pouco antes que vocês chegassem, – ela o encarou, muito séria – temos muito o que conversar Mark.

– Eu imaginei. – Ele ficou calado e tentou soar casual em sua próxima pergunta. – E a senhora Clarisse?

Raden ergueu uma das sobrancelhas.

– A senhora Clarisse? Achei que os dois já tivessem superado a fase das formalidades. Afinal vocês...

– Ora, garota! Não me massacre! Sabe muito bem porque fui embora...

– Minha prima sabe, *sire*, porque foi. – A voz de Clarisse soou à entrada do salão, abalando todas as convicções de Mark. – E eu gostaria muito de saber por que voltou.

Rever Clarisse foi um verdadeiro choque. Mark se sentiu como um garoto apanhado no meio de uma traquinagem. Engoliu em seco várias vezes, enquanto a delicada loura se deslocava pelo salão. Absolutamente majestosa, do mesmo jeito como a viu em seu último encontro, numa das torres de Delacroix.

Sim, ele se lembrava bem daqueles momentos. Enlouquecido, quase sucumbiu ao encanto daquela mulher. Ela o alçara ao paraíso e depois, ele se atirara de cabeça direto no inferno. Ainda revia aqueles maravilhosos olhos azuis fulminando-o. O queixo delicado erguido com orgulho, enquanto ela lhe apontava a porta, expulsando-o de sua vida.

Covarde, ela havia gritado.

E de certa forma, ele foi sim um covarde por não contar a ela sobre suas suspeitas. Se tivesse dividido com ela suas desconfianças da mesma forma que fez com Raden, talvez Clarisse não o odiasse tanto. Certo. Ele não era apaixonado por Radegund. Mas por Clarisse...

Deliberadamente, ele omitiu os fatos. Morria de medo que Clarisse dissesse que o esperaria. No fundo era isso. Não tinha nada a ver com a ameaça que rondava a história de seu pai. Pelo menos, não totalmente. Na verdade, Mark al-Bakkar, destemido guerreiro *mamluk*, *chevalier* e espião, morria de medo da pequena ninfa loura chamada Clarisse, que o fulminava neste instante com o olhar mais azul que ele já vira em toda sua vida.

– Dama. – Ele inclinou a cabeça numa mesura, mais para esconder dela seus olhos, que revelavam tudo o que ia em seu coração. – Como tem passado?

Clarisse, ao entrar no pátio do castelo, já sabia que vários visitantes haviam chegado. Notou logo o estandarte carregado pelos homens da escolta, as cores e o lobo dos Svenson. Porém, quando reconheceu Baco, que era conduzido aos estábulos por um dos cavaleiros, teve ímpetos de sair correndo. Depois, resignando-se, respirou fundo e entrou no salão, apenas para vê-lo parado ao lado de sua prima. Exatamente do mesmo jeito que se lembrava dele. Ver Mark al-Bakkar novamente foi como um terremoto na vida pacata de Clarisse.

Depois que ele partiu, ela deixou Delacroix e foi para Anjou, para uma das fazendas de sua família. Lá, na companhia dos filhos e dos irmãos, mergulhou numa anestesia bem-vinda daquele amor dolorido e fulminante que sentia pelo mestiço. Quando voltou para a casa da prima, a fim de ajudá-la com o parto e com os primeiros cuidados do bebê, Clarisse jamais imaginou que Mark fosse aparecer tão cedo. Ninguém sabia exatamente por onde ele andava. Radegund havia lhe dito que recebera uma mensagem vinda de Cardiff, em Gales. Nela, Mark perguntava pelo bebê, e dizia que ainda estava procurando pelo pai. E só.

Não perguntou por ela, não quis saber dela. Na realidade, ele cortou qualquer laço que pudesse uni-los, ou lembrá-los dos momentos que passaram juntos. Naquele dia em que a dispensou friamente, nos jardins do castelo, o rompimento foi definitivo.

E agora ele estava bem ali, diante dela. O mesmo corpo moreno que cheirava a sol e fazia com que sonhasse com as terras exóticas de onde ele viera. Os mesmos cabelos negros, fartos e revoltos, que lembravam a crina lustrosa de Lúcifer. E a voz, Deus a ajudasse! A voz dele vibrava ao seu redor, deslizava por sua espinha como mel, fazendo um arrepio percorrê-la de cima a baixo. Respirou fundo e tentou se manter impassível diante dos olhos amendoados que a arrastavam para um abismo de mistério e paixão.

– Vou muito bem, *sire*. – Estendeu a mão num gesto automático. Logo se arrependeu, quando ele a tomou e a beijou com fidalguia, evocando a lembrança da boca exigente sobre a sua, assaltando-a com um beijo faminto. Lutou para que a voz soasse formal, para que não tremesse denunciando toda sua perturbação. – Fez boa viagem?

– Sim, dama. Muito agradável.

– Folgo em saber.

Radegund olhou da prima para o amigo. Sentiu o clima tenso que se estabeleceu entre eles. Sabia que seria assim quando aqueles dois se vissem de novo. E tinha certeza, pelos olhares deles, que pareciam se devorar mutuamente, que o amor estava mais vivo do que nunca. Precisava convencer Mark a se dar uma chance de ser feliz ao lado de Clarisse. Ninguém mais do que ele neste

mundo merecia a felicidade.

Tentando quebrar o clima gelado e o silêncio desconfortável que se estabeleceu, ela passou o braço pelo ombro de Clarisse e falou sorrindo.

– Foi Clarisse quem trouxe minha filha ao mundo, Mark! Ela amparou Lizzie. Eu já disse que será a madrinha dela... – uma ideia lhe ocorreu nesse instante. No momento em que seus olhos verdes brilharam, Mark notou e arregalou os dele.

Ah, não! Nem morto! Não me venha dar uma de alcoviteira com esse golpe barato.

Ela ergueu a sobrancelha.

Ora, é uma ideia genial! Está com medo do quê, Mark?

– Aliás, – completou – Mark bem poderia ser o padrinho, Clair! – A prima gemeu e se encolheu, olhando-a como se suplicasse por piedade. Raden ignorou a ambos e prosseguiu em seu monólogo. – Sim, é perfeito! Mark e Clarisse; minha amada prima e meu amigo mais querido! Como não pensei nisso antes?

– Sim, – o mestiço resmungou, irônico – como?

Antes que o casal de padrinhos compulsoriamente voluntários pudesse argumentar, um trio de garotos entrou no salão. O mais novo deles correu até bem perto dos três adultos que conversavam. Olhou Mark de cima a baixo.

– Quem é você?

Inclinando-se, ele estendeu a mão para o menino.

– Mark al-Bakkar. E você, meu jovem?

– Sou Gaetain, – o menino colocou a pequena mão na dele, apertando-a enquanto indagava, apontando-lhe a cimitarra na bainha – é um sarraceno, um infiel?

– Gaetain! – Exclamou Clarisse.

Mark riu e explicou.

– Só a metade, embora tenha nascido na Terra Santa.

– Oh...

O outro menino, um pouco mais velho e mais sério, aproximou-se e estendeu a mão para Mark.

– Como vai, senhor? Sou Lothair. Meu tio Luc e minha prima Radegund falaram muito a seu respeito.

– É um prazer conhecê-lo, Lothair. – Ele apertou a mão do garoto. – Espero que seus tios tenham falado bem de mim. E este jovem, – Mark olhou para trás de Clarisse, para um menino mais velho e moreno que os observava em silêncio – quem é?

Clarisse apontou Jean e o apresentou.

– Este é Jean, nosso hóspede.

– Como vai, *messire*? – Fez uma breve mesura.

Mark assentiu e sorriu. O garoto era tímido. Não lhe estendeu a mão, e mal o encarava.

– Olá, Jean. É um prazer. – Em seguida, pediu a Radegund. – Garota, diga onde poderei me instalar. Preciso urgentemente me lavar e trocar essas roupas imundas.

As palavras de Mark evocaram na mente de Clarisse lembranças de um incidente perturbador. Reviu com clareza o momento em que, inadvertidamente, entrou na sala de banhos de Delacroix e flagrou Mark nu em pleno banho. Sem querer, deu um suspiro alto. Mark na mesma hora a encarou, parecendo ler seus pensamentos. Um ar de fanfarronice inundou seus olhos e ela teve certeza de que ele também se lembrava. E ele... ah, maldito cretino arrogante! Ele estava piscando para ela com aquele sorriso meio de lado.

Sem-vergonha!

Vermelha como um tomate, Clarisse arrebanhou as saias e pediu licença.

– Tenho que ver com Trudy se todos estão instalados, e supervisionar o jantar. Até mais.

Antes que Mark ou Raden pudessem retrucar algo, ela sumiu por uma das portas do salão. Os meninos logo se dispersaram, subindo as escadas. A amiga olhou para ele.

– Ora, ora, ainda há fogo sob as cinzas...

– Nem me venha, Radegund.

Ela sorriu maliciosa, piscou um olho e lhe deu as costas, dizendo antes de sair.

– Meu caro, eu já fui.

Com o tempo que todos levaram para se acomodarem, só foi possível se reunirem novamente à hora da refeição. Luc desceu ao salão antes de seus hóspedes. Estava ali quando Ragnar Svenson, de braço dado com uma delicada mulher morena, saiu de um dos corredores. Imediatamente foi ao encontro do casal, cumprimentando alegremente o norueguês.

– Svenson, que alegria o receber novamente em minha casa!

Ragnar estendeu o braço para Luc e depois de muitos tapinhas nas costas e gracejos atraiu Leila para perto deles.

– Quero que conheça minha esposa, Delacroix. – Ele os apresentou. – Pequenininha, este é Luc, conde de Delacroix, marido da ruiva. Luc, esta linda dama é Leila, minha esposa.

Leila estendeu a mão delicada, inclinando a cabeça num elegante cumprimento.

– Encantado, senhora. – Luc tomou sua mão enquanto dizia. – Fico feliz em finalmente conhecer a amiga de minha esposa. Ela fala muito a seu respeito.

– Radegund é mais do que uma amiga, *messire*. É uma irmã. Fiquei muito feliz ao saber que havia se casado.

Os olhos de Luc brilharam de contentamento.

– Ela me fez o homem mais feliz do mundo. Mas por favor, esqueça as formalidades. Já basta seu marido, que vive me chamando de Delacroix!

Leila sorriu.

– O mesmo digo eu, Luc.

Logo, se envolveram numa conversa animada que foi interrompida apenas pela chegada de Gilchrist. Ragnar os apresentou e Luc observou com atenção o irlandês. Já o conhecia de nome, mas não sabia qual seu grau de amizade com Radegund. Porém, a julgar pela intimidade com que a esposa de Ragnar o tratava, devia ser muito estimado por todos. Apertou sua mão com gentileza.

– Seja bem-vindo à minha casa, O’Mulryan.

– Obrigado, Delacroix. Suas terras são encantadoras.

Mark aproximou-se deles neste instante. Estava acompanhado por uma graciosa jovem de cabelos curtos e olhos castanhos, muito parecidos com os dele. Para surpresa de Luc, apresentou-a como sua meia-irmã, filha do cavaleiro Anwyn ap Iorwerth com sua esposa irlandesa.

Luc cumprimentou polidamente a jovem. Trocou algumas pilhérias com o mestiço, mas sua mente estava distante. Acabava de descobrir quem era o pai de Mark. Justamente o cavaleiro que tivera que deixar Jerusalém porque fora traído por um de seus companheiros anos atrás. As peças começavam a se encaixar. Assim que viu Radegund descendo as escadas, Luc pediu licença aos hóspedes, indo encontrá-la. Interpelou-a no meio do caminho. Tomou seu braço e falou em voz baixa.

– Venha comigo até o gabinete.

– Nossos convidados nos esperam. – Ela rebateu, tentando se soltar sem muito sucesso.

– Nós não vamos demorar. – Ele retrucou, já a arrastando para dentro da sala e fechando a porta.

Radegund se soltou de sua mão e deu alguns passos. Postou-se no meio do aposento de braços cruzados.

– O que quer?

Luc a encarou.

– Anwyn ap Iorwerth. – Disse simplesmente. Ela empalideceu e ele continuou. – Descobri pelo próprio Bakkar.

Maldito Mark da língua comprida! Também, como ele poderia saber?

– E agora que descobriu Luc, vai fazer o que? Que valor essa informação tem para você?

Ele passou a mão pelos cabelos e deu alguns passos na direção dela.

– Raden, ouça-me, por favor. – Ele começou em voz calma. – Existem coisas que não posso contar. Preciso que me diga quem mais conhece naquela lista, além de Ibelin, é claro. Sei que esteve a serviço dele.

– Não vou lhe dizer nada. Não até que me explique o que aquela túnica fazia em suas coisas!

– Inferno, Radegund! – Ele esbravejou à frente dela. – Por que tem que ser tão teimosa? Não pode apenas me dizer os nomes?

– Não.

– Por que, criatura?

Um silêncio prolongado se fez antes que ela atirasse sobre ele o que sentia naquele instante.

– Não sei se posso confiar em você, Luc.

Ele ficou visivelmente chocado.

– O quê?!

– É isso mesmo que ouviu. Não sei mais se posso confiar em você, não sei mais *quem* você é!

– Não acredito que esteja dizendo isto...

– Então me diga, Luc. O que aquela túnica estava fazendo lá? Qual sua ligação com a Ordem? Onde serviu quando esteve na Terra Santa?

Luc ficou olhando para a esposa, tentando entender o motivo de tudo aquilo, daquela obsessão. Notou que ela sempre retornava ao mesmo ponto: a questão da túnica, a Ordem do Templo. Sabia que os partidários de Ibelin não simpatizavam nem um pouco com eles. Ele também não, apesar de...

– Vamos Luc. Responda-me. Onde serviu?

– Em Toron.

Ela chegou a estremecer. A fortaleza templária, o maior bastião deles na Terra Santa! O rosto de Radegund se transformou numa máscara de ódio. A fúria era contida a custo. Seus olhos lançavam chispas na direção do marido.

– Era um deles? – Grunhiu a acusação.

– Radegund, não é o que parece.

– Como não é o que parece? – Ela ergueu um punho fechado, a voz vibrando de cólera. – Usou suas armas, viveu sob o teto deles, comeu em suas mesas! Que todos os diabos do inferno o carreguem, Luc! Casei-me com um maldito cão da Ordem! – A mão dela atingiu o tinteiro sobre a mesa, lançando-o longe. O delicado cristal espatifou-se e a tinta se espalhou como sangue negro sobre o tapete. Luc tentou se aproximar dela. Radegund esquivou-se e caminhou

para a porta, esbravejando. – Você não podia ter me ocultado isso!

Perplexo, ele não entendia que diferença aquilo fazia. Porque era tão grave para sua mulher ele ter carregado as armas do Templo?

– Radegund...

Ela, porém, já escancarava a porta, gritando-lhe furiosa por sobre o ombro.

– Não ficarei nem mais um minuto sob o mesmo teto que um maldito cavaleiro do Templo! – E cruzando o salão diante dos visitantes perplexos, bradou – Trudy! – A criada logo apareceu, atraída pelo alvoroço. – Arrume as coisas de Lizzie e as suas. Mande um garoto às estrebarias. Diga que preparem os cavalos e minha escolta. Partiremos imediatamente para D’Azûr.

Em seguida, agarrou as saias e subiu as escadas de dois em dois degraus. Quase derrubou Clarisse, que vinha em sentido contrário. Luc apareceu na porta do gabinete.

– Radegund! Volte já aqui! – Gritou para, logo em seguida, encarar o semblante furioso de Mark. Que lhe deu as costas e subiu no encalço da amiga.

Irado, Luc chutou uma banquetta que estava num canto. Voltou para dentro do gabinete, batendo a porta. Temendo que seu casamento estivesse acabado.

CAPÍTULO VII

“SE EU PUDESSE SERIA O PACIFICADOR DE VOSSA ALMA.”

O Profeta. Gibran Khalil Gibran

Terrwyn havia chegado ao salão junto com o irmão. Ele foi buscá-la em seu quarto. Limpo, bem vestido e barbeado, levando um vestido que a dama Radegund mandou de presente para ela. Ele a aguardou pacientemente na saleta contígua, enquanto ela se vestia com a ajuda de uma aia.

Quando desceram, Leila e seu marido já estavam sentados em cadeiras junto à lareira, conversando animadamente com Gilchrist. Três meninos de idades diferentes entretinham-se com soldadinhos de madeira. O mais velho deles esculpia uma figura, que ela não conseguiu definir qual era, com uma faquinha.

Terrwyn olhou ao redor procurando a dama Radegund, mas seus olhos só encontraram um homem louro, bastante alto, que se aproximava dela e de Mark com um sorriso simpático. Seu irmão fez as apresentações, mas ela só conseguiu balbuciar um cumprimento.

Deus! O homem só podia ser um anjo caído do céu! Consequia ser mais bonito do que seu irmão. Aliás, era o homem mais lindo que ela já vira em seus dezessete anos de vida. Bem, ela vira muito poucos homens, na verdade. Draig Fawr era o meio do nada e nos últimos anos ela talvez tivesse cruzado com dois ou três deles, além de Fynchan. O porco chamado Adwr e seu sobrinho, que o diabo os carregasse, não contavam. Mas aquele ali... nossa!

O anjo tinha cabelos ondulados, quase cacheados, que pareciam feitos de ouro, e que se enrolavam na base de seu pescoço. Os olhos eram azuis, como o céu de Gales no verão, límpidos e cristalinos. Ele era alto, não tanto quanto o norueguês, mas chegava perto. E tinha os ombros tão largos que ela por pouco não cedeu à tentação de olhar atrás das costas dele, para ver se não havia asas.

Depois que ele se afastou, ela e Mark foram até o grupo que conversava. Leila a convidou para se sentar ao seu lado, apontando a cadeira com um aceno e um sorriso. Ficaram todos conversando amenidades, enquanto ela os observava fascinada sem, no entanto, despregar o olho do conde de Delacroix. Logo a mulher ruiva desceu. Seu anjo louro tomou seu braço, indo com ela em direção a uma porta. Ela pareceu um pouco contrariada, e lançou um olhar ao seu irmão. Mas ele, distraído com a conversa do irlandês, não percebeu.

Os criados trouxeram vinho com especiarias, pão, fatias finas de vitela e queijo. Um homem baixinho e meio calvo os informou de que o jantar seria servido em meia hora. Todos estavam muito relaxados e bem-humorados, quando o inesperado aconteceu. A ruiva saiu pela porta por onde havia entrado

junto com o marido, esbravejando algo sobre não ficar no mesmo lugar que “*um maldito cavaleiro do Templo*”.

A palavra *Templo* pareceu então causar um enorme impacto sobre as pessoas presentes. Ou quase todas. Ela só gostaria de saber o porquê. Recostada na cadeira, comeu mais um pedaço do delicioso queijo, enquanto observava a confusão estabelecida pela esquentada ruiva.

O norueguês franziu o cenho. A esposa agarrou a mão dele com um olhar chocado. O’Mulryan engasgou com o vinho e acompanhou com o olho negro a passagem da dama em direção às escadas. Os três meninos ergueram as cabeças, olharam para a confusão, para os adultos e depois, dando de ombros, continuaram a brincar. Uma pequena mulher loura, vestida de azul – e que parecia uma delicada borboleta descendo as escadas – quase foi derrubada pela ruiva. Ela colocou a mão sobre o peito, sua boca fez um “*oh*” mudo de espanto, enquanto o olhar se fixava em seu irmão. Diabos, por que todos sempre olhavam para o seu irmão?

Por falar nele, sua reação foi a mais espalhafatosa. Levantou-se num salto e encarou o conde de Delacroix, – que saía pela porta berrando o nome da ruiva – com uma cara mais feia do que a que ele fizera quando ela soltou as rãs em seu quarto. Em seguida, correu escadas acima atrás da ruiva.

Delacroix então chutou uma banquetta e entrou praguejando pela porta por onde ele e a esposa haviam saído. Foi seguido pelo norueguês, que abriu a porta e entrou pisando duro, batendo-a de novo atrás de si.

Clarisse viu Mark correr escada acima, no encalço de sua prima. Encarou as outras pessoas no salão. Segurou as saias e voltou para o andar superior. Lá chegando, encaminhou-se diretamente para os aposentos senhoriais, ouvindo a voz alterada de Mark.

– O que diabos significou aquilo, Rade Gund?

Entrou nos aposentos e também encarou a prima, indagando ofegante.

– Eu também quero saber, prima. O que houve? Que história é essa de templário? Do que está falando?

Rade Gund caiu sentada sobre um sofá. Cobriu o rosto com as mãos. Respirou fundo e depois encarou Clarisse.

– Eu achei uma túnica da Ordem do Templo entre as coisas de Luc, Clair. Naquele dia em que entrei em trabalho de parto.

– Na torre?

– Sim.

– Tem certeza de que era de Luc? – Indagou Mark.

– Tenho. E não foi só isso que achei. Havia documentos numa caixa, onde o

nome de Luc aparecia... – ela hesitou e encarou o amigo, recomeçando – o nome de Luc estava numa lista onde apareciam vários nomes, incluindo seu pai e o pai de Leila, além de Ibelin, Michael e Yosef.

Foi a vez do mestiço se sentar.

– Uma caixa?

– Sim, idêntica à que Bharakat me deu com as joias.

Mark apenas a encarou por um bom tempo. Atônito. A caixa! Ele simplesmente se esquecera dela em meio às atribulações da viagem.

Depois da correria rumo a Cardiff, haviam embarcado num navio que mais parecia uma banheira velha. O mar estava péssimo e Terrwyn, para piorar tudo, enjoara durante a travessia. Quando chegaram a Bristol, Baco perdera duas ferraduras e sua irmã levava uns dois dias para se recuperar e poder cavalgar com eles. Depois, o mau tempo tornara a viagem um tormento. À noite, quando paravam para dormir, estavam tão exaustos que caíam no sono imediatamente.

Agora ele tinha ficado mais intrigado ainda. Qual seria o conteúdo da caixa que Sian havia guardado? Que mensagens seriam aquelas? Onde Delacroix se encaixava na história toda?

Clarisse se sentou ao lado da prima, perguntando.

– No caso de Luc ter realmente servido junto à Ordem, que diferença isso faria para vocês? Céus, Raden, vocês se amam tanto! E lutaram contra tanta coisa para ficarem juntos!

Foi Mark quem respondeu a Clarisse, enquanto fitava intensamente Radegund.

– Não é o simples fato de Luc ter servido ao Templo, Clair. São as implicações morais, a natureza desse serviço. E as lembranças que isso evoca para sua prima. – Ele fez uma pausa e perguntou com brandura. – Você nunca contou a ele, não é garota?

Com um suspiro, ela fez que não com a cabeça, enquanto se recostava no ombro de Clarisse.

– Contar o que, Mark? – Ela perguntou, abraçando a prima.

Ele retrucou irônico.

– Sobre a gentil hospedagem que a Ordem dos Cavaleiros do Templo ofereceu à sua prima em Tiro.

Luc estava transtornado. Algum tempo depois de ter se fechado no gabinete foi que percebeu Ragnar estava parado diante da porta. Sua expressão era sombria.

– É verdade, Delacroix?

Luc voltou-se bruscamente, irritado.

– O que tem a ver com isso, Svenson?

– A princípio nada, mas – ele deu alguns passos e parou diante da janela, com as mãos para trás, de costas para Luc – caso seja verdade, vou lhe explicar porque isso faz tanta diferença para sua mulher. Nunca reparou nas marcas que ela tem no peito?

– Como assim? – Luc sentiu o veneno do ciúme correr por suas veias. Como Svenson sabia que sua mulher tinha aquelas marcas? Ora...

Ragnar se voltou, alertado pelo tom de voz de Luc. Seus olhos claros estavam ainda mais sombrios.

– Mas que diabo, homem! Esse seu ciúme é doentio.

– Então como sabe daquelas cicatrizes, Svenson? Só alguém que a viu sem roupas poderia saber. E o que têm elas? Radegund tem centenas, espalhadas pelo corpo todo!

– São marcas de tortura, Delacroix. Nunca se deu conta disto? – Ele deu um passo à frente e encarou Luc extremamente sério. – E eu sei onde elas estão, porque fui eu quem tirou sua mulher, quase morta, das masmorras da Ordem, em Tiro.

– Deus! – Luc caiu sentado numa cadeira e apoiou a cabeça nas mãos.

Ragnar voltou-se novamente para a janela. Sua voz soou distante e abafada.

– Não me espanta que ela não tenha lhe contado, Delacroix. Eu, no lugar dela, também faria tudo para esquecer. Você precisa saber, no entanto, o que aconteceu. Só assim entenderá o ódio que ela nutre pela Ordem do Templo.

– Por que eles fizeram isso?

– Você quer saber, oficialmente? – Ragnar virou-se de frente para Luc. – A Ordem, como você sabe, dava suporte aos partidários de DeCourtnay, que conseguiram levar o idiota do Lousignan ao trono de Jerusalém, casando-o com Sybilla. Como também deve saber, Ibelin, Montferrat e Trípoli eram seus maiores opositores. Quando todos descobriram que Radegund era uma mulher, o Arcebispo de Tiro, que era aliado dos DeCourtnay, quis enfraquecer o poder de Balian. Aliado à Ordem, pressionou Ibelin, acusando Radegund de heresia, blasfêmia e tudo o mais que pôde inventar, baseado no fato do papa ter proibido a presença de mulheres no exército.

– E Eleanor era o quê? – Comentou Luc irônico. Ao passo que Ragnar respondeu.

– Além de rainha e dona de metade do continente? – Deu de ombros e completou com acidez. – Creio que esse não era o caso de Radegund. Bem, Ibelin, a despeito de tudo, deu um belo passa-fora no Arcebispo. Manteve a ruiva numa posição privilegiada em sua rede, já que ela era um de seus agentes mais competentes. No entanto, o Arcebispo e seu bando de maricas continuaram

inconformados. Numa ocasião, quando Ibelin estava fora da cidade, Radegund foi traída e entregue a Ordem. O Comendador prendeu-a sob a ridícula acusação de heresia. Na verdade, tudo o que eles queriam eram os nomes dos agentes que compunham a rede de Ibelin.

– E por isso eles a torturaram... – concluiu Luc, pálido.

– Sim. – Interrompeu o norueguês. – Conseguimos trazer Ibelin de volta à cidade naquele mesmo dia. Ele era a única chance que tínhamos. Pois bem, o Comendador teve que engolir Ibelin e ordenar a libertação dela. O estrago, porém, já estava feito. Eles não perderam tempo. – Ragnar ficou silencioso por um bom tempo, lembrando-se de como a vira no momento em que o guarda abriu a porta da cela. – Eles a atiraram numa masmorra e a interrogaram.

Luc sabia exatamente o que significava a palavra *interrogar* naqueles casos.

– Continue, Svenson. Agora que começou, quero saber tudo, até o fim.

– Quando entrei naquele buraco imundo ela estava pendurada na parede, com as roupas retalhadas. O animal que a torturou sabia o que fazia. As marcas que ela tem foram feitas à faca. Ele a cortou sistemática e metodicamente, de maneira a deixá-la consciente durante todo o tempo para suportar toda a dor. – Sacudiu a cabeça e encarou Luc. – Se visse a quantidade de sangue que havia... ela estava machucada da cabeça aos pés. E o torturador estava morto no chão, quando entrei na cela.

– Como? – Luc ergueu os olhos, espantado.

– Não duvide da selvageria que há em Radegund, Delacroix. Ela o estrangulou; – diante da incredulidade do outro, explicou com um sorriso cínico – como pôde, com as pernas. O bastardo ia violentá-la. – Os dois ficaram em silêncio por muito tempo, se encarando. Luc, pasmo demais para dizer qualquer coisa. E Ragnar preso à amargura que aquelas lembranças reacendiam. O norueguês foi o primeiro a voltar a falar. – Agora que já sabe de tudo isso, vai responder à pergunta de sua mulher? Aliás, não só a dela, mas a uma minha também?

– Uma pergunta sua?

– Sim. Sobre o fato de seu nome aparecer num documento. Uma lista, para ser mais exato, associado a Ibelin, Yosef de Tiro e Bharakat, entre outros.

Espantadíssimo, Luc ergueu-se num salto da cadeira. Postou-se diante de Ragnar.

– Que lista é essa? Onde você a viu?

– Leila a recebeu. Veio com uma caixa de sândalo, junto com uma série de correspondências. Tudo enviado a partir de Tiro, por Yosef, antes de morrer.

Luc franziu o cenho. Yosef! O judeu estava morto. Por que ele havia mandado a caixa para a mulher de Ragnar? Ciente de que havia algo de muito

grave acontecendo, Luc tomou uma decisão.

– Svenson, acho que chegou a hora de esclarecer este assunto de uma vez por todas. Há muito mais envolvido nisso do que vocês sequer podem imaginar. Um dos fatos mais importantes, porém, é que a vida de Mark, e provavelmente a da irmã dele também, está em risco.

– Bakkar? O que ele e a irmã têm a ver com essa história?

– Na lista há o nome de um galês, Anwyn ap Iorwerth...

– Como sabe? – Interrompeu Ragnar, surpreso ao se lembrar de ter visto o nome.

– Eu também tenho uma lista dessas. E esse Anwyn, segundo acabei de saber, era o pai de Bakkar.

Horrorizada, Clarisse ouvia o relato de Mark sobre o que sua prima havia sofrido nas mãos dos homens da Ordem. Abraçada a Radegund, que conservava o olhar distante e sombrio, ela se perguntava por que, naquele mundo, as mulheres sofriam tanto.

Mal notou quando a voz dele silenciou. Sequer percebeu as lágrimas que começaram a escorrer de seus próprios olhos. Uma sensação de sufocamento começou a se avolumar dentro dela. Clarisse abraçou a prima com mais força e balbuciou.

– Eu sinto muito...

Levantou-se subitamente. Caminhou um pouco trôpega para a saída do aposento. Andou pelo corredor, apoiando-se nas paredes para não cair, retendo os soluços que ameaçavam irromper com violência. Caminhou sem ver realmente por onde ia, e entrou na primeira porta aberta que encontrou. Um quarto vazio. Ali, desabou aos pés da cama e deu vazão aos sentimentos. Chorou por Radegund e por si mesma. Pelas vidas miseráveis a que haviam sido submetidas.

– Não devia ter dito tudo a ela, Mark – murmurou Radegund encostando a cabeça na parede – não dessa forma.

– Ela precisava saber. Assim como Luc. Devia ter dito a ele.

Radegund balançou a cabeça, os olhos fechados, angustiada.

– Poderia tê-la poupado dos detalhes. Clair ficou transtornada.

Ele parou de andar de um lado para o outro e a encarou.

– Que história é essa de ir para D’Azûr?

Abriu os olhos, fixando-os nele.

– Acha que conseguirei ficar aqui, depois disto?

– Acredito que você deveria dar a Luc uma chance de se explicar.

Sem disposição para discutir, ela voltou a encostar a cabeça na parede, fechando de novo os olhos.

– Deixe-me sozinha, Mark. Preciso pensar.

– Raden...

– Vá, homem! – Ela usou um argumento irrefutável. – Vá atrás de Clarisse. Tenho certeza de que minha prima precisa de seu apoio. Vá, ficarei bem.

Sem dizer nada, ele se inclinou e depositou um beijo em sua fronte. Depois, sumiu pela porta do corredor.

Radegund suspirou. Estava exausta.

Não demorou muito para que Mark a encontrasse. Clarisse estava encolhida no chão, chorando dolorosamente. Aproximou-se devagar, observando os ombros delicados sendo sacudidos por soluços profundos. Ajoelhou-se perto dela e colocou uma das mãos em seu ombro. Clarisse ergueu o rosto banhado de lágrimas, os olhos congestionados. Depois de um instante de surpresa, atirou-se nos braços dele.

A princípio, ele ficou sem reação. Mas logo a envolveu num abraço, aflagando seus cabelos, enquanto as lágrimas quentes e sentidas molhavam a frente de sua túnica. Suspeitou que elas não eram apenas pela dor que fora infligida a Radegund. Havia algo mais ali. Algo que seu relato havia despertado e que transtornara Clarisse a tal ponto que a fizera perder totalmente o controle.

Aquela explosão durou muito tempo. Os soluços de Clarisse foram se acalmando gradativamente, tornando-se um chorar baixinho e depois, em suspiros entrecortados. Como uma tempestade que desabava e depois carregava seus rugidos para longe, até sumir no litoral. E quando ficou só o cheiro da chuva de lágrimas de Clarisse, ele começou a sentir seu calor.

– Clair... – sussurrou – olhe para mim.

Ela ergueu o rosto que escondera em seu peito e os polegares dele deslizaram por sua face, secando as lágrimas que restavam ali. Mais um suspiro brotou de seu peito enquanto ela se afundava no olhar de seu cavaleiro mestiço.

Por mais que a mágoa apunhalasse seu peito, por mais que tentasse esquecê-lo e desprezá-lo, sabia que seria impossível. E aquele momento lhe provava isso mais uma vez. Presa naquela amargura, chorando todas as lágrimas reprimidas durante uma vida inteira de submissão, só encontrou conforto nos braços dele. Ninguém seria capaz de acalmá-la apenas com um abraço como ele havia feito. Ninguém seria capaz de prendê-la com um simples olhar, como ele fazia neste exato momento. Mark tinha aquele poder sobre ela. Poder demais.

Estremecendo, Clarisse se afastou um pouco dele, limpando as lágrimas com as mãos. Encarou-o de novo, já mais senhora de si e agradeceu.

– Obrigada, *sire*. Por me contar e por me consolar. Agora já estou bem.

Mas que diabo! Ele bem que queria entender Clarisse. Em poucos segundos, ela passava do total desamparo ao completo abandono em seus braços e, repentinamente, revestia-se com a capa da fria polidez. Não a soltou.

– Não precisa me agradecer por nada. Você sabe disso, Clair.

– De qualquer forma, obrigada.

A irritação dele transpareceu no suave aumento da pressão de suas mãos em seus braços.

– Pare com isso, Clarisse.

– Parar com o quê?

– Esta formalidade não tem cabimento entre nós.

Aborrecida, ela o empurrou e se levantou, alisando as saias de costas para ele. Em seguida, retrucou, enquanto Mark se punha de pé.

– Deixou bem claro, quando partiu, que não desejava nada de mim além disso. Um relacionamento formal e polido. Estou apenas sendo coerente.

Ele a fez se voltar de frente. Clarisse teve que levantar o rosto para encará-lo.

– Para o diabo com a coerência, Clair! Será que é pedir muito que ao menos não me trate como a um estranho?

– E no que você se tornou para mim, Mark, no curto espaço de tempo que durou aquilo o que houve entre nós? Num dia você agiu como o homem mais apaixonado da face da terra e no outro me dispensou com frieza e indiferença. Agora crê que eu deva tratá-lo como? *Mark querido? Mark, meu bem?* – Desdenhou.

Clair, meu amor...

– Não, Clarisse. Não é isso que estou lhe pedindo, mas...

– Mas, o que Mark? – Ela levantou a voz. – Quer saber? Você foi um canalha! Você disse que eu não era uma aventura, mas foi exatamente isso que fui para você! Uma aventura! Como tantas outras nesta sua vida de conquistador!

– Clarisse! – Como ela podia ter um conceito tão baixo dele? – Eu não fiquei porque não podia! Raden sabe que, quando saí em busca de meu pai, havia fortes suspeitas de que ele tinha sido perseguido por um grupo de assassinos. E como eu não sabia o que iria encontrar pela frente, achei melhor não a envolver. Além disso, que futuro eu daria a você? Diga-me? Eu não tinha, e ainda não tenho um nome, Clair! Meu pai está morto e continuo com minhas origens tão obscuras quanto sempre foram. Bastardo, mestiço e infiel, é como me chamam cristãos e sarracenos!

– Eu nunca me importei com isso, Mark!

– Você não. Mas acha que sua rainha permitiria a uma viúva rica da casa de Anjou, senhora de propriedades estrategicamente importantes, casar-se com alguém como eu? Agradeça aos céus por seu cunhado ser quem é. Pois além de Luc jamais ser capaz de forçá-la a um novo casamento, tenho certeza de que ele usou toda sua influência na corte para impedir que isso lhe fosse imposto. Estou certo, Clarisse?

– Quase. – Ela o fitou muito séria. – Exceto pelas propriedades.

– Não entendi.

– Quando Guillaume morreu, fiz questão de abrir mão de meus bens em favor de Luc. Além de ser o tutor legal de meus filhos, e administrador de suas rendas, eu também o nomeei meu guardião, com a anuência real. – Fez uma breve pausa antes de prosseguir com a explicação. – Apesar de Guillaume ter sido o primogênito, meu cunhado sempre foi o melhor dos dois; até mesmo o velho conde demonstrava preferir o filho mais novo. Nada mais justo do que ele ter assumido o condado. Além disso, se Delacroix ficasse sob minha tutela enquanto Lothair é menor, eu correria o risco de ser forçada a me casar com um imbecil qualquer, que na melhor das hipóteses, usurparia Delacroix, esbanjaria minha herança e esgotaria nossas terras. Na pior delas, assassinaria meus filhos para tomar-lhes o título. Sendo assim, Delacroix passará a Lothair apenas após o falecimento de Luc. No meu caso, fiquei apenas com uma pequena herdade nos limites de Anjou, deixada por minha mãe, que me garante uma renda mais do que suficiente às minhas necessidades.

– Ora, Clair, Luc a protegeria de qualquer forma, jamais permitiria que algo acontecesse contra sua vontade! E, além disso, você tinha tudo; seus filhos, suas propriedades, sua liberdade...

– Liberdade? – Ela gritou enfurecida, dando alguns passos pelo aposento. Estacou e virou para ele de novo, os punhos cerrados e a voz vibrando de raiva. – Essas propriedades me dariam tudo menos a liberdade. Livrei-me de um fardo, dos grilhões que elas representavam! Liberdade, pois sim. Liberdade tiveram você, Luc e todos os homens que conheci! Nem Radegund, apesar de tudo, foi livre! Para conquistar tudo o que ela conquistou, ela o fez como um homem, como um personagem que inventou. E quando os homens a descobriram, tentaram destruí-la pelo simples fato de ter nascido uma mulher! Nunca fomos livres Mark; *eu* nunca fui livre! Desde criança fui educada para me casar com um homem que trouxesse não o amor, ou ao menos a amizade, mas sim, mais riqueza e uma aliança estratégica para a casa de Anjou! Sabe com quantos anos me casei? Com dezessete! Meu pai me deu duas opções; um barão velho o suficiente para ser meu avô, ou Guillaume, filho de amigos nossos e herdeiro de Delacroix. Optei por Guillaume, não porque eu gostasse dele. Céus! Sequer o

conhecia. Mas conhecia Luc, que tinha sido pajem e depois escudeiro de meu pai. Achei que o irmão fosse como ele, gentil, educado, generoso! Conheci Guillaume na véspera de nosso casamento. Sabe o que é isso? Claro que não! Vocês homens usam e desfrutam do direito de fazerem o que querem de suas vidas e nós, – ela apontou para si – nós somos as mercadorias! Somos o gado, para ser trocado, vendido, usado e descartado!

Chocado demais com aquela reação furiosa e mais ainda com todos os sentimentos que Clarisse guardava dentro de si, Mark não conseguia sequer abrir a boca para argumentar. E ela prosseguiu.

– Sabe o que foi minha vida com Guillaume, Mark? Sabe por que chorei e me desesperei quando você contou o sofrimento de minha prima? Não foi só por ela. Foi por mim também. Foi porque me fez lembrar o canalha de meu marido! – Ela avançou para perto dele, os olhos chismando. – Aquele bastardo, que o diabo o carregue, era um doente. Foram sete anos de inferno! Guillaume era tão *gentil* que cada vez que vinha ao meu quarto eu passava uma semana com marcas roxas pelo meu corpo. Ele era um animal, desumano, beberrão e mulherengo. Eu só tive paz durante as gestações de meus dois filhos, quando ele se afastava de mim, dizendo que eu ficava horrível, e ia procurar as mulheres nas tavernas. Ele achava que me magoava, mas eu dava graças a Deus! – O olhar dela parecia perdido em meio a tanto rancor e sua voz se tornou baixa e cortante. – E quando a bebida começou a deteriorar seu corpo, Guillaume passou a me culpar.

Quando o significado daquilo penetrou na mente de Mark, ele perguntou num grito.

– O quê?!

– Sim, – ela deu uma risada escarninha – é exatamente isso que está pensando. Quando ele falhava como homem, a culpa era minha. Não das farras, ou da bebida. Era minha. Eu é que não o estimulava, não acendia seu desejo... você disse que foi embora daqui porque queria me proteger? Isto para mim é uma piada, Mark al-Bakkar! – Ela puxou a manga do vestido com violência, arrancando-a, rasgando o tecido do ombro até as costas, chocando Mark com seu descontrole e mais ainda com as marcas que via. – Vê, *sire*, o que eu já enfrentei? Naquele dia eu lhe disse que havia mais em minhas costas, pois aí estão! Contemple-as e veja a liberdade de que eu desfrutei!

As costas brancas de Clarisse eram todas marcadas por finas linhas, vergastadas cruéis, centenas, inúmeras. Ele não as viu quando se amaram naquela noite. Tudo foi tão rápido, agiram com tanta impetuosidade! O quarto na penumbra, o sangue correndo rápido demais nas veias. E depois... depois ele escapou no meio da noite, deixando-a sob as cobertas. Não, ele não tinha visto.

– Deus...

– Sabe quando ele fez isso Mark? Quando mandei meus filhos para a casa dos avós, para tirá-los do caminho dele, para que ele não os espancasse como me espancava. O desgraçado me trancou no quarto e foi para a vila. Embebedou-se durante do dia inteiro e voltou à noite, com uma prostituta a tiracolo. Trouxe-a ao meu quarto, à minha cama, e me obrigou a assistir. E quando não conseguiu... quando não conseguiu consumir o ato com a mulher, ele a mandou embora e me culpou. O bastardo, maldito! Ele pegou o chicote de montaria, me bateu e depois... – sua voz falhou e ela lutou para continuar – depois que ele me espancou, aí sim ele estava excitado o suficiente para terminar o que havia começado com a mulher da taverna!

– Clarisse! – Os olhos de Mark estavam repletos de ódio. Como alguém podia ter um caráter tão degenerado àquele ponto? Como ela foi capaz de suportar aquele fardo? Clarisse, tão meiga, tão delicada, tão bondosa. Nenhum homem que merecesse ser visto como um poderia tratar aquela mulher doce e maravilhosa assim. Será que ninguém havia erguido um dedo para ajudá-la? – Onde estavam seu sogro? Luc? Por que não contou a eles? Por que não fizeram nada?

– Meu sogro estava doente há muito tempo. Não tinha condições de controlar o filho. E Luc estava há anos fora de casa, servindo na Terra Santa. E quando ele voltou, pouco ou nada podia fazer, exceto tentar manter Guillaume fora de meu caminho. E mesmo assim, no dia em que Guillaume morreu, ele não conseguiu. E se Luc não chegasse a tempo, aquele bastardo teria me matado. Agora me diga, *sire* – sua voz passara do ódio à pura ironia – do que queria me proteger?

Chocado e envergonhado por ter sido tão covarde, quando Clarisse lhe demonstrava aquele espírito inquebrantável, que mesmo depois de tanto sofrimento ainda era capaz de sorrir, de encarar a vida com alegria, de criar seus filhos com amor e ainda estender esse amor a todos os que chegavam a Delacroix, Mark fez a única coisa que o que restava de sua dignidade lhe pedia. Ajoelhou-se diante dela e, tomando suas mãos, implorou, com os olhos e o coração.

– Perdoe-me, Clarisse. Deveria ter protegido você de mim.

Ali de onde estava pode observar toda a confusão que se estabeleceu quando a mulher saiu esbravejando do gabinete. Mais um indício de que as circunstâncias eram favoráveis ao andamento dos planos tão bem elaborados.

Quando viu aquele grupo entrando no pátio do castelo, mal acreditou! Devia ser um sinal, naturalmente, de que tudo daria certo. Todos eles ali

reunidos, no mesmo local, como se Delacroix fosse uma grande ratoeira. Observou-os com cuidado, avaliou-os atentamente, mas manteve-se à distância do homem com o tapa-olho. Aquele parecia inofensivo, mas era o mais perigoso deles. O que ofereceria risco imediato. Para o bom andamento dos planos, ele deveria ser neutralizado. Certamente pensaria em algo.

Houve também um elemento novo e que talvez fosse de grande utilidade. O mestiço aparecera com uma irmã que, pelos olhares que ele lhe lançava, devia ser muito cara ao seu coração. E quanto mais caras as pessoas eram, mais dor era possível de se causar através delas àqueles que as amavam. Por isso se mantivera distante de sentimentos daquele tipo. Amor era uma fraqueza humana. Não era necessário experimentá-lo. Não para ser forte. A única força que poderia mover inexorável e eficientemente a humanidade era o Mal. E quanto mais puro, mais desperto e mais intenso, mais eficiente ele era. Movendo a roda dos dias, alimentando vinganças como aquela da qual era instrumento e condutor. E sendo o Mal inerente à natureza dos homens, por melhores que eles fossem, suas forças cresciam a cada dia. Alimentava-se de ínfimas rugas e mesquinharias humanas de todo o tipo, como um porco cevando. E neste momento em que a discórdia invadia o castelo Delacroix como uma lufada de vento frio, sua carcaça vibrava, gozando por antecipação os dias que viriam. Não havia prazer maior que o de conceder a dor.

Gilchrist ergueu a cabeça e olhou ao redor. Terrwyn e Leila conversavam em voz baixa, sentadas em frente a ele. Ragnar ainda estava trancado no gabinete com marido de Rade Gund, e as crianças brincavam num canto do salão. Criados arrumavam as mesas em silêncio e dois lacaios com uniformes nas cores de Delacroix guardavam a entrada principal do salão.

Um arrepio estranho percorreu seu corpo e seus ouvidos pareciam zumbir. Fitou os braceletes de couro que cobriam as tatuagens em seu punho e tentou se concentrar naquilo que não podia ver, nem ouvir, nem tocar. Mas que estava lá, presente, com uma consistência sufocante. Inspirou profundamente e tentou localizar a fonte de tudo aquilo. Inútil. Estudou mais uma vez as pessoas ao seu redor. O sonho voltou à cabeça com uma nitidez assustadora, e pareceu que ouvia a voz da mulher branca e dourada sussurrando em seus ouvidos palavras de advertência que ele não compreendia. Em algum momento sua expressão deve tê-lo traído, pois Leila perguntou preocupada:

– Gil, está se sentindo bem?

– Eu... hã, sim, claro, Leila. Eu estava apenas um pouco distraído. E também cansado. Nossa viagem foi tumultuada.

– É verdade, – comentou Terrwyn – passamos por maus bocados. Eu enjoiei

o tempo todo no navio, de Cardiff a Bristol.

– E de Bristol a Rouen. – Completou Gilchrist.

Leila deu uma risada.

– Ah, então você é uma marinheira tão ruim quanto Radegund!

Terrwyn, adorando ter algo em comum com a dama, perguntou:

– É verdade? Nunca poderia imaginar...

– Vou lhe contar sobre nossa viagem ao Egito, – falou Leila – assim daremos tempo para que todo esse mal-entendido se desfaça. – Ela olhou para Gilchrist. – E eu espero que realmente seja um, e não mais do que isso.

– Faço minhas as suas palavras, Leila – retrucou ele taciturno, para então concentrar-se em seu copo de vinho.

CAPÍTULO VIII

“ANTES DE MORRER AINDA HEI DE TE VER PÁLIDO DE AMOR.”

Muito Barulho por Nada. Ato 1, Cena 1. William Shakespeare

– Mark, por favor, não faça isso. – Pediu Clarisse ao vê-lo de joelhos. – Não torne tudo mais difícil para mim.

Ele ergueu os olhos para ela e retrucou.

– Deixe-me, Clair. Eu errei em meu julgamento. Errei ao subestimar sua força e a fiz sofrer ainda mais. – Fez uma pausa e inspirou profundamente, antes de prosseguir. – Eu deveria ter sido mais honesto com você. Deveria ter lhe contado tudo, permitido que fizesse sua escolha. Fui egoísta querendo agir por nós dois.

– Sim, você deveria ter contado. – Ela concordou com um sorriso triste. – Mas agora, já não importa mais. Levante-se, por favor.

Ele obedeceu e perguntou:

– Não vai me perdoar, Clarisse? Não vai ao menos me conceder uma oportunidade de corrigir meus erros?

O olhar sofrido dela prendeu-se ao dele.

– Para que, Mark? Para que você vá embora mais uma vez e me deixe aqui, sozinha, com meu coração despedaçado?

– Não, Clarisse. Eu aprendi minha lição. – Ele engoliu o que sobrava de seu orgulho. – Se quer saber, desde que fui embora não houve um só dia em que eu não pensasse em você. Dia e noite, você esteve em meus pensamentos...

Temendo sucumbir ao magnetismo dele, ela se voltou e se apoiou numa das colunas da cama.

– Não diga isso, Mark. Não tente retomar o que já acabou. Eu custei, mas consegui voltar a ter uma vida normal. Não destrua o pouco que consegui juntar dos cacos de minha dignidade e de minha autoconfiança. É melhor que deixemos como está. – Ela lutou para manter a voz firme e voltou-se para ele de queixo erguido. – De qualquer forma, perdoe-me pela explosão. E obrigada pelo conforto que me deu.

Ele se enfureceu. Ah, essa não! Ela não iria dispensá-lo como se ele fosse um inseto inoportuno! Queria Clarisse e lutaria por ela até o fim. E para o inferno com o Templo, os *Hashashin* e tudo o mais o que pudesse surgir pela frente! Tudo o que ele sabia, depois do que ouviu, e do que sentiu ao rever Clarisse, era que teria que reconquistar aquela mulher. Clarisse, que longe da fragilidade que sua estrutura delicada insinuava, era uma verdadeira fortaleza. Clarisse, que era perfeita para ele. E Mark moveria céus e terras para convencê-la disso.

– Olhe para mim, Clarisse. – Ele pediu com firmeza, segurando-a pelos braços, fazendo com que o encarasse. – Olhe em meus olhos e diga que não sentiu nada quando nos vimos novamente. Que não sentiu seu coração bater mais rápido, como eu senti o meu. Diga-me se tudo não voltou à sua mente, todas as recordações daqueles dias. Diga-me, Clarisse! Se me disser isso, olhando em meus olhos, se me convencer de que não sente absolutamente nada por mim, eu juro, minha senhora: montarei em Baco e jamais porei os pés aqui novamente!

Maldito fosse aquele homem que parecia entrar em seus pensamentos, arrancando dela a verdade que tanto queria esconder! Ela jamais poderia negar. Não olhando dentro dos olhos que tanto amava. Não poderia dizer que não sentira falta dele, de seu sorriso, de suas histórias, de seu bom humor e do corpo dele junto ao seu, fazendo-a vibrar de prazer. Impossível negar a saudade que a corroera por todo aquele tempo! Não poderia ser desonesta. Seria um crime contra si mesma negar o amor que sentia por Mark.

O silêncio dela e seu olhar atormentado foram mais eloquentes do que todas as palavras. Sentiu-se repleto de esperanças.

– Dê uma chance a nós, Clarisse, – ele se aproximou e acariciou seu pescoço com as pontas dos dedos, traçando a linha de uma artéria que palpitava freneticamente – me dê uma chance de consertar as coisas, de provar que te amo.

Ela ainda tentou resistir.

– Você disse... – engoliu em seco e argumentou, relutante – quando foi embora, você afirmou que um envolvimento não estava em seus planos.

– Eu menti, Clair. – Ele inspirou e depois exalou o ar pesadamente. – Sua prima sabe disso. Sabe que eu menti porque queria protegê-la. E agora você também sabe. Você viu, depois do que Radegund descobriu hoje, que eu tinha alguma razão. Só que agora decidi que não quero perder tempo sofrendo por antecipação. Quero você, Clarisse. Quero aproveitar o tempo que ainda tenho em minha vida com você, mostrando a você o quanto eu te amo. Quero fazer isso e deixar o amanhã apenas acontecer. Quando cheguei a Gales e descobri que meu pai estava morto, e que eu havia perseguido uma sombra durante todo esse tempo, eu vi que não tenho controle de nada. Seja o que for que se revele através dessas cartas, do passado de Luc, ou do que quer que seja, eu não vou cometer a mesma estupidez novamente. Eu amo você, Clarisse. Deixe-me provar isso.

O toque delicado dele em seu pescoço, a voz dele e seus olhos, pareciam hipnotizá-la, transportando-a para outro mundo. Parecia estar pisando em um tapete de penas, flutuando nas palavras que ele dizia.

Devagar, Mark foi se aproximando dela, da mesma forma que faria com um potro arisco e orgulhoso. Sua mão deslizou pela face delicada e seus olhos

acompanharam o movimento. Roçou o polegar nos lábios macios e ela os entreabriu, fechando os olhos, resguardando dele os segredos daquele céu azul, de sua alma.

– Olhe para mim, Clair – pediu num sussurro.

Ela abriu os olhos de novo e suspirou, enquanto era atraída pelos braços dele para junto do peito largo e aconchegante que conhecia tão bem. Deixou-se ficar naquele abraço, sentindo os dedos dele brincarem com seus cabelos e os lábios quentes que distribuía pequenos beijos pelo seu rosto, ganhando terreno num doce assalto, cercando-a de carinho e ternura, até apoderar-se de sua boca, derrubando suas últimas defesas.

Mark a abraçou com mais força, apertou o corpo macio e suave contra si. Provou mais uma vez a doçura da boca de Clarisse. Primeiro, roçou seus lábios nos dela, experimentando, testando até onde poderia ir, até onde ela lhe concederia este direito. Depois, pressionou-os devagar, separando-os e deslizando a ponta da língua para dentro de sua boca. Acariciou sua nuca com os polegares e sentiu os mamilos intumescerem junto a seu peito. O suspiro dela morreu em sua boca, e ele o sorveu como a um néctar. As mãos delicadas se apoiaram em seu peito, fazendo seu coração bater mais rápido, enquanto com a língua, ele explorava sua boca com um vagar deliberado, matando toda a saudade que sentia. Clarisse, sua Clarisse!

Com cuidado e delicadeza, afastou-se um pouco dela, que o fitou com os olhos meio cerrados, numa muda indagação. Ele respondeu à pergunta que ela não pronunciou, enquanto distribuía pequenos beijos pelo seu rosto.

– Desta vez, Clair, farei a coisa certa. Eu a cortejarei, trarei flores e a levarei a passeios pelo campo. Trocarei sussurros com você entre beijos roubados, e lhe trarei presentes. Darei tudo o que uma mulher como você merece, e que nunca teve. – Ele pegou sua mão e a beijou delicadamente, prendendo-a com a intensidade de seu olhar. – Permite que eu a corteje, minha dama?

O que ela poderia dizer? Nunca um homem lhe dera aquele direito, nunca tivera escolha. E agora, Mark, apesar da ansiedade e da fome que lia nos olhos dele, e que sentia em seu corpo apertado junto ao dela, rogava-lhe permissão para cortejá-la. Ele, que sabia que bastaria um gesto, um toque mais apaixonado, para que ela se entregasse de bom grado, apesar de tudo, em total abandono. E ao invés de tomá-la de assalto, como um direito certo e lícito, ele lhe oferecia o poder, a liberdade de escolha. Erguendo a mão delicada, tocou a face morena, ganhando um suave beijo em sua palma. Com paciência, ele aguardou sua resposta, sem pressioná-la, nem com gestos, nem com palavras. Generosidade. Foi a única palavra que ocorreu a Clarisse para descrever aquela atitude de Mark. Ela retribuiu afirmando.

– Sim, eu aceito que me corteje.

Ele respirou fundo e beijou-a nos olhos e na fronte. Deu mais um beijo suave em seus lábios e então se afastou.

– Obrigado. E agora, vá. Pois se ficar mais tempo em meus braços, com esse vestido rasgado e o corpo exposto a me tentar, não poderei resistir. – Ele tocou sua face ainda uma vez. – Vá, minha senhora. Eu a aguardarei nas escadas, e a conduzirei ao salão como seu pretendente.

Depositando um beijo na mão que a tocava, Clarisse segurou o corpete arruinado do vestido e caminhou para a saída do aposento, deixando Mark atrás de si com o coração repleto de felicidade, apesar de todo o mistério que ainda envolvia a história de seu pai.

Depois das revelações que Ragnar fizera, Luc refletira bastante acerca do que poderia fazer para contornar toda aquela confusão. Até então não considerara sequer a hipótese de contar à esposa a verdadeira razão pela qual esteve envolvido com a Ordem. Entretanto, o fato de uma daquelas caixas ter sido enviada de Yosef para Leila, em Svenhalla, significava que ela se tornara um deles. E talvez até mesmo Ragnar. Isso também significava que um novo grupo encabeçaria a Sociedade. As normas de sucessão eram claras. Restava apenas saber quem eram os outros escolhidos. Provavelmente, enviariam um Hermes até ele. Com um suspiro resignado, Luc se levantou da cadeira e encarou Ragnar.

– Vou falar com Radegund, tentar impedi-la de sair por aí como uma louca, junto com nossa filha; tirar de sua cabeça essa ideia maluca de ir para D’Azûr. E depois do jantar, gostaria que nós todos nos reuníssemos aqui em meu gabinete. Temos muitas coisas a esclarecer. Principalmente a respeito dessas listas sobre as quais falamos.

– Você sabe do que se trata?

– Sim – ele o fitou com atenção, repentinamente compreendendo o motivo da presença deles ali – foi por isso que vieram, não foi? Porque meu nome estava na lista.

– Sim, foi por isso – e também pelo sonho de Ulla, completou Ragnar em pensamento. Mas daquilo, nem Leila sabia.

Luc assentiu. Depois de um longo silêncio, comentou.

– Sua lealdade para com Radegund é invejável.

– Já lhe disse uma vez, Delacroix, e torno a repetir. Daria minha vida pela ruiva.

– Espero que nunca precisemos chegar a este ponto, Svenson.

Taciturno e cabisbaixo, Luc saiu pela porta do gabinete, pensando por onde

começaria a explicar suas mentiras para a mulher que amava.

Subiu as escadas em silêncio. Caminhando pelo corredor que levava aos aposentos principais, ele viu quando Trudy, carregando Lizzie nos braços, fechou a porta suavemente. A criada estava com roupas de viagem e sua filhinha embrulhada num grosso cobertor.

– Trudy, – ele chamou e a criada estacou, virando-se rapidamente para ele – aonde vai com Lizzie?

– Meu senhor, – ela ficou sem graça e baixou os olhos. Odiava ficar no meio da briga do casal, mas sua lealdade pendia totalmente para a dama, a quem adorava. – Asenhora acabou de amamentar a pequena, e me pediu que terminasse de arrumar suas coisas para partirmos.

Luc pegou a filhinha nos braços e a embalou, deliciando-se com seus balbucios. Encostou o rosto em sua cabecinha e sorriu ao se lembrar que Radegund o fizera raspar a barba para não irritar a pele do bebê. Aspirou o cheiro de leite e lavanda que Lizzie exalava. Passou suavemente o dedo em suas bochechas, e traçou o contorno dos lábios pequeninos, que prometiam se tornar tão voluntariosos quanto os da mãe. Olhou novamente para Trudy, que o observava com atenção.

– Leve Lizzie para o quarto dela. Diga a sua ama que a coloque no berço, Trudy. E vá você também descansar. Conversarei com Radegund e a demoverei dessa ideia maluca.

– Perdão, meu senhor – ela pareceu hesitante – mas a dama...

– O que tem ela, Trudy?

– Minha senhora já está pronta. A escolta já nos espera...

Ele franziu o cenho e ordenou.

– Não importa. Faça o que eu lhe disse. – Ele lhe passou a criança e se encaminhou para a porta de seus aposentos. – Eu me entenderei com minha esposa.

Resignada, a criada caminhou pelo corredor com a bebezinha, rezando para que seu senhor realmente se entendesse com a irada dama.

Radegund terminou de calçar as luvas de montaria. Estendeu a mão para alcançar o grosso manto de viagem, quando Luc o retirou de seu alcance. Em seguida, interpelou-a.

– Aonde vai vestida assim?

Voltando-se para ele, os olhos sombrios e tristes, respondeu.

– Como já lhe informei antes, irei para D’Azûr.

Luc a estudou atentamente. A túnica negra estava atada por um cinto de couro. Abaixo deste, ela prendera o cinturão largo, de onde pendiam as bainhas

da espada e da adaga. A calça de lã terminava dentro das botas de montaria, atadas firmemente pelos cordões. Sob a túnica, ela trazia a cota de malha e o acolchoado. Era novamente a velha Raden. Pronta para viajar. Pronta para deixá-lo. Pronta para a guerra. Bem, seria realmente uma guerra mantê-la ali. No entanto, ele o faria nem que tivesse que trancá-la na torre mais alta de Delacroix.

– Você não sairá daqui enquanto não me escutar, Radegund.

Ela respondeu em voz baixa, carregada de rancor.

– Quando eu quis escutá-lo, Luc, quando eu implorei para que me dissesse a verdade, você se omitiu. Por que agora quer conversar? Quer me manipular, é isso? Envolver-me em mais uma teia de mentiras?

Sentindo-se prestes a perder as estribeiras com a teimosia dela, ele bufou e tentou explicar.

– Raden, eu sei que está se sentindo enganada, mas me ouça, por favor. Não atire fora tudo o que nos esforçamos tanto para construir. Lutamos contra tanta coisa juntos, meu amor... será que não podemos lutar também contra essas mentiras, contra esse erro que cometi?

Ela suspirou profundamente e lhe deu as costas, olhando pela janela.

– Não posso sequer me lembrar do que você me revelou lá embaixo, Luc, sem sentir verdadeira repulsa ao imaginá-lo servindo como um deles. Não imagina o que a visão daquela maldita roupa fez comigo. O choque foi tão grande que Lizzie acabou vindo ao mundo mais cedo. Você não faz ideia... – ela não conseguiu continuar. Se continuasse a falar, choraria diante dele, e ela não queria chorar. Seu orgulho não lhe permitiria. Apertou os punhos e fechou os olhos, reprimindo as lágrimas de revolta.

Luc, porém, sabia ao que ela se referia. E devagar, aproximou-se dela, abraçando-a. Sua esposa quis se soltar de seus braços, estremecendo angustiada, mas ele não a deixou. E para tranquilizá-la, começou a dizer, em voz mansa e pausada.

– Eu já sei, Radegund. Eu já soube de tudo. – Ele encostou a face na dela e prosseguiu. – Ragnar me contou ainda há pouco, lá embaixo, e eu compreendi. Entendi até porque você nunca me falou sobre o assunto. Porque sempre me disse que as cicatrizes eram cortes feitos em batalhas, treinos... quero que saiba, porém, que eu nunca, nunca em minha vida pratiquei atos de tamanha vileza ou covardia. Jamais Radegund, submeti uma pessoa, quanto mais uma mulher, a este tipo de humilhação, ou qualquer outra de natureza semelhante. Lutei sim, e matei muitos num campo de batalha, numa luta honesta e limpa. Mas meus inimigos sempre tiveram a chance de se defender, e, como eles, eu sempre tive a chance de morrer. Entenda que, se não lhe contei nada a respeito do período em que servi à Ordem, foi porque estive preso a um juramento, a algo muito

superior e maior do que eu, você ou qualquer outra pessoa, por mais cara que me fosse.

Ela se voltou para ele, intrigada.

– Do que está falando Luc? No que está metido? Tem a ver com aquela lista?

– Sim. – Ele pegou as mãos dela nas suas e capturou seu olhar, dizendo com extrema seriedade. – Combinei com Svenson de nos reunirmos mais tarde no gabinete para falarmos a respeito disso.

– Ragnar? O que ele tem a ver com essa história?

– Leila recebeu uma lista semelhante à que você encontrou.

– Mas o que diabos...

– Ouça-me. – Ele segurou suas mãos com força. – Como eu disse, há algo muito maior em jogo, e por mais que eu quisesse, estava impedido de contar. O bem da maioria sobrepõe-se ao pessoal, por mais doloroso que isso seja. E esta é a primeira regra a ser seguida.

– Como assim? Regra? Que regra, Luc? De que, em nome de Deus, você está falando?

Luc encheu o peito de ar e soltou-o devagar. Muita coisa estava em jogo. Romperia com um juramento de muitos anos apoiado apenas em seu bom senso. Que assim fosse.

– Eu faço parte de um grupo que tem como objetivo primordial manter o equilíbrio das coisas, por assim dizer. Um grupo secreto de homens e mulheres livres, fundado pelos primeiros peregrinos que foram para a Terra Santa, e que se horrorizaram com a barbárie perpetrada contra sarracenos, judeus, e até mesmo contra os próprios cristãos, naquela época. A história toda é muito longa, e envolve não só as listas, como também várias pessoas importantes. Algumas conhecidas nossas, incluindo o pai de Bakkar. E o mais importante, envolve o fato de, ao longo dos últimos trinta anos, vários agentes da Sociedade terem sido traídos e eliminados sistematicamente.

Radegund permaneceu calada, observando o marido atentamente. A luta feroz entre sua natureza desconfiada e a necessidade de acreditar em Luc absorvendo-a completamente. A quantidade de indagações que passavam por sua cabeça crescendo a cada instante. Que Sociedade era aquela, aonde estava, o que fazia exatamente? Que *equilíbrio* era aquele ao qual Luc se referia? O que o pai de Mark tinha a ver com a história toda? E a maior questão de todas elas, qual o papel da Ordem do Templo na vida de seu marido? Luc respondeu à sua pergunta.

– A Ordem se tornou poderosa demais, incontrolável. Nossos agentes se infiltraram em Toron para tentar coibir os abusos a partir de dentro. Eu estive

infiltrado entre eles, não era um membro verdadeiro da Ordem.

Radegund o encarou por um bom tempo. Luc não a pressionou. Não tentou acrescentar nenhum argumento àqueles que já havia exposto. Aprendera a conhecer a esposa. Sabia que ela estava juntando as informações, analisando-as com cuidado. Era preciso lhe dar aquele tempo; Radegund era arredia, isso ele sempre soube. Mas também era coerente. Não demorou muito e ela deu seu veredicto.

– Muito bem, Luc. Eu ficarei em Delacroix. – Ele soltou o ar que prendera sem sentir. – Porém, quero saber de tudo, toda a história. Prometa que não me ocultará mais nada. Absolutamente nada. Você me deve isto.

Ele sorriu. Ergueu a mão e acariciou sua face com ternura.

– Lamento pelas mentiras, moça. Prometo. Não cometerei o mesmo erro duas vezes. – Seu sorriso se alargou e a voz adquiriu um tom de troça. – Agora, podemos descer e jantar com nossos hóspedes? Ou pensarão que em Delacroix temos o hábito de matar os amigos de fome.

Ela finalmente se permitiu sorrir, embora de forma breve. Tomou o braço que o marido lhe oferecia e desceram juntos ao salão de Delacroix.

Mark aguardava pacientemente por Clarisse no patamar da escada. Assim, pode ver quando Radegund e Luc saíram de seus aposentos de braços dados, as fisionomias mais serenas, embora preocupadas. Franziu o cenho ao ver os trajés da amiga.

– Aonde vai vestida assim?

Ela esboçou um sorriso.

– É a segunda pessoa que me pergunta isso hoje, Mark. – Ela olhou para o marido e depois respondeu. – Eu ia. Embora. Agora, ficarei e ouvirei o que Luc tem a nos dizer. Não foi esse o conselho que me deu?

– Obrigado, – Luc colocou a mão sobre o ombro de Mark – ainda bem que minha mulher tem um amigo com juízo.

– Juízo? Só pode estar brincando, Luc... – zombou Raden.

Luc assumiu um tom mais sério e avisou.

– Mark, eu e Radegund já conversamos sobre o que aconteceu. Porém, quero me reunir com todos vocês após o jantar, em meu gabinete, para esclarecermos de vez as questões que envolvem as listas. Creio também que tenho informações que lhe interessam.

– E que informações seriam? – Indagou Mark, curioso.

– Sobre Anwyn.

– Meu pai? – Seu espanto era evidente.

– Sim, – Luc caminhou para a escada, junto com a esposa – depois do jantar

falaremos.

Mark manteve a postura e assentiu. Embora seu desejo fosse arrastar Luc pelo colarinho e fazê-lo falar, precisaria esperar. De qualquer forma, não iriam tratar daquele assunto parados ali, no meio do corredor.

O som de uma porta se fechando devagar, aliado a um suave perfume floral, fizeram-no se voltar. Apenas para se deparar com a imagem lindíssima de Clarisse trajando um vestido rosado. A peça a deixava ainda mais delicada e etérea. De mangas longas e cintura baixa, marcada por um refinado adorno de pérolas, acentuava suas formas extremamente femininas e tentadoras. O corpete, discretamente decotado, era bordado num tom mais escuro de rosa, da mesma forma que os punhos e a barra da saia. Caminhando devagar na direção dele, ela estendeu a mão. Os olhos límpidos brilhando de contentamento. Mark tomou a mão estendida, beijando-a com galanteria, fazendo um doce arrepio percorrer o corpo de Clarisse.

– Está linda! – Elogiou-a, prendendo-a num olhar intenso. – Permite que eu anuncie minhas intenções durante o jantar?

Ela arregalou os olhos, espantada.

– Suas intenções? Você quer dizer...

– Exatamente. Minha intenção de me casar com você.

Boquiaberta, Clarisse não sabia se ria, se chorava, ou o se saía correndo. Quando Mark disse que a cortejaria, não imaginou que tudo se desenrolaria tão rápido. Olhando para ele, ainda um pouco aérea, balbuciou um “sim”. E foi agraciada com um sorriso encantador.

– Que bom, minha dama. Pois eu não resistiria a uma corte longa. – Ele chegou mais perto dela e segredou em seu ouvido. – Sabe muito bem que eu não sou um santo...

Tomando sua mão, conduziu-a pelas escadas. Intimamente, Clarisse agradeceu o braço forte no qual se agarrava. Suas pernas estavam bambas como geleia, tamanha a força das lembranças evocadas por aquela breve afirmação.

Terrwyn ergueu os olhos e constatou que os meninos já haviam se recolhido. Na certa, haviam jantado na cozinha e de lá ido direto para a cama. Com a confusão que ocorreu mais cedo, a refeição ficou bem atrasada. Apesar disso, ela já se divertira bastante com as histórias que Leila, Ragnar e Gilchrist haviam lhe contado sobre a época em que viviam na Terra Santa. Leila a encantou com seu jeito delicado e cativante de contar os acontecimentos, fazendo-a se sentir como se estivesse lá, participando de tudo. E a cada história ouvida, fascinava-se mais ainda com amiga de seu irmão, a esquentada mulher ruiva.

Embora entretida na conversa, o movimento nas escadas capturou imediatamente a atenção de Terrwyn. Cativada, acompanhou a descida de Radegund, que vinha de braços dados com o marido. Como se as histórias de Leila pudessem ter trazido de volta a mulher do passado, ela trajava calças e uma túnica masculina, que cobria parcialmente uma cota de malha. Do cinturão em seus quadris pendia uma espada e uma adaga.

– Diabos!

Só quando todos se voltaram para ela, foi que Terrwyn percebeu, encabulada, que havia se expressado em voz alta.

– Impressionada? – Indagou Gilchrist, inclinando-se um pouco em sua direção devido a sua grande estatura. – Precisava vê-la então lutando montada em Lúcifer.

Terrwyn virou-se para ele.

– Lúcifer?!

Ragnar explicou.

– Uma besta negra, temperamental como a dona. – Ele se voltou para Radegund, que se aproximava do grupo. – Aonde vai vestida assim, ruiva?

– Terceiro...

– Como?

– Esqueça, Sven! – Ela deu de ombros enquanto se lembrava de entregar o cinturão com as armas ao sempre atento Maximillian, escudeiro de seu marido. – Acho melhor nos sentarmos e apreciarmos nosso jantar, ou, como disse meu marido, vão começar a pensar que o conde de Delacroix tem por hábito matar seus hóspedes de inanição.

A observação arrancou risos de todos. Logo boa parte da tensão se dissipou. A conversa foi interrompida para que todos se acomodassem à mesa, montada sobre cavaletes, no lado mais iluminado do salão. Mark e Clarisse foram os últimos a chegar, merecendo um característico erguer de sobrancelhas de Radegund e vários olhares curiosos. Tanto pelo fato de chegarem juntos, quanto pelo sofisticado traje de Clarisse, diferente daquele com o qual ela subira e bem mais elegante. Terrwyn, além de curiosa com aquela súbita proximidade, sentiu-se também um tanto insegura ao notar a forma como seu irmão olhava para a dama.

A um sinal de Trudy, os criados começaram a trazer as travessas repletas de iguarias. Os hóspedes foram honrados com o que havia de mais requintado nas despensas de Delacroix. Embora a refeição tivesse sido providenciada com certo improviso, fora caprichada.

Das travessas fumegantes erguia-se o aroma das enguias marinadas com cebola e mel e das codornas carameladas, servidas com purê de maçãs. Perdizes

assadas decoradas com cebolinhas e fatias de maçã, vitelas com molho espesso de ervas e tortas recheadas com queijo e especiarias também compunham o cardápio farto. Dois criados carregaram até o centro da mesa uma tábua com um leitão assado, regado com vinho de especiarias. Luc fez as honras, partindo a carne, convidando a todos que se servissem. À mesa também estavam os presentes trazidos por Ragnar. Arenque defumado das geladas águas de sua terra, além do saboroso *torsk*, um peixe seco e salgado servido em lascas. Havia também terrinas repletas de tâmaras, figos secos e damascos, importados por Leila de seus pomares na Terra Santa. Brindes foram erguidos, risos e piadas trocados. A refeição tardia se tornou a celebração do reencontro do grupo.

Leila ergueu seu copo e bebericou o vinho encorpado, enquanto se inclinava para o marido.

– Parece que o coração de Mark já tem uma dona – comentou em voz baixa.

– Ah, *liten*... – ele sorriu com a pitada de malícia que lhe era característica – este caso começou quando ele e a ruiva apareceram por aqui, no ano que passou. Naquela época, pelo que sei, Bakkar acabou se desentendendo com a dama. Mas parece que agora voltaram às boas. Veja como nosso amigo olha para ela.

Gilchrist, sentado à frente de Leila, entrou na conversa, comentando também em voz baixa.

– Eu nunca vi Bakkar com um olhar tão apaixonado. Acredito que tenha sido mesmo fisgado.

Terrwyn, ao lado do irlandês, ouviu o comentário. Olhou para o irmão, mordendo o lábio. Estaria Mark realmente apaixonado pela dama Clarisse? Tudo levava a crer que sim.

Oh, mas que diabo! Ela mal ganhara um irmão e já o perderia para uma mulher! Na certa ele se esqueceria dela. E então, ela voltaria a fazer parte da mobília, como fizera a vida inteira em Draig Fawr. Onde seu pai, apaixonado por uma lembrança, não se dava conta da existência da filha. Onde sua mãe, doente e apaixonada por um marido desatento, pouca atenção lhe dispensava. Suspirando, fitou o irmão adorado, com medo da solidão que voltava a espreitar sua vida.

Embora não estivessem alheios ao furor que causavam, Mark e Clarisse, num acordo tácito, decidiram ignorá-lo. Tomaram seus lugares à mesa com naturalidade e se envolveram nas conversas, regadas pelo vinho da Gasconha e pela cidra. Ao lado do marido, Radegund deliciou-se, lambendo as pontas dos dedos.

– Ah, Sven! Essas tâmaras estão maravilhosas! Há anos eu que eu não comia uma dessas.

– Disse a ele para trazermos, Raden – comentou Leila – sabia que você as apreciava. Já provou, Clarisse?

A cunhada de Luc, que fora apresentada a Leila durante o jantar, respondeu.

– Sim, Leila. São realmente divinas!

Mark pigarreou, interrompendo a conversa. Ergueu a voz, chamando a atenção de todos os demais.

– Por falar em coisas divinas, tenho um comunicado a fazer. – Tomou a mão de Clarisse e a beijou, levantando-se em seguida – Com a concordância do nosso conde de Delacroix, eu espero, – sorriu para Luc – gostaria de participar a vocês, meus amigos, que eu e a dama Clarisse decidimos nos casar. – O silêncio que veio em seguida foi a medida da surpresa de todos. Radegund fitava o amigo, boquiaberta. Embora soubesse da profundidade dos sentimentos que ele nutria por Clarisse, jamais imaginara em sua vida ouvi-lo pronunciar tal discurso. Mark, naturalmente, não perdeu tempo. Piscou para ela, maroto, dizendo: – Feche a boca, Radegund.

Houve um breve instante em que ela piscou, atônita. Depois, explodiu em risos. Levantou-se e contornou a mesa, abraçando o amigo.

– Pegou-nos de surpresa, seu fanfarrão!

– Tudo para ver aquela expressão parva em sua cara, garota!

Os vivos foram gerais e por alguns minutos, houve uma profusão de gracejos, tapinhas nas costas e piadas acerca da pressa do casal. Raden fitou o amigo, emocionada, segurando as mãos morenas entre as suas.

– Não tenho palavras para dizer o quanto estou feliz por você, por minha prima e por mim também, pois sei que agora terei vocês dois sempre por perto. – Ela engoliu o nó que se formava em sua garganta e sua voz se tornou mais baixa. – Ninguém nesta vida merece tanto ser feliz quanto você, Mark.

Com um abraço apertado, ele agradeceu, visivelmente comovido.

– Obrigado, garota.

Luc se aproximou e assim que Radegund se afastou, estendeu a mão para ele.

– Eu também fico feliz, – ele estendeu a outra mão para Clarisse, que se abraçara à prima – por vocês dois. Vamos brindar aos noivos?

Em meio à felicidade do casal, ninguém percebeu Terrwyn, que se retirou para seus aposentos em silêncio.

Terminada a refeição, Luc solicitou a todos que se reunissem no gabinete, pedindo licença apenas para ir buscar a famosa caixa causadora do tumulto. Mark apanhou a sua, e Leila e Ragnar também levaram a deles. Radegund, apesar de ter ganhado a sua de Bharakat sem nenhuma lista dentro, achou por bem levá-la à reunião, pois talvez ela contivesse alguma pista. Além disso, o nome de Bharakat também estava naquela maldita lista.

Mark voltou ao gabinete alguns minutos depois, e acariciava a caixa em suas mãos com certa reverência. Colocou-a junto com a de Leila e a de Luc, que já estavam sobre a mesa. Radegund entrou na sala, trazendo a sua nas mãos, para espanto de Luc.

– De onde saiu isso?

Ela olhou dele para a caixa.

– Vai dizer que você nunca a viu?

– Não. Vocês mulheres guardam tantas quinquilharias em seus baús! – Ele se adiantou e olhou a peça com atenção. – É uma das nossas. Onde...

– Meu pai deu a ela, Luc, – Leila explicou – foi um presente dele ainda em Jerusalém, junto com as joias. Na época pareceu-me apenas um gesto de gratidão, mas agora... Céus! Nem sei o que pensar. É tudo tão estranho!

Luc voltou-se para Raden e indagou.

– Por acaso, a pedra que engastou no punho da espada que me deu, saiu daqui?

– Sim.

Luc praticamente caiu sentado, aturdido demais para falar qualquer coisa.

– Quer nos dizer logo o que está acontecendo, homem! – Exclamou Mark já impaciente, de pé atrás da cadeira onde Clarisse havia se sentado.

Gilchrist observava tudo com atenção e pressentia que aquela seria uma noite de grandes revelações. E apesar de não ser portador de caixa alguma, sabia que deveria prestar muita atenção em tudo o que fosse dito ali, pois talvez as vidas deles dependessem daquelas informações.

Luc sacudiu a cabeça de um lado para o outro e atraiu Radegund para que se sentasse junto a ele. Em seguida, começou seu relato.

– O que vou contar a vocês agora deverá permanecer em segredo absoluto. Não poderá sair desta sala, até que um de nós receba uma determinação neste sentido. – Ele segurou as mãos da esposa. – Vou começar do princípio de tudo. Há quase cem anos, quando o papa Urbano convocou a primeira Hoste, um grupo de cavaleiros cristãos que acompanhava o duque Godfroi se revoltou com a ganância e a cupidez que muitos revelaram ao chegar à Terra Santa, infligindo o sofrimento por onde quer que passassem. Esses homens, na tentativa de lutar contra o caos que se instalou logo após o massacre de Jerusalém, se estabeleceram inicialmente no Condado de Trípoli, a partir do qual estenderam sua rede. A intenção era formar um grupo forte de homens e mulheres que, nos bastidores e usando de armas sutis, minaria o poder principalmente de Baldwin I, o irmão de Godfroi, que assumiu o trono de Jerusalém logo após sua morte.

– Por que de Baldwin, especificamente, Luc? – Indagou Mark.

– Por que ele era a síntese do que havia de pior em nosso exército. Enfim,

no Ano de Nosso Senhor de 1100 estabeleceu-se a Sociedade da Hidra.

– Da Hidra? – Espantou-se Clarisse – Por que esse nome, cunhado?

– Conhece a lenda grega? A hidra era um animal mitológico, uma espécie de dragão com várias cabeças. Se uma fosse cortada, duas renasciam em seu lugar. E a estrutura da Sociedade foi planejada assim. Várias cabeças, espalhadas pela Terra Santa e pela Europa. Se uma delas é eliminada ou morre, outra é colocada em seu lugar.

– Deixe-me ver se entendi, – falou Ragnar – essas cabeças seriam os líderes da Sociedade?

– Exatamente. E não são só cristãos. Por isso – ele fitou Leila – seu pai estava na lista. Creio eu que ele era muçulmano? – Leila assentiu. – E também Yosef de Tiro, que era judeu. A linha mestra da Sociedade, seu objetivo maior, sempre foi estabelecer o equilíbrio entre as três maiores vertentes religiosas na região, e dar livre acesso a todos os fiéis aos seus locais de peregrinação.

– Objetivo um tanto sonhador, não acha? – Comentou Gilchrist com uma ponta de ironia. Afinal, ele sabia muito bem o que os homens eram capazes de fazer em nome da fé.

– É verdade, mas esta é a força da Sociedade, seu sustentáculo e, enquanto houver quem acredite nesta possibilidade, ela resistirá. – Luc voltou ao assunto. – Dentro da estrutura da Sociedade há os Cabeças, os Emissários e os Arautos, vulgarmente conhecidos como Hermes.

– Os fundadores gostavam um bocado dos gregos! – Pilheriou Mark, tentando aplacar a ansiedade em saber o que havia naquela maldita caixa.

– Também acho, Bakkar. Bem, voltando à Sociedade. A sucessão dos membros é feita sempre por indicação, baseando-se em algumas regras. Se um homem indicar seu filho, só poderá indicar um de cada vez. Ou seja, não poderá ter dois filhos, ao mesmo tempo, dentro da Sociedade. Sendo assim, Barisan de Ibelin foi um dos Cabeças e seu filho, Hugh, foi indicado por ele como um Emissário. Quando Hugh morreu a caminho de Compostela, por volta de 1169, Barisan indicou Balian para seu lugar, onde permanece até hoje, tendo ascendido ao posto de Cabeça da Sociedade quando o pai faleceu. Geralmente não se indica o primogênito, para não haver problemas nas linhas sucessórias das famílias. Naturalmente, há exceções. As filhas podem ser indicadas como Emissárias, e podem ascender ou, em casos raros, serem diretamente indicadas como Cabeças. Mas nunca vi um Hermes mulher, talvez pelo fato de estarem sempre viajando, muitas vezes por lugares ermos e perigosos. Meu pai, Raymond de Trípoli e Bharakat foram alguns dos Cabeças; e eu sou um Emissário.

– E onde entram as caixas na história toda, Luc? – Indagou Radegund, já ficando tonta com aquele volume de informações novas.

– Certo, vamos às caixas. Quando um Cabeça ou Emissário decide a quem vai indicar para membro da Sociedade, seja para seu lugar ou para outro posto; ou quando ele morre antes de indicar seu escolhido, a caixa contendo a lista de nomes é entregue ao novo membro, já com o nome dele escrito nela e o posto que deverá ocupar.

– Mas a lista que recebi não tem meu nome, nem o de Ragnar. Por que foi mandada para mim então? – Indagou Leila.

– Ela tem, mas você não pode vê-lo. Não leu os outros documentos que estavam na caixa?

– Na verdade, Luc – falou Ragnar – ficamos tão intrigados com essa lista, que até nos esquecemos dos outros papéis. Entretanto, eles estão todos aqui. Quer examiná-los?

– Logo. Primeiro, pode me passar sua lista, Leila? – Ele pegou o papel que ela retirava da caixa. – Agora, Gilchrist, tenha a bondade de me dar esta vela, sim?

O irlandês lhe entregou o castiçal e Luc passou a vela sob o papel, sem permitir que a chama encostasse nele. Logo, a escrita foi se revelando, para o espanto de todos.

– Fantástico! – Exclamou Clarisse.

– Engenhosamente simples – disse Luc para, em seguida, erguer-se da cadeira e inclinar a cabeça diante de uma atônita Leila. – Eu a reverencio, minha senhora.

– Como? – Ela indagou aturdida.

– É a uma das Cabeças da Sociedade da Hidra. Yosef de Tiro a indicou.

CAPÍTULO IX

“OUTRORA MANSO, E EM UMA PERIGOSA TRILHA,
O HOMEM JUSTO MANTEVE SUA ROTA. ”

O Casamento do Céu e do Inferno. William Blake

– Pelo Profeta! – Leila arregalou os olhos espantada e se voltou para o marido, sem conseguir falar mais nada. Ragnar deu de ombros e ela então olhou para Luc, perguntando – Por que eu?

– Creio que Yosef pensou em sua influência e em seus contatos comerciais. Possui muitos negócios, tanto no *Outremer* como aqui. Veja bem, Leila, a atuação da Sociedade ocorre em vários níveis. Na maioria das vezes a influência é sutil. Preferimos agir no controle financeiro, político e comercial a atuar diretamente, no sentido bélico. A Sociedade atinge os homens em sua parte mais sensível, – brincou ele – suas bolsas! Se Yosef a indicou, ele deixou naquelas cartas instruções a respeito de tudo, e também suas motivações. Esteja certa, porém, de que, se ele a indicou, foi porque a considerava apta para a função.

– E agora? O que eu tenho que fazer?

– Fique tranquila. Eu explicarei depois. Mas, primeiro, quero ver a outra lista, a que provavelmente há na caixa de Mark.

O mestiço apanhou sua caixa e abriu, vasculhando os documentos amarelados pelo tempo. Achou o papel com o lacre rompido, igual ao que Leila mostrara a Luc e o entregou a ele. Luc desdobrou a folha e comentou.

– Esta lista é de muitos anos atrás... – ele pegou a vela e passou por trás da folha. – Ora... Mahkim ap Anwyn ap Iorwerth?

– Deixe-me ver, Luc. – Falou Mark, tenso, pegando a lista que ele lhe estendia. – Isso é uma piada!

Clarisse olhou para ele, que largara a lista sobre a mesa e se encaminhava para a janela. Levantou-se e o seguiu.

– O que foi querido? Por que está tão irritado? – Indagou pousando a mão em seus ombros tensos.

– Não existe Mahkim ap Anwyn! Só existe Mahkim al-Bakkar.

– Como? Não estou entendendo?

– Mahkim é meu nome, Clair. O nome que minha mãe me deu, apesar de ela mesma só me chamar de Mark, só Deus sabe o porquê! Só que jamais fui reconhecido como filho de Anwyn, ele jamais fez isso.

Enquanto Mark falava com Clarisse, Luc apanhou a caixa e examinou atentamente junto com Raden os papéis que ela continha. Ao se depararem com um documento específico, ele e a esposa se entreolharam. Ela pediu.

– Deixe-me entregar a ele.

Luc lhe deu o papel sob os olhares dos outros. Radegund se aproximou do

amigo e da prima. Algo em seu tom de voz o fez se voltar imediatamente para ela, no momento em que o chamou.

– Mark, – ele fitou o papel que ela estendia a sua frente. As palavras que ela disse, e até mesmo o tom da voz dela, ficariam gravadas em sua memória para sempre – ele o fez.

Apanhando o documento das mãos de Radegund, Mark o leu atentamente. Engoliu em seco várias vezes, tentando controlar as emoções que sentia. Suas mãos tremiam e ele não sabia como fazê-las parar. Uma mistura de alívio, raiva, revolta, frustração e até mesmo, uma pontada de alegria. Leu várias vezes aquela parte, escrita numa caligrafia alongada, em frases formais, que *“fazia saber, diante de Deus e dos homens, que Mahkim, nascido de Aziza bint Ahmed ibn Farouk al-Bakkar, em Jerusalém, no ano do Senhor de 1158, era filho legítimo do chevalier Anwyn ap Iorwerth.*” Sem ler o restante, Mark desceu os olhos até a assinatura e o selo de seu pai, ao lado de uma chancela que retratava um dragão de nove cabeças. A Hidra.

Seu pai. Trinta e três anos depois ele finalmente tinha um pai. Não se sentia diferente com isso.

Achou, a vida inteira, que quando finalmente soubesse quem era seu pai, quando deixasse de ser um reles bastardo, teria paz. Mas ela não veio. Lutando contra a amargura que ameaçava engoli-lo, olhou para Clarisse, falando em voz baixa, onde transparecia uma triste ironia.

– Ao menos agora não se casará com um homem sem nome, Clair...

Clarisse sentiu toda sua amargura e desalento, e correu a abraçá-lo. Luc, para dar um pouco de tempo para que o amigo se recuperasse, sugeriu.

– O que acham de tomarmos uma caneca de hidromel antes de continuarmos? Toda essa conversa me deu sede.

Prontamente todos concordaram, deixando para o casal a privacidade do gabinete.

Terrwyn se sentara no alto das ameias, abatida. Queria muito falar com o irmão, mas ele e os amigos estavam há horas trancados naquela sala. O que tanto conversavam? Captou um movimento atrás de si com o canto dos olhos.

– Não conseguiu dormir? – Indagou o menino de cabelos escuros aproximando-se dela.

– Mais ou menos, – ela deu de ombros – e você? Não é hora de crianças estarem na cama?

O garoto torceu o nariz e num pulo se sentou ao lado dela na ameia.

– Não sou uma criança. Sou um rapaz.

– Há! E quantos anos o rapaz tem?

O menino olhou para ela, parecendo um pouco confuso.

– Não sei...

– Ora, como não sabe? Todo mundo sabe quantos anos tem!

– Eu nem sei qual é meu nome, senhorita... – Terrwyn olhou para ele aparentando perplexidade e o menino continuou – todos aqui me chamam de Jean porque foi o nome que os meninos me deram quando cheguei. Sofri um acidente e não me lembro de nada antes dele. Nem de quem eu sou.

– Mas que diabo! – Praguejou a mocinha. – Isso é um bocado ruim...

O garoto deu de ombros e logo indagou.

– E a senhorita, por que está tão triste?

Terrwyn suspirou.

– É meu irmão.... Agora que ele vai se casar, na certa vai esquecer que eu existo. Aliás, acho até que já se esqueceu...

Jean olhou para a jovem ao seu lado. Parecia frágil, indefesa. Olhando para a escuridão noturna além das ameias, falou.

– Parece que os adultos sempre deixam os mais jovens de lado para cuidar de seus interesses.

– Por que diz isso?

– Eu observo as pessoas.

Os dois ficaram calados durante algum tempo até que Terrwyn perguntou.

– Onde fica a torre dos falcões? Ouvi um dos meninos comentando a respeito, gostaria de vê-los.

– Fica logo ali, – ele apontou para a torre à direita de onde estavam – mas agora não deve entrar lá.

– Por que?

– Assustaria as aves. – Terrwyn franziu o cenho e Jean explicou. – Elas dormem a essa hora. Não deve entrar lá. Pode ser perigoso para você.

– Não entendi.

– São aves de rapina. Se as assustar em seu descanso, podem atacá-la. Elas ficam sobre as traves, não estão em gaiolas. Imagine, se um falcão mal-humorado cravar as unhas em seu rosto...

Ela estremeceu, desconfortável.

– Você tem um humor mórbido para alguém tão jovem.

Ele sorriu, fazendo aparecerem duas covinhas em suas bochechas, tornando-o encantador.

– Desculpe. É que essa história de não ter nome, não lembrar de nada, às vezes me faz esquecer até dos sentimentos das pessoas. Perdoe-me, senhorita. – Ele desceu da ameia. – Ficaré aqui?

– Sim, vou apreciar a noite mais um pouco. Obrigada pela companhia, Jean.

– Eu é que agradeço, senhorita. Foi um tempo muito proveitoso. Até amanhã.

Terrwyn acompanhou o vulto pequeno e magro sumir nas sombras da noite.
Garoto engraçado...

Clarisse aguardou pacientemente que Mark se refizesse, segurando sua mão enquanto ele apenas fitava o vazio. Os olhos castanhos que ela tanto amava estavam opacos, nublados por uma dor tão antiga e tão profunda que só anos de amor e paciência poderiam fazê-lo superar. Tentou imaginar como poderia ter sido a vida dele, sem um pai, sendo rejeitado pela sociedade, discriminado e tratado como um pária pelos dois mundos. Pois Mark não pertencia ao mundo cristão, e tampouco ao muçulmano.

Porém, em algum momento, ele se fortalecera e criara uma couraça em torno de si. Assumira aquela aura intrigante, um misto de poder físico e intelectual, aliada à beleza que a mistura das duas raças ironicamente lhe proporcionara. Clarisse tentou vê-lo com os olhos dos outros, daqueles que não o amavam. Certamente os homens viam nele uma ameaça, e as mulheres uma espécie de animal raro e exótico. Talvez por esses motivos ele e sua prima tivessem se apegado tanto. Não passavam, aos insensíveis olhos mundanos, de duas aberrações.

Para ela, no entanto, que conseguira penetrar na armadura de charme despreocupado do belo cavaleiro, Mark era sim único, especial na melhor acepção do termo. Seu coração generoso, sua simplicidade, sua sensibilidade, aliados à sua coragem e inteligência, o tornavam um homem raro. O seu homem.

Aproximando-se mais dele, Clarisse o abraçou, fazendo-o recostar a cabeça em seu ombro, embalando-o com ternura. Aconchegado ali, nos braços de sua adorada ninfa, Mark se sentiu novamente um menino, e também um homem abençoado. Apesar de tudo, tinha o amor daquela mulher, que o fortalecia, o amparava e o fazia crescer como ser humano.

– Acalme seu coração, querido – disse ela com brandura – há ainda muitas coisas a serem explicadas. Ao menos seu pai corrigiu seus erros e o reconheceu. Imagino que possa parecer muito tarde para você, mas, diante do Criador, nunca é tarde para nos arrependermos.

Com um suspiro profundo, ainda aconchegado a ela, ele respondeu.

– Quando estive em Gales, a viúva dele, Sian, disse que ele não podia voltar a Jerusalém, pois eu e minha mãe estávamos ameaçados de morte. Mas por que ele não nos mandou buscar, é o que eu me pergunto. Será que, no fundo, tinha vergonha de ter amado minha mãe, uma sarracena?

– Talvez o restante do conteúdo das caixas nos ajude a resolver este enigma.

– Ela o fez erguer o rosto para fitá-lo. – Seja como for, nada disso importa para mim, Mark. Eu o amo pelo que você é, não pelo que poderia ter sido. Pouco me importam seu nome ou suas origens. Eu amo Mark al-Bakkar, o *chevalier* amigo de minha prima que apareceu aqui surgido do nada e invadiu meu coração. Eu amo esse homem leal, corajoso, amigo e justo que você é. Nenhuma mulher no mundo poderia querer um homem melhor do que você. Eu te amo, Mark. Para sempre.

Olhando em seus olhos, Mark colocou em gestos toda a emoção e o amor que iam em seu coração, e que lhe balsamizavam a alma ferida. Juntou seus lábios aos de Clarisse numa celebração da vida que se iniciava agora, uma nova vida, um novo homem e um novo futuro. Com vagar, acariciou a boca com a sua e, quando Clarisse abriu os lábios, ele envolveu sua língua, aprofundando o beijo que tinha sabor de renascimento. Suas mãos afagaram suas costas e deslizaram por sua cintura, apertando-a mais contra si. Sua boca deslizou pela sua face e por seu pescoço, beijando a pele branca e delicada, fazendo-a estremecer em seus braços.

Ela emaranhou os dedos nos cabelos espessos, sentindo-se quase desfalecer sob a boca que traçava círculos de fogo em sua pele. E quando uma das mãos dele afagou um seio por sobre o vestido, ela gemeu. Mark beijou sua boca novamente, e a mão atrevida voltou para o terreno seguro de suas costas. Entre um sorriso e um beijo, ele murmurou.

– Que tratante sou eu, minha senhora! Há algumas horas atrás, jurei cortejá-la como a uma dama e agora, só desejo possuí-la sobre a mesa de trabalho de seu cunhado!

Clarisse sorriu e traçou o contorno dos lábios dele com o indicador.

– É sinal de que temos que nos casar logo.

– Será que Luc, com seu título e seu poder, não nos consegue uma licença especial? Quase morro ao pensar que terei que esperar três semanas para correrem os proclamas.

– Se ele não conseguir, pediremos ao abade que nos case.

– Ah, minha doce Clair! – Ele depositou um beijo na ponta de seu nariz e comentou com ar de menino travesso. – É por isso que eu a adoro! É uma mulher engenhosa, além de inteligente. E agora, acho melhor chamar os outros ou não responderei pelos meus atos.

– Está certo. E lá vamos nós de novo a mais caixas, papéis e Sociedades secretas.

No dia seguinte, Radegund e Mark se empenhavam numa disputada partida de xadrez, enquanto Clarisse mostrava a Leila seu herbário. As duas trocavam

receitas de remédios e amostras de ervas. Luc, Gilchrist e Ragnar, por sua vez, saíram a cavalo para que o irlandês conhecesse a propriedade de Luc e o plantel de Delacroix. Em Tipperary, ele e o primo criavam cavalos de raça.

A conversa no gabinete, na noite anterior, se estendera até que todos estivessem quase dormindo em suas cadeiras. Luc marcou então de conversarem novamente após o jantar, no dia seguinte, para que pudessem repousar.

Raden moveu seu cavalo e perguntou, enquanto aguardava a jogada de Mark.

– Você já conversou com Terrwyn a respeito de Clarisse?

– Como assim?

– Ora, conversando. Contado a ela seus planos, falando sobre o que sente por Clarisse...

Mark olhou para a amiga como se ela estivesse falando uma língua desconhecida.

– Não estou entendendo.

– Incrível! – Ela abaixou a voz e inclinou-se para frente. – Como é que um homem que dormiu com mais mulheres do que eu tenho dedos para contar não sabe identificar os sinais de uma dor-de-cotovelo na própria irmã? – Agora ele parecia realmente perplexo. E Radegund daria tudo para ter um jeito de eternizar aquela expressão parva de seu amigo. Ela balançou a cabeça. – Como eu sempre digo, Mark, vocês homens são todos...

– Uns asnos cegos e estúpidos, e blá, blá, blá... – ele completou, movendo um peão. – Já conheço essa conversa, Radegund. Só não sei por que minha irmã ficaria com dor-de-cotovelo, como você disse. Eu adoro Terrwyn! Ela foi a única coisa boa que Anwyn me deu, se quer saber!

Raden capturou um de seus cavalos e posicionou a rainha.

– Então observe-a. Desde o instante em que anunciou seu noivado com Clair, ela se tornou arredia. Sequer o cumprimentou, e saiu antes que o jantar terminasse. Não é possível que seja tão obtuso!

Ele torceu o nariz e se concentrou no tabuleiro. Ora, Raden o deixara em xeque! Tentou salvar a situação, deslocando o rei. Voltou a falar com ela.

– Não sou obtuso, sua linguaruda! Apenas não sei como lidar com uma menina!

Ela estudou o tabuleiro, enquanto falava.

– Terrwyn não é assim tão menina, Mark. E passou por muitas mudanças em muito pouco tempo. Ela precisa de carinho e orientação.

O semblante dele ficou duro.

– Ela precisa, primeiramente, de proteção. Por isso eu a trouxe para cá. – Grunhiu ele.

– Proteção? – Ela estranhou a mudança de tom.

Ele contou sobre a situação de extrema dificuldade em que encontrara a irmã e a mãe em Draig Fawr, e finalizou com o ataque que ela sofrera.

– Se eu não chegasse a tempo, aquele animal a teria estuprado! – Rosnou, apertando a peça do jogo com tanta força, que os nós dos dedos chegaram a ficar brancos.

Radegund, por sua vez, o encarava com os olhos faiscantes. Chegara a empalidecer. Sua voz tinha um toque de amargura.

– Isso é uma marca que jamais desaparece, é um espinho enterrado na carne.

Ele apertou sua mão por sobre a mesa de jogo.

– Sinto muito, garota. Não foi minha intenção...

– Deixe estar. – Interrompeu-o. – De qualquer forma, pense no que falei. – Ela assumiu um tom diferente, mais incisivo. – E diante do que acabou de me contar... – fez uma breve pausa – bem, gostaria que me permitisse treinar Terrwyn.

– O quê?! – Ele praticamente gritou, atraindo a atenção dos vários criados que trabalhavam pelo salão. Depois negou com a cabeça. – Não, nem pensar. Terrwyn já é endiabrada demais! Eu tenho que pensar no futuro dela. Você encontrou Luc, que pouco se importou com o fato de ter vivido como um homem, de ter sido mercenária. Mas um raio não cai duas vezes no mesmo lugar, minha cara! Terrwyn precisa estudar. Aprender a ler, bordar, pintar, dançar, enfim, a ser uma dama.

– Mark, não acredito que é você quem está me dizendo isso! Chega a ser ridículo!

Clarisse e Leila, que entravam naquele momento no salão, foram atraídas pelas vozes alteradas dos dois.

– O que está havendo? – Indagou a loura.

– Nada, – resmungou ele – é apenas sua prima com mais uma de suas ideias descabidas.

– Descabida uma ova! – Ela apontou para a sarracena. – Até Leila aprendeu a lutar, Mark! Não estou sugerindo que Terrwyn seja sagrada uma *chevalière*, apenas desejo ela aprenda a se defender.

– Alguém falou de mim aí? – Indagou Terrwyn, que acabava de descer as escadas.

As três mulheres encararam Mark. Clarisse indagou, irônica, a sobancelha erguida como a da prima.

– Não vai responder à sua irmã, querido?

Ele ficou calado, de braços cruzados, desejando estar em qualquer lugar do

mundo, até mesmo sozinho frente a frente com a cavalaria do sultão. Seria menos arriscado do que ali, encarando as três mulheres mais determinadas da cristandade, e a maior diabinha da face da terra.

– E então, irmão? Do que falavam? Se era sobre mim, quero saber! – Reclamou Terrwyn, com as mãos na cintura.

Radegund respondeu por ele, recostando-se na cadeira e esticando as longas pernas de um jeito indolente, encarando-o com ar desafiador.

– Sugerir ao seu irmão que eu a treinasse, que a ensinasse a se defender. Ele recusou.

– Como?! – Berrou a garota. Que diabo! A ruiva em pessoa fazia uma proposta daquelas e o retardado de seu irmão dizia que não? Aquela proposta era tudo o que ela queria na vida! Terrwyn se voltou para a ruiva. – Não interessa o que ele disse; eu quero, Raden!

– Alto lá, mocinha! – Mark se levantou e lhe apontou o dedo. – Você é minha responsabilidade. Tem que estudar e aprender a se comportar como uma dama, e não como um moleque! Como espera um dia se casar, se comportando assim?

– Mark! – As três mulheres gritaram em uníssono. Leila balançou a cabeça, espantada.

– Não o estou reconhecendo, homem! Nunca valorizou este tipo de coisa.

– Leila, entenda, Terrwyn precisará se casar um dia, ter segurança em sua vida. Como fará isso como uma segunda Raden?

– Hei, qual é o problema comigo?

– Diabos! Vocês não percebem que aqui as coisas são diferentes!

– Quem está diferente é você, Mark – reclamou Clarisse – só espero que não imagine que vai me trancar dentro de uma das torres quando nos casarmos!

– Clair! – Pelos deuses! Aquelas quatro estavam unidas num complô contra ele, só podia ser isso. E tudo o que ele queria era dar uma educação esmerada para sua irmã. Clarisse deu o golpe de misericórdia.

– Só falta você dizer que, se a menina não se casar, vai mandá-la para um convento!

Terrwyn acenou com a cabeça, já começando a gostar da noiva de seu irmão. A dama parecia ter tanto fogo nas ventas quanto a ruiva. E a sarracena não deixou por menos.

– Deixe de tolices, Mark. Que mal haverá em Radegund treinar Terrwyn? Até hoje Ragnar insiste que eu me exercite no uso da adaga.

Ele cruzou os braços determinado e sentou-se bufando na cadeira, tentando se concentrar na partida de xadrez interrompida.

– Não.

– Mas, Mark... – Terrwyn choramingou batendo o pé no chão.

Ele encarou a irmã.

– Definitivamente não.

Radegund, que havia se sentado novamente, o observou com atenção, os olhos verdes se estreitando ao ter uma ideia. Ele notou exatamente o momento em que a mente inquieta da amiga, – que naquele instante ele tendia a considerar como algo diabólica – desenvolvera algum subterfúgio. Esquecera o quanto ela era brilhante estrategista. Chegou a tremer quando ela abriu a boca para falar com suavidade.

– Proponho um acordo.

– Esqueça.

Ela provocou seus brios.

– Está com medo?

Ele emitiu algo parecido com um rosnado.

– Diga.

Terrwyn, Leila e Clarisse, assim como metade da criadagem de Delacroix, que subitamente encontrou dezenas de atividades urgentes a serem realizadas naquele canto do salão, praticamente pararam de respirar para ouvir a proposta da ruiva.

– Eu o desafio a uma luta justa. Se eu o vencer, me concederá o direito de treinar Terrwyn. Ela será legalmente minha tutelada.

Terrwyn quase urrou de felicidade. Mal acreditava que a ruiva estivesse desafiando seu irmão por ela. Clarisse e Leila se entreolharam satisfeitas, como se antecipassem a vitória da amiga.

– E o que eu ganho se você perder?

Houve um discreto murmúrio entre a criadagem.

– Nunca mais toco no assunto.

Ele franziu o cenho e indagou.

– Nem você, nem nenhuma das três – ele apontou Clarisse, Leila e a irmã.

– Fechado. – Os criados murmuraram entre si e se aproximaram, esquecendo de fingir que trabalhavam. – Espadas e adagas?

– Certo. Quando? – Ele indagou.

Os murmúrios cessaram.

– Hoje. Agora. – Dessa vez houve tanto rebuliço, que Raden chegou a ouvir algumas apostas entre os lacaios.

– Não vamos nem ao menos terminar a partida? – Ele indagou.

– Já acabou, – disse ela. E inclinando-se sobre o tabuleiro, moveu a rainha – xeque-mate.

Levantando-se da cadeira, Radegund foi seguida escada acima pelas outras

três mulheres, deixando Mark perplexo diante do tabuleiro.

Como diabos ela conseguira fazer aquilo?

Luc se ergueu da sela com os pés apoiados nos estribos.

– Que coisa mais esquisita! – Ele comentou para Ragnar e Gilchrist. – Por que diabos o vilarejo em peso se dirige para o castelo?

Ragnar olhou para trás, por sobre o ombro largo.

– Bem, se fosse um ataque, as sentinelas já teriam soado um alerta.

– E no caso de um incêndio, – completou o irlandês – teríamos ouvido os sinos, e também avistado a fumaça.

Luc acomodou-se novamente na sela e incitou o animal, dizendo.

– Seja o que for, vamos saber logo!

Clarisse se sentou junto a Terrwyn num banco de madeira, uma arquibancada improvisada diante do campo de treinos do castelo. Comentou com a mocinha.

– Vai ver como minha prima é boa, Terrwyn! Aposto que ela vai dar uma lição em seu irmão.

A jovem olhou admirada para a pequena loura.

– Ora, achei que fosse torcer pelo seu noivo! – Disse com uma pitada de acidez na voz. Clarisse notou e deu-lhe uma piscadela.

– Meu noivo está muito convencido. Onde já se viu, querer que você se transforme num desses bibelôs da corte?

– Pensei que concordasse com ele.

– Concordo que tenha que ter uma educação esmerada. Porém, deve aprender sim a se defender. Vivemos numa época de muita incerteza, Terrwyn – ela pegou a mão da jovem na sua – além disso, nunca sabemos de onde virá a ameaça. Às vezes ela está sob o nosso teto. – Terrwyn sentiu que havia algo mais por trás daquelas palavras, pois os olhos da loura adquiriram uma súbita tristeza. Mas logo ela espantou as lembranças ruins e acenou para o grupo que chegava. – Luc! Venha para cá com O'Mulryan e Svenson!

Os três homens se aproximaram. O irlandês as cumprimentou com a costumeira elegância. Era engraçado como ele parecia sempre empertigado, como se estivesse no salão do rei.

– Senhoras, bom dia. – Ele olhou em volta do campo, onde os criados, servos, aldeões e até mesmo os operários que trabalhavam na reforma haviam se instalado. – O que está acontecendo?

Clarisse respondeu fitando Luc.

– Mark e Radegund vão lutar.

– O quê? – Berrou o conde.

Ela correu para puxar Luc pela mão e fazê-lo se sentar ao seu lado.

– Sossegue, sim, cunhado. Não é nada demais. Além disso, Mark merece uma lição.

Ela explicou a história toda aos três cavaleiros. Luc balançava a cabeça, desalentado.

– Radegund é... ela é...

– Impossível? – Perguntou Ragnar com ar de troça, apoiando um dos pés sobre o banco e o cotovelo sobre o joelho – Vai dizer que não sabia disso, Delacroix?

Luc sorriu e confessou.

– Se foi isso o que me atraiu nela...

Gilchrist abaixou a cabeça e disfarçou as emoções. Terrwyn, porém, sempre atenta, notou o brilho em seu olhar quando o conde falou na esposa. Então a *quedinha* que seu irmão disse que o irlandês tinha pela ruiva ainda existia?

Neste instante, Mark chegou ao campo, seguido por Radegund, Leila e Trudy, que trazia Lizzie no colo. Os filhos de Clarisse, Jean e o capitão da guarda vieram logo atrás. Depois que todos se acomodaram, Gwydyon falou para Luc, meio sem jeito.

– Meu senhor, a dama Radegund me intimou a ser o juiz da disputa...

– Tudo bem, homem. Há que se respeitar uma mulher que sabe fabricar de espadas a fogo grego, não é mesmo?

Gwydyon sorriu, aliviado, e pôs-se a examinar a arena. Raden aproximou-se do marido, que falou em voz baixa.

– Cuidado para não se machucar.

Ela se agachou a frente dele, a lã da calça esticando-se sobre os músculos de suas pernas.

– Não se preocupe. – Deu uma piscadela. – Dê-me um beijo de boa sorte, marido.

Luc puxou-a pelos ombros e a beijou longamente, entre ansioso, orgulhoso e frustrado. Ainda bem que o período do resguardo chegava ao fim. Não aguentava mais de desejo por sua esposa. Vê-la vestida daquele jeito então, e lutando no campo, na certa o incendiaria mais ainda. Afastando-se dele, ela se levantou, gracejando.

– Na certa você está metido em um complô com aquele sujeito para me tirar a atenção...

Acenou para ele e foi para o meio do campo.

Mark acabava de tirar a túnica pela cabeça, quando Clarisse se aproximou

dele, ajeitando-lhe os cordões da camisa.

– Está se divertindo com isso, não é? – Ele indagou. Ganhou um sorriso matreiro e uma piscadela de sua noiva.

– Vai ser bom ver minha prima tirar um pouco de sua pose, *chevalier*.

– Pois prepare-se, porque sou eu quem vai baixar a crista da ruiva.

Ela deslizou a mão pela abertura da camisa, acariciando os pelos macios do peito, fazendo-o suspirar.

– Está muito convencido, *sire*. – Ela colou os lábios ao pescoço dele, que estremeceu e gemeu agoniado. – Mas prometo cuidar de seus ferimentos depois que Raden lhe der uma sova.

Ele a apertou contra o corpo e estreitou os olhos.

– Vocês mulheres são terríveis. – Colou a boca à dela e murmurou. – E você é a mais terrível de todas, com esse jeito inocente e essas curvas deliciosas, minha dama.

O beijo voluptuoso que se seguiu deixou os dois ofegantes. Clarisse afastou-se dizendo em tom de troça.

– Vá, para depois não dizer que perdeu porque eu o distraí.

Com uma gargalhada, ele afirmou.

– Duvido que Radegund me vença.

Terrwyn observou os dois oponentes parados no meio do campo, enquanto combinavam com o capitão os termos do combate. Olhando-os frente a frente, começou a temer pelo sucesso da ruiva. Diabos, seu irmão era maior e mais forte do que ela. E Raden não poderia perder, de jeito nenhum! Só de se imaginar trancada horas a fio bordando, tecendo, fiando e fazendo qualquer outra atividade deste tipo, ela já ficava de cabelos em pé. A única coisa que lhe interessava no projeto educacional de seu irmão era a parte de aprender a ler e a escrever. O resto, ela dispensava. Mediu os dois mais uma vez e perguntou ao norueguês, que havia se sentado ao seu lado com a esposa sobre um de seus joelhos.

– Acha que ela pode mesmo ganhar dele?

Ragnar olhou para ela e sorriu, parecendo um garoto muito crescido.

– Se eu lhe dissesse que a ruiva já me derrubou com as mãos nuas, você ficaria mais tranquila?

– Uau! – Ela exclamou depois de medi-lo de cima a baixo.

Leila sugeriu animada.

– Relaxe e aproveite, Terrwyn, vai ser divertido. Esses dois vão dar, no mínimo, um bom espetáculo. Veja, estão se posicionando.

Com a confusão instalada no campo de treinamento, foi fácil se afastar e entrar na torre sem que ninguém se desse conta. Sem pressa, subiu os degraus lentamente. Paciência era uma virtude.

A porta da sala de falcoaria foi afastada devagar. Como já estivera ali outras vezes, as aves não estranharam sua presença. Aproximou-se do gerifalte, o presente reservado à mulher do conde. Acariciou as penas macias da ave e fez com que ela passasse para a luva que calçara em sua mão. Em seguida, agradou-a e colocou o capuz em sua cabeça. Com o mesmo cuidado com que havia entrado, saiu.

Era uma pena o que teria que fazer. Uma ave cara e eficiente como aquela.... Gerifaltes eram raros, aves de reis. Deu de ombros. O fim justificaria os meios. Num gesto ágil, quebrou o pescoço da ave e depois, com uma pequena faca, fez rasgões por todo seu corpo emplumado. Em seguida, guardou o capuz de couro no bolso da roupa e meteu o corpo do animal num saco de oleado para que o sangue não pingasse pelo chão. Ninguém notou a figura que deixava Delacroix e se embrenhava na floresta carregando aquele fardo sobre os ombros.

CAPÍTULO X

“ATRÁS DAS ESTRELAS, HÁ UM DEUS PODEROSO, QUE AMA O BEM. E NAS PROFUNDEZAS DA TERRA, HÁ UM DEMÔNIO MALDITO, QUE GOSTA DO MAL.”

Temporais. Gibran Khalil Gibran

A temperatura na arena improvisada começou a subir, assim como o tom das provocações.

- Ainda pode pular fora.
- Nem morta.
- Não pense que serei gentil.
- O mesmo digo eu.

Gwydyon coçou a cabeça sem jeito, enquanto os dois praticamente rosnavam um para o outro. Nunca poderia imaginar que levariam a disputa tão a sério.

- Bem, decidiram os termos da luta?
- O primeiro a ser desarmado perde – respondeu ela sem tirar os olhos dos de Mark. Ele concordou sem sequer piscar.
- Feito.
- Minha senhora, acho que devem considerar o primeiro corte... – contemporizou o capitão.
- Não! – Responderam em uníssono.

Impotente, Gwydyon deu de ombros e se afastou. Os dois se posicionaram nos limites estabelecidos. Radegund conferiu pela última vez as mangas de sua camisa, ajeitou os cabelos, que prendera num nó apertado, e apartou as pernas, sacando a adaga e a espada.

Mark puxou a cimitarra da bainha e testou o peso de sua *jambyia*. Sorriu para amiga, que piscou de volta. Depois ambos ficaram sérios. No silêncio que se seguiu ao momento em que Gwydyon ergueu o braço, foi possível ouvir até o farfalhar do vento nas árvores da floresta. E quando o braço do capitão desceu, o canto do aço fez disparar diversos corações.

Radegund avançou sobre Mark, atacando com a espada num arco cruzado. Sendo ele canhoto todas as suas defesas teriam que vir do mesmo lado em que ela usava a própria espada. Assim, optou por usar as armas em oposição, bloqueando sua cimitarra. Conhecendo o raciocínio da amiga, Mark usou a cimitarra como defesa e a adaga para atacar, surpreendendo-a.

– Esperto, Bakkar. – Grunhiu ela aparando o golpe. Afastou-se um pouco para refazer a guarda.

Ele não lhe deu trégua.

– Disse que não ia facilitar, garota!

Ela, porém, girou a adaga com habilidade e bloqueou a cimitarra, enquanto a espada dirigia-se velozmente ao tronco do oponente. Mark curvou-se para trás, a lâmina passando a milímetros de seu pescoço. Um “*Oh!*” generalizado partiu da plateia, e Luc e Clarisse quase pularam no meio da arena para separar os dois. Ragnar, a quem nada parecia abalar, comentou, tomando um gole da cerveja que Luc mandara servir.

– Ha, Ha! Ela é boa! – E berrando animado, incentivou-a. – Acabe com ele, ruiva!

Gilchrist, de braços cruzados, mantinha o olho fixo nos dois combatentes, como se avaliasse suas estratégias. E Terrwyn roía as unhas, já de pé sobre o banco. Mais um golpe ousado, desta vez por parte de Mark, que fez Raden ter que saltar sobre sua cimitarra, arrancou um gemido de Clarisse.

– Oh, céus! Acho que eles estão levando esta disputa muito a sério, Luc.

Ragnar respondeu pelo conde, que permanecia mudo e estupefato.

– Acalme-se, dama! Seu noivo e sua prima não vão se matar, apenas arrancar alguns pedaços um do outro!

– Muito animador, Svenson. – Ironizou Luc com os olhos pregados em sua mulher, que distribuía uma espetacular sequência de golpes sobre o amigo, fazendo-o recuar de costas.

Um rasgão apareceu na camisa de Mark, que contra-atacou com vigor redobrado, obrigando-a apenas a se defender pelos dois flancos. Uma das defesas falhou e a adaga curva fez um fino corte no ombro da ruiva.

– Cretino! – Berrou Raden, revidando os golpes.

Nenhum dos dois parecia disposto a ceder. De um lado, havia a força física e a astúcia de Mark. Do outro, a agilidade e a precisão de Radegund.

Ela conseguiu travar a cimitarra dele entre suas lâminas cruzadas. Mark passou sua adaga por trás do cruzamento de suas armas, puxando-a em sua direção. E quando viu o sorriso de Raden, soube que havia cometido um erro tático.

A perna dela meteu-se entre as suas, desequilibrando-o. Puxando a espada e a adaga, ela desfez seu cruzamento, arrancando a *jambyia* das mãos dele num piscar de olhos. Vários aplausos e assobios emergiram da plateia. Luc estufou o peito de orgulho e Terrwyn berrou de alegria.

– Dá-lhe Raden!

– Praga! – Urrou o mestiço.

– Menos uma, Mark! – Constatou Raden, atirando fora a arma, que foi se cravar no solo, além dos limites da arena improvisada.

Recuando, ele reavaliou instantaneamente a estratégia. Posicionou-se para atacá-la e visou sua espada. Desferiu uma série rápida de golpes, alternando os

flancos, obrigando-a a fechar a guarda com ambas as lâminas para poder contê-lo.

– Segure essa, garota! – Grunhiu.

Agarrou-lhe o punho que segurava a adaga e, usando o guarda-punho da cimitarra como um gancho, conseguiu arrancar a espada das mãos dela.

– Inferno! – Rosnou ela.

– Desista, Radegund! Ou vou fazer você comer poeira.

– Ainda não acabou, Mark. – Ela retrucou, voltando a lâmina da adaga para trás do antebraço, e partindo para cima dele. Agarrou-lhe o punho esquerdo e o fez se desestabilizar, caindo com ele no chão.

Que filha da mãe! Ela o forçava a um combate no solo, onde a cimitarra mais atrapalharia do que ajudaria. Agora teria que se concentrar apenas em desarmá-la, antes que ela o fizesse.

– Golpe baixo, Raden.

– Devia ter conservado sua adaga, Mark!

Tomando impulso, ele conseguiu rolar por cima dela. Mas não foi ágil o suficiente para evitar que Radegund dobrasse o joelho e o interpusesse entre eles, empurrando-o para longe. Caiu de costas, ainda com a cimitarra na mão, o punho agarrado pela mão dela. Apenas para que ela rolasse mais uma vez, sem soltar seu punho, torcendo seu o braço, obrigando-o a largar a arma, que foi erguida por como um troféu, num grito de triunfo.

A multidão aplaudiu enlouquecida com o desfecho do combate, e Roger foi receber as moedas que ganhou do chefe dos pedreiros.

– Praga do inferno! – Resmungou ele ainda deitado de costas no chão. – Você é uma peste, Radegund!

Ela parou diante dele e estendeu a mão, ajudando-o a se levantar. Mark o fez com um gemido desalentado, examinando o corte longo e pouco profundo no abdome.

– Vai me apoquentar por toda a eternidade depois disso, não vai?

– Naturalmente. – Ela jogou a cimitarra na direção do mestiço, que a agarrou no ar. Não resistiu ao desejo de provocá-lo. – Acho melhor se retirar e criar cabras, *sire*. A idade parece estar pesando em suas costas...

Ele passou o braço pelos ombros dela e reclamou, enquanto, ofegantes, caminhavam lado a lado.

– Ruiva sem coração! Não tem pena de um pobre velho?

Clarisse, apesar de ter respirado aliviada com o fim do combate, havia adorado ver a prima em ação. Junto com Leila, Terrwyn e Luc, foi encontrá-los no meio do caminho.

– Parabéns, prima! – Ela olhou de soslaio para o noivo. – Parece que colocou um determinado cavaleiro em seu devido lugar.

Mark a atraiu para si e beijou seu pescoço, fazendo-lhe cócegas.

– Traidora esta minha noiva! Vê, Luc? Cuidado com sua mulher. Ou cada vez que Lizzie resolver querer algo, ela vai duelar com você também!

Luc agarrou a esposa pela cintura e retrucou.

– Prefiro outro tipo de duelo com minha mulher, Bakkar!

O povo se dispersou e o grupo entrou no castelo. Apenas Ragnar e Gilchrist ficaram no campo.

– Ainda gosta dela, não é, Gil? – Indagou o norueguês à queima-roupa, causando um sobressalto no amigo.

– Não pensei que fosse tão evidente! – O irlandês balançou a cabeça, desgostoso.

– Não é para quem não sabe. – Ragnar parou de frente para ele. – Tente apenas não olhar tanto. Raden e Luc são apaixonados um pelo outro, mas ele é ciumento como o diabo!

– Svenson! Acha que eu seria capaz...

– Não disse isso, homem. Apenas pedi que não a devore com os olhos como fazia ainda há pouco.

Gilchrist passou a mão pelo queixo num gesto nervoso e deu as costas à Ragnar.

– Pensei que já tivesse superado este sentimento, Svenson. Mas vê-la daquela forma, como eu a conheci, fez tudo voltar à minha mente. Será que estou condenado por toda a vida a um amor sem esperanças?

Ragnar balançou a cabeça e pousou a mão em seu ombro.

– O que veio fazer aqui, Gil? Por que se deu ao trabalho de procurar Bakkar em Gales?

O irlandês olhou para ele, mais sério do que já era.

– Um sonho.

– Um sonho? – Ragnar franziu o cenho – Como assim?

– Não lembro direito dos detalhes, Sven. Porém, há pouco mais de um mês, sonhei com uma mulher estranha, toda branca, vestida com uma armadura dourada.

Uma lembrança vaga se acendeu na mente de Ragnar, mas ele não conseguiu atinar para o que era. Porém, quando Gilchrist falou do sonho ele imediatamente se lembrou de Ulla e de suas estranhas premonições. Seu olhar se perdeu no horizonte.

O que estaria acontecendo ali? Que força os movera a todos em direção a Delacroix? Todo aquele assunto da Sociedade, das caixas, mais os sonhos de

Ulla e agora de Gilchrist, estavam mexendo com seu humor.

– Venha, Gil – disse ele – vamos entrar. No caminho você me fala mais a respeito deste sonho.

Terrwyn seguia Mark e Clarisse, saltitante de felicidade.

– Quer dizer que Raden será minha tutora, irmão?

– Fazer o que, não é, Terrwyn? – Ele resmungou. – Você vai ter que me prometer, no entanto, que se aplicará em seus estudos. Quero que comece desde já a aprender a ler e a escrever.

– E se quiser – falou Clarisse que caminhava ao lado de Mark – também posso ajudá-la.

Terrwyn encarou a noiva de seu irmão e sentiu uma pontada de ciúme. Sufocou-o a custo, já que ela havia ficado do seu lado, contra seu irmão.

– Tudo bem. – Respondeu apenas. Depois de uma pausa, indagou. – Quando é que vocês vão se casar?

Os noivos trocaram olhares significativos e Mark respondeu.

– Hoje mesmo enviarei um mensageiro à abadia. Se o abade estiver disponível e não houver entraves, talvez em uma semana possamos nos casar. O que acha Clair?

– Eu... meu Deus, Mark! Tão rápido?

– Esperar por que, meu amor? Foi você mesma quem deu a ideia de recorrermos ao abade. – Ele afagou sua mão.

– Bem, não conversamos sobre onde vamos morar, sobre meu dote... nada!

Mark sorriu e respondeu.

– Não se preocupe, Clair. O que importa para mim é ter você ao meu lado, nada mais.

Terrwyn se afastou do casal de pombinhos. Se seu irmão babasse mais um pouco sobre a noiva, ela seria capaz de vomitar!

Gaetain e Lothair se aproximaram da mãe, o mais novo olhando com desconfiança para o cavaleiro moreno que a conduzia pelo braço com tanta intimidade.

– Mamãe.

– Sim, Gaetain.

Ele olhou de soslaio para Mark e perguntou, agressivo.

– É verdade o que estão dizendo? Que vai se casar com esse infiel?

Clarisse ficou chocada com a raiva do filho mais novo. E Lothair também.

– Não fale assim de Mark, pirralho!

O menor avançou sobre o irmão.

– Eu não sou um pirralho!

Mark entrou no meio dos dois, separando-os. Falou com suavidade.

– Ei, calma!

Gaetain desvencilhou-se dele, como se o toque do cavaleiro o incomodasse.

– Solte-me! E tire as mãos de cima de minha mãe! – Berrou o menino, ciumento e inseguro. – Não pode se casar com ele, mãe! Padre Gervase disse que os infiéis são filhos do demônio!

– Padre Gervase está caduco! – Berrou Lothair, que era contido a custo por uma atônita Clarisse. Céus! Por que Gaetain, sempre tão gentil e cordato, agia assim?

Mark por sua vez lamentava o incidente. Seu desejo era se aproximar dos meninos, ser amigo deles. Talvez até se tornar um pai para os dois. Agora via a difícil empreitada que teria pela frente. Gaetain se afastou do casal e do irmão, gritando, chamando a atenção de todos no salão.

– Eu não quero que se case com ele! Eu não gosto dele!

– Gaetain, pelo amor de Deus, pare com isso já! – Exasperou-se Clarisse. – Vá para seus aposentos imediatamente. Está de castigo por sua falta de respeito e consideração. Antes de ser meu noivo, Mark é amigo de sua prima Radegund e de seu tio Luc. Não merece sua indelicadeza!

– Viu só? Já está contra mim! – Ele olhou para Mark com os olhos carregados de rancor. – Eu o odeio, infiel!

Clarisse deu um passo na direção do filho, que subiu as escadas correndo, mas Mark a reteve.

– Deixe-o Clair. Gaetain está confuso e enciumado.

– Ele é um tolo. – Falou Lothair desolado para, em seguida, olhar seriamente para Mark – Gosta mesmo de minha mãe?

O cavaleiro se aproximou do menino e pôs as mãos em seus ombros. Lothair, apesar de ter apenas dez anos, já era bem alto, herdando a estatura da família de Luc.

– Gosto não, Lothair. Eu amo sua mãe. – Ele lançou um olhar à Clarisse e em seguida, voltou novamente a atenção para o garoto. – E gostaria que você e seu irmão me aceitassem como um amigo. Eu não pretendo roubar o lugar de ninguém, Lothair. Sei que teve um pai, e que deve ter gostado dele...

– Meu pai era um homem ruim. – O menino o interrompeu mansamente. Não havia rancor em sua voz, apenas uma profunda decepção.

Clarisse engoliu em seco. Esperava que seus filhos tivessem se esquecido da perversidade de seu marido. Mark, porém, contornou a situação.

– Digamos que seu pai tenha sido um homem muito doente, Lothair, o que o levava a fazer coisas ruins. Porém, independentemente disso, ele era seu pai.

O menino olhou fixamente nos olhos daquele homem que lhe falava com

gentileza e respeito. Notou que era sincero e que parecia realmente gostar muito de sua mãe. O estrangeiro não parecia disposto a fazê-la chorar. E disse até mesmo que poderia ser seu amigo. Se ele pedisse, talvez pudesse ser até algo mais. Lothair resolveu arriscar.

– Senhor, quando se casar com minha mãe, vai nos deixar morar junto com ela? Ou vai nos mandar para longe?

– Ora, que pergunta Lothair! – Exclamou Clarisse.

– Deixe-o, Clair – Interveio Mark – ele tem o direito de perguntar tudo aquilo que quiser saber. E é claro que sim, Lothair. Enquanto não iniciam o treinamento de *chevaliers*, permanecerão conosco. Sua mãe ficaria muito triste longe de vocês.

O menino arriscou mais um pouco, de olhos baixos, parecendo tímido.

– E o senhor, vai morar na mesma casa que nós?

– Bem, é o que pretendo...

Lothair então encarou Mark com os olhos claros idênticos aos da mãe. Empertigou-se e tomou coragem para falar.

– Pode ser nosso pai?

Mark sentiu o chão lhe faltar. Seu coração bateu com tal força que seus ouvidos chegaram a zumbir. Deu um passo à frente e se abaixou diante do menino. Apoiou um dos joelhos no chão sem tirar as mãos de seus ombros. Fixou seu olhar no de Lothair e se colocou no lugar dele, órfão, sozinho, querendo desesperadamente encontrar um referencial paterno, uma figura em quem se espelhar, um modelo a seguir e um amigo com quem contar.

Apesar de gentil, seu avô nunca foi dado à proximidade. Sempre foi mais um homem dos livros. Um estudioso e filósofo. Com Ahmed, Mark aprendeu as teorias da vida. Dos sentimentos e da alma humana. Agora, talvez, pudesse começar a colocá-las em prática.

Lothair aguardava atento por sua resposta, parecendo sequer respirar. Atrás de Mark, Clarisse mordida os lábios, tensa. Contendo a custo a emoção, Mark respondeu.

– Ser seu pai irá me fazer um homem muito feliz, Lothair.

Para sua surpresa, Lothair se atirou sobre ele, abraçando-o com força. Mark retribuiu aquele gesto, abrindo seu coração para o filho de Clarisse. Dentro de seu peito, o menino Mahkim chorou agradecido.

Jean entrou no quarto de Gaetain e o menino o encarou emburrado.

– O que é?

O garoto mais velho tirou um pano de dentro da camisa.

– Soube que sua mãe o colocou de castigo. Trouxe uns doces para você.

- Obrigado, Jean. Viu só o que minha mãe fez?
- Não, – Jean caminhou pelo quarto até ele – o que ela fez?
- Vai se casar com aquele infiel!
- O mestiço? E daí?

Gaetain olhou para ele com raiva.

- E daí que não quero! Não quero que minha mãe se case de novo!

Jean riu, desdenhando da ingenuidade dele.

– E acha que seu querer tem importância neste caso, Gaetain? Se eles estão decididos, o que importa o que você quer? Ela é sua mãe, deve obedecê-la. E ele será seu padraсто.

- Nunca! Pedirei a meu tio que me mande para a casa de meus avós!

Jean torceu o nariz. Gaetain era cansativo. Levantou-se e avisou.

– Os doces estão aí. Só não diga a ninguém que fui eu quem os trouxe. Senão fico eu de castigo. Vai ficar o dia todo aqui?

- Minha mãe não disse...
- Bem, mais tarde verei se posso vir lhe fazer companhia. Até logo.
- Até. Obrigado, amigo.

Sozinho no quarto, Gaetain cruzou os braços e se deitou na cama. Sua mãe não iria se casar com aquele homem. Não se dependesse dele.

Após o jantar daquele dia agitado, todos se reuniram novamente no gabinete. Radegund ninava a filha, ladeada por Leila e Clarisse, encantadas com a pequena ruivinha.

– Bem, agora que já compreendeu suas atribuições, Leila – falou Luc organizando os papéis numa pasta – e que já sabemos que Anwyn deixou uma indicação para que Mark ocupasse um dos postos de Emissário, quero dar uma olhada na caixa que o pai de Leila deu a Raden.

- Ora, Luc – ela estranhou – não havia lista nenhuma nela, só as joias!

Ele se levantou e pegou a caixa que estava sobre a mesa e, diante dos olhares intrigados dos outros, virou-a de cabeça para baixo. Em seguida, pressionou os cantos e a madeira cedeu, revelando um fundo falso.

- Incrível! – Exclamou Mark

– Vejamos o que temos aqui... – disse Luc enfiando os dedos pela abertura da caixa e puxando duas folhas. – Seu pai foi bastante esperto, Leila. Tirou a caixa de Jerusalém em mãos seguras.

– Só não entendo uma coisa, – falou Gilchrist – Yosef viu esta caixa, em Tiro, e se ele era realmente um membro da Sociedade, deveria tê-la reconhecido...

- Quando ele a viu? – Indagou Leila.

– Quando Patrus a roubou, no período em que vocês duas estiveram desaparecidas. Fui eu mesmo quem a guardou após ser encontrada.

– É realmente muito estranho – comentou Ragnar.

– Nem tanto, – retrucou Luc – lembrem-se de que Yosef ainda não indicara Leila, e que ninguém sabia da Sociedade até então. Além do mais, ele sabia que a caixa tinha sido entregue a Radegund por alguma razão. Portanto, ele deve ter optado pela cautela, aguardando que um Hermes o procurasse com instruções. Naturalmente, com os cercos a Jerusalém e depois Tiro, nosso mensageiro se perdeu.

– Ou foi eliminado – sugeriu Clarisse.

– É uma possibilidade, Clair. – Ele desdobrou uma das folhas e leu rapidamente – nenhuma lista. Porém, Bharakat foi esperto, diria até engenhoso. Ele devia confiar muito em você Radegund, pois lhe deixou com a chave para desvendar um mistério que durou trinta anos.

– Como assim?

– Bharakat descobriu o nome do traidor pouco antes de morrer, através de um ourives que era um de nossos postos de controle. Ele escondeu o documento aqui, entregando-o a você como uma simples caixa de joias. Naturalmente ele deve ter emitido um aviso, e esperava que fosse procurada por um Hermes, o que nunca aconteceu, dadas as circunstâncias que sobrevieram em Jerusalém.

– Parece então que o destino resolveu dar uma mãozinha para a Sociedade, jogando Raden em seus braços, Delacroix! – Concluiu Ragnar, com certo divertimento na voz.

– Não existe destino, Sven – sentenciou o irlandês com a fisionomia grave – nem acaso. Os acontecimentos são determinados por nossas ações.

– Não crê em sorte, *sire*? – Indagou Clarisse.

– Não, dama. Creio apenas na ação e na reação, aqui e além deste mundo. Um dia, como as ondas na superfície de um lago, as consequências de nossas escolhas nos atingirão. Para o bem ou para o mal. No fim, há apenas o equilíbrio.

Para Radegund a fala do irlandês soou muito sombria. Olhou para Gilchrist perscrutando o semblante sério. Ele, porém, se ocultou de seu olhar. Ragnar se mexeu inquieto enquanto Leila, Clarisse, Mark e Luc entreolhavam-se sem nada entender.

Diabos! Gil está escondendo alguma coisa... Lizzie se remexeu em seu colo e ela voltou a se concentrar na filha, a tensão do momento se desfazendo.

– Bem, o que importa – continuou Luc – é o que temos aqui. Preciso enviar isso aos outros cabeças da Sociedade. E pensar que o maldito era um dos nossos! Se ao menos tivéssemos colocado as mãos nisso antes... – passou o papel para Mark, que reconheceu o nome.

– Armand de Tarascon. Mas que diabo! Ele foi amigo de Raymond de Trípoli!

– E era um dos Hermes, há trinta anos atrás. E o pior, é que seu filho, Giles, foi indicado por ele para ocupar um posto de Emissário.

– Ou seja, – concluiu Ragnar – Giles provavelmente continua o trabalho que o pai começou.

– Sim. – Luc apoiou o queixo nas mãos unidas, os cotovelos sobre a mesa, e encarou os amigos. – Só gostaria de saber por onde anda Giles de Tarascon...

– Olhou a outra folha, Luc? – Perguntou Leila.

– Bem lembrado – ele desdobrou o segundo papel e começou a ler. Seu semblante foi se modificando, perdendo a cor. Minha nossa! Aquilo causaria uma avalanche naquela sala, principalmente na vida de Mark e Leila. Passou as mãos pelo rosto e pigarreou. – É melhor se prepararem. Se a descoberta da existência da Sociedade os surpreendeu, isto aqui vai deixá-los perplexos.

Houve um grande desconforto. Lizzie começou a choramingar. Radegund se levantou com ela e pôs-se a caminhar.

– Calma, querida...

Acabou parando perto de Gilchrist, que olhou a menininha com interesse, tocando seu rostinho com os dedos longos.

– É parecida com você, Radegund.

– Sim, mas tem o nariz de Luc. Veja.

Ela virou a garotinha de frente para ele, dando-lhe as costas. Gilchrist pôde sentir o perfume de seus cabelos. Inferno! Tinha que ir embora de Delacroix. Luc era um homem bom e Radegund o amava. Sua presença ali só traria problemas ao casal. Concentrou-se na criança.

– Permite? – Ele indagou estendendo os braços.

– Quer segurá-la? Que milagre! – Ela exclamou, passando-lhe a bebezinha.

– Os homens parecem morrer de medo dos bebês!

Leila, que acompanhava a cena, gracejou.

– Isso é verdade! Ragnar levou uma semana para botar Kristin no colo!

– Ora, pequenina! Com esse meu tamanho todo, ficava com medo de machucar minha filha!

– Eu gosto muito de crianças. – Falou o irlandês, olhando intensamente para o rostinho rosado de Lizzie, o pequeno fardo contrastando com sua grande estatura e os ombros largos. – Em meu clã cuidamos dos filhos de nossos companheiros mortos como se fossem os nossos. Quando estive na Terra Santa senti falta das crianças de minha gente. Lá havia muitos órfãos, perdidos pela rua, com olhos tristes e corpos esqueléticos. Meninas mais jovens que Terrwyn vendendo o corpo em troca de pão. Uma lástima.

– Se gosta tanto de crianças, porque nunca se casou, O’Mulryan? – Indagou Luc, curioso.

Ragnar se mexeu inquieto e Mark cerrou os punhos. Conhecendo o gênio de Luc, se ele suspeitasse que o irlandês nutria uma paixão por Radegund, ele nem queria ver o que poderia acontecer. Gilchrist respondeu com naturalidade, olhando diretamente para o conde.

– Um dia, eu pensei ter encontrado a mulher com quem me casaria. Ela, porém, escolheu outro caminho.

– É uma pena, – respondeu Luc estudando-o atentamente – é um homem de bem, Gilchrist. Qualquer mulher ficaria feliz em ser sua esposa.

– Ela não era qualquer mulher, *messire*. Ela era... única.

Houve uma pausa prolongada. Mark, por fim, resolveu desviar o rumo daquela conversa esquisita.

– Agora que já falamos sobre bebês, mulheres e casamento, poderíamos voltar ao assunto original?

Luc e Gilchrist permaneceram se olhando por um instante ainda, até que o conde voltou a atenção para a carta em suas mãos.

– Pois muito bem, isso é uma carta de Balian de Ibelin. Gostaria que me deixassem ler até o fim, independentemente do que venham a ouvir.

Todos assentiram e Luc iniciou a leitura.

CAPÍTULO XI

"ENGOLIMOS DE UMA VEZ A MENTIRA QUE NOS ADULA
E BEBEMOS GOTA A GOTA A VERDADE QUE NOS AMARGA."

Le Neveu de Rameau. Denis Diderot

“Quero crer em Deus e em Nosso Senhor Jesus Cristo que, algum dia, esta mensagem alcançará seu destino.

Nossa situação em Trípoli continua desconfortável. Mais um dos nossos foi emboscado e pelo modus operandi, creio que pelos Hashashin, a mando do Templo. Em vista disso, e para que a verdade não se perca, escrevo esta carta, rogando a Deus que no tempo certo, não antes, nem depois, ela chegue às mãos de quem realmente importa.

Em 1157 um de nossos mais valorosos Emissários teve que abandonar esta terra, deixando sua amada e seu filho por nascer, sem pai e sem amparo. Fizemos o possível para mantê-lo sob nossas vistas, mas o jovem desapareceu durante alguns anos.

Anwyn ap Iorwerth, chevalier galês e bom cristão, infiltrou-se no quartel da Ordem do Templo de Salomão em Jerusalém. Sua missão era sabotar os ataques às caravanas, entre outras ações arbitrárias, daqueles que se dizem filhos de Deus, mas que agem como verdadeiros demônios ensandecidos.

Nosso homem, porém, foi atraído por um dos nossos camaradas, cuja identidade jamais logramos descobrir. E como sempre, os cães, ao invés de o atacarem diretamente, ameaçaram-no naquilo que lhe era mais caro; sua amada e seu filho ainda por nascer. Transformaram-nos em dois reféns dentro de Jerusalém. Nosso homem foi exilado e jamais pôde conhecer o filho que havia gerado. Sua amada foi exposta à desonra e à vergonha. Ele foi impedido de ter qualquer contato com ela e com a criança, bem como de tentar tirá-los de Jerusalém, sob a pena de serem mortos.

Um de nossos Cabeças, Bharakat, que ajudou Anwyn em sua fuga e que nos mantinha informado sobre seu filho, também sofreu as consequências desta traição. Mais uma vez, usaram sua família. Sua esposa grávida foi envenenada, falecendo logo após dar à luz a um natimorto.

Acompanhamos de longe, todavia, a vida do jovem filho de nosso Emissário, esperando que, no momento certo, ele pudesse ser indicado para ingressar na Sociedade. O rapaz, porém, após a morte de sua mãe, deixou a casa do avô e desapareceu em algum ponto entre Acre e Veneza. Durante anos procuramos por ele, e jamais o encontramos. Até que a mão do destino o trouxe até nós, há menos de um mês.

Um homem competente, um mamluk liberto, que foi um homem da guarda pessoal do Sultão, e que agora é um mercenário. Ele protegeu um de nossos

cavaleiros que, indefeso diante de um inimigo, contou com a sua cimitarra para safar-se com vida. Ele nos disse que é chamado entre os cristãos de Mark al-Bakkar, e que é um bastardo mestiço, filho de um chevalier do qual nada sabe. Não faz ideia de sua verdadeira origem. Ofereci-lhe um soldo junto à minha rede de informantes, onde poderei observá-lo e saber se o filho de Anwyn é tão honrado quanto seu pai.

Não lhe contarei, porém, a verdade. Não ainda. O traidor ainda não foi encontrado e este rapaz, além de competente, é tido em alta conta pelo sultão de Damasco por tê-lo salvado de uma emboscada. No futuro, poderá ser útil. Enquanto isso, eu o deixarei sob minhas ordens, pois vejo que sua carreira será brilhante. No momento, acho o mais sensato a fazer, ainda que pouco cristão.

Porém, a necessidade de muitos se sobrepõe às necessidades individuais. E quando esta mensagem chegar às mãos certas, creio que ele já terá condições de me perdoar por esta omissão. Se não, só Deus poderá me julgar.

Balian, filho de Barisan, Barão de Ibelin e Jaffa, no verão do ano de Nosso Senhor de 1180.”

Luc terminou a leitura da carta e ergueu os olhos. Leila, nos braços do marido, chorava desalentada. E Mark apertava com tanta força o encosto de uma cadeira, que seus dedos quase perfuravam o estofamento.

Bharakat sabia e lhe deu uma pista em Jerusalém. E Ibelin sempre soubera quem ele era. Ambos sempre souberam quem havia sido seu pai. O pai de Leila perdera a esposa por tê-los ajudado, e até compreendia porque ele lhe dissera apenas uma parte da verdade. Leila precisava ser protegida. Mas Ibelin? Balian o traía e o usara como uma arma, uma espécie de trunfo contra o Templo. Como Balian de Ibelin, seu amigo e mentor, pudera traí-lo daquela forma?

Cerrando os dentes com força, ele se afastou e murmurou um pedido de desculpas, saindo pela porta do gabinete sem sequer se preocupar em fechá-la atrás de si.

Radegund fitou a prima.

– Vá atrás dele, Clair.

Clarisse se levantou e arrebanhou as saias, procurando-o com o olhar. Ainda viu sua sombra desaparecer na curva da escada. Sem demora, seguiu na mesma direção.

No gabinete, Radegund, Luc e Gilchrist conversavam em voz baixa sobre a Sociedade e as listas, enquanto Ragnar tentava consolar Leila, que estava chocada em saber que sua mãe fora assassinada e não morrera no parto, como seu pai sempre havia lhe dito.

– Era por isso que ele detestava tanto os cavaleiros do Templo! – Comentou entre lágrimas, lembrando-se de uma conversa que teve com o pai, pouco antes de Jerusalém cair.

Uma batida na porta interrompeu as conversas. Gwydyon apareceu na soleira com o semblante carregado.

– Meu senhor, poderia vir até aqui um instante, por favor?

Pedindo licença, Luc foi atender ao capitão, parando com ele um pouco além da porta.

– O que houve, Gwydyon?

– Senhor, – ele falou em voz baixa – peço-lhe que me acompanhe até o pátio, por favor. O que tenho para lhe mostrar é algo grave.

Caminhando em passos largos, os dois homens saíram para o pátio, sob o frio noturno. À luz dos archotes, Luc viu um dos caçadores de Delacroix. O homem lhe fez uma mesura. Gwydyon falou:

– Henri foi caçar esta tarde, e encontrou isto – ele apontou para um saco de aniagem no chão, manchado de sangue.

Intrigado Luc se abaixou e abriu o fardo. Encheu-se de tristeza.

– O gerifalte! Como?

– Senhor, – o capitão parecia sem jeito – eu lamento ter que lhe dizer isso, ou levantar esse tipo de suspeita...

– Desembuche, homem.

O capitão retirou uma luva de falcoaria do bolso, de tamanho pequeno.

– Achei isso no chão da sala de falcoaria. Fui até lá assim que Henri o trouxe, para confirmar se era mesmo a ave que o senhor daria à dama. – Luc pegou a luva e a examinou. Gwydyon terminou de falar. – Sinto muito, senhor, mas esta luva... é de Gaetain.

O conde franziu o cenho e olhou mais uma vez para o pobre animal, que parecia ter sido estraçalhado por garras. Será que o sobrinho, ansioso em ver a magnífica ave em ação, a levava para a floresta, fazendo com que ela fosse atacada por outro falcão?

– Gwydyon, comentou com mais alguém a respeito disso?

O capitão balançou a cabeça.

– Não, senhor. Só eu e Henri estamos a par.

Luc fechou o saco desalentado e ergueu-se dizendo.

– Pois bem. Não digam nada à minha cunhada, ela já tem muitos problemas. E nem a Radegund. Vou conversar amanhã cedo com meu sobrinho e tirar esta história a limpo.

– Certo, senhor. Enterrarei o animal na floresta.

– Faça isso, Gwydyon. – Disse Luc e se despediu entrando no castelo.

Olhando para as costas largas e a postura rígida de Mark, Clarisse inspirou profundamente e entrou no aposento obscurecido. Estranhamente, ele se encaminhou para aquele lugar, onde eles se despediram há meses atrás de forma amarga. Agora ele estava ali remoendo suas tristes lembranças. Lambendo as feridas.

– Não devia ter vindo, Clarisse, – disse Mark sem se voltar – não serei boa companhia neste momento.

Clarisse fechou a porta e caminhou até ele. Abraçando-o pela cintura, encostou a face em suas costas, sentindo a maciez da lã de sua túnica e a firmeza dos músculos por baixo dela.

– Não importa. Acha que o deixaria sozinho num momento desses? Quando está tão magoado? – Ela o sentiu suspirar. – Sei o que Balian de Ibelin significa para você, para minha prima e até mesmo para Ragnar. Sei que todos vocês o respeitam. Ele teve seus motivos para esconder tudo de você, meu amor. Ele tinha muitas vidas sob sua responsabilidade, havia muito em jogo.

– Sabe como eu me sinto, Clair? – Ele afagou as mãos delicadas em sua cintura. – Como um peão num jogo. Totalmente dispensável. Mesmo sabendo que a posição dele era difícil, revolta-me saber que trabalhei e lutei ao seu lado, que morreria por um homem que olhava para mim e que me cumprimentava por trás de uma mentira!

Clarisse o fez se virar para ela. Entristeceu-se ao ver a expressão sofrida e zangada. Passou as mãos pelo seu rosto e sorriu com ternura.

– Só o tempo vai curar isso, querido. Nossas mágoas, nossas dores... só o tempo pode mitigá-las. Hoje você está sentindo seu coração pesado, mas amanhã se sentirá melhor – ela o abraçou e recostou-se em seu peito. Mark a envolveu com os braços, aconchegando-a – e depois de amanhã, e depois... até que o tempo tenha transformado tudo isso num incômodo sutil, numa cicatriz antiga.

– Ah, Clarisse, só um anjo com um coração maravilhoso como o seu poderia me trazer tanta doçura. – Ele a fez erguer o rosto. – Você e esses seus olhos, essa sua voz doce e esse seu carinho me fizeram um novo homem. Eu te amo, Clair.

Devagar, ele juntou seus lábios aos dela, provando-os com suavidade, apertando o corpo dela contra o seu. Sentiu-a suspirar de encontro a sua boca e afastou-a um pouco de si, não querendo perder o controle.

– Clair, assim não cumprirei minha promessa de cortejá-la. – Ignorando-o, ela se pôs nas pontas dos pés e o beijou de novo, insinuando a língua entre os lábios sensuais, arrancando-lhe um gemido. – Clarisse! Pare com isso!

– Não. – Ela o puxou mais para perto, pressionando os seios contra o peito

largo.

– Clair, se fizer assim, não responderei por mim.

Ela parou de beijá-lo e Mark agradeceu intimamente pela trégua. Cedo demais.

– Não responda.

– Como?

– Não quero que me corteje, ou melhor. Não quero que *apenas* me corteje.

– Ela mergulhou os dedos em seus cabelos. – Eu me sinto profundamente lisonjeada com sua atenção, com seu cuidado comigo. Mas eu preciso de você Mark. Preciso senti-lo em meu corpo, preciso que toque minha pele e que me faça sua novamente.

– Está tentando me seduzir, Clair? – Indagou ele, com uma nota de divertimento na voz.

– É o que parece, não é mesmo? – Ela roçou o corpo no dele. – Além disso, *sire*, eu também não sou uma santa.

Mark não precisou de outro convite. Devorou sua boca com a voracidade contida durante todos aqueles meses em que ansiara por Clarisse e não pudera tê-la. Meses em que ficara se recriminando por tê-la deixado, e se justificando por tê-lo feito. Meses de fria solidão pelas estradas da França, da Inglaterra e de Gales. E agora ela estava ali, em seus braços novamente, sua ninfa, a pequena e nobre mulher que arrancara a couraça de seu coração.

– Clair. Tem certeza de que não quer ir com mais calma? Eu posso esperar... – ou morrer tentando.

Ela se exasperou.

– Ao diabo com a calma, Mark! – Agarrou o rosto dele e olhou-o nos olhos, afirmando decidida. – Eu o quero. Agora.

Um sorriso predador surgiu nos lábios dele, e Clarisse achou que para que ele virasse um lobo, só faltaria que lambesse os beijos.

– Seu desejo é uma ordem, dama.

Suas mãos procuraram então os laços do vestido, os dedos morenos deslizando ao longo do decote, provocando-a, espalhando mil fagulhas por seu corpo. Deslizou as pontas dos dedos sobre os mamilos intumescidos, através do tecido da roupa, arrancando-lhe um gemido. Os lábios pousaram sobre a pele branca e encontraram o vale entre os seios, que suas mãos ávidas e experientes descobriam ao puxar o tecido para baixo.

– Você é como uma rosa, Clair – ele murmurou junto a sua pele abrasada – suave, fresca, aveludada...

Clarisse gemeu e arqueou as costas, oferecendo-lhe os seios arredondados e macios. Ele abocanhou um mamilo, fartando-se com aquele banquete. Passou

um dos braços por trás de suas costas, segurando sua nuca, enquanto a outra mão acabava de descer o corpete do vestido.

Sentindo-se derreter enquanto a língua sugava e lambia sua pele arrepiada, Clarisse agarrou-se a ele, puxando sua túnica para cima, encontrando os músculos poderosos. Sentiu-o estremecer sob suas mãos.

– Mark... está me enlouquecendo assim!

Ele passou de um seio ao outro, apertando-a mais contra si, deixando-a sentir seu sexo rígido sob as roupas.

– Esta é minha intenção, Clair – ele mordiscou um mamilo e completou – quando estiver fora de seu juízo, aproveito para fazê-la se casar comigo – ele ergueu o rosto e beijou sua boca – aí, não poderá nunca mais se livrar de mim.

Em resposta, ela arrancou sua túnica pela cabeça e começou a explorar seu peito com a boca, lambendo o mamilo moreno, deslizando as unhas por suas costas.

– Deus, Clair! – Ele terminou de soltar o vestido, deixando-o cair no chão. Exibindo-a diante dele apenas com a fina camisa de baixo. – Não sabe o quanto esperei para vê-la assim!

Delicado, ele a deitou sobre o tapete de pele, no centro do aposento. Em seguida, acabou de se despir, revelando todo o esplendor de sua nudez aos olhos sedentos de Clarisse.

Ela passou o olhar pelo corpo dele. Absorveu cada precioso detalhe daquele corpo magnífico, que exalava virilidade por todos os poros da pele cor de bronze. Dos ombros largos aos quadris estreitos, do abdome rígido às coxas poderosas, tudo nele transpirava um magnetismo selvagem, primitivo. O corpo de linhas esculpidas em treinos e batalhas era um convite aos prazeres sensuais. Seu membro ereto, firme, elevava-se dos pelos escuros, com um orgulho de macho, prestes a dominar sua presa. Com seu andar felino, ele deu dois passos e colocou-se sobre ela, deslizando as mãos por suas pernas, prendendo-a com a intensidade de seu olhar.

– Eu a quero tanto que chega a doer.

– Eu também, Mark – ela estendeu os braços num convite – por isso, não me faça esperar mais.

Porém, com um sorriso maroto, ele balançou a cabeça, negando seu pedido.

– Ainda não, meu bem. – Suas mãos descobriram o triângulo de pelos dourados entre suas pernas. – Primeiro, vamos nos divertir...

Juntando a ação às palavras, ele afastou suas coxas e beijou-as, até seus lábios alcançarem o vértice entre elas, onde mergulharam num assalto calculado, derrubando qualquer chance de defesa.

A primeira coisa que Clarisse sentiu, depois daquele calor úmido deslizando

em sua carne sensível, foi um choque. Um tremor percorreu o corpo todo e um grito estrangulado saiu de sua garganta. Remexeu os quadris, oferecendo-se e ao mesmo tempo querendo escapar daquela doce tortura. Mark agarrou-a pelas ancas e a manteve imóvel contra o tapete, enquanto sua língua não lhe dava trégua. A única saída era a total rendição àquele prazer indescritível. E quando ele juntou os dedos às carícias de seus lábios, Clarisse se sentiu partida em mil pedaços, explodindo num gozo que fez seu corpo todo tremer incontrolavelmente.

Satisfeito com os efeitos de sua boca sobre a amada, ele foi subindo o corpo em sua direção, arrastando a camisa consigo, até arrancá-la fora, revelando completamente o esplendor dos seios túrgidos, prontos para ele.

– Ah, Clarisse! Se soubesse quantas vezes acordei sonhando com você assim! Suando frio no meio da noite, sem poder tê-la. Sem encontrar a satisfação de meu desejo, mesmo quando a procurava sozinho, pensando em você!

Clarisse olhou para ele estupefata. Ele confessava...

– Você está dizendo que...

Ofegante, ele roçava seu sexo em seu ventre, enquanto lhe beijava o pescoço e o colo.

– Sim, eu tentei aplacar meu desejo pensando em você, imaginando-a...

A confissão dele fez com que se sentisse poderosa. Durante o tempo em que estiveram separados, ela achou que não havia passado de uma aventura na vida dele, que foi sumariamente esquecida na primeira taverna da estrada. Mas agora ele lhe dizia que pensara nela, que a desejara loucamente. Colou-se mais a ele, gemendo sob suas carícias, abrindo as pernas para acomodá-lo entre elas. Mark prosseguiu, falando de encontro à sua boca.

– Mas esse prazer solitário, Clair, era irrisório, efêmero. Nada se compara ao seu cheiro, ao gosto de seu sexo na minha boca. Nada se compara a textura da sua pele em minha língua. Eu queria você, inteira, de carne e osso, e tudo o que tinha, era a lembrança de ter estado dentro de você.

– Torne a lembrança real, Mark – ela enfiou a língua entre seus lábios – me possua, me tome como você sonhou que faria nestas noites solitárias. Saiba que eu também queimei de desejo por você.

Sem poder esperar mais, ele a penetrou num só impulso, abrindo a carne quente, molhada e túrgida, fazendo-a gritar de dor e prazer.

– Clair... – ele ofegou – perdoe se a machuquei.

– Não. Não pare. Já passou, agora... – ela mordeu o lábio, elevando os quadris, fazendo-o afundar todo dentro dela – agora só sinto você em mim. Venha, me faça senti-lo completamente!

Não houve chance de pensar mais em nada. Toda coerência, lógica,

raciocínio, foram para o espaço. A realidade se fez Clarisse para Mark. Suas pernas, seus seios, sua boca, seu sexo distendendo-se sob sua invasão, recebendo-o naquele ninho morno, fazendo-o deslizar para um verdadeiro jardim das delícias onde cores, sons, cheiros e sabores se misturaram para formar a ninfa dourada em seus braços.

Gritando o nome dele, Clarisse atingiu o orgasmo e Mark pode então, satisfeito, entregar-se ao seu gozo, tendo-a finalmente como sonhara, nua, lânguida, junto a si. Num último impulso, os espasmos vieram, fazendo-o estremecer e contrair os músculos, esvaindo-se dentro dela, despejando-se em Clarisse, tornando realidade o sonho de um homem solitário. Aconchegado sobre ela, Mark, apesar de tudo, sentiu-se em paz.

O dia seguinte amanheceu tão sombrio quanto o humor de Luc. Sem querer aborrecer a esposa, ele desceu para o salão antes que Radegund despertasse e se deparou com o irlandês já de pé.

– O’Mulryan, – ele o cumprimentou – caiu da cama, homem?

– Tenho o hábito de acordar cedo, Delacroix. Estava indo cavalgar com Boru, não gostaria de ir?

– Infelizmente não. Tenho um assunto muito sério para resolver agora pela manhã. Fica para uma próxima ocasião.

– Certo. Até mais tarde.

Luc acenou se despedindo e saiu pela porta lateral em busca do capitão da guarda. Encontrou-o à sua espera no pátio.

– Bom dia, meu senhor – o homem o cumprimentou, respeitoso.

– Olá, Gwydyon. Vamos até os aposentos dos garotos, quero conversar com eles antes que Clarisse desça. Assim, se Gaetain não tiver nada a ver com isso, não precisaremos aborrecê-la à toa.

Os dois homens logo chegaram aos aposentos dos meninos, onde Jean também dormia. Os três terminavam de se vestir quando o capitão e Luc entraram.

– Bom dia, tio Luc! – Lothair foi o primeiro a cumprimentá-lo.

– Bom dia, rapazes, – disse ele sério – eu e Gwydyon gostaríamos de falar com vocês três.

Gaetain olhou para o tio e para o capitão de soslaio enquanto Jean permanecia à espera do que os dois homens iriam dizer. Luc começou em voz pausada.

– Ontem, Henri, um de nossos caçadores, encontrou o gerifalte na floresta, morto. – Ele estudou o efeito de suas palavras sobre cada um dos três meninos. Lothair parecia nitidamente triste. Jean, espantado. E Gaetain abaixou os olhos,

velando seus sentimentos. Luc prosseguiu.

– Sei que estavam ansiosos por levá-lo para caçar e sei também que foram advertidos de que a ave não estava pronta. Gwydyon achou uma prova de quem retirou o gerifalte da sala de falcoaria, mas eu gostaria que o responsável confessasse seu feito. Prometo que não será castigado se o fizer, mas arcará com as consequências de sua irresponsabilidade.

Os três se entreolharam, entre curiosos e desconfiados. Luc os inquiriu.

– Lothair?

– Tio, eu não fiz isso. – Respondeu o menino sério, olhando-o nos olhos.

– Nem eu. – Falou Gaetain.

– Jean?

O menino balançou a cabeça e respondeu em voz baixa.

– Não senhor.

Luc bufou e Gwydyon coçou a cabeça impaciente. Luc voltou a falar.

– Muito bem... Gaetain, sua luva foi encontrada na sala de falcoaria. O que me diz disso?

O menino pareceu surpreso.

– Eu não sei, tio.

Lothair por sua vez ficou bravo.

– Foi você, não é Gaetain? Estava louco para sair com ele! Viu só o que fez? Raden ficou sem seu presente!

– Não fui eu! – Berrou Gaetain com raiva. – E não sei como minha luva foi parar lá! Não era minha, tio!

Lothair caminhou até um baú próximo a cama e o abriu.

– Vamos ver se a sua está aqui! – Falou o garoto remexendo nas coisas do irmão. Um pequeno volume de couro caiu do meio de algumas camisas e Lothair o pegou, surpreso. – Gaetain!

– Deixe-me ver, filho. – Pediu o capitão. – Senhor, é o capuz da ave.

Entre triste e aborrecido, Luc pegou o capuz de couro e balançou a cabeça.

– Explique-se, Gaetain.

– Tio, não fui eu! – Gritou o menino. – Eu passei o dia aqui no quarto, depois que minha tia deu uma lição naquele infiel!

– Gaetain! – Gritou Luc, já perdendo a paciência com o garoto. – Respeite Mark! Você diz que ficou aqui, mas quem me garante que é verdade? Como explica isso? E sua luva?

Jean interferiu.

– Meu senhor...

– Sim, Jean?

– Gaetain estava em seu quarto, senhor.

- Como sabe?
- Eu estive aqui com ele.
- O dia todo?
- Bem... eu
- O dia todo, Jean?

O menino abaixou a cabeça.

- Não senhor, só na hora do almoço.

Luc passou as mãos pelo rosto, nervoso. Como seu sobrinho fora capaz de algo tão maldoso? Desferrar na ave sua frustração e sua raiva com o casamento da mãe...

- Gaetain, a partir de hoje, está proibido de assistir às aulas de falcoaria.
- Mas, tio...

– Silêncio, Gaetain! – Esbravejou Luc. – O que você fez foi horrível e mesquinho. Ficarão sem as aulas de equitação e não poderá caçar. Toda e qualquer atividade que envolva os animais estará suspensa para você, pois demonstrou não ter maturidade para lidar com eles, e tampouco os respeita e os valoriza! Um falcão, um cavalo e um cão devem ser como companheiros para um cavaleiro e para um senhor, e não um brinquedo nas mãos de um inconsequente. Ficarão recluso à biblioteca todas as manhãs, copiando as escrituras, e a tarde estudará com seus tutores. Espero que se arrependa do que fez! Fui claro quanto às minhas ordens?

Engolindo em seco, pois nunca ouvira o tio falando naquele tom de voz, Gaetain apenas abaixou a cabeça e assentiu, segurando-se para não chorar.

- Sim, senhor. – Respondeu em voz baixa.

– Nem sei como dizer isso à sua mãe, Gaetain... – completou Luc desalentado para, em seguida, lhes dar as costas e sair acompanhado de Gwydyon.

Só depois que o irmão e Jean desceram, foi que Gaetain se sentou num canto e chorou.

Gilchrist galopava sobre o lombo de Boru, admirando as terras férteis de Delacroix e tentando arrumar uma desculpa convincente para ir embora antes do casamento de Mark. Porém, ao mesmo tempo, preocupava-se com os sinais que vinha recebendo de todos os lados de que algo muito ruim estava para acontecer. Queria poder se lembrar com o que havia sonhado exatamente. Tudo era como um borrão em sua mente; as lembranças embaralhadas, estranhas. Apenas a mulher branca e dourada era nítida.

Vinha tão distraído que quase atropelou uma figura parada no meio do campo. Boru empinou, relinchando e resfolegando, batendo os cascos sobre o

solo. A custo Gilchrist se manteve sobre a sela. E quando pode finalmente olhar quem havia cruzado seu caminho, quase caiu duro no chão.

– Não vê por onde anda, seu... – foi falando, a voz morrendo em sua garganta.

– Vim buscá-lo, Dragão.

Taverna Rosa Dourada

No meio de seu transe, ele sentiu o abalo no Limbo como se fosse um terremoto. Foi lançado de volta ao seu corpo e quase sufocou ao se ver encerrado novamente naquela prisão aleijada e disforme. Não, aquilo não tinha importância. Esqueça o corpo. O que abalou o equilíbrio daquela forma? O que havia acontecido no Limbo para que houvesse tamanha agitação? Podia sentir todas as criaturas rastejantes se entocarem na sordidez de seus ninhos subterrâneos. Com medo. De quê? De quem?

Concentrou-se novamente, mas a percepção não lhe chegou. O Limbo ainda estava turbulento, como as águas mexidas do Nilo. Com a mão esquerda, apertou o amuleto pendurado no pescoço enrijecido. O antebraço direito, erguido diante de si, com um afiado gancho na ponta do coto, o lembrou mais uma vez de sua missão. Vingança.

Delacroix

– Você?!

– Não temos muito tempo, Dragão.

Gilchrist tentava conter a inquietação de Boru, que sentia sua tensão diante da visão chocante que estava tendo. *A mulher!* Aquela mulher de suas visões. Ela existia! Era de carne e osso. Ou não era? Será que estava imaginando coisas? Boru balançou a cabeça de um lado para o outro e bateu os cascos, nervoso. A mulher então, para sua surpresa, estendeu a mão em direção ao focinho do animal. Deus! Boru ia arrancar um pedaço dela. Chegou a gritar, advertindo-a.

– Não!

Para sua completa surpresa, porém, ela tocou a pelagem lustrosa esfregando o focinho, passando as mãos longas de dedos brancos e finos entre os olhos do garanhão, parecendo hipnotizá-lo. O animal permanecia manso como um cachorrinho.

– Viu, Boru – ela sussurrou numa voz musical. Como ela sabia o nome do cavalo? – Não precisa ficar zangado comigo. Não queria atrapalhar seu passeio, mas foi preciso. – Gilchrist começou a achar que estava ficando louco. Apeou do animal e parou diante da mulher que o encarou por sob o capuz de um manto cor de terra. Olhos de safira. Como no sonho. – Vamos, Dragão. Nossa jornada é

longa.

Ela lhe deu as costas e começou a andar em direção a floresta.

– Ei! Vamos aonde? – Ele correu atrás dela e fez com que se voltasse. – Era bem alta e ele pode sentir sob o tecido do manto, o ombro delgado, porém firme. – Por que fica me chamando de Dragão? Que diabo de história maluca é essa?

Ela ergueu o rosto e o sol da manhã de outono iluminou suas feições. Nariz reto e fino, boca pequena e rosada, queixo alongado e olhos grandes. Azuis. Tão escuros e profundos que pareceram engoli-lo e ler sua alma. Os cabelos, que nasciam logo acima de sua testa, formando uma ponta no centro, eram quase brancos de tão louros. No pescoço, ela trazia uma elaborada gargantilha de prata.

– Eu o chamo de Dragão pois é aquele em quem habita seu espírito. Nós já nos vimos antes, e você sabe disso tão bem quanto eu. O Velho Povo me enviou para buscá-lo. Nossa jornada será muito longa. Precisamos partir imediatamente.

– Partir? Para onde? Do que está falando, mulher? Quem é você?

Para a surpresa de Gilchrist, a mulher ergueu a mão, o manto escorregando por sobre a pele clara, uma pulseira de prata balançando em seu punho. Tocou seu tapa-olho.

– Precisarás dos dois olhos bem abertos, Dragão.

Ele agarrou sua mão e franziu o cenho.

– Quem é você?

A fisionomia dela ficou sombria.

– Serei sua salvação ou sua morte. Mas, irremediavelmente, o seu destino.

CAPÍTULO XII

“FALAI BAIXO, SE FALAIS DE AMOR...”

Muito Barulho por Nada. Cena 1, Ato 2. William Shakespeare

Castelo Delacroix

Após o desjejum, um Mark radiante solicitou a Luc um mensageiro. Queria enviar logo uma carta à abadia, para que seu casamento fosse celebrado o mais rápido possível. Agora que encontrava a felicidade nos braços de Clarisse, queria aproveitar cada momento. A notícia do envolvimento de Gaetain no incidente do gerifalte, porém, toldou o brilho daquela manhã.

– Tem certeza de que foi ele, Luc? – Indagou Mark acomodado numa das poltronas do gabinete.

– E como ter dúvidas? A luva, o capuz... tudo aponta para Gaetain. Sem contar que ele, além de ter estado muito ansioso por levar a ave para caçar, ainda estava extremamente contrariado ontem. Acho que ele resolveu sair com o gerifalte como uma maneira de afrontar você, a mãe, a todos nós. Só que acabou se dando mal; a ave não estava pronta e deve ter se envolvido numa disputa pela caça com outro falcão.

– Uma pena. – Lamentou Mark. – Depois conversarei com Clair e veremos o que podemos fazer para que Gaetain me aceite melhor. Quero viver em paz com os garotos, não quero ver Clarisse sofrer.

– É um homem sensato, Mark. – Luc dobrou e lacrou as mensagens e as colocou numa pasta. – Bem, acho que daqui a duas semanas, será um homem casado, meu amigo!

– Deus o ouça, Luc!

– Já resolveram onde querem morar? – Indagou o conde, recostando-se na cadeira.

– Ainda não discuti isso com Clair, mas suponho que ela queira ficar por perto. Talvez eu compre uma propriedade em Rouen.

– Tenho uma proposta a lhe fazer.

– Diga.

– Radegund herdou D’Azûr, que atualmente é administrada por um de meus cavaleiros. Você e Clair não gostariam de permanecer por lá, como castelãos? Ficariam por perto e as crianças cresceriam praticamente juntas. Quem sabe até, no futuro, nossos filhos não venham a se unir, e às propriedades também? Meu título, de qualquer forma, passará para Lothair. E D’Azûr será de Lizzie, pois pertencia a família de Radegund. A propriedade tem uma boa renda anual, terras férteis e há ainda a mina de prata na herdade que foi de Armond. Ela ainda não foi reaberta, mas, provavelmente, se tornará muito produtiva. O que me diz?

– É uma excelente proposta, Luc. Creio que Clarisse ficará feliz com ela. E meus negócios podem ser tocados de qualquer ponto através de mensageiros e ourives.

– Negócios? – Surpreendeu-se Luc. – Não sabia que tinha negócios. Achei que se dedicava apenas à guerra.

Mark lhe explicou detalhadamente sobre seus investimentos e no final, Luc ria divertido.

– Ora, você é mesmo uma caixinha de surpresas! Quem vê esse seu jeito despreocupado jamais imagina... – ele riu mais ainda e comentou – quero ver a cara de minha cunhada quando ficar sabendo.

Mark piscou.

– Deixe-a ter uma surpresa.

Terrwyn encontrou seu irmão saindo do gabinete de Luc. Parecia bem animado naquela manhã. Ela fora até seu quarto, antes de dormir, mas não o encontrara lá. Onde ele teria passado a noite?

– Olá, Terrwyn! Onde esteve?

– Raden estava me dando umas orientações. Começaremos a treinar amanhã

Ele revirou os olhos. Aquela doida! Desistiu de falar qualquer coisa.

– O mensageiro levará hoje meu pedido à abadia. Acho que em duas semanas eu e Clair estaremos nos casando. – O sorriso desapareceu do rosto de Terrwyn. Mark percebeu e tomou a mão delicada da irmã na sua. – O que foi, querida? Não está feliz? Não gosta de Clarisse?

Ela ergueu o rosto para o irmão, os olhos castanhos repletos de dúvidas e receios.

– Não é isso, Mark. É que... – ela suspirou e se calou.

O irmão passou o braço sobre seus ombros e foi caminhando com ela, falando em voz suave.

– Diga, Terrwyn. Sou seu irmão, quero sua felicidade. O que a incomoda?

– Tenho medo de que se esqueça de mim.

– Terrwyn!

Ela o fitou com os olhos marejados.

– Desde que chegamos aqui você só tem olhos para Clarisse, nem conversa mais comigo, ou me conta histórias, ou me faz companhia na hora de dormir!

– Ora, Terrwyn! – Ele sorriu – Achei que não aguentasse mais ouvir as mesmas histórias depois de um mês inteiro delas pelas estradas!

– Eu adoro ouvir você, meu irmão. Suas histórias são tão bonitas! E divertidas!

Mark parou com ela no solário e a fez olhá-lo de frente, erguendo seu o rostinho meigo com ternura.

– Terrwyn, eu amo Clarisse. Quando saí daqui para ir a Draig Fawr eu já a amava muito. Só que não pude ficar. Porém, independentemente disso, eu a amo também, minha querida. Você foi um presente inesperado em minha vida, uma bênção que meu pai me deixou. Não se afaste deste seu velho irmão. E não deixe que o ciúme envenene esse seu coraçãozinho. – Ele a abraçou e acariciou seus cabelos. – Partilhe comigo minha felicidade, irmã.

A voz dela soou abafada de encontro a sua túnica.

– Nosso pai também amava sua mãe, Mark. E nunca se lembrou que eu existia.

Solidão. Mark conhecia bem aquele sentimento. Era um vazio enorme, que parecia que jamais seria preenchido. Prometeu a si mesmo que sua irmã jamais se sentiria como ele se sentira em toda sua vida.

– Desculpe se nestes últimos dias eu a deixei de lado, minha irmã. Prometo que não vai acontecer de novo, – ele a fez se afastar um pouco para olhar em seus olhos – prometo que não se sentirá mais sozinha. Nunca mais.

Com um sorriso terno, a irmã o abraçou.

Clarisse ficou consternada com o incidente envolvendo seu filho. Conversou com o menino, mas ele continuava negando veementemente a participação na morte do gerifalte. Aborrecida, Clarisse o mandou ficar no quarto até a hora de suas lições. No corredor, ainda triste, encontrou-se com Leila e a prima.

– Olá, Clair – cumprimentou-a Raden – e Gaetain?

– Continua negando, prima. Mas não há porque fazê-lo, pois, a luva e o capuz o desmentiram! O que faço com meu filho?

Leila tomou seu braço e lhe deu uns tapinhas na mão, consolando-a.

– Sossegue Clarisse. Ele é uma criança e está aborrecido. Foi fazer uma traquinagem que não deu certo e, ainda por cima, foi apanhado. Aos poucos ele vai cair em si.

– Espero que sim, Leila. Onde está seu marido?

– Foi olhar as obras. Luc lhe falou sobre os novos aposentos e ele quis conversar com o mestre dos pedreiros. Disse que talvez faça uma reforma em Svenhalla.

– Esses homens e suas manias! – Resmungou Raden. – Alguém viu Gilchrist hoje?

– Ele não apareceu para o desjejum... – comentou Clarisse.

– Estranho. – Completou Leila enquanto desciam as escadas para o salão.

Gilchrist ficou por um tempo encarando a mulher, sentindo o eco de suas palavras trovejando em sua mente. O punho dela permanecia preso em sua mão e, em algum momento, aquele contato começou a gerar uma espécie de formigamento em sua pele. Irritado, ele perguntou de novo.

– Quem é você?

Ela lhe devolveu a mesma pergunta.

– E você? Quem é? – E ela mesma respondeu. – Um homem que se oculta de sua herança? Alguém que finge ser quem não é? Desista de conter esta força que vibra aí dentro. – Ela balançou a cabeça com um meio sorriso. – Eu já tentei e não consegui. Aprenda a domá-la, a guiá-la como faz com seus cavalos na Irlanda. Galope sobre ela e ela o conduzirá para o seu destino. Do contrário, ela o destruirá. – Atônito, ele permanecia fitando aqueles olhos que lembravam o céu da madrugada, um oceano profundo carregado de mistério. Ela emanava um poder que o assustava, e parecia ler sua mente. – Não se assuste comigo.

Ele soltou sua mão e deu um passo para trás.

– Quem... O *quê* você é?

– Vamos embora. Eu explico no caminho. – Ela caminhou para a floresta e ele seguiu atrás dela, levando Boru pelas rédeas.

– Vamos embora? Como “*vamos*”? Para onde?

Ela entrou entre as árvores e caminhou em silêncio até uma clareira, onde uma bela égua de pelagem cinza, quase prateada a aguardava. Ora, aquela montaria era idêntica à de Ragnar Svenson. Exceto pelo sexo, é claro. Viking era um garanhão. A mulher pegou um grande fardo, pesado e comprido do chão, embalado num tecido grosso. Ergueu-o com as duas mãos e entregou a ele.

– Tomei esta arma como um empréstimo. Precisaremos dela.

Gilchrist desenrolou o tecido e puxou a longa espada da bainha. Ao olhar as armas e as iniciais gravadas na lâmina, espantou-se.

– Ora! Mas isso pertence à Delacroix! – Ele já ouvira falar da espada que Radegund forjara para o marido. – Como pegou isso? Como entrou no castelo?

A mulher, para sua surpresa, se exasperou.

– Tolo! Até agora só me fez perguntas inúteis! A principal e única que devia ter feito, você não fez!

– E qual seria, minha cara senhorita?

– Não me perguntou qual é sua missão.

Gilchrist piscou e olhou fixamente nos olhos dela. Seria aquela mulher uma louca? Não, impossível. Ela esteve em seus sonhos desde Tiro, desde que Ragnar foi arrancado das garras da morte através de suas mãos e daquela estranha pedra vermelha. Sua mente girava num turbilhão de ideias, questões e indagações.

Sabendo que, para obter suas respostas ele teria que fazer a maldita pergunta, resolveu ceder.

– Pois muito bem senhorita Sem-Nome, qual é a minha missão?

– Matar uma criança.

– O quê? – Ele esbravejou. – Você é louca?

– Não. Mas através da criança o Demônio virá ao mundo, caminhará sobre a Terra e todos nós estaremos perdidos. Se a criança não morrer, todos nós morreremos. Você, eu, seus amigos. Quanto mais demorarmos, mais forte o Demônio ficará, Dragão. Temos que nos apressar; o Mal já está aqui. Você também o sentiu.

Ele franziu o cenho. Aquilo tudo estava se tornando estranho e assustador.

– Para onde vamos?

– Cornwall.

– Isso é no fim do mundo! E se você diz que o Demônio está aqui, o que vamos fazer no extremo sul da Inglaterra?

A mulher começou a ajustar os arreios de sua montaria, que estava carregada de alforjes. Parecia ter vindo de muito longe. Aliás, por falar nisso, aquele sotaque dela não lhe era estranho...

– De onde vem?

O sujeito é curioso. Bem que me avisaram. Não vai sossegar enquanto não lhe der as respostas que quer ouvir. Só não sei se isso é bom ou ruim.

Ela montou e calçou as luvas que retirou do cinto.

– Venho do Norte. – Seguiu-se o silêncio e ele ficou esperando mais alguma resposta. Impaciente, a mulher o intimou. – Monte em seu cavalo e vamos embora.

– Realmente crê que vou segui-la assim, sem me despedir de meus amigos, sem pegar minhas coisas?

– Sim.

Gilchrist contou até dez e falou como se o fizesse com uma criança.

– Senhorita, Cornwall fica muito longe daqui e eu não poderei chegar até lá sem minhas armas, dinheiro ou roupas.

Ela apontou para um monte de alforjes encostados numa árvore.

– Trouxe-lhe o básico.

Ele reconheceu suas coisas.

– Mas como...?

– Escute, Dragão – ela adiantou a montaria até ele, inclinando-se para encará-lo mais de perto – tem uma missão a cumprir. Missão esta que foi destinada a você no momento em que essas tatuagens foram feitas em seu punho. Quer você vá agora comigo, ou depois, quando as circunstâncias o obrigarem, o

que está escrito acontecerá. Porém, saiba que a responsabilidade pelo que poderá ocorrer, caso você proteja sua missão, recairá sobre você. E eu não gostaria de dormir com este peso em minhas costas.

Aquelas palavras fizeram um arrepio gelado percorrer sua coluna. De alguma forma ele sabia que a mulher falava a verdade. Era como se já tivesse ouvido aquilo em algum lugar. Decidindo-se, ele apanhou os alforjes, atou à sela de Boru e montou, colocando sua montaria ao lado da dela.

– Estou pronto. – Ele segurou as rédeas da égua, impedindo-a de partir. – Antes, porém, quero saber quem é você. – Ele sorriu e sua voz continha uma nota de divertimento. – Afinal, não posso ir daqui a Cornwall chamando-a de senhorita Sem-Nome!

Para seu espanto, a mulher gargalhou e seu riso cristalino pareceu acordar a floresta ao redor deles que, até então, permanecera estranhamente silenciosa.

– Pensei que tivesse deduzido, afinal, Valkyrie é irmã de Viking!

– E você é....

– Ulla Svensdatter.

A surpresa foi tamanha que ele deixou escorregar a rédea da montaria dela, que retivera em suas mãos. Com uma ordem em norueguês, ela incitou égua, galopando para fora da floresta, deixando-lhe uma única opção. Segui-la.

Duas semanas se passaram em Delacroix, suavizando a memória do incidente com o gerifalte. Que, aliás, foi eclipsado pelo estranho sumiço de Gilchrist. Para Terrwyn aquela era mais uma prova de que o irlandês de um olho só merecia mesmo a pecha de esquisito. Na certa ele era um duende, um ser do povo encantado, ou coisa que o valesse. Só algo assim explicaria que o homem tivesse desaparecido como fumaça!

O cavaleiro irlandês foi procurado por todo o condado, mas ninguém tinha conseguido encontrar seu rastro. Depois de muito cogitarem, examinaram suas coisas e descobriram que parte de sua bagagem havia desaparecido. Imaginaram então que ele resolvera partir por motivos urgentes e que, em breve, receberiam uma mensagem. Ragnar, entretanto, suspeitava que ele fora embora por causa de seus sentimentos em relação à Radegund, e chegou a comentar suas suspeitas com Mark e Leila. Mais tranquilos com esta conclusão, e entusiasmados com o casamento de Mark e Clarisse, deixaram de se concentrar no assunto.

Na véspera do casamento, após a chegada do abade Albéric e sua comitiva ao castelo, as mulheres se reuniram nos aposentos de Clarisse atendendo a um chamado de Leila, que tinha um presente para dar à noiva.

– Estou curiosa, Leila! Que presente misterioso é este que só nós podemos ver? – Indagou a loura fechando a porta, após dispensar as criadas.

Terrwyn se jogou sobre a cama. Agarrando uma almofada, ficou assistindo a tudo muito curiosa. Leila sorriu, ajoelhou-se no chão e remexeu num baú que mandara trazer, retirando dele um embrulho.

– Bem, eu trouxe dois desses, pois daria ambos a Radegund. Creio então que poderá ficar com um e usá-lo em sua noite de núpcias. – Ela se ergueu com o pacote nas mãos. – Posso lhe garantir que são muito eficientes...

Raden notou um toque de malícia na voz de Leila e, quando Clarisse desembulhou o presente, descobriu o porquê.

– Leila, ela vai matar Mark do coração com isso!

Por que diabos alguém morreria do coração por causa daquilo, indagou-se Terrwyn.

– É lindo! – Falou Clarisse – Vai me mostrar como se usa?

Precisa de instruções?

– Claro, querida! E ainda há alguns adereços. Vou lhe ensinar também uma ou duas coisinhas sobre o que fazer com isso.

Raden, recostada num divã, gargalhou e Clarisse corou. Sua prima perguntou à morena.

– Você usou isso com Sven, Leila?

– Sim, levei escondido na bagagem quando fomos para Svenhalla. Imagine a cara dele quando usei na primeira noite em casa? Ele ficou tão... animado, que passamos quase vinte e quatro horas trancados em nossos aposentos!

Que coisa estranha, Terrwyn matutou. *O que será que animou tanto o sujeito? E por que alguém tão animado ficaria trancado no quarto? Quando estou animada, saio para passear, correr pelos campos e pelas montanhas, ora bolas!*

– Nossa! – Exclamou Clarisse. – Isso é uma arma mortal!

– Leila, já que vai explicar os detalhes para Clair, acho que vou aprender também. Afinal meu período de resguardo chegou ao fim.

– Oh, creio que Luc vai desmaiar quando vir isso aqui! – Riu-se Clarisse.

– Pois então, mãos à obra, damas! – Animou-se Leila.

Terrwyn continuou a observar as mulheres mais velhas, certa de que poderia aprender muitas coisas que não sabia com aquelas conversas.

Horas depois, quando os presentes foram devidamente escondidos para não estragar a surpresa aos desavisados maridos, Trudy trouxe a pequena Lizzie para ser amamentada. Sentadas com suas canecas de hidromel, as três conversavam enquanto Terrwyn se distraía olhando a bebezinha sugar o seio da mãe.

– Vão ficar em Delacroix, Clarisse? – Indagou Leila.

– Ficaremos só mais umas duas semanas. Depois, partiremos para D’Azûr.

Luc negociou com Mark para permanecermos como castelãos. Só me admiro que não tenham falado nada sobre meu dote.

– Ora, para que dote, Clair? – Indagou a ruiva.

– Raden, Mark não possui um título ou terras como Luc... e, bem...

Leila começou a rir, entendendo a preocupação de Clarisse. Terrwyn se interessou.

– Por que está rindo, Leila?

– Eu também gostaria de saber, Terrwyn – comentou Clarisse e olhou para a prima, que continha a custo as risadas para não assustar a filha, que mamava placidamente – aliás, por que as duas estão rindo?

Leila falou entre risos.

– Oh, Clarisse! Não é possível que não saiba!

– Se conheço bem Mark, – disse Radegund – ela não sabe, Leila!

– Saber o quê? – Perguntou Terrwyn impaciente.

Leila secou as lágrimas que o riso lhe provocava.

– Clarisse, seu noivo é um dos homens mais ricos que eu conheço!

Terrwyn e sua futura cunhada se entreolharam boquiabertas.

– Como assim? – Indagou Clarisse. – Sempre achei que Mark possuísse pouco mais que seu cavalo e suas armas...

Dessa vez Radegund e Leila gargalharam com vontade. E quando conseguiram se controlar, a ruiva explicou à prima.

– Ah, Clair! Mark faz esse tipo porque não dá importância ao que tem! Só para começar, ele é um dos sócios de Leila e Ragnar.

– Sócio? – Perguntou Terrwyn.

– Sim, querida. – Respondeu Leila à jovem. – Ele se associou a nós ainda em Tiro, tem uma participação em nossos navios e nos vinhedos. E ainda há uma propriedade em Jerusalém, que ele herdou do avô e que atualmente está arrendada a uma família de judeus.

– Além disso, – completou Raden colocando a filha no outro seio – Mark amealhou uma considerável fortuna na Terra Santa, em ouro, prata e joias. Ibelin nos pagava muito bem. Tanto que eu e ele compramos uma *villa* em Messina, quando escoltávamos as caravanas. Queríamos um lugar para ficar quando tínhamos uma folga. A propriedade tem uma boa renda, principalmente dos pomares. E a biblioteca de lá é invejável. Seu irmão é um estudioso Terrwyn, não se engane com a fanfarronice dele.

Pasma, Clarisse não conseguia sequer falar.

– O que é uma *villa*? – Indagou a jovem. – E onde fica Messina?

– Uma *villa* é uma casa típica daquela terra, ampla e ensolarada. E Messina é uma cidade à beira do Mediterrâneo, no reino da Sicília, de onde partem quase

todos os navios que levam cavaleiros, soldados e peregrinos para o *Outremer*.

– E por que você e meu irmão compraram juntos essa tal... *villa*?

Radegund ficou vermelha. Como explicar à Terrwyn que o noivo de sua prima fora seu amante sem confundir a jovem? Clarisse a salvou.

– Eles eram sócios, Terrwyn.

– Ah, sim... – retrucou Terrwyn sem parecer muito convencida.

– Gostaria muito de conhecer esse lugar, essa *villa* que vocês possuem – disse Clarisse.

– Ah, você iria adorar, Clair! Fica no alto da cidade e das janelas vemos o estreito de Messina, o Mediterrâneo e os olivais. Temos um pomar com romãzeiras, figueiras e tamareiras. A casa tem uma mistura de estilos, mas a arquitetura é principalmente árabe. Temos até um pequeno *hamman*, que é uma casa de banhos. Tenho certeza que Mark vai levar vocês duas para conhecê-la.

– E nunca quis ir com Luc até lá? – Indagou Leila.

– Até agora ainda não havia pensado nisso, Leila. Mas, quem sabe, não vamos todos para lá no próximo ano?

Estranhamente, ao dizer aquilo, Radegund soube que jamais fariam aquela viagem. Sentindo um frio súbito, aconchegou a filha mais perto de si.

O dia do casamento de Mark e Clarisse foi uma data inesquecível sob vários aspectos. O primeiro, e mais evidente deles, foi o próprio enlace do casal, que firmaria o compromisso na capela de Delacroix, a mesma em que Radegund e Luc haviam se casado no Natal do ano anterior.

Um pouco depois do amanhecer, logo após amamentar sua filha, Raden vestiu sua velha calça de montaria e uma túnica quente. Em seguida, calçando as luvas, parou no corredor. Sabia que não precisaria sequer combinar algo com ele. Acenou com a cabeça e, sem palavras, os dois seguiram para os estábulos onde Baco e LúCIFER, impacientes ao verem seus donos, resfolegavam e batiam os cascos, ansiosos por um bom galope.

Mark e Raden selaram, eles mesmos, seus animais, agradando-os com uma boa escovada e pedaços de maçã. Conduziram-nos pelas rédeas até o pátio e montaram, saindo a passo pelos portões do castelo de onde então, numa comunicação silenciosa, ambos incitaram as montarias num galope veloz.

Radegund sentiu o vento bater em seu rosto, a liberdade de estar sobre a sela de LúCIFER, a vibração de suas patas no solo. Deixou que a alegria fluísse em suas veias e sentiu que aquele sentimento estava presente também no coração de seu amigo. Virando-se para o lado sorriu para ele, diminuindo o passo do animal. Ele fez o mesmo. Logo, seguiam emparelhados a trote, observando as colinas de Delacroix sendo lentamente iluminadas pelo sol que se erguia acima da névoa

matinal.

– Nunca o vi tão feliz, Mark. – Ela falou atenta à direção que seguiam.

– Nunca estive, garota. Clair foi uma bênção em meu caminho.

– Falou com Terrwyn? – Ela se voltou para ele.

– Sim, minha irmã sabe que não vou deixar de amá-la por causa de meu casamento. Mas ela me disse que quer ficar aqui quando eu for para D’Azûr. – Ele deu uma risada. – Você conquistou a pestinha.

– É uma honra. Estou gostando de treiná-la. E não precisa se preocupar quanto à educação dela, pois serei firme. – Ela fez uma pausa enquanto conduzia Lúcyfer para o lado, desviando-se de um tronco caído. – E Gaetain?

Mark suspirou.

– Ele ainda não me aceitou. Acho que isso só o tempo poderá fazer... já Lothair parece minha sombra. – Fez uma pausa e olhou para ela com uma expressão emocionada. – Ele me chama de pai.

Raden sorriu para ele, compreendendo a importância que tinha para o amigo o gesto do menino. Se ao menos Gaetain também o aceitasse, como o irmão o fizera! Afastando os pensamentos ruins, ela comentou.

– Quem diria, Mark... eu aqui, casada, com uma filha e você, às portas do altar, com dois enteados. Se alguém nos dissesse isso há uns dois anos atrás, riríamos em sua cara.

– O que está escrito, está escrito.

Houve um silêncio prolongado e os dois acabaram parando no alto de uma colina de onde, podiam avistar o castelo lá embaixo.

– Sabe, Mark, às vezes me sinto tão feliz, que tenho medo de que tudo acabe...

– Eu também. Acho que nos acostumamos tanto com a desgraça em nossas vidas que parece impossível que possamos ser felizes.

Radegund olhou-o nos olhos e uma sombra pareceu passar por seu rosto.

– Será que é?

– Não sei, minha amiga. Mas, se pudermos ser felizes, ainda que por um breve momento, por que não arriscar?

– Sim, por que não? – Ela olhou para frente e quando se voltou de novo para ele, sua expressão era outra, de desafio – Até o castelo? – Ela incitou a montaria ao galope e gritou-lhe. – O último desencilha os cavalos!

Mark disparou atrás dela.

– Vai perder, ruiva!

Meia hora depois Raden entrava no salão do castelo, suada e descabelada, resmungando.

– Vou querer uma revanche. Lúcifer pisou num buraco!
– Não comece, Radegund – ele parou ao seu lado e falou como se lhe segredasse – você perdeu!

Bufando, ela o ignorou enquanto caminhava na direção de Luc e do resto do grupo, que se sentavam para o desjejum. O marido indagou.

– Onde vocês se meteram?

– Fui caçar um noivo fujão, – ela deu uma piscadela, não perdendo a oportunidade de alfinetar o amigo – Mark teve uma crise!

– Deixe de história! – Riu-se Mark, parando ao lado da mesa e cutucando-a com o cotovelo – Ela não quer é contar que perdeu uma corrida para mim! Onde está Clair?

– Sua noiva está se preparando para o casamento, meu caro. – Respondeu Leila. – E daqui a pouco eu, Raden e Terrwyn subiremos para ajudá-la e também para nos prepararmos.

Raden foi se sentar perto do marido e após um rápido desjejum, foram todos cuidar de seus afazeres. Mark, que não cabia em si de felicidade e ansiedade, recebeu cumprimentos, gracinhas e tapinhas nas costas dos amigos. Antes de ir se banhar e se vestir, porém, foi resolver um assunto de grande importância.

Gaetain levantou o rosto dos livros que estava copiando quando ouviu a porta se abrir. Não aguentava mais aquele castigo, suas mãos já estavam doloridas de tanto escrever e seu tio não parecia inclinado a aliviar a punição. Ainda por cima, aquele era o dia do casamento de sua mãe com aquele infiel. Que, aliás, estava parado ali, bem na frente dele. Encarou-o com raiva.

– O que veio fazer aqui? Zombar de mim?

Mark muniu-se de toda a paciência do mundo e puxou uma cadeira, sentando-se perto do garoto. Foi direto ao ponto.

– Por que exatamente não gosta de mim, Gaetain? – O garoto cruzou os braços, emburrado e evitou encará-lo. Mark repetiu a pergunta. – Diga-me, rapaz. Deve haver um motivo.

– Eu não gosto de você, só isso. – Ele fez uma pausa e acabou encarando Mark. – E você é um infiel.

– E o que você entende por infiel?

Gaetain pareceu não ter resposta para aquela pergunta, exatamente como Mark imaginava. Naturalmente, ficava ouvindo o sermão do velho padre do vilarejo que achava, como a maioria dos cristãos, que os muçulmanos eram bárbaros incivilizados. O mais engraçado daquilo tudo era que os muçulmanos tinham a mesma opinião a respeito dos cristãos. Agradeceu a Deus o fato de ser

o abade Albéric, um homem de ideias amplas, a casá-los. E com suavidade falou ao menino.

– Sabia que meu pai era um cavaleiro cristão? – O garoto não respondeu, mas pelo menos não virou a cara. Ele continuou a falar. – Ele foi servir no Oriente e se apaixonou por minha mãe. Eu nasci desta união, entre uma sarracena e um galês. Então, pelo menos metade de mim não é infiel, segundo os conceitos que você aprendeu. – Gaetain olhou-o de soslaio, imaginando onde aquele homem pretendia chegar com aquela conversa mole. – Sabia que os muçulmanos também chamam os cristãos de infiéis?

Dessa vez o menino arregalou os olhos.

– Como assim?

– Gaetain, tudo é uma questão de ponto de vista. Para aqueles que creem no Cristo, um muçulmano é um infiel. E para os muçulmanos que creem nas revelações do profeta Mohamed, os servos do Cristo é que estão errados. Acho apenas que você está muito jovem para fazer este tipo de julgamento sobre qualquer pessoa. No dia em que você tiver vivido ao menos metade do que já vivi, começará a ver que nem tudo é como lhe parece, ou como lhe pintam. De qualquer forma, Gaetain, eu gostaria de viver em paz com você. Não peço para tomar o lugar de ninguém. Apenas que respeite a escolha de sua mãe e que me aceite como marido dela. Nós nos amamos e gostaríamos de viver em harmonia. Se prosseguir nesta atitude, o maior prejudicado será você. Pois eu, Clarisse e Lothair viveremos nossas vidas e aproveitaremos os bons momentos, ao passo que você ficará isolado, remoendo sua raiva. Sua mãe já sofreu demais, meu jovem, e não merece que a faça sofrer mais ainda se comportando desta forma. Entenda. Não estou pedindo que goste de mim. Apenas quero viver em paz. – Gaetain permaneceu olhando fixamente para Mark que não desviou seu olhar. Depois de algum tempo, ele se ergueu do assento e falou. – Espero que pense no que lhe falei. Agora tenho que ir. Eu e sua mãe gostaríamos que estivesse presente em nosso casamento.

Sem mais nada a dizer, Mark saiu fechando a porta. Sozinho em seus aposentos, Gaetain permaneceu pensativo durante um bom tempo.

Uma grande festa foi organizada em Delacroix. Luc e Raden fizeram questão de homenagear Clarisse e Mark oferecendo um banquete e contratando menestréis para animar a festa.

Já na capela, Mark andava nervoso de um lado para o outro do altar. Ragnar e Luc, que já haviam passado por situação semelhante, riam e tentavam acalmar o amigo.

– Se der mais uma volta abrirá um buraco no chão, homem! – Ralhou o

norueguês.

– Ela está demorando muito!

– As mulheres sempre demoram para se vestir, Bakkar, – contemporizou Luc – não lembra o tempo que esperei por sua amiga aqui mesmo neste altar?

– Também ficaram nervosos?

– Sim, mas não tanto quanto você! Parece um arenque num barril! –

Respondeu Ragnar.

Trudy entrou por uma porta lateral com Lizzie nos braços e avisou.

– Senhores, a noiva está a caminho.

– Oh, céus! – Gemeu Mark, sentindo as mãos suando. – Senhor abade, acabe logo com esta agonia!

O religioso sorriu.

– Nem parece o destemido cavaleiro que conheci...

– Que homem é destemido diante da força ou do altar? – Indagou Luc com ar de troça.

Logo, as portas da capela se abriram e as silhuetas de quatro mulheres recortaram-se contra a claridade do dia.

À frente da noiva, Leila e Radegund, com vestidos de seda verde, entravam trazendo buquês de flores do campo. Logo atrás delas, Terrwyn, também adorável num belo vestido cor de açafão, trazia uma caixa com o anel que Mark mandou fazer para sua noiva. E logo em seguida, entrou Clarisse, fazendo o coração de seu noivo quase sair pela boca.

Usando um vestido de brocado azul marinho, ela estava radiante. Seus olhos brilhavam de felicidade ao fitar Mark de pé no altar, em sua túnica escarlate, sorrindo embevecido para ela.

De mãos dadas com a mãe, conduzindo-a, vinha Lothair, muito sério e compenetrado em sua missão.

Quando Lothair entregou sua mãe a ele, Mark apertou sua mão e o menino se encheu de orgulho. Em seguida, foi postar-se na lateral do altar, junto ao tio.

De braços dados com sua noiva, Mark voltou-se para o abade Albéric que, com sua habitual serenidade, deu início a uma cerimônia emocionante. No final, quando foram proferir os votos, ele tirou da caixa o anel de ouro com uma safira que fizera especialmente para sua amada. E ao deslizá-lo em seu anular, olhando naqueles cativantes olhos azuis, Mark jurou que faria de Clarisse a mulher mais feliz do mundo.

Muito mais tarde, no auge da festa, Clarisse beijou seu marido e com um sorriso misterioso falou.

– Espero-o mais tarde, meu marido, em nossos aposentos.

Curiosamente, Leila, Raden e até sua irmã subiram junto com Clarisse. Os homens se entreolharam, suspeitando que aquele quarteto na certa estaria aprontando alguma.

– Está tudo pronto, Clarisse – falou Leila, excitada, enquanto andavam pelo corredor – Pedi a Trudy que nos ajudasse, vai ver como ficou bonito!

– Oh, Leila! Estou tão nervosa! Será que não parecerei muito atirada?

– Deixe de bobagem, prima! Tenho certeza de que Mark vai ficar de queixo caído com a surpresa que fará a ele. Depois terá que nos contar qual foi sua reação!

Terrwyn, que acompanhava o diálogo com muito interesse, arriscou uma pergunta.

– Qual será a surpresa para meu irmão?

As três amigas se entreolharam e Radegund resolveu explicar.

– Não posso entrar em detalhes, querida, mas garanto que será uma noite de núpcias inesquecível.

– Como assim?

A ruiva suspirou. Nunca tivera muito jeito com as palavras. E agora? Será que a jovem irmã de Mark ignorava o que acontecia entre um homem e uma mulher? Leila a socorreu.

– Terrwyn, certamente sabe o que os casais fazem durante a noite, não?

A menina corou.

– Faço alguma ideia... – claro, passagens secretas podiam ser reveladoras, principalmente aquelas que permitiam espiar os aposentos dos criados. Mas ela nunca entendeu o que havia de tão interessante naquilo. E a única experiência, ou quase, por assim dizer, que teve naquela área foi, no mínimo, repugnante.

Notando a confusão da jovem, Leila prometeu.

– Depois, com mais calma, podemos conversar a respeito. Agora tem que prometer que não vai contar nada a Mark sobre a surpresa, está bem?

As quatro haviam parado diante da porta dos aposentos de Clarisse, que agora ela dividiria com Mark, até que partissem para D’Azûr.

– Prometo que não conto nada.

Raden e Clarisse sorriram e abriram a porta. Quando Terrwyn entrou só pode exclaimar.

– Uau!

CAPÍTULO XIII

“DE TI, QUE POR TEU LUME ME EXALTASTE,
AMOR DO MEU SENHOR É CONHECIDO,
SE EM MIM SOMENTE HAVIA O QUE CRIASTE.”

A Divina Comédia. Paraíso. Dante Alighieri

Depois de muita conversa, pilhérias e brindes à disposição do noivo para aquela noite especial, Mark subiu para seus aposentos sob os gritos, risadas e cantorias dos amigos e seus convidados. Estava ansioso como um juvenzinho. Secou as mãos suadas na túnica e depois passou-as pelos cabelos. *Diabos, será que o casamento nos torna tolos?*

Bateu de leve na porta do aposento e entrou. Parou estático. Estava em outro mundo!

Os cochichos, risadinhas e olhares entre as mulheres voltaram à sua mente. Até Trudy andou olhando esquisito para ele durante aquele dia inteiro! Claro! Elas todas estavam num complô para matá-lo do coração. Pois o que mais poderia acontecer a um homem recém-casado que passaria sua noite de núpcias num quarto que parecia ter sido trazido direto das histórias das Mil e Uma Noites?

O cheiro de incenso, rosas e jasmims enchia o ar. Pétalas de rosas espalhavam-se pelo chão, misturando-se às almofadas e tapetes orientais. Na certa, presentes de Radegund.

Peças de gaze e brocado pendiam do arco que ligava a saleta íntima ao dormitório, velando seu interior. Avançando, já com a boca seca, Mark afastou o tecido macio, só para ter mais uma surpresa.

Reclinada na cama, que também estava salpicada de pétalas de rosas, estava sua esposa, sua ninfa, vestida como a concubina de um sultão. Certamente ela sorria sob o véu que escondia parte de seu rosto. Do dossel da cama também pendia a gaze esvoaçante, e nos dois lados da cabeceira, velas de cera de abelha ardiam, lançando uma luz amarelada sobre sua ninfa, intensificada pelo fogo que ardia na lareira. Fogo este absolutamente desnecessário, já que Mark se sentia mais quente do que uma fornalha.

Os olhos azuis de Clarisse o fitaram, delineados por *khol*, e o tecido do véu balançou às suas palavras.

– Boa noite, senhor meu marido. – Ela se ajoelhou na cama e estendeu a mão num gesto amplo para o aposento. – Este é meu presente para você. Gostou?

Fale Mark, fale. Você consegue!

– Muito... – saiu um grunhido.

Clarisse se levantou da cama e desceu, seus pés pequeninos e descalços

tocando o tapete macio. Céus! Até seus pés eram sedutores!

Ela parecia uma gatinha, andando com aquelas roupas, a *shalwar* finíssima, a túnica curta e justa, com um profundo decote. Em seus braços nus, havia pulseiras delicadas, e seus cabelos estavam soltos, os cachos platinados adornados apenas por uma tiara de contas de cristal.

– Que bom, – disse ela parando diante do marido – não quer ficar mais à vontade?

Concentre-se homem, as palavras sairão de sua boca se você se esforçar.

– Sim – dessa vez foi menos que um sussurro.

Sorrindo maliciosa, Clarisse pôs-se a soltar seu cinto, largando-o no chão. Em seguida, desatou os laços de sua túnica e da camisa, puxando-as pela cabeça dele, expondo o corpo magnífico a sua apreciação e ao seu toque.

Quando Mark tentou abraçá-la, ela se esquivou e disse faceira.

– Sente-se querido, – apontou-lhe uma almofada às suas costas – ainda não acabei de dar meu presente a você.

Obediente – afinal quem não obedeceria a uma mulher vestida daquele jeito? – Mark acomodou-se na almofada, olhando-a como se olhasse uma deusa. Notou ao lado da almofada uma bandeja com frutas. Pêssegos maduros, tâmaras e uvas-passas. Havia também um samovar e copos para o chá de hortelãs. E mel. Alguém havia pensado em tudo. Voltou os olhos para sua esposa e viu quando ela retirou do cinturão de contas sobre a calça um par de objetos, e os reconheceu assim que ela os atou aos dedos. Não! Ela não faria aquilo? Faria? Aquilo era coisa de Leila e Radegund. Só podia ser...

Mark sentiu um calor enorme. Sua calça nunca lhe pareceu tão apertada. Clarisse se posicionou à frente dele e lançou-lhe um olhar tão intenso que o levou ao auge da excitação.

O primeiro toque dos *snujs* em seus dedos foi acompanhado por um sinuoso ondular de quadris, que chacoalhou as contas do cinturão, fazendo-o ficar literalmente de boca aberta, acompanhando cada uma daquelas evoluções torturantes.

O agudo e ritmado soar dos *snujs* foi tomando uma cadência cada vez mais sensual, acompanhada pelos movimentos do corpo de Clarisse à sua frente. Ora seus quadris balançavam, ora seu tronco, moldando os seios contra o cetim dourado. As mãos e os braços o hipnotizavam com aqueles movimentos sinuosos. Sem poder se conter mais, ele estendeu a mão e agarrou a dela, puxando-a para seu colo.

Clarisse caiu sentada sobre suas coxas com um gritinho excitado.

– Você quer me matar na nossa noite de núpcias? – Ele perguntou desvelando seu rosto. Só para encontrar um sorriso matreiro.

– Só se for de amor, meu marido. – Ela se remexeu em seu colo, sentindo a virilidade rígida sob as nádegas.

Mark gemeu.

– Minha esposa, se não parar com isso, arrancarei cada uma dessas peças e a possuirei agora, sobre essas almofadas.

– O que está esperando? – Ela passou a língua em seu pescoço enquanto as mãos dele apertavam sua cintura com mais força.

– Clarisse – ele segurou seus cabelos e a fez olhar para ele – está me deixando louco com tudo isso!

A mão dela deslizou sensualmente sobre seu peito.

– Essa é a minha intenção.

Louco de desejo, ele a agarrou com força, fazendo-a se deitar sobre a almofada. As mãos ávidas arrancaram de qualquer jeito a seda e o cetim, revelando-lhe um último segredo. Ela não usava nada por baixo.

– Por Deus, Clair! Isso é demais para um pobre marido!

– Ainda não acabei, meu caro.

Ela inverteu as posições e colocando-se sobre ele, estendeu a mão para o lado, pegando o prato com as tâmaras. Partiu uma delas e esfregou-a sobre os lábios dele. Em seguida, lambeu-os.

– Deus... – Ele ofegou e a fez sentar-se sobre sua virilidade, ainda aprisionada em suas calças – Clair, isso deve ser crime!

– Eu também não sou uma santa, querido!

Ela deslizou para baixo e começou a despi-lo. Nem ele soube, mais tarde, que fim levaram suas botas e suas calças. Então, para seu total desespero, Clarisse pegou o mel, – misericórdia! Ele nunca mais olharia um pote de mel do mesmo jeito! – e derramou sobre ele. Depois, ela o olhou com a cara mais deslavada do mundo. E o lambeu.

Mark teve que cerrar os dentes com força e segurar-se nas almofadas enquanto a boca de Clarisse deslizava por seu abdome, descendo até chegar ao seu membro intumescido. E quando aqueles lábios macios o acariciaram, ele se sentiu no céu.

Clarisse adorou o sabor do mel e do sal da pele dele em sua boca. Sabia que estava levando seu marido à loucura e isso a fez se sentir mais excitada ainda. Quando Mark começou a gemer e a estremecer, ela resolveu ter um pouco de piedade, e interrompeu aquela carícia tão íntima, deslizando o corpo sensualmente sobre o dele, que tinha os olhos baços de desejo. Beijou sua boca com vagar, esfregando-se nele, que a agarrou e falou com a voz carregada de paixão.

– Vai ter seu troco, esposa!

Deus, ele ia explodir! Tudo o que queria era estar dentro dela. Prendeu-a em seu abraço e a colocou sob seu corpo, mergulhando nela de uma vez só, numa estocada firme e segura, em que foi até o fundo, arrancando um longo gemido dos lábios de sua mulher.

– Está tão excitada quanto eu, Clair – ele sussurrou em seu ouvido, ao que ela respondeu.

– Esse é um feitiço que atinge também a feiticeira, marido.

Beijando-a com ardor, Mark tentou controlar um pouco o ritmo das investidas, prolongando a satisfação de ambos. Alcançou o que restara do mel e despejou sobre seus seios. Desceu a boca sobre um deles e mordiscou-lhe o mamilo intumescido, lambendo então o líquido doce e dourado.

– Ah, Mark! – Ela gemeu – Faça assim!

Atendendo-lhe o pedido, ele repetiu a carícia e sentiu-a apertá-lo dentro de si, contraindo os músculos internos. Cerrou os dentes para conter o clímax que se aproximava. E prosseguiu num vai e vem ritmado, provocando-a com o próprio corpo, apertando-lhe os mamilos entre os dedos até sentir que ela enlouquecia sob seu toque.

– Sim, querida! Quero vê-la gozar. – Ele murmurou junto a sua boca.

Sua língua encontrou-se com a dela, num beijo molhado, doce e melado; completo. Sem resistir mais, ele ainda investiu uma, duas vezes dentro dela, e juntos, os dois explodiram num orgasmo intenso e mágico, bem de acordo com o clima criado por sua mulher.

A alguns metros dali, nos aposentos principais, Luc deparava-se com a mesma sensação de choque e êxtase que surpreendera Mark. Jamais sonhou em ver sua esposa, a destemida guerreira Radegund, parada diante dele, metida num traje tão...

Exótico?

Ele olhou para os seios que pareciam querer saltar daquela espécie de corpete apertado.

Sumário?

Os olhos de Luc desceram até o cós da calça esvoaçante e transparente, e mais para baixo, onde se revelava a sombra de um triângulo de pelos avermelhados.

Exíguo?

– Perdeu a voz, meu bravo? – Indagou Radegund, a voz rouca acariciando-lhe os ouvidos.

Mortal!

Luc finalmente encontrava uma definição para aquilo que sua mulher estava

usando. Ou que não estava. Era melhor deixar para lá. Isso só poderia significar que...

– Terminou meu período de resguardo – ela respondeu à pergunta que ele não conseguiu articular. Estendeu uma das mãos para ele e ordenou. – Sacie minha fome, meu bravo.

O desjejum foi servido mais tarde do que de costume naquele dia. Luc, sentado em sua cadeira, observou Mark que descia as escadas com um semblante relaxado e satisfeito, apesar das olheiras. Sorriu, divertido, pensando que ele também não devia estar com melhor aspecto, já que Radegund lhe aprontara uma tremenda surpresa. E que surpresa! Parecia até que eles é que estavam em lua-de-mel, e não Mark e sua cunhada! Erguendo a caneca de cidra quente num brinde, o conde convidou.

– Sente-se aqui comigo, Mark! Parece muito feliz nesta manhã!

Mark deu uma risada e se acomodou pesadamente na cadeira ao lado dele.

– Meu amigo, se eu soubesse que o casamento era tão bom, teria dado este passo há mais tempo!

– Hum, pelo jeito sua noite de núpcias foi bem animada...

O mestiço se serviu de pão, queijo e guisado, além de uma caneca de cidra. Falou em voz mais baixa para o amigo.

– Clarisse me aprontou uma surpresa que... minha nossa! Achei que fosse ficar maluco!

Ragnar, que saíra para uma cavalgada, entrava no salão neste momento e foi logo convocado para fazer companhia aos dois.

– Ora, Bakkar – ele pilheriou – que ar cansado é esse?

– Meu caro Sven, casei-me com uma mulher surpreendente. – Ele abaixou a voz para que os criados não os ouvissem. – Imagine que Clarisse vestiu-se ontem com roupas de minha terra, e dançou o *raqs al-sharq* para mim!

Luc arregalou os olhos e depois riu com gosto.

– Ora, vejam só! Elas fizeram um complô contra nós! Radegund apareceu do mesmo jeito. Quase perdi a fala!

– Há! Isso só pode ter sido coisa de Leila. – Concluiu Ragnar divertido. – Ela aprontou isso comigo quando chegamos a Svenhalla! E eu lhes digo, me tranquei um dia inteiro com minha mulher no quarto!

– Senhores, – Mark falou muito sério – casamo-nos com três damas perigosas.

Gargalhando, os três brindaram com suas canecas de cidra

Rouen, Ducado da Normandia.

Gilchrist olhou mais uma vez para sua companheira de viagem e perguntou-se o que diabo lhe dera na cabeça para seguir aquela criatura esquisita. Desde o dia em que saíram de Delacroix, ela o arrastara por trilhas quase invisíveis pelo meio das florestas. Tomavam, segundo ela lhe explicara, uma rota mais longa, contornando os limites do condado e evitando deliberadamente as estradas. E era incrível como ela conseguia encontrar as trilhas, que às vezes não eram mais do que simples picadas no meio do denso arvoredo. Entretanto, ela parecia ter nascido com aquele dom, além de sempre saber onde encontrar a caça.

Ulla Svendsdatter era um mistério.

Não era tão falante quanto seu irmão Ragnar, mas possuía uma energia invejável. Acordava com o sol, iniciando a viagem cheia de disposição. E à noite, depois que ele ia se deitar, desaparecia por horas a fio, às vezes até pouco antes do nascer do sol. Na primeira noite em que se dera conta daquele estranho comportamento, o irlandês a interpelara. Ela lhe respondera apenas que se retirava para meditar. Porém, apesar de toda a esquisitice, ela era boa companhia.

Naquele dia haviam chegado a Rouen, onde procurariam um navio para descer o Seine e atravessar o canal.

– Acho melhor deixarmos os cavalos num estábulo de aluguel e irmos a pé até o porto. – Sugeriu ela.

– Por quê?

Odin! Como esse homem gosta de fazer perguntas!

– Porque Valkirye é uma montaria com pelagem incomum, e nos portos há sempre o risco de encontrar conhecidos de meus irmãos.

Gilchrist estacou.

– O que quer dizer exatamente com isso, senhorita?

Ulla o encarou.

– Exatamente o que você entendeu, Dragão. Não quero ser reconhecida e nem que meus irmãos saibam onde estou. Não ainda. – Ele ia abrir a boca para fazer mais uma pergunta, mas ela se antecipou. – Porque eu tenho que concluir minha missão e não poderei fazê-lo se Björn, Ragnar ou Einar resolverem me arrastar de volta para casa. Isto sem contar com o velho Brosa, que naturalmente já deve estar no meu rastro como um sabujo. – Ela deu uma piscadela. – Ele apenas se esqueceu de que me ensinou muito bem.

Então era isso! Agora entendia porque ela era tão eficiente em seguir trilhas e caçar. Fora aluna de Hrolf Brosa, o rastreador amigo de Ragnar. Estranho que houvesse treinado uma mulher, pensou enquanto caminhava ao lado dela.

– Por que estranha? – Ela indagou, respondendo a uma pergunta que ele não verbalizara. Ele a encarou, boquiaberto. Seria possível que ela lesse seus pensamentos? – Não, eu não leio seus pensamentos. – Ulla respondeu com um

toque de impaciência na voz. – Não preciso fazer isso, pois eles estão escritos de maneira óbvia na sua cara.

– Você é bem petulante, sabia?

– Sim, – respondeu lacônica, sorriu e o chamou – venha, vamos dar uma olhada no porto e ver se arranjam um navio que nos leve àquela ilha sem graça.

Sem remédio, o irlandês a seguiu pelas ruas movimentadas da cidade. Ao saírem de uma travessa que dava para o porto, a jovem estacou e correu a se esconder atrás dele, resmungando uma série de pragas em sua língua materna.

– *Helvete!* Com todos os portos do mundo, ele tinha que vir atracar justo aqui?

– Quem?

Ainda escondida atrás de suas costas largas, ela apontou com o queixo, sussurrando, como se o homem alto e loiro do outro lado do porto pudesse ouvi-la.

– Ele, meu irmão Björn. Aquele é o navio dele, o Freyja.

Gilchrist olhou com mais atenção. Lógico, aquele só podia ser o irmão dela. E apesar de não ser irmão de Ragnar de verdade, o sujeito de pele clara e cabelos dourados era muito parecido com seu amigo norueguês. E quase tão alto quanto ele. E para espanto e apreensão de Gilchrist, um rosto conhecido seu também apareceu na prancha de desembarque do navio.

– Diabos! – Foi a vez de ele resmungar e puxar Ulla consigo para trás da parede de uma casa. – Hrolf Brosa está aqui.

– Oh, não! Hrolf? E ele o conhece?

– Claro! Esteve na Terra Santa atrás de seu irmão, na mesma época que eu. Vimo-nos muitas vezes.

– Ótimo! – Resmungou ela de má vontade. – Temos então que sumir daqui. Se Hrolf descobrir Valkirye, posso me considerar embarcada de volta para a Noruega em dois tempos, sem direito a apelação!

– Por que viajou sozinha, escondida de sua família?

Uma sombra passou pelo rosto bonito de Ulla.

– Só Rag acredita em meus dons. Meus irmãos até confiam quando prevejo uma tempestade, ou algo assim. Porém, não creem que eu fale sério quando digo que há uma enorme ameaça sobre nossas cabeças. E tudo começou com o que aconteceu com meu irmão em Tiro.

Caminhando ao lado dela, de volta a estrebaria, Gilchrist sentiu um estranho arrepio.

– O que sabe sobre aquele incidente?

Ela o encarou e ele se sentiu engolido pelas profundezas azuis de seus

olhos.

– Por que a pergunta tola se sabe que estive lá com você, Dragão?

Sem fala, ele permaneceu olhando para Ulla Svensdatter por um bom tempo. Que poder estranho aquela mulher possuía que a permitiu estar em Tiro e ao mesmo tempo, na distante Noruega? E qual seria sua participação naquela história toda?

– Eu vi uma mulher branca e dourada naquela noite... como poderia ser você?

– Faz parte de meus dons, Dragão. Mas consome uma energia enorme de meu corpo. Só fiz aquilo porque senti que Rag estava em perigo. Porém, quase morri. – Ela lhe deu as costas, indo buscar sua montaria. – E agora vamos. Temos que sumir daqui antes que Brosa sinta meu cheiro. No próximo porto, assim que estivermos para embarcar, mandaremos uma mensagem a Delacroix para tranquilizá-los.

Atônito, Gilchrist mais uma vez confiou em seus instintos que lhe gritavam que, fosse como fosse, seguisse aquela estranha.

No cais de desembarque, Björn e Hrolf traçavam uma estratégia para a busca da caçula fujona dos Svenson.

– Creio que é melhor eu ir sozinho, marujo, – falava Hrolf para o impaciente Björn – Ulla não é tola, e você em terra firme é pior do que uma tartaruga emborcada.

– Ora, Brosa! – Grunhiu o capitão do Freya. – Aquela maluca é minha irmã! E se você não tivesse ensinado à criatura todos os seus truques, hoje não estaríamos aqui, comendo a poeira que ela deixou para trás!

Hrolf apontou-lhe um dedo.

– Seria um desperdício não a ensinar. E a eficiência com que ela desapareceu só prova sua competência. – Ele estava, apesar de preocupado, orgulhoso de sua aluna. – De qualquer forma, não creio que seja conveniente deixar sua tripulação sozinha. Caso eu encontre alguma pista da jovem Svensdatter, mandarei uma mensagem.

Björn coçou a cabeça e torceu o nariz. No fundo, porém sabia que Hrolf estava certo. O problema era que ele queria, além de achar a irmã, ir a Delacroix e conhecer pessoalmente a tal mulher de quem seu irmão e sua cunhada tanto falavam, a guerreira Radegund. Ele achava que metade daquelas histórias era exagero. Claro, nenhuma mulher era capaz de fazer o que eles diziam que a tal ruiva fizera. Enfim, parecia que não seria daquela vez que ele satisfaria sua curiosidade. Dando de ombros, falou.

– Está certo, homem. Eu fico na hospedaria de costume. Qualquer notícia,

mande me avisar.

Taverna Rosa Dourada

A voz soou abafada sob o capuz do manto pesado, pairando na penumbra sombria do quarto.

– Quer dizer então que já deu andamento aos nossos planos? Bom trabalho.

– Semear a discórdia é algo prazeroso, não foi um trabalho.

– Disse que o mestiço se casou, e que vai ficar algum tempo no castelo? É melhor do que eu esperava...

– Certamente. E agora, enquanto todos os ratinhos estão reunidos na toca, felizes e contentes, é um bom momento para atingi-los.

– Sim. – A voz assumiu um tom ainda mais cortante. – Cada um deles me pagará por esses anos de sofrimento dentro desta carcaça torpe. Disse que o irlandês sumiu?

– Creio que foi melhor. Ele era uma ameaça.

– Sim, sim. Depois cuidaremos do infeliz que roubou minha dádiva. Agora, precisamos saber onde está o ponto fraco de cada um deles. Do mestiço eu quero cuidar pessoalmente. A sarracena com o marido virá por último. E a mulher... quero que comece por ela. A bruxa ruiva. Descubra o que ela mais ama na vida.

– Isto é fácil. A criança e o marido.

Sob o capuz, a boca deformada abriu-se num esgar.

– Tire-os dela.

CAPITULO XIV

“SE A FELICIDADE DELE AINDA FOR FELICIDADE, OPRIME-O, ENTÃO,
COM TANTOS TORMENTOS QUE EMPALIDEÇAM TUDO.”

Otelo. Cena 1, Ato 1. Wiliam Shakespeare.

Delacroix, novembro 1191

Três semanas se passaram em relativa paz. Mark e Clarisse, radiantes e encantados um com o outro, aproveitavam sua vida de casados entre cavalgadas e passeios pelo campo, com ele fazendo tudo por sua amada e também por seus filhos. Gaetain, apesar de não o hostilizar mais, continuava arredio e evitava todo e qualquer contato com o marido de sua mãe. Já Lothair parecia a sombra do cavaleiro mestiço.

O casal resolveu ficar um pouco mais em Delacroix, antes de partir para D’Azûr, desfrutando a estada de Ragnar e Leila, já que não sabiam quando poderiam estar todos juntos novamente. O norueguês e sua esposa aproveitavam também para estreitar ainda mais os laços de amizade com os dois casais. E para se aprofundarem melhor nos detalhes e segredos da Sociedade da Hidra, pacientemente relatados por Luc.

Terrwyn, por sua vez, ocupava suas manhãs no campo de treinos com Raden, e suava nas mãos da exigente tutora. Naquele dia, não seria diferente. Sob os olhares curiosos de alguns dos operários que trabalhavam na reforma e passavam por ali, a guerreira ruiva berrava com a mais nova.

– Erga esta guarda, Terrwyn! Não está espetando azeitonas num prato!

– Diabos! – A jovem ajeitou o braço dolorido. – Meu braço já está cansado! Raden revirou os olhos e posicionou-se a frente dela com sua adaga.

– Se estiver numa briga Terrwyn, vai ter que ignorar o cansaço e a dor até desarmar seu agressor. E não pode *nunca* baixar a guarda desse jeito!

Distraídas, as duas não repararam num homem moreno e barbado, de andar coxeante, que se acercava do campo. Os olhos percorreram de forma apreciativa as formas das duas mulheres e se detiveram em suas pernas metidas em calças masculinas. Gwydyon, que passava naquele momento, notou o homem e o interpelou.

– Pois não, senhor. O que deseja?

O homem olhou para o capitão e sorriu de maneira cínica.

– Esse lugar é mesmo bem diferente... e divertido. Dava tudo para ver duas mulheres brigando assim na minha cama.

Gwydyon amarrou a cara e deu um passo à frente, falando de maneira ameaçadora.

– Mais respeito, homem! Estas são a senhora de Delacroix e a irmã do castelão de D’Azûr! Se meu senhor o ouvir falando desse jeito, vai pendurá-lo

pela língua na muralha!

O recém-chegado ergueu as duas mãos num gesto de paz.

– Hei, calma! Só estava brincando! Sei quem são as duas.

– Brincadeira inconveniente. O que deseja aqui?

– Vim trazer as novas plantas para o conde, não se lembra de mim? Já estive aqui antes; sou Nestor, o mestre de obras.

Gwydyon estreitou os olhos. Lembrou-se do homem, que esteve ali outras vezes, inclusive no dia em que a dama e o amigo mestiço disputaram, naquele mesmo campo, um emocionante duelo.

– Sim, agora me lembro do senhor. – Disse o capitão. – Acompanhe-me, mestre Nestor. Avisarei ao meu senhor Luc de sua presença. Porém, eu sugiro que guarde seus comentários para si. O senhor de Delacroix tem muito apreço por sua dama.

Lançando um último olhar ao campo, ele seguiu o capitão da guarda ao interior do castelo.

Além do retorno do mestre de obras, aquele dia reservou ainda muitas surpresas para os moradores e visitantes de Delacroix. Ao fim do dia Terrwyn se perguntou se havia se passado realmente apenas algumas horas do nascer ao pôr do sol, tal a quantidade de novos fatos que tiveram o dom de virar a vida de todos eles de pernas para o ar.

A primeira delas foi a chegada de um homem louro, aparentando cerca de quarenta anos, vestido em roupas de lã e pele. Terrwyn acompanhou-a do alto das ameias, ao lado de Lothair e Jean. Alto, forte e de olhos claros, ele tinha os cabelos presos em duas grossas tranças e argolas nas orelhas, como as de Ragnar Svenson. Seus olhos atentos lembravam os de um velho e imponente falcão, observando tudo ao seu redor, parecendo captar cada detalhe. Vinha montado num animal castanho e foi muito bem recebido por todos quando entrou no castelo.

– Hrolf! – Gritou Leila quando o viu e caminhou na direção dele. – Que alegria ver você por aqui!

O homem tomou a mão dela e a beijou, gentil.

– Minha senhora Leila, está mais bonita a cada dia. Aquele jovem desmiolado a tem tratado bem?

– Quando é que vai parar de me chamar assim, Hrolf? – Exclamou Ragnar, apertando sua mão.

– Jovem Svenson, você e seus irmãos serão sempre moleques para mim! – Ele olhou por sobre os ombros de Ragnar. – Ora, vejam! Todos reunidos por aqui! – Mark acercou-se deles e contou que Clarisse agora era sua esposa. –

Vejam só! Finalmente Bakkar foi fisgado! – Ele a cumprimentou com galanteria.
– Como tem passado, senhora?

Radegund e Luc foram os próximos a aparecerem para cumprimentar o visitante. O conde lhe deu alguns tapinhas nas costas, sorridente.

– Hrolf, é um prazer ter você em Delacroix novamente!

– É verdade, Hrolf, – completou Raden apertando a mão dele – jamais esquecerei a ajuda que nos prestou.

– Deixe disso, ruiva. – Ele ficou sério e olhou para Ragnar. – Infelizmente, minha visita não é de cortesia. Vou direto ao ponto, jovem Svenson.

Ragnar ficou apreensivo e Leila olhou para Hrolf assustada.

– O que foi Hrolf? Fale! Foi algo com meus filhos?

– Não, acalme-se. Lars e Kristin estão ótimos. Marit e Einar não param de estragar seus filhos com mimos. O problema foi com Ulla.

Ragnar engoliu em seco e apertou a mão da mulher na sua. Imediatamente lhe veio a lembrança da premonição de sua irmã meses atrás.

Raden chamou todos para o gabinete e mandou que servissem cerveja e algumas iguarias. Acomodados, todos se calaram e ficaram atentos, incluindo a própria Terrwyn, que correu para perto do irmão e da cunhada. Hrolf deu a notícia.

– Ulla desapareceu. Pouco depois que vocês viajaram, sua irmã disse que iria ao mosteiro, em Nidaros. Só que ela nunca chegou lá.

– Pelo Profeta! – Gemeu Leila, abraçando seu marido.

– Consegui rastreá-la até o porto de Bergen e descobri que ela embarcou para a França. Perdemos a pista dela em Rouen. Björn ficou por lá, para o caso dela dar as caras.

– Inferno! – Rosnou Ragnar. – Ulla só se mete em confusão! Duvido que ela apareça, Hrolf. No momento em que souber que o Freyja está atracado em Rouen, ela não vai chegar nem perto da cidade.

– Sua irmã parece ser bem esperta, Sven! – Comentou Mark. – Mas o que acha que ela veio fazer por aqui, Hrolf? Na certa não veio atrás de Ragnar.

Hrolf ficou calado um instante e depois de olhar de Mark para Ragnar, revelou.

– Ulla vinha andando meio estranha ultimamente...

– Desembuche homem! – Explodiu Ragnar.

– Depois que vocês viajaram, ela voltou a sumir na floresta por horas a fio. Quando ela desapareceu, comecei a procurar pistas pelos lugares onde ela gostava de ir. Fui até o chalé e encontrei uma espécie de diário de sua irmã. Tenho certeza de que ela deixou aquilo lá de propósito. Se deixasse no castelo, sabia que o encontraríamos rápido demais.

– E o que achou nesse diário, Hrolf? – Indagou Leila angustiada.

– Pouca coisa concreta. Mas a repetição de um desenho, em quase todas as páginas, e um mapa com a localização de Delacroix, me fizeram vir até aqui. – Hrolf abriu o manto e tirou de dentro do colete de peles um pequeno caderno com capa de tecido. – Veja por si mesmo, Svenson.

Ragnar apanhou o caderno e folheou-o atentamente. Um símbolo entrelaçado, de três pontas, que lembravam três folhas aparecia sempre nas páginas.

– Estranho. Conhece isso Bakkar? – Ele passou o livro ao mestiço que olhou atentamente.

– Nunca o vi... Luc, Raden, deem uma olhada.

O casal pegou o livro e no momento em que Radegund pousou os olhos sobre o desenho, sentiu o choque do reconhecimento.

– Gilchrist...

– O quê? – Os quatro homens perguntaram em uníssono.

– O *triskle*, o anel que Gil me deu em Tiro...

– Por que o irlandês lhe deu um anel? – Indagou Luc, desconfiado.

– Ora, homem! Não comece! – Grunhiu Mark.

– Esse anel era um amuleto, Luc. Um símbolo de boa sorte. Gil me deu em sinal de amizade, e também porque acreditava que ele me daria proteção.

E deixe que ele pense que foi só isso, senão vai ser um inferno; completou ela mentalmente.

– Ele acabou protegendo mesmo, – comentou Ragnar – pois foi através dele que descobrimos o paradeiro de vocês.

– Confesso que eu não reconheceria o símbolo. Estava escuro naquela casa e foi Gil quem o encontrou. Mesmo assim, – continuou Mark com seu raciocínio – o que teria a ver Ulla com o irlandês, se eles nunca se viram?

– Quando disse que minha irmã sumiu, Hrolf?

– Dois dias depois que vocês viajaram

Ragnar coçou a barba, pensativo.

– Tempo suficiente para que ela chegasse até aqui na mesma época em que o irlandês sumiu.

– O’Mulryan sumiu? – Foi a vez de Hrolf se espantar.

– Sim, misteriosamente.

– Isso está mais estranho a cada momento. – Comentou Clarisse que até então se mantivera calada. – Tem alguma coisa que não encaixa, algo faltando. A irmã de Ragnar jamais esteve aqui e jamais viu Gilchrist, segundo vocês disseram. Se ela quisesse apenas se encontrar com o irmão, não haveria necessidade de desaparecer. E se a moça queria ficar incógnita, por que deixou o

caderno onde sabia que, certamente, seria encontrado? Há uma ligação entre tudo, e nós ainda não vimos qual é.

Mark olhou para a esposa e admirou-se com sua sagacidade e sua mente ágil. Clarisse o surpreendia a cada dia.

– Sim, Clair, acho que você tem razão. Talvez encontrando essa peça que falta, Hrolf possa chegar à moça.

Ragnar ficou pensativo, lembrando-se do sonho que sua irmã lhe contara em Svenhalla, e da história do Dragão que ela disse que vira. E o que teria aquilo a ver com Gilchrist? Sonhos... sim, o irlandês lhe dissera, naquele dia no campo que também tivera um sonho, com uma mulher branca e dourada. Ulla. Uma batida na porta do gabinete interrompeu seus pensamentos.

Roger pediu licença e comunicou.

– Meu senhor, há um *chevalier* que deseja lhe falar.

– De quem se trata, Roger? – Indagou Luc.

– Ele não disse seu nome *messire*, mas me pediu que lhe dissesse que trouxe o caduceu.

Luc sequer deu resposta, saindo em disparada pela porta do gabinete. Depois de um breve momento de perplexidade, todos o seguiram.

Terrwyn puxou o irmão pela manga.

– O que diabos é um caduceu para fazer alguém sair correndo assim?

Mark sorriu e acompanhou-a para fora do gabinete enquanto explicava.

– O caduceu é um tipo de cetro alado, com duas serpentes enroladas. Na mitologia dos gregos é o símbolo de... – ele parou de falar e seu rosto se iluminou, surpreso – Hermes! Venha Terrwyn! – Ele arrastou a irmã consigo. – Sinto que teremos problemas.

Sua perplexidade aumentou ainda mais ao ver quem era o cavaleiro recém-chegado.

– Cornwall?! – A última vez em que Mark viu o cavaleiro de cabelos avermelhados fora em Tiro, quando procuravam por Raden e Leila, na época que haviam sido sequestradas. – O que diabos faz aqui, homem?

Luc e o recém-chegado se entreolharam e o conde afirmou.

– Ele já sabe, Hermes.

– Bem, então vai poupar meu trabalho. Aliás, – ele disse olhando de Mark para Raden – ando atrás de vocês há quase dois anos. Por falar nisso, – ele sorriu para o mestiço – bela *villa*.

– Esteve em Messina? – Indagou Mark, mais surpreso ainda.

– Sim, há pouco mais de um mês. Iohannes me recebeu. Isso depois de conhecer quase todas as rotas de caravanas de Tiro ao Egito! Bem, mas vamos ao que interessa...

– Primeiro, – interrompeu Raden – vamos nos sentar lá dentro. Mandarei lhe trazer uma bebida e algo para comer.

– Obrigado, Raden... isto é, senhora.

– Deixe disso, Michael. – Ela sorriu e comentou de um jeito gozador. – E lá vamos todos de volta ao gabinete...

Parece uma procissão. Terrwyn achou graça, enquanto seguia o grupo e estudava o recém-chegado, que parecia ser muito simpático. Aqueles cabelos avermelhados faziam-na se lembrar de um esquilo. Ela se acomodou numa almofada aos pés do irmão. Michael voltou a falar.

– Não farei rodeios. Como Delacroix me deu permissão, falarei diante de todos. Minha missão é entregar a última lista da Sociedade, que Ibelin enviou, e também uma carta dele para Bakkar.

Mark torceu o nariz. Ainda não havia perdoado a traição sofrida. Clarisse, ao perceber o rosto fechado do marido, afagou sua mão e seu sorriso fez com que os olhos dele desanuviassem. Voltaram a atenção para Michael, que tirava de uma sacola de couro, da qual não se separou nem um instante, mais uma das caixas de sândalo.

– Juro que se continuarem saindo caixas dessas de todo canto, eu me interno num mosteiro. Toda vez que sinto esse cheiro de sândalo, é sinal de encrenca. – Resmungou Radegund.

– Sinto lhe informar, Raden, que eu realmente vim trazer notícias desagradáveis. – Ele fez uma pausa e fitou Mark. – Giles de Tarascon já sabe quem você é, Bakkar. E está no meu calcanhar e no seu. Tanto pela última lista, quanto para cortar seu pescoço.

– E por que ele quer cortar meu pescoço, Michael?

– Porque nesta lista, Ibelin lhe entrega uma das cabeças da Sociedade, junto com a chave para todos os nossos arquivos.

A porta do gabinete havia ficado entreaberta.

E seus ouvidos atentos captaram boa parte da conversa entre o recém-chegado chamado Cornwall e o mestiço, bem como com seus amigos. A informação mais importante de todas era aquele nome. Giles de Tarascon. Ali estava a porta para a destruição.

Harfleur. Normandia.

Na amurada do navio inglês, que iniciava a travessia do canal, Ulla cismava. A cada noite, durante suas longas horas de meditação, sentia que a ameaça se aproximava cada vez mais e mais de seu irmão e de seus amigos. E tudo, absolutamente tudo, fora desencadeado pelo incidente em Tiro envolvendo

o tal feiticeiro.

Ela fez Gilchrist relatar os acontecimentos detalhadamente, vezes sem conta, até que os decorasse. Cada um dos pormenores daquela noite em que seu irmão e sua cunhada quase haviam morrido. Porém, se o feiticeiro estava morto, quem poderia ameaçá-los? Súbito, ela se lembrou de uma pergunta que não fizera. A única, e talvez a mais importante delas. *Claro, Ulla, sua estúpida! Como não se lembrou disso?*

Caminhou na direção do irlandês, que falava com o capitão, e o observou enquanto aguardava que concluísse o assunto.

O Dragão era um homem bonito, sem dúvida alguma. Bastante alto, de cabelos negros, tinha um andar elegante e altivo. Mesmo empoeirado da viagem e cansado, não perdia a classe natural. Vestido sempre com roupas sóbrias, de cores escuras, ele atraía olhares por onde passavam, apesar do tapa-olho que, Ulla sabia, era um mero engodo. Ah, mal podia esperar para colocar os pés na ilha. Iria tirar aquela porcaria da cara dele.

Desde que ele aparecera em suas visões, Ulla se sentira ligada ao Dragão. Nunca vira seu rosto nessas ocasiões. Porém, sentira sua aura mágica e vigorosa. Uma energia que parecia se ligar com a sua de forma inexplicável. Dissera isso ao velho Gjurd, que apenas sorria daquele seu jeito plácido e se embrenhara na floresta de novo. O problema para Ulla, porém, era que essa ligação não poderia se aprofundar. Não deveria ir além do necessário para o cumprimento de sua missão.

Olhou para os ombros largos, sacudidos por uma rara risada, que na certa se devia a alguma pilhéria do capitão. Quando notou que a conversa terminou, Ulla prontamente abaixou os olhos e interrompeu a observação. Colocou uma máscara de indiferença no rosto e olhou para ele.

Gilchrist sentiu o tempo todo o olhar da estranha Ulla queimando sua nuca. Era como se estivesse em chamas naquela região. Mal conseguia se concentrar na tagarelice do capitão do navio, um velho lobo do mar. E quando ele se despediu e se voltou, os olhos de safira estavam convenientemente sombreados pelo capuz do manto.

Aproximou-se de Ulla. Ela ergueu o rosto, a expressão de indiferença perfeitamente calculada. Antes que ele pudesse falar qualquer coisa, ela lhe cravou uma pergunta.

– Quem cuidou do corpo do feiticeiro?

Gilchrist fez um esforço de memória, mas não conseguiu se lembrar. Quem se encarregara de recolher o cadáver de Patrus, que despencara dois andares abaixo? Tudo fora tão confuso naquela noite maldita!

– Honestamente, eu não me lembro Ulla.

– Há alguma possibilidade de o feiticeiro ter sobrevivido?

Gilchrist franziu mais ainda o cenho. Estava tão perto dela que Ulla poderia até contar cada uma daquelas ruguinhas ao redor de seu olho descoberto. Será que por baixo do tapa-olho elas também existiam? *Concentre-se na missão!*

– A queda foi grande... – ele levou a mão ao queixo e seu olhar distanciou-se na lembrança – apenas Bakkar e Leila estavam no terraço. Eu fiquei no andar de baixo, com seu irmão e Radegund.

Radegund.

A voz dele pareceu vibrar num tom diferente ao pronunciar aquele nome. Uma tristeza inexplicável apossou-se de Ulla. Ah, o coração do Dragão estava atado a um amor impossível! Por que aquilo a fazia sofrer? O navio deu um solavanco ao vencer uma onda mais alta. Distraída, Ulla cambaleou e foi lançada contra o corpo sólido do irlandês. Instintivamente, ele a segurou, suas mãos se fechando sobre seus braços. A força que os percorreu foi tão intensa que ambos se encararam, de olhos arregalados, espantados.

Gilchrist foi tragado mais uma vez pelo mar profundo daqueles olhos de safira. A frase que ela lhe disse na floresta emergiu em sua mente. *Serei sua salvação ou sua morte.*

Sentindo um frio súbito, um temor inexplicável ante a lembrança daquelas palavras que mais pareciam uma sentença, ele se afastou de Ulla Svendsdatter.

– Com licença... – murmurou para então lhe dar as costas e ir atrás de alguma coisa que eliminasse a influência de seu poder sobre ele.

Deixe estar, Dragão. Você não percebeu ainda que as forças que nos movem são inexoráveis.

Taverna Rosa Dourada

Três homens corpulentos e empoeirados passaram pela porta da taverna. De modos rudes e mal-encarados, por trás de suas barbas e cabelos compridos e desalinhados, solicitaram um aposento ao proprietário. Várias pessoas que faziam suas refeições os olharam com curiosidade, mas o olhar que o mais forte deles lhes lançou fez com que todos se interessassem novamente pelos conteúdos de suas gamelas.

O grupo subiu as escadas e, ao passar pelo corredor, uma das portas se abriu, revelando uma sombra que empurrava pela soleira uma bandeja com pratos e copos vazios. Houve um breve contato visual entre Giles de Tarascon e o desconhecido encapuzado. Este último logo recuou para as sombras e fechou a porta suavemente.

Giles e seus dois colegas entraram em seu dormitório e, em menos de meia

hora, dormiam, acomodados nas camas, sem sequer se livrarem das roupas de viagem.

O hóspede misterioso, em seu quarto sombrio, sorria satisfeito. Entrevira sob o manto pesado do recém-chegado, a cruz templária. Não poderia desejar melhores aliados.

Delacroix

Depois da confusão inicial causada pelas notícias que havia trazido, Michael passou a explicar em pormenores a ação de Giles de Tarascon no intuito de dismantelar a Sociedade. Contou sobre os ataques sofridos pelos postos de controle, principalmente ourives e usurários da península, os grandes responsáveis pela circulação dos recursos da Sociedade.

– Inferno! – Rosnou Luc. – Como Tarascon chegou aos nossos postos?

– Na maioria das vezes, seguindo Hermes e Emissários. Tanto que não me utilizei de postos até chegar aqui, à Normandia. Sabia que eles estavam atrás de mim.

– Eles? – Indagou Mark.

– Sim, Tarascon e mais dois camaradas. Todos templários. Apenas Giles é ordenado. Os outros dois são soldados. Creio que deve ficar atento, Bakkar. Eles farão de tudo para conseguir a lista.

Taciturno, Mark apenas assentiu.

No dia seguinte, Lothair, Jean, Gaetain e Terrwyn estavam entretidos num canto do salão com a pequena Lizzie. A bebezinha, no colo de Trudy, já estava bastante esperta e ativa, esticando as mãozinhas para tentar apanhar os cachos louros que escapavam da touca da jovem criada.

– Ela é tão linda! – Encantou-se Terrwyn.

– Ora, pode até ser, – resmungou Gaetain – mas só serve para chorar e sujar fraldas!

– Serve para preocupar seus pais também, jovem senhor – afirmou Jean.

– Pois eu acho minha priminha adorável. – Comentou Lothair observando a menininha. – Quando é que ela vai andar, Trudy?

– Ah, demora ainda... ela vai completar três meses. Se bem que Lizzie é muito esperta, já até rolou em seu berço, – ela mexeu os dedos na frente da garotinha – não é minha pequena?

Nestor, que descia as escadas, aproximou-se do grupo e olhou apreciativamente para a jovem criada. Ela era uma belezinha. Sorrindo por trás da barba, ele cumprimentou o grupo.

– Bom dia a todos. Senhorita Trudy, sabe onde posso encontrar o senhor de

Delacroix?

A moça olhou para o homem diante dela. Não gostava dele. Desde a primeira vez em que apareceu por ali, no início das reformas, Nestor lhe lançava olhares cheios de avidez. Respondeu baixando os olhos, voltando a atenção para a criança.

– Meu senhor foi inspecionar as defesas com o *chevalier* al-Bakkar.

Nestor se abaixou e acercou-se de Trudy. Depois de olhar para os seios apertados pelo corpete do vestido simples, balançou a mão grossa na frente da criança. Surpreendentemente, a menina sorriu.

– Parece que ela gosta do senhor, mestre – constatou Jean.

– Ela é um docinho, – ele olhou de esguelha para Trudy – bem como sua ama. – A moça permaneceu séria e Nestor mudou de assunto. – Preciso que avisem ao senhor que a parede da torre já foi derrubada. Colocamos uma plataforma na parte externa, mas ainda não está totalmente seguro. Terei que ir a Rouen buscar roldanas e cordas mais resistentes.

– Podemos ver mestre? – Pediu Gaetain, saltando em pé.

– Creio que só com a permissão de seu tio, meu jovem. A área toda está bem instável, ainda faremos a sustentação. É melhor manter aquela porta trancada.

– Darei seu recado ao meu senhor, mestre Nestor. E irei agora mesmo trancar aquela ala.

– Não precisa, – ele disse tirando uma chave do bolso – já tranquei.

Trudy pegou a chave e guardou no bolso de seu avental. O mestre se despediu e avisou.

– Diga ao senhor de Delacroix que volto em dois dias para discutirmos os detalhes do balcão.

Na saída, cruzou com Radegund, que acabava de chegar de uma cavalgada, vestida com as habituais calças.

– Senhora – ele a cumprimentou, baixando os olhos.

Raden apenas acenou com a cabeça e tentou ser simpática, mas não gostava dele. Achava o tal mestre dissimulado e já notara os olhares que ele lançava às criadas, das mais jovens até as mais idosas. Acompanhou-o com o olhar até que desaparecesse pelo pátio e só depois entrou no salão, dirigindo-se a Trudy.

– O que Nestor queria aqui?

A criada explicou e entregou a chave a ela.

– Vou guardar isto na gaveta de Luc. E vocês meninos, fiquem longe daquele lugar.

Os três garotos assentiram e depois que Raden brincou um pouco com a filha, o grupo se dispersou, ficando apenas Terrwyn e ela no salão.

– Como estão suas mãos, Terrwyn? – Indagou Raden retirando as luvas de montaria.

A jovem espalmou-as à frente da tutora.

– Pararam de doer.

A ruiva tomou-as com delicadeza e comentou, olhando os vestígios de bolhas deixados pelo treino com as armas.

– Ótimo. Os remédios de seu irmão realmente têm efeito rápido. Amanhã já poderá voltar à aula de equitação. – Ela soltou as mãos da jovem e a encarou. – E suas lições, já fez?

– Sim... – a expressão de desalento de Terrwyn a fez dar uma risada.

– Por que o desânimo? Você mesma disse que adoraria aprender a ler e a escrever! – A ruiva foi caminhando para o gabinete, seguida pela garota. – Vai desistir? Lembre-se de que tenho um acordo com seu irmão. Sem estudo; sem treino.

Terrwyn se jogou numa cadeira, enquanto Raden colocava a chave que Trudy lhe entregou numa gaveta da escrivaninha.

– Não vou desistir. Mas é que os textos das escrituras são tão enfadonhos! Depois de ouvir as histórias de meu irmão, o que me interessam Jacó, seus filhos e suas cabras?

Raden gargalhou e se acomodou numa poltrona de frente para a jovem. Ela era muito parecida com o irmão. Os mesmos olhos castanhos, o nariz bem feito e o senso de humor.

– Mark é um contador de histórias nato, Terrwyn. Porém, você precisa exercitar sua leitura. Podemos falar com padre Gervase para usar outros livros. – *Se bem que eu duvido muito que aquele velho santarrão me atenda, ela pensou.* E em seguida teve uma ideia. – Terrwyn, e se você escrevesse as histórias que seu irmão conta?

– Escrevê-las?

– Sim. Seria uma maneira de treinar e aprender. Você poderia me mostrar depois para corrigirmos seus erros. O que acha?

– Genial! – A mocinha aplaudiu. – Você mesma vai corrigi-los?

– Eu ou Clarisse, até mesmo Mark. Só não aconselho a mostrar ao padre... – ela baixou o tom de voz – não creio que ele vá considerar essas histórias... hum, adequadas.

As duas riram a valer e Terrwyn se animou tanto que pediu para começar logo com aquelas lições.

– Ora, seu irmão não está aqui!

– Conte você então uma história! Sei que lutaram e viajaram juntos durante muito tempo.

– Bem, deixe-me ver... – Ela pensou no que poderia contar que fosse apropriado aos ouvidos de uma jovem ainda ingênua como Terrwyn – Já sei! Pegue sua pena, Terrwyn. Vou lhe contar a maior trapalhada de nossas vidas.

Animada, a garota ficou a postos.

CAPÍTULO XV

“TOCASTE-ME, E O DESEJO DE TUA PAZ ME INFLAMA.”
Confissões: Solilóquio de Amor. Santo Agostinho.

Sultanato da Síria, primavera de 1189

– Eu disse a você! Norte, Norte! E para onde viramos? Oeste! – Mark acompanhava o vai e vem de Raden pela areia e seu interminável monólogo. Montado em Baco, ele apoiara um dos cotovelos sobre a coxa e o queixo na mão, enquanto olhava a amiga em mais uma de suas explosões de fúria. Aquela já durava uns dez minutos. – Quer parar de ficar aí me olhando e fazer alguma coisa?

– Você me deixou tão tonto com esse falatório que não consigo sequer pensar!

– Você nunca teve prática em pensar! – Alfinetou. – E tonto você já estava quando saímos de Homus e resolveu aceitar essa ridícula missão de levar presentinhos para um chefe do deserto! Isso é que dar ficar tomando arak a noite toda! – Ela lhe apontou um dedo acusador. – E ainda por cima, me meteu em sua confusão!

– Ei, alto lá! Somos sócios, não é? Ora, Radegund! E o que é um mero desvio de rota? – Ele apontou o pequeno oásis onde pararam e as areias atrás deles. – Veja só que paisagem linda!

Ela ergueu as mãos para o céu e grunhiu exasperada uma série de pragas. Depois mostrou uma das tamareiras atrás de si.

– Um desvio de rota? Um mero desviozinho? – Ela andou até ele e o puxou de cima da sela. Arrastou-o pela mão até bem perto da árvore e mostrou-lhe o tronco sulcado à lâmina.

– Só por essa tamareira eu já passei duas vezes!

Ele olhou as marcas com atenção e coçou a cabeça.

– É verdade... ruiva, estamos perdidos.

– Nossa, Mark. Como você é brilhante.

– Não me massacre, criatura. Deve ter sido efeito daquela maldita bebida!

– Incrível como você é sagaz... agora que já constatou o óbvio, quero ver como é que vamos sair daqui. – Ela lhe deu as costas e passou a andar, puxando Lúcifer pelas rédeas na direção do pequeno poço, ainda falando. – Na certa o acampamento do tal ibn-qualquer-coisa deve estar à milhas de onde paramos! Nós nunca vamos encontrá-lo! Na verdade, acho que daqui a uns dez anos, quando outra viva-alma desavisada se perder por aqui, vai achar nossas carcaças...

– Radegund.

—... na certa ficarão só nossos ossos para contar a história...

— Raden.

—... tudo porque eu fui confiar no seu senso de orientação...

— Cale a boca, Radegund! — Ele gritou. — E olhe para cá!

Ela se voltou e as imprecações morreram em sua garganta diante da nuvem de poeira que se levantava no horizonte.

— Merda! O que mais nos resta acontecer?

A nuvem avolumou-se além das dunas, logo se transformando num grande grupo de ariscos berberes montados por homens do deserto.

— Grande, Mark! — Ela gritou, saltando sobre Lúcifer e desembainhando as armas. — Agora, além de perdidos, provavelmente seremos mortos!

Ignorando-a, ele montou Baco e posicionou-se ao seu lado.

— Talvez não sejam hostis.

Raden olhou para Mark de cara feia.

— Claro! E talvez eles nos convidem para um chá!

Meia hora depois, Mark trotava calmamente ao lado da amiga carrancuda.

— Viu, eles realmente nos convidaram para o chá. — Ela lhe lançou um olhar gelado. — Pelo menos não estamos mais perdidos. — Raden grunhiu em resposta. — Que diabo, mulher! Nunca está satisfeita? No fim das contas, encontramos ibn-Mouhad.

— Você quer dizer, ele nos encontrou, não é?

— Se Mohamed não vai a montanha... — ele puxou a brida de Lúcifer, trazendo-a para mais perto. — Relaxe garota, eles gostaram de nós.

— Até demais, — ela falou baixo — não gostei do jeito como o ibn-sei-lá-o-que ficou me olhando. E principalmente não gostei do fato de não entender quase nada do dialeto que ele fala!

— Minha nossa. Que mau humor! Vamos aproveitar a hospitalidade do chefe, entregar os presentes que Kasim mandou e amanhã iremos embora. O que custa?

Calada, ela apenas balançou a cabeça.

À noite, sentados em torno da fogueira, no lugar de honra ao lado do chefe do deserto, um homem de meia idade e de barba grisalha, os dois comiam pedaços de carneiro e ouviam a cantoria dos homens e mulheres da tribo.

Uma gamela de arak foi passada às mãos de Raden, que sorveu o líquido de sabor marcante. O carneiro estava salgado e, mesmo sendo uma bebida fortemente alcoólica, ela virou quase todo o conteúdo. Mark a observou sorrindo. Raden ainda não estava acostumada com o arak. Queria ver na hora

em que ela se levantasse dali.

Ibn-Mouhad ergueu mais um brinde a Kasim e aos presentes que lhe enviara e sorriu para a guerreira que, já um pouco tonta, retribuiu alegremente.

Isso não vai prestar...

O chefe estendeu a mão para ajudá-la a se levantar e convocou uma mulher para levá-la para a tenda. Tudo teria corrido bem se ele não tivesse entendido aquela parte da frase. O chefe mandou que a levasse para a tenda dele!

Vendo que ibn-Mouhad se sentava para continuar a comemorar, ele permaneceu quieto, com um sorriso polido no rosto. O velho cretino embebedara sua amiga para carregá-la para a cama! Olhando em volta, notou todos já meio embriagados e resolveu fingir-se de bêbado também.

Levantou-se cambaleando, resmungou algo sobre precisar aliviar a bexiga e deu a volta nas tendas, saindo do alcance da luz da fogueira. Só então voltou a andar normalmente. Percorreu a pequena distância até a tenda do chefe e lá chegando, cortou a parte de trás com sua faca. A ruiva estava deitada de bruços sobre as almofadas.

– Acorde, garota! – Nada. – Raden, acorde! – Ele a sacudiu.

Ela virou de costas e abriu os olhos.

– Mark? O que faz aqui? – A voz saiu pastosa e engrolada. – Não o chamei para dormir comigo...

– Diabos! Levante-se daí! A não ser que queira se tornar a nova concubina de ibn-Mouhad!

Os olhos verdes se arregalaram e ela se sentou na almofada, gemendo.

– Oh, Deus! – Sua mão procurou algum apoio na ânsia de fazer o mundo parar de girar. – Vamos sair daqui então...

Com muito custo, ela ficou de pé, mas oscilava tanto que ele teve que jogá-la sobre os ombros.

– Ei! – Ela falou de cabeça para baixo. – Estou vendo seu traseiro...

– Quieta! – Ele saiu da tenda. – Você é pesada, hein?

– Olha quem fala! – Ela praticamente berrou.

– Shh!

– Mark...

– O que é, criatura? – Ele ia andando com seu fardo na direção dos cavalos.

– Estou ficando enjoada...

– Não se atreva, Radegund! – Ele a colocou no chão e a encostou no tronco de uma árvore. – Fique quietinha aí!

– Tudo... – ela soluçou – ops, desculpa! Tudo bem.

Deu um passo para frente. Ele a segurou.

– Mas que diabo! Não saia daí!

– Não sairei – ela falou com a veemência dos bêbados.

Andando pelas sombras, ele retirou as montarias do cercado e voltou até onde deixara Radegund. Que não estava mais lá.

– Onde diabos ela se meteu?

Olhou em volta e não demorou muito para achá-la. Estirada de costas nas areias, olhando para o céu com um sorriso abobalhado.

– O que pensa que está fazendo aí? – Ele a ergueu pelos braços, atirando-a aos ombros de novo.

– O céu está tão lindo!

– Raden, você bêbada é uma tristeza – ele reclamou colocando-a sobre a sela de Baco.

– Ei, Lúcifer ficou branco?

– Shh! Fale baixo, mulher! Esse é Baco. Não pensou que eu fosse deixar você montar sozinha desse jeito, pensou? – Ele saltou na sela atrás dela e a segurou para que não tombasse no chão.

– De que jeito? – Ela indagou encarando-o de forma hilária.

– Bêbada, Radegund. Você está bêbada!

– Eu? – Ela oscilou e quase caiu de cabeça no chão. – Eu não estou bêbada!

– Claro que não. – Ele ironizou e manobrou Baco, com Lúcifer vindo atrás, atado à sela.

– Não estou.

– Você está.

– Eu não fico bêbada, Bakkar, – ela apontou um dedo para ele – você é quem fica bêbado sempre. Eu não.

– Certo. – Ela oscilou de novo e acabou encostando a cabeça no ombro dele.

Depois de alguns minutos de silêncio, enquanto se distanciavam do acampamento, ela voltou a falar;

– Mark.

– Hum.

– Eu disse que era para o Norte.

Terrwyn escrevia e gargalhava à medida que a ruiva contava sua aventura no deserto. Ah, daria tudo para ter assistido aquela cena hilária! As duas estavam tão compenetradas que não perceberam a aproximação de Luc, que parou à porta do gabinete enquanto ouvia o final da história que sua esposa contava.

– Essa eu queria ter visto! – Ele falou pousando a mão sobre o ombro da mulher.

– Luc! Que bom que chegou, – ela estendeu os braços para o marido sendo imediatamente atraída para junto de seu peito largo – estava com saudades.

– Mas eu só passei a manhã fora!

– Mesmo assim, meu bravo.

Ele depositou um beijo suave nos lábios e dirigiu-se a Terrwyn.

– Mark quer vê-la, Terrwyn. Está nas cocheiras.

Despedindo-se dos dois, a jovem disparou para fora do gabinete. Luc prontamente fechou a porta e abraçou a mulher de novo.

– Acho que um dia desses, vou embebedar você e a deixar trancada na torre ao meu inteiro dispor. – Ele beijou seu pescoço fazendo-a se arrepiar. – O que acha da ideia?

– Não precisa me deixar bêbada. Seus beijos já me embriagam.

– Hum, bom saber disso!

Sem mais delongas, ele a beijou, insinuando a língua dentro de sua boca e apertando seu corpo contra o dele. Suas respirações se tornaram mais aceleradas e ao sentir o corpo da mulher responder prontamente ao seu toque, ele a empurrou sobre o sofá.

– Luc! Está doido?

– Sim, mulher! – Ele enfiou a mão sob o cós da calça, empurrando-o para baixo. – Doido por você!

Sua boca procurou seu pescoço enquanto as mãos dela se metiam sob a bainha da túnica, acariciando a frente de sua calça, tocando o volume de seu membro enrijecido.

– Oh, céus! – Ele grunhiu, afastando a camisa e deslizando a boca por seu colo. Sua língua ávida já alcançava o bico do seio quando uma batida soou na porta do gabinete.

Suspirou exasperado enquanto a mão de Raden o apertava por sobre sua calça. Recomeçou a beijá-la. E outra batida, mais forte soou.

– O que é? – Berrou Luc irritado.

– *Messire*, – a voz de Roger soou com certa urgência do outro lado – um mensageiro chegou.

Luc fechou os olhos e respirou fundo, tentando se controlar.

– Inferno! – Resmungou e em seguida gritou para o administrador. – Acomode-o e dê-lhe de comer e beber. Eu já vou.

Frustrado, ele ainda deu outro beijo na esposa antes de se levantar e ajeitar as roupas.

Piscou para ela antes de sair e falou, a voz carregada de promessas.

– À noite continuaremos nossa conversa.

Saiu e fechou a porta atrás de si, deixando a mulher contando os minutos para a hora de irem se deitar.

O mensageiro trouxe mais agitação ainda ao já tumultuado castelo Delacroix ao apresentar uma carta de Ulla Svensdatter. Ragnar, com a mensagem entre as mãos, esbravejava no meio do salão.

– Desta vez Ulla passou dos limites! O que diabos ela foi fazer na Inglaterra? E com o irlandês a tiracolo? E ainda diz que roubou a espada de Delacroix!

– Ela disse que pegou emprestada... – contemporizou Leila.

– Sem pedir?

– O que mais ela fala na carta, Sven? – Indagou Mark, que voltara das cocheiras com a esposa e a irmã.

Ragnar bufou e passou os olhos pela caligrafia delicada de sua irmã.

– Disse que precisava cumprir uma missão importante e que Gilchrist é parte dela. Aqui ela fala que foram para Cornwall.

– Mas isso é no fim do mundo! – Comentou Luc.

– Ei! – Ralhou Michael, que estava jogando dados com Hrolf num canto. – Mais respeito com minha terra!

– Ouçam isso, – pediu Ragnar – Ulla disse que devemos tomar cuidado, pois alguém nos ameaça. Ela cita aquele maldito incidente em Tiro...

– Patrus? – Indagou Leila, abraçando-se ao sentir um arrepio.

– Creio que sim, pequena.

– Aquele maldito está morto! – Rosnou Mark.

Ragnar olhou para o mestiço de cenho franzido. Todas as premonições da irmã e o sonho que Gilchrist lhe contara vindo à tona repentinamente. Depois de alguns instantes, em que todos pareceram silenciar ao mesmo tempo, o norueguês fez uma constatação.

– Nunca vimos o corpo.

Tarde da noite, quando todos já haviam se recolhido, dois homens conversavam no gabinete de Delacroix.

– Obrigado por ter vindo, Mark.

– Tudo bem, Luc. – Ele apertou a mão do amigo e sentou na cadeira que ele lhe indicava, perto do braseiro que aquecia o ambiente. – Só não entendi o porquê desta reunião no meio da noite. Aconteceu alguma coisa?

– Você quer dizer, além das notícias da Sociedade, da chegada de Michael e Hrolf, do sumiço do irlandês e da irmã de Sven, do envolvimento de Tarascon

nos assassinatos... esqueci algo?

– A suspeita da irmã de Sven, sobre o tal Patrus.

– Ah! – Exclamou Luc. – É verdade. E ainda tem a história da espada que Radegund me deu. – Balançou a cabeça, incrédulo. – Gostaria de saber como esta moça entrou e saiu de Delacroix sem ser vista. É espantoso!

– Ragnar disse que a irmã é uma espécie de vidente.

– Acredita nisso?

– Já vi tanta coisa neste mundo, Luc... bem, afinal, o que houve?

Luc se levantou e apanhou uma grossa pasta de couro de cima da mesa de trabalho. Entregou nas mãos de Mark.

– Quero que leia com muita atenção e guarde estes documentos.

– De que se tratam? – Indagou ele, já abrindo a pasta e olhando as folhas chanceladas com o selo de Delacroix.

– Esses documentos passam para você a tutela definitiva dos meninos. E também a administração de Delacroix e D’Azûr caso eu venha a faltar.

– Luc! – Mark estava espantado. – Por que isso agora?

– Você é o marido de Clarisse, nada mais justo que seja também o tutor dos meus sobrinhos.

– Sim, até aí eu entendo, mas... Delacroix e D’Azûr?

Suspirando, Luc caminhou até a janela e olhou a noite escura lá fora. Estava angustiado e preocupado com tudo o que vinha acontecendo. Temia pela segurança de sua mulher e de sua filha. Era um sentimento indefinível, mas que estava presente dia após dia, instalando-se de forma insidiosa dentro dele. Sendo assim, e sabendo da lealdade de Mark para com Raden, ele fez aquele documento, que o tornava protetor de seu tesouro mais precioso.

– Delacroix – ele começou a explicar – creio que você já sabe, passará à Lothair, assim como o título. Você como tutor dele, em minha ausência, será a pessoa perfeita para assumir este encargo. Já D’Azûr pertence à Radegund e Lizzie. Assim como o baronato. Porém, por mais autossuficiente que minha mulher seja, ela ainda é uma mulher e muitos podem se sentir tentados a tomar a propriedade das mãos dela.

Mark se levantou e parou a frente dele, olhando-o nos olhos.

– Está doente?

O outro sorriu.

– Não, homem! Isso é só por precaução. – Ele pôs uma das mãos sobre o ombro de Mark. – Sei que, se eu não estiver aqui, você cuidará delas por mim.

Emocionado com aquele gesto, Mark apertou sua mão.

– Obrigado pela confiança, meu amigo. Acredite. Se um dia houver esta necessidade, cuidarei de Lizzie como se fosse minha filha. E Radegund jamais

deixará de contar com minha amizade e meu apoio incondicionais.

– Eu é que lhe agradeço, Mark. Não esperava menos de você. Agora, – ele abriu um sorriso maroto – que tal subirmos e aquecermos as camas de nossas esposas, já que a noite está tão fria?

– Excelente ideia, Luc.

Taverna Rosa Dourada

A noite fria não foi obstáculo. Tendo deixado o castelo ainda cedo, logo chegou e foi levar as novidades. O quarto, como sempre, estava escuro e abafado. A pessoa encapuzada sentada sobre um tapete no chão, meditava. Abriu os olhos assim que entrou no quarto.

– Por onde veio?

– Pelos fundos. Ninguém me viu.

– O que lhe trouxe aqui a essa hora? – Indagou – deve ser muito importante.

– Uma informação. Um nome. – Sorriu. – Giles de Tarascon.

– O que tem ele?

– É um templário que quer a cabeça do mestiço.

Os olhos negros brilharam sob o capuz.

– Um templário? Que coincidência. Há três deles hospedados aqui. O que mais?

– Tem algo a ver com listas e uma sociedade secreta. Não pude ouvir tudo. Entretanto, o castelo está em polvorosa.

– Cumpriu sua missão?

– Ainda não.

– Como não? – Ele se irritou, a face deformada se contorcendo mais ainda com a raiva. – Não mandei que desse um fim na criança e no marido?

Sua sombra se moveu pelo quarto e a voz soou tão fria que mesmo o outro, em sua loucura originada na raiva, temeu.

– Estou brincando, aprendendo... – mexeu num castiçal onde repousava uma vela eternamente apagada. – As emoções humanas são fascinantes. Eu os estudo e aguardo minha oportunidade. Farei de forma a causar a maior dor possível. Garanto que irá apreciar.

– Tem que fazer é de forma que não nos descubram! – O rosnado saiu abafado por baixo do capuz.

– Não tem fé? – Seus olhos o fitaram na escuridão com um quê de sobrenatural. – Não me trouxe aqui para conseguir seu intento? Crê que não sou capaz?

– Creio que está demorando muito. Temos um acordo.

– Ora, meu caro Patrus. Sossegue! – Os dentes brilharam num sorriso cruel

que contrastavam com suas feições. – A vingança é um prato para ser saboreado frio.

Deu-lhe as costas e foi em direção à porta. Patrus ainda perguntou.

– Posso confiar em você? Fará o que ordenei? Cumprirá o trato?

Por sobre o ombro, respondeu.

– Confie o tanto quanto é possível confiar numa serpente.

Delacroix

Depois de fazer amor apaixonadamente com sua mulher, Mark afagava seus cachos louros, espalhados sobre seu peito. Clarisse, ainda ofegante e suada, aconchegou-se mais ainda a ele, brincando com os pelos negros e encaracolados. Encostou a face naquela parede maciça de músculos e passou a acompanhar as batidas de seu coração. Sentiu que ele suspirava profundamente e ergueu a cabeça, encontrando-o com o olhar perdido.

– O que foi, querido?

Mark voltou a atenção para ela, sorrindo ternamente.

– Estou preocupado, Clair.

– Com a história da Sociedade?

– Também. Mas não só com isso. – Ele fez uma pausa e a abraçou, acariciando suas costas nuas. – Estou preocupado com Luc.

– Luc? – Ela estranhou. – O que há com ele?

– Ele me chamou para uma conversa agora à noite, – ele relatou brevemente o assunto – isso me deixou cismado.

Ela sorriu e afagou sua face, ganhando um beijo delicado na palma da mão.

– Creio que ele só está sendo cuidadoso, querido. Esse é o jeito dele. Luc sempre foi muito responsável e equilibrado. Na certa, em vista de tantas confusões e ameaças, ele se sentiu mais seguro fazendo estes documentos.

– É, deve ser isso... – ele sorriu para a esposa e sua mão desceu de suas costas para suas nádegas – e talvez eu deva pensar em outras coisas que afastem estas preocupações de minha cabeça.

Descendo a mão por baixo das cobertas, Clarisse escorregou-a sobre o abdome dele, encontrando seu sexo pronto.

– É insaciável, *sire*. – Murmurou, já passando a perna sobre ele, apoiando as mãos sobre seu peito.

– Culpa de minha mulher – ele a trouxe para si, devorando sua boca enquanto a sentava sobre seu membro, penetrando-a lentamente.

– Ah... – ela gemeu deslizando para cima e para baixo sobre ele.

Com as mãos em sua cintura, ele acompanhava seus impulsos, projetando os quadris de encontro a ela, perdendo-se dentro de Clarisse.

– Não canso de querer você, Clair! – Ele sussurrou puxando sua boca para perto da sua. – Adoro estar dentro de seu corpo, adoro sentir sua pele seu cheiro...

– E eu adoro ter você em mim, meu amor!

Num rápido rolamento, ele inverteu as posições, deitando-se sobre ela, deixando-a sentir todo seu peso e seu calor colados a sua pele. Mergulhou repetidas vezes no interior úmido e quente de Clarisse, fazendo-a gozar e gemer seu nome numa explosão sensual.

– Não posso aguentar mais, Clair – falou entre os dentes apertados, segurando os quadris dela, puxando-a contra si – venha comigo, amor!

Clarisse, arrebatada por um orgasmo interminável, arqueou as costas, gritando o nome de seu marido, seu amor, seu homem. Exausto, ele se consumiu e se derramou dentro dela, caindo sobre seu corpo enlanguescido, sussurrando em seu ouvido ainda preso dos últimos espasmos de seu prazer.

– Eu te amo, Clarisse.

CAPÍTULO XVI

“O PÁSSARO DA SOMBRA, AQUI, TODA A NOITE GEMEU.
DIZEM QUE ATÉ A TERRA, FEBRIL, ESTREMECEU. ”

Macbeth. Ato 2, Cena 3. William Shakespeare

O dia amanheceu agitado em Delacroix, como não poderia deixar de ser. Com a notícia do paradeiro de Ulla, Ragnar decidiu enviar Hrolf de volta a Rouen para avisar a Björn. Mark sentou-se com Michael, Luc e Leila, a portas fechadas, para discutirem os assuntos da Sociedade e verificarem os documentos acerca dos arquivos tão cobiçados por Tarascon e seus homens. Terrwyn se encarregou de distrair os garotos com espadas de madeira, promovendo disputas no pátio. Até mesmo Gaetain participou, já que o tio relaxara seu castigo. Clarisse e Radegund, junto com Trudy e outras criadas, faziam as listas de víveres para o inverno que se aproximava. Ao lado delas, em seu cestinho, Lizzie se distraía com as próprias mãozinhas.

No meio da manhã, Gwydyon veio avisar que Hrolf Brosa partiria imediatamente. Leila e Mark deixaram o gabinete e foram falar com o rastreador, ao passo que Luc terminava de repassar alguns detalhes com Michael.

– No caso de Tarascon tentar algo contra Delacroix, – ele indagou ao cavaleiro ruivo – crê que ele pode contar com forças na região?

– Fala sobre forças da Ordem?

– Sim.

– Nos arredores de Rouen há uma fortaleza deles. Tem um bom contingente e, segundo soube, são partidários das mesmas facções mais radicais das quais Tarascon faz parte... porém, não acredito que ele tente algo neste sentido com a proximidade do inverno.

– Tem razão, Michael. – Concordou Luc. – É mais provável que ele tente uma ação furtiva. Vou redobrar a vigilância e enviar um homem de confiança aos arredores para descobrir até onde ele chegou.

Michael assentiu e depois de algum tempo examinando os outros documentos que trouxera, retirou-se para falar com Mark.

Luc permaneceu sentado à sua mesa, examinando alguns papéis, mas logo teve sua atenção atraída para Radegund, que entrava com Lizzie nos braços.

– Olá, papai! Viemos lhe fazer companhia!

Imediatamente ele se levantou e a ajudou a se acomodar com a pequena no sofá.

– Que bom que minhas duas princesas vieram me ver.

– Lizzie veio fazer sua refeição, meu bravo – ela falou, soltando os laços da roupa – aqui está mais sossegado. Os meninos agora estão no salão e o barulho está infernal!

Luc ajudou a esposa acomodar a filha ao seio e depois ficou observando as duas, enternecido. Puxou a mulher, aconchegando-a de encontro ao peito, enquanto sua filha era amamentada. Acariciando as ondas vermelhas que tanto amava, falou ao ouvido dela.

– Você me fez o homem mais feliz do mundo, moça. Ter você e Lizzie junto comigo é mais do que jamais sonhei em toda a minha vida. Amo você, Radegund!

Com o coração transbordando de felicidade, ela se aconchegou mais ao marido, que acariciou a filhinha.

– Eu também te amo, Luc. Você é minha luz, meu mundo. – Ela olhou para trás, fitando os olhos que tanto amava. – Você me tirou da escuridão e me trouxe para a vida. E me deu meu maior tesouro, minha filha.

Feliz, abraçado às duas mulheres de sua vida, Luc sorriu.

Depois que Hrolf foi embora, Ragnar e Leila acompanharam Mark e Clarisse num passeio pelos campos de Delacroix.

– Gostaria de ter ido com Hrolf, – comentou Ragnar enquanto caminhava de mãos dadas com a esposa – mas não quis deixá-los aqui com essa questão da Sociedade por resolver.

– Por falar nisso, o que dizia a carta de Ibelin, Mark? – Indagou Leila.

– Ele ratificou a carta anterior, Leila. Aquela que seu pai escondeu na caixa que entregou à Raden. Ibelin relatou novamente a história de Anwyn e falou que Bharakat escondeu o documento naquela caixa. Também se desculpou por não ter me contado antes.

– Só que você ainda está aborrecido com ele, não é mesmo? – Comentou Clarisse, ao notar a amargura com que ele pronunciou a última frase.

Mark passou o braço sobre seus ombros e comentou, enquanto os dois casais caminhavam.

– É difícil perdoá-lo tão rápido. Ainda dói saber que o homem que foi meu mentor me ocultou uma informação tão preciosa. Ele sabia que eu ansiava por descobrir quem era meu pai. Porém, o fato de eu gozar da amizade do sultão fez com que ele mantivesse sigilo a respeito de Anwyn e de todas as circunstâncias que envolveram sua fuga de Jerusalém.

– Não entendi, Bakkar. – Falou Ragnar.

– Veja bem, Sven, – começou Mark enquanto se acomodavam os quatro sob uma árvore – eu tive uma posição privilegiada junto ao sultão. Eu e Aswad.

– Aswad?! – Leila indagou quase gritando. – Aquele rato do deserto?

– Calma, pequenina... – Ragnar abraçou a esposa – o homem não está aqui para você bater nele.

– Quem é esse Aswad, Mark? – Perguntou Clarisse com interesse.

– Ele foi treinado comigo, no exército do sultão. Leila e Radegund o conheceram em circunstâncias... desfavoráveis, digamos assim.

– Perdi meu filho, Mark. – Falou Leila com amargura.

– Sabe que a culpa não foi dele, *liten*. Aquele maldito Patrus nos enganou a todos.

– Sim é verdade, Sven. Voltando ao assunto, quando deixei o serviço do sultão, acabei retornando à Jerusalém. Não tinha a intenção de voltar a guerrear, mas, minha condição de mestiço, e ainda por cima, bastardo, não me deu muitas opções. Abandonei o sonho de ser médico e vendi minha espada ao marechal da cidade. Meu caminho e o de Balian de Ibelin se cruzaram e ele, ciente de quem eu era, naturalmente percebeu que tinha um bom trunfo nas mãos. Ele disse, em sua carta, que usou esse poder para ameaçar o Arcebispo e obrigá-lo a libertar Radegund.

– Como assim? – Indagou Leila, intrigada.

– Na certa o Arcebispo e o Comendador temiam que eu me voltasse contra eles e trouxesse os *mamluk* para dentro da cidade.

– Está brincando, não é?

– Não, Leila. Ele tinha razão. Apesar de eu jamais pensar em fazer uma coisa dessas, se quisesse, eu poderia fazer. Tive um regimento inteiro sob o meu comando. Homens leais a mim. Se eu resolvesse me voltar contra o exército cristão, poderia facilmente fazê-los entrar na cidade. Tiro cairia, assim como Jerusalém caiu.

– E por que lutou ao lado dos cristãos, Mark? – Perguntou Clarisse.

– Lutei por Jerusalém, pelo povo da cidade, pelo meu avô, pelo lugar que um dia foi minha casa e a de minha mãe. – Ele fez uma pausa e depois concluiu, em tom triste. – Depois, lutei por Ibelin.

Ninguém mais falou.

Clarisse recostou-se em seu ombro, enquanto Mark deixava os olhos se perderem pelas colinas de Delacroix.

No salão do castelo, Gaetain terminava sua refeição.

– Vamos jogar um pouco? – Sugeriu Terrwyn.

– Eu topo. O que sugere? – Falou Lothair.

– Xadrez?

– Eu estou fora. – Falou Gaetain. – Vou para meus aposentos.

– Eu também vou me retirar, – falou Jean – creio que vou caminhar um pouco pelas ameias.

Dando de ombros, Lothair convidou Terrwyn.

– Vamos para o solário. Lá é mais sossegado para jogarmos.
Assentindo, ela acompanhou o menino.

Trudy viu quando Radegund deixou o gabinete com Lizzie nos braços e foi até ela.

– Quer que eu a coloque no berço?

– Não precisa, Trudy. Eu mesma a colocarei. Enquanto isso, pode buscar as roupinhas dela que foram lavadas.

– Sim, senhora. – A jovem assentiu com uma mesura e caminhou em direção aos fundos do salão.

Já saía do castelo, caminhando em direção ao anexo onde ficavam a lavanderia e as caldeiras, quando deu um encontrão numa pessoa corpulenta.

– Ora, se não é a ama? – Comemorou Nestor, amparando-a.

Trudy logo recuou, incomodada com o toque do mestre de obras.

– Mestre Nestor. Já de volta?

– Sim, – ele recuou um pouco e estudou-a de forma insolente – não precisei ir até Rouen. Um amigo que trabalha aqui perto ficou de me fornecer o material. Diga-me, o senhor de Delacroix se encontra no castelo?

– Sim, estava no gabinete.

– Excelente. Tenho assuntos a tratar com ele. – Ele sorriu e tocou a face de Trudy. – Até outra hora, ama.

Raden deixou Lizzie em seu berço e cerrou as cortinas da alcova. Olhou mais uma vez para a garotinha que balbuciava e mexia os bracinhos e as perninhas. Acariciou seu pequeno nariz, ganhando de volta o esboço de um sorriso.

– Fique quietinha aí, meu bem, – ela sussurrou para a filha – mamãe volta já.

Com passos suaves, deixou o quarto da filha, indo em direção aos próprios aposentos.

Luc terminou de organizar seus papéis e abriu a gaveta para guardar o livro contábil. Franziu o cenho ao notar que as chaves da ala em reforma não estavam ali. Tinha certeza de tê-las guardado naquela gaveta. Será que Radegund as havia pegado? Intrigado, vasculhou todas as gavetas. Não encontrou nada. Preocupado com a porta que deveria ficar sempre trancada por causa das crianças, Luc saiu do gabinete e resolveu verificar por si mesmo se alguém fora àquela parte do castelo. Não queria que ninguém sofresse um acidente.

Saiu das sombras assim que a mulher ruiva deixou o aposento. Aguardou até que a porta se fechasse atrás dela. Sorriu suavemente e andou pelo corredor de forma casual. Se cruzasse com alguém ali, jamais suspeitariam de suas intenções. Era absolutamente natural que passasse por aquela parte do castelo.

Entrou no quarto da criança e acercou-se do berço onde Lizzie agitava os bracinhos sonolenta, saciada após ter sido alimentada ao seio da mãe.

Estendeu um dedo a sua frente e a menina o pegou, observando o novo brinquedo com curiosidade. Depois, olhou para o seu rosto. Não estranhou a fisionomia conhecida. Até lhe sorriu com o único dentinho que apontava em sua boca.

Tão frágil...

Sua mão envolveu o pescoço pequenino e a garotinha sentiu cócegas. Sentiu a pulsação rápida daquele coraçãozinho sob seus dedos. Teve vontade de apertar aquela garganta macia e vê-la arroxear e sucumbir sob sua mão. Sentir o prazer inebriante e absoluto daquele poder. O poder da morte.

Chegou a morder o lábio para se controlar e focalizar novamente seu objetivo. Conceder a dor.

Não uma dores dor física. Não. A dor física era ridícula, facilmente superável. A dor que causaria seria infinitamente maior. Absurdamente excruciante. Seria a dor moral. A dor da perda e da culpa. A dor que torturaria lenta e inexoravelmente uma pessoa. Que a mataria aos poucos. Que sangraria o coração aprisionado à vida e ao eterno inferno do “se”.

Se chegasse antes...

Se percebesse...

Se fosse diferente...

Sua boca se abriu num esgar que pretendia ser um sorriso. Sua mão acariciou o bebê. Seu rosto se transformou e um sorriso realmente doce se formou em seus lábios e nas feições cheias de presumida inocência. Retirou o bebê do berço e o segurou no colo, apoiando sua cabecinha com cuidado.

– Venha, pequena Elizabeth, – sussurrou – vamos dar um passeio.

Luc caminhou pelo corredor e parou diante do quarto da filha. Entrou e a procurou no berço. Onde estava Lizzie? Radegund havia dito que iria colocá-la na cama. Resolveu procurá-las em seus aposentos. Ia andando em direção a porta de seu quarto, quando a luminosidade no fim do corredor chamou sua atenção.

– Inferno! – Resmungou. Algum irresponsável havia deixado a porta aberta. Se fosse obra de algum dos garotos, ele os deixaria de castigo por um mês!

Luc adiantou-se até o aposento em reforma e entrou. Ouviu um balbuciar e um gritinho familiar. E seu coração quase parou.

– Lizzie – gemeu enquanto caminhava devagar, com cuidado para não a assustar. Seu coração disparou loucamente quando viu a filha agitando os bracinhos sobre a plataforma de madeira, do lado de fora das paredes demolidas.
– Jesus Cristo! Quem fez isso?

Suando frio, sentindo as palmas das mãos úmidas, ele cruzou a distância em dois largos passos, passou para a plataforma e agarrou a roupinha da filha, que sorriu para ele e depois começou a choramingar.

Luc a abraçou, agarrando-se ao corpinho que cheirava a leite e sabonete, aspirando o cheiro daquela criaturinha que era alegria de sua vida junto com sua Raden.

– Quer matar o papai de susto, amorzinho? – Ele murmurou olhando o rostinho gorducho, tentando respirar normalmente.

Se estivesse menos concentrado em seu alívio, teria visto que a amarra de sustentação da plataforma estava parcialmente rompida.

Tudo aconteceu tão rápido que Luc não pode sequer reagir. Ouviu um estalo. Olhou para o lado a tempo de ver a corda partida correr na roldana. A estrutura de madeira começou a ranger e a tombar sob o grande peso de seu corpo. Ele se viu caindo com Lizzie no vazio lá embaixo. Agarrou-se com uma das mãos na viga de sustentação, que permaneceu precariamente fixa na parede, enquanto com a outra segurava Lizzie pela roupa.

Olhou para o solo pedregoso três andares abaixo e pediu a Deus que o ajudasse.

La Manche

Ulla sonhava...

A serpente balançava seu corpo diante dela. Ulla esticou a mão com a adaga e tentou atingi-la, mas o animal foi mais rápido e se esquivou. Ondulou seu corpo pelo chão de pedras e sibilou, envolvendo uma forma humana indefinida em seu abraço mortal.

– Solte!

Tentou atingi-la novamente, mas ela parecia ser feita de fumaça. Sentiu-se sufocar, como se a serpente também a apertasse. Parecia sentir suas escamas frias deslizando por sua própria pele. As mandíbulas se abriram e deram o bote fatal. A escuridão a engoliu.

– Dragão!

O grito acordou Gilchrist, que em um piscar de olhos, estava ao lado da mulher trêmula e pálida, enroscada num manto, no canto do navio que os levava a Cornwall.

– O que foi Ulla? – Ele indagou, envolvendo a jovem assustada em seus braços. Podia sentir sua angústia.

Ulla começou a soluçar, sentida.

– Ah, Dragão! – Ela apertava os dedos na frente de sua túnica. – Começou. Ele veio espalhar a dor. Começou.

Delacroix

Radegund retornou ao quarto da filha e olhou para o berço, sentindo o coração gelar. Onde ela estava? Acabara de colocar a filha ali não havia cinco minutos! Lizzie jamais poderia descer sozinha, sequer engatinhava!

– Trudy! – Ela saiu gritando pelo corredor atrás da criada, o coração se apertando dentro do peito diante de uma ameaça intangível. – Trudy!

Disparando pelos corredores, foi abrindo todas as portas dos aposentos, até se deparar com a última, no final do corredor, a do cômodo que Luc estava reformando, onde seriam os novos aposentos deles.

Luc havia lhe explicado que ali seria o local ideal para fazer um quarto com uma grande janela em balcão. Disse que aquele era o lado em que o sol nascia e dourava as colinas de Delacroix no verão. Na parte oposta ao pátio do castelo, o balcão daria para o rio e para os campos além dele, que na primavera ficavam cobertos de florezinhas brancas e minúsculas.

A angústia aumentou ainda mais. Estranhamente, aquela porta que deveria estar sempre fechada, já que a parede externa estava quase totalmente demolida, estava aberta. Ouviu uma voz abafada saindo de dentro do cômodo e seu coração disparou.

Entrou pela porta e não viu a estrutura da plataforma. Então, para seu pavor, quando avançou pelo aposento, Luc estava lá, pendurado por uma mão apenas, agarrando Lizzie com a outra, balançando perigosamente na ponta de uma viga que se sustentava apenas pela vontade de Deus.

– Luc! Oh, meu Deus! O que houve? – Ela se deitou de bruços no chão e se arrastou até o mais perto possível da abertura. – Me dê a mão!

Luc olhou para cima, para o rosto adorado de sua mulher.

– Não posso! – Ele olhou para a criança, o coração disparado com o pavor de ver sua filha despencar para a morte. – Tente pegar Lizzie!

– Vou chamar alguém!

– Não há tempo! A viga vai se soltar e nós dois cairemos! Pegue-a!

Radegund olhou para o local onde os restos do suporte de madeira se prendia precariamente num nicho cavado na parede. A argamassa se esfacelava a cada ínfima oscilação da viga. Sua mente trabalhava rápido, mas não conseguia achar nenhuma solução. Não havia nenhuma corda ali perto. Nada que pudesse

usar para resgatar seu marido e sua filha.

– Vou puxá-lo! – Ela falou desesperada, pois sabia que Luc era muito mais pesado do que ela. Sem ajuda, não haveria como suspendê-lo. Mesmo assim, ela escorregou o máximo que pôde pelo que sobrou da plataforma e o segurou pelo braço. Tentou alcançar a gola de sua túnica para içá-lo, mas a plataforma rangeu e cedeu mais um pouco. Pedacos de argamassa e pedras caíram lá em baixo, espatifando-se sobre o solo.

– Para trás, mulher! – Luc gritou apavorado, temendo que os três despencassem.

Ela recuou e respirou fundo, agarrando-o de novo pelo braço. A argamassa, enquanto isso, ia cedendo à imensa pressão do peso da estrutura e do homem que se agarrava a ela.

Luc olhou para o solo lá embaixo e para a filha. Se conseguisse erguê-la para que Raden a pegasse...

– Aguento, Luc... – ela gemeu enquanto tentava de novo puxá-lo. Se ao menos estivessem do outro lado do castelo, onde havia o pátio movimentado. Mas ali embaixo só havia o penhasco, e o campo além dos muros e do rio. Ninguém passaria ali àquela hora. A vida de Luc dependia exclusivamente dela. – Oh, Deus! – Gemeu, sentindo-se impotente.

A situação não tinha saída. Para Luc, não era uma questão de escolha, de opção. Era uma certeza.

– Pegue Lizzie – ele pediu com a voz grave, fazendo-a engolir em seco. Ela balançou freneticamente a cabeça numa negativa e se esforçou ao máximo para tentar puxá-lo, segurá-lo, retê-lo até que o socorro chegasse. Luc simplesmente a encarou com aqueles olhos da cor do céu e suplicou novamente. – Pegue nossa filha, Radegund. – Com esforço para causar a menor oscilação possível, ele suspendeu o braço que segurava a criança, que chorava desesperadamente. Seu corpo balançou. A viga rangeu ameaçadoramente com a mudança no centro de equilíbrio. Radegund se apavorou ainda mais. – Pegue-a! – Luc gritou.

Ela estendeu o braço o máximo que pôde e fechou a mão trêmula no monte de tecido macio que enrolava sua pequena Lizzie. Puxou-a para cima e arrastou-se para trás, colocando-a num canto, bem longe da parede derrubada. Arrastou-se de novo até a abertura.

– Luc! – Esticou-se ao máximo e fitou os olhos amorosos. – Me dê sua mão, rápido!

– Afaste-se, mulher. – Luc grunhiu. – Seu braço doía terrivelmente e a mão que o sustentava começava a escorregar. Cerrou os dentes. O coração batia descompassado, na iminência da queda. Respirou fundo. Tentou não se mover muito. Sequer podia erguer o outro braço para tentar se segurar, ou o resto da

plataforma cederia com eles dois. Fez um esforço para que a voz soasse calma e firme. – Vá para trás, meu amor.

– Não... – Radegund já adivinhava seus pensamentos. Implorou num fio de voz. – Não Luc, pelo amor de Deus, não!

– Eu te amo, Radegund. – Luc já não escondia a emoção, a voz soava embargada e trêmula. – Você e Lizzie são as bênçãos de minha vida. Diga a minha filha que eu a amo de todo meu coração, não deixe que ela esqueça que teve um pai.

A plataforma cedeu mais um pouco. A argamassa restante acabava de se esfacelar. A viga começou a se soltar da parede. O ranger rascante semelhante a um lamento.

– Saia, Radegund!

– Não! Se cair, irei com você! – Segurou-lhe o punho com as mãos suadas, desesperada, as lágrimas descendo em abundância, toldando sua visão, os soluços partindo sua voz. – Não ficarei sozinha! Não ficarei sem você, Luc!

– E Lizzie? – Ele indagou com a voz suave, cheia de resignada emoção. – Vai deixá-la sem pai nem mãe? – Chorando baixinho, Radegund agarrava-se a ele. – Solte-me meu amor.

– Não Luc! Não me peça, por favor... não...

– Solte-me, Radegund. Eu imploro, solte-me!

Contrariando o pedido dele, ela o segurou com mais força ainda. Enquanto olhava nos olhos de Luc, foi como se aquele instante se pendurasse na linha do próprio tempo, pendendo incerto, indo e vindo entre a vida e a morte. Um segundo, o espaço de uma batida de coração, uma ínfima fração da vida que definiu tudo o que restava de sua existência.

Quando todas as certezas se congelaram, quando toda sua vida se contraiu e se encolheu, comprimindo-se num único ponto denso e voraz dentro de seu peito, a mão de Luc escorregou mais um pouco. O suor frio de sua pele se misturou com o dele; o cheiro do medo permeou o ar junto com o choro de sua filha. Seu homem escorregou ainda mais, embora ela quase morresse para segurá-lo. Houve mais um pedido angustiado para que o soltasse e embora racionalmente ela soubesse que aquela era a única opção, sua mão não obedecia, seu coração não aceitava. Não admitia.

Não é justo!

A viga balançou mais ainda. Estalou ruidosamente. Uma voz gritou o nome dela. Luc despencou junto com a viga solta. Alguém agarrou suas pernas, puxando-a para trás no último instante. Uma vez mais ela gritou.

– Luc!

Lizzie se casava...

Radegund observou a filha, linda e radiante no vestido bordado com pérolas miúdas, na porta da capela de Delacroix, de braços dados com o pai. Sorriu para Luc, emocionada e depois suspirou. Ao seu lado Mark, já com vários fios prateados entre os cabelos a apoiou silenciosamente, de braço dado com Clarisse.

Tanto tempo, e sua filha já era uma mulher. Caminhava a passos suaves pela capela, apoiada no braço de seu orgulhoso marido, sorrindo para o noivo no altar.

Luc estava lindo! Belo e altivo em sua túnica branca bordada em dourado, que fazia com que ele se parecesse com um anjo. E era isso o que ele era, o que ele sempre foi em sua vida. Seu anjo, seu salvador, sua redenção e sua luz!

Ah, que dia glorioso aquele, Senhor! Ver sua filha se casando, estar certa de que a missão dela e de Luc como pais daquela jovem adorável fora cumprida! Ver o fruto do amor deles dois ali, feliz e realizada...

Nostálgica, ela se recordou da adolescência da filha, de como Lizzie era inquieta, como ela mesma fora. Mas também de como era doce como o pai, com aqueles lindos olhos da cor do céu, repletos de ternura e compaixão. Sua filha possuía a generosidade e a luz que brilhavam em Luc.

Lembrou-se de Lizzie ainda uma garotinha, e de Luc a ensinando a montar, enquanto ela ria deliciada com as mãozinhas metidas na crina do pônei. O pai amoroso a olhava embevecido enquanto conduzia o animal pelas rédeas, o sol transformando os cachos em sua cabeça num rico halo dourado.

Quando Lizzie começou a andar, recordou-se, eles dois choraram juntos como duas crianças, e Luc passou horas andando atrás da filha pelos tapetes da biblioteca, encantado com aquele pequeno milagre. E depois, orgulhoso, exibiu a filha pelo pátio, pelas ameias, pela vila... aonde ia, ele levava Lizzie de mãos dadas com ele, pouco se importando em andar lentamente, apenas para que sua garotinha pudesse dar seus passinhos trôpegos ao lado dele.

E pensar que Lizzie e ele quase haviam caído naquele dia...

– Radegund, – Clarisse chamou suavemente da porta do aposento – prima, precisa descer.

Ela ergueu os olhos. Viu quando Mark surgiu atrás de Clarisse, a fisionomia morena numa atitude grave. Ergueu-se lentamente e pegou o grande fardo embrulhado em tecido que havia ficado em seu colo o tempo todo. Olhou para ele em silêncio. Passou os dedos por sobre o linho numa vagarosa carícia. Respondeu sem olhar para nenhum dos dois.

– Estou pronta.

Ouviu os passos deles se afastando, indo aguardá-la no corredor. Devagar, colocou seu fardo sobre a cama. Caminhou até o toucador e prendeu os cabelos para trás, atando-os com uma fina tira de couro. Ajeitou a túnica, apertou o cinto e pegou o manto. Seus dedos acariciaram a rosa lavrada em ouro enquanto prendia as pontas de tecido com joia que Luc lhe dera.

Desceu as escadas lentamente, a cabeça erguida, à frente da prima e do amigo, como cabia à senhora de Delacroix. Chegou ao salão silencioso, os saltos das botas batendo no piso a cada passo determinado, ecoando como trovões.

No canto oposto do aposento, Trudy estava com Lizzie nos braços. De pé, ao seu lado, Gwydyon tinha as costas vergadas e as mãos pousadas sobre os ombros de Gaetain e Lothair. Jean permanecia junto a eles. Roger estava sentado numa cadeira, a idade transparecendo mais do que nunca em sua face. Ragnar e Leila permaneciam abraçados, os olhos fixos nela. Michael estava ao lado deles, de cabeça baixa.

E Luc...

Radegund atravessou o salão e parou diante dele. Seu rosto estava sereno e tranquilo. Como sempre. Sua luz, seu anjo salvador.

Beijou seus lábios e retirou a espada de seu pai do embrulho de linho. Pousou sobre seu peito e fechou sobre a lâmina fria os seus dedos longos e imóveis. Segurou-os com força, como se com isso pudesse lhe devolver a vida. Um murmúrio escapou de seus lábios, resumindo toda sua dor, todo seu desespero.

– Meu bravo...

Acariciou a face pálida e sem vida, deslizou os dedos pelos cabelos dourados e desejou que tudo não passasse de um cruel pesadelo. Fechou os olhos com força e ao abri-los, Luc ainda estava lá. Deitado no esquite. Morto.

Fechou a mão sobre a dele e olhou para padre Gervase, que aguardava do outro lado do caixão o momento em que ela o autorizaria a começar os ritos fúnebres. A voz foi baixa, cortante e categórica.

– Ouça bem, corvo velho. Se ousar dizer, uma única vez sequer em seu serviço, que meu marido sofrerá alguma pena, algum castigo ou que irá para

algum lugar qualquer diferente do Céu, eu o chutarei para fora daqui como o cão sarnento que é.

O sacerdote engoliu em seco, ficando vermelho. Acenou positivamente com a cabeça. Abriu seu livro, fez uma exortação simples e uma prece pela alma do morto.

Radegund olhou para o corpo do marido. Perguntou a Deus por que a fizera conhecer uma felicidade tão completa, para depois arrancá-la de suas mãos com tamanha crueldade. Por que a resgatara da escuridão? Apenas para lhe mostrar como tudo poderia ser, e depois deixá-la se lamentando eternamente pelo que jamais teria de novo?

O sacerdote concluiu o serviço. Um a um os amigos vieram se despedir do homem generoso que governou suas propriedades com justiça e amor. Luc, conde de Delacroix, o mais digno herdeiro da linhagem dos LeFort, seria para sempre o senhor daquelas terras, o grande benfeitor daquela gente. O homem sereno e forte que conquistou o coração de uma feroz guerreira, arrancando-a das trevas. O amigo e companheiro de cada um daqueles *chevaliers* ali presentes, num dia cinzento e triste.

Radegund olhou ainda uma vez para o rosto sereno, ao lado do qual dormiu e acordou naquele último ano. Teve tão pouco tempo... Céus! Estava tão oca, tão vazia e tão perdida, que não conseguia sequer prantear o marido. E como ela queria chorar!

Queria derramar todas as lágrimas amargas entaladas em sua garganta. Queria urrar sua dor como um animal ferido. Queria gritar toda sua revolta, rasgar as próprias roupas e cravar as unhas em seu próprio rosto até arrancar sangue. Queria se cobrir de cinzas, arrancar os cabelos e esmurrar o próprio peito como faziam as sarracenas diante de seus homens mortos. Queria esbravejar, queria xingar a Deus, aquele velho maldito, e dizer-lhe que Ele não existia, que não passava de um engodo, de uma fraude. Queria encará-lo em seu trono distante da Terra e dizer-lhe que Ele não era justo merda nenhuma. Que Ele não passava de um ser cruel, egoísta e impiedoso, que a atirara na Terra apenas para sofrer.

Deus, eu o odeio! Entendeu? Eu o odeio com todas as forças que ainda me restam; vou odiá-lo para sempre! Não há Inferno nenhum, seu maldito mentiroso; só há você e sua crueldade, que transforma nossas vidas em uma danação eterna! Vamos! Não vai me fulminar com um de seus raios, seu ridículo velho presunçoso? Onde estão seus anjos vingadores? Venha! Venha me matar, covarde desgraçado! Mate meu corpo de uma vez, por que eu já estou morta!

Ele, entretanto, não atendeu à sua raivosa súplica. E ao redor dela ainda restava o silêncio indagador. Os homens aguardavam o assentimento da senhora

de Delacroix para encerrar de vez seu amor na escuridão fria.

Retirou a mão das de Luc. A tampa do esquite foi lacrada. O som oco da madeira produziu um baque em seu peito. A luz de sua vida se apagou.

Radegund foi atirada novamente na mais negra escuridão.

PARTE II – A NOITE

CAPÍTULO XVII

“POIS EMBORA O ASSASSINATO SEJA MUDO,
FALA POR ALGUM ÓRGÃO MISTERIOSO”

Hamlet. Ato II, cena II. W. Shakespeare

Delacroix

Durante três dias Terrwyn acompanhou a agonia de sua mentora sentindo o coração apertado no peito.

Ouviu seus gritos de desespero no momento do acidente, quando Gwydyon, que descia de uma ronda, havia escutado o barulho da plataforma desabando e correu para puxá-la. Permaneceu silenciosa ao lado de sua cama, depois que seu irmão a forçou a tomar uma poção para dormir. Ajudou a cuidar da pequena Lizzie, a consolar Clarisse e aos seus filhos. Auxiliou Leila e Ragnar na preparação do funeral junto com um abatido Roger. Ficou ao lado de Mark quando os vizinhos, os arrendatários, o povo da vila e até um emissário real, chegaram ao castelo.

Agora, agachada no topo da escada, ela olhava atenta enquanto Radegund caminhava com as costas rígidas em direção ao esquife de seu marido, o conde de Delacroix. Nunca viu tristeza tão grande. Jamais havia conhecido um homem tão amado. Fosse por sua família, fosse por seus amigos, fosse por seus arrendatários e servos.

Terrwyn olhou para seu irmão. Sua fisionomia triste e seus olhos vermelhos testemunhavam não só a dor pela perda do amigo. Também espelhavam a dor compartilhada com Radegund.

Ela já sabia que Mark dividia com ela um estranho vínculo. E naquele instante a dor dela era tão palpável, tão sólida, que parecia se expandir para além de seu corpo, atingindo não só ao seu irmão, mas a todos ao seu redor. Consumindo até mesmo o ar que eles respiravam; sufocando, oprimindo, obscurecendo.

Quando o cortejo fúnebre saiu, Terrwyn desceu as escadas e caminhou atrás do grupo. Na colina atrás da igreja, no campo sagrado, todos os *chevaliers* presentes, incluindo seu irmão, o norueguês, Michael de Cornwall e também o capitão Gwydyon, ergueram suas espadas numa saudação ao morto. Viu quando Cornwall colocou um emblema sobre o esquife e também quando rasgou um pergaminho em pedaços e os espalhou dentro da cova, num ritual que ela desconhecia.

E em meio àquilo tudo, Radegund permaneceu parada, estática, rígida como uma estátua de sal.

Seu marido foi sepultado. Pouco a pouco as pessoas se retiraram, cabisbaixas, tão intimidadas pela dor dela que apenas se despediam com

murmúrios breves e acenos curtos. O sol foi se pondo devagar, e ela ficou ali, ainda inerte. No fim, só Mark e Clarisse permaneceram a alguns passos atrás dela. E depois que Mark parou diante da ruiva e colocou a mão em seu ombro por um longo tempo sem nada dizer, até mesmo eles a deixaram só.

Temendo ser vista e mandada de volta para casa, Terrwyn se ocultou atrás de uma árvore. Pode ver então, à luz dos últimos raios de sol daquele dia triste, a brava guerreira cair de joelhos diante do túmulo do marido e, como uma fera abatida, urrar de desespero.

Em seu esconderijo, Terrwyn também chorou.

Por Radegund.

Quinze dias depois...

– Tem certeza de que quer ficar, *liten*?

– Sim, querido – Leila respondeu, aconchegando-se ao marido – Raden precisa de nós. Não abandonaria minha amiga num momento como esse. Oh, Deus! É tudo tão triste! Parece um sonho ruim, um verdadeiro pesadelo!

Ragnar a abraçou com mais força. Era realmente difícil de acreditar que Luc, aquele homem forte, vigoroso e sereno, que sempre tinha um sorriso e uma palavra gentil para quem quer que fosse, não estivesse mais entre eles.

– Com certeza, ele está em *Valhalla*. Era um homem valoroso, um bravo. Porém, eu pensei que fosse querer ir embora, por causa das crianças. – Ele a afagou e depositou um beijo em seus cabelos.

– Estou morrendo de saudades de Lars e Kristin. Mas eles estão bem, e isso me deixa tranquila, – ela afagou o peito largo, acomodando-se em sua segurança – sua mãe e Einar olham por eles. Além disso, não quero ficar longe daqui justo no Natal, quando seria o aniversário de casamento deles.

– Cristo! Eu não me lembrava disso... pobre Raden!

– E para piorar a situação, – Leila ergueu a cabeça e olhou para ele apoiando o queixo na mão – Clarisse me contou que ela não pôde mais amamentar Lizzie. O choque foi tamanho que seu leite secou. Imagine como ela deve estar se sentindo!

– Ficaremos até que tudo esteja mais calmo, pequenina. Não se preocupe.

Leila aconchegou-se novamente a ele, pedindo.

– Abrace-me, Ragnar. Preciso que me abrace. Estou com muito medo do que o futuro nos reserva...

Com carinho, ele atendeu seu pedido, sentindo aquele medo vago invadir também seu coração.

Terrwyn acordou com o movimento no quarto.

Desde que Luc havia morrido, ela ficara dormindo nos aposentos de Radegund, fazendo-lhe companhia, velando seu sono. Na primeira semana, ela dormia apenas depois que seu irmão lhe ministrava uma poção. Clarisse sentava à cabeceira da prima e segurava sua mão até que ela adormecesse. Então, Terrwyn se acomodava numa cama pequena ao seu lado, e ali ficava até o amanhecer.

Depois desse período, Radegund começou a recusar o remédio. Andava para um lado e para o outro do castelo, silenciosa, com os olhos perdidos, agitada como uma fera enjaulada. Quando ia se deitar, rolava por horas na cama. E quando o cansaço a vencia, Terrwyn ouvia seus gemidos em meio ao sono intermitente. Esfregando os olhos, ela viu uma sombra de pé, diante da janela.

– Raden?

Ela demorou a responder e o fez sem se voltar.

– Ainda dorme aqui?

A jovem escorregou para fora da cama, sentindo a friagem das pedras sob os pés descalços. Enrolou-se na manta e caminhou até ela.

– Sim, durmo aqui para que não fique só.

Radegund olhou para ela, os círculos escuros sob os olhos evidenciando-se à luz fraca das brasas da lareira.

– Tolice. Todos têm medo que eu me mate. Por isso você dorme aqui. – Terrwyn balançou a cabeça numa negativa. Ela retrucou em tom monocórdio. – Os padres dizem que um suicida não entra no Céu. Que sua alma vaga perdida, e que vai para o Inferno, – ela se voltou de novo para a janela, parecendo falar mais para si mesma do que para sua companheira – sabe o que fazem com quem se suicida, Terrwyn? Eles cortam a cabeça do morto, e o enterram fora do solo consagrado. Condenado à danação eterna, e ainda por cima sem cabeça! – Deu uma risada escarninha e perguntou, sem esperar resposta. – Acredita nisso Terrwyn? Eu não. Ou sim... não sei. Talvez seja mesmo verdade, já que o Velho Rabugento a quem chamam de Deus parece pouco ligar para os sentimentos dos homens. Talvez Ele se divirta olhando de seu trono as almas perdidas vagando sem cabeça, atrás de coisa nenhuma, como as aves na véspera do Natal. Ele não quer saber de nós. Vê Lizzie? Além de perder o pai, tem uma mãe inútil, que não serve sequer para alimentá-la.

– Não fale assim...

Radegund pareceu sair daquele transe mórbido, agitada por uma estranha energia. Começou a despir a camisa de dormir e a remexer em seus baús. Pegou uma muda de roupa e vestiu uma camisa limpa.

– O que está fazendo? – Indagou Terrwyn.

– Indo embora.

– O quê?

A guerreira olhou para ela.

– Vou embora. Diga a seu irmão e a Clair que cuidem de Lizzie por mim.

Chocada, Terrwyn a viu começar a se vestir como se fosse viajar. E tomou uma decisão.

– Se você for, eu irei junto.

– Não.

– Não vou deixá-la sair sozinha!

Raden parou de colocar a camisa e a encarou friamente.

– Menina, com doze anos eu já estava sozinha no mundo, lutando para ter o que comer, me escondendo para não ser morta. – Ela deu um passo à frente, intimidando-a – com treze anos, eu lavava roupas numa taverna. Com quinze eu fui estuprada e matei pela primeira vez. Aos dezessete, eu fui sozinha com um bando de mercenários para a Terra Santa. E você, que mal saiu dos cueiros, pensa que vai me impedir de ir embora daqui?

Terrwyn engoliu em seco, mas não baixou a cabeça.

– Se partir, irei com você. E se não me deixar ir junto, eu vou esperar que vire a primeira curva da estrada e segui-la.

Durante muito tempo as duas se encararam em silêncio. Até que Radegund falou, sem emoção alguma na voz, enquanto voltava a se vestir.

– Faça como quiser.

– Quer que eu pegue Lizzie? – Silêncio. – Vai levá-la? Não vai?

Depois de muito tempo, ela respondeu num sussurro.

– Lizzie fica.

Porto de Sutton, divisa entre Cornwall e Devon. Reino da Inglaterra

Gilchrist observou Ulla conduzir Valkyrie pelas rédeas, enquanto aguardava o desembarque de Boru.

O frio era intenso e os cavalos agora precisavam de mantas sobre seus lombos, tanto quanto eles precisavam de roupas quentes. Ele olhou enquanto a misteriosa norueguesa apertava a barrigueira na égua e depois ajustava os estribos. Depois, ela colocou os alforjes sobre a sela e os prendeu firmemente.

Ulla era uma intrigante combinação de beleza, força, pragmatismo e mistério. Nada nela parecia comum. Ou normal. Às vezes ela nem parecia humana. Outras, o era até demais. Como hoje.

Desde que acordara gritando pelo Dragão, ou seja, por ele, Ulla ficara taciturna e sobressaltada, parecendo vigiar até a própria sombra. Seu olhar se perdeu vezes sem conta para além da amurada do navio. E várias vezes Gilchrist foi buscá-la no convés, em meio à fúria do vento, temendo que a estranha mulher

adoecesse, ou que fosse atirada ao mar pelo balanço da embarcação. Nessas ocasiões, ele a admoestava e Ulla apenas olhava para ele e dizia.

Ah, dragão! Há tanta dor...

O irlandês não entendia que dor era aquela a que ela se referia exatamente. Porém, lá no fundo, seu coração se apertava. Então, na noite antes de desembarcarem, ele sonhou. Sonhou com Radegund.

Viu seus olhos verdes repletos de dor e desespero. No sonho ela estendia a mão para ele ao mesmo tempo em que recuava, mergulhando na escuridão. Gilchrist se lembrava de ter gritado o nome dela várias vezes, mas ela simplesmente desaparecia, e ele só ouvia a voz dela o chamando. Acordou tão tenso, tão angustiado, que não conseguiu mais dormir. Foi para o convés, onde o sol o encontrou ao amanhecer, derramando-se sobre a foz do rio Tamar.

– Está pronto, Dragão? – Indagou Ulla arrancando-o de seus pensamentos.

Ele terminou de prender os alforjes em Boru.

– Sim. Quanto tempo mais viajaremos?

– Apenas um dia, – ela montou – vamos comer algo quente numa taverna, antes de partirmos?

– É uma boa ideia – ele subiu em Boru e apanhou as rédeas – para onde vamos?

– Sul.

Gilchrist apenas suspirou resignado. Já descobrira que de nada adiantaria perguntar. Quando ela quisesse, ela mesma lhe diria.

Instigando as montarias, os dois se afastaram do porto, rumo à missão que mudaria o rumo de várias vidas. Principalmente a do Dragão.

Delacroix

Pela manhã, Clarisse e Mark estavam no gabinete de trabalho, organizando uma série de documentos quando alguém bateu à porta.

– Entre – falou Mark, sem levantar os olhos dos papéis que Clarisse lhe passava para ler.

– *Messire...* – falou Gwydyon, passando pela porta.

O mestiço olhou para ele.

– Não me chame assim, Gwydyon. Não sou o senhor de Delacroix, apenas o tutor dos garotos e administrador dessas terras.

– Desculpe-me.

– Tudo bem – ele esfregou os olhos.

– O que houve, Gwydyon? – Clarisse perguntou ao notar o semblante preocupado do capitão. – Algum problema?

Gwydyon coçou os cabelos castanhos.

– Na verdade, alguns, senhora.
Desanimado, Mark pediu.
– Fale.
– A dama Radegund desapareceu.
– O quê? – O casal gritou ao mesmo tempo.
– Lizzie...? – Clarisse indagou, levando a mão ao peito.
– A menina está com Trudy. – Ele fez uma pausa e olhou para Mark. – Sua irmã também não está em lugar nenhum.
Tenso, ele se levantou e deu a volta na mesa.
– Quando perceberam?
– Trudy deu pela falta delas quando não apareceram para o desjejum. Foi procurá-las nos aposentos da dama. Achou as camas desfeitas, os baús abertos. As armas da dama também não estavam no arsenal.
– Ela foi embora? – Perguntou Clarisse, incrédula. – Com Terrwyn? Mas por quê? O que deu na cabeça da minha prima? Mark...?
– Acalme-se, querida. – Ele passou o braço pelo ombro da esposa. – Tem certeza de que elas não estão em canto algum da propriedade, Gwydyon?
– Mandei soldados investigarem nas pastagens além das colinas. Porém, creio que a dama partiu. Lúcifer não está na baía. Nem a égua de sua irmã, a que deu a ela há alguns dias.
– Como Radegund pôde partir e deixar Lizzie? – Clarisse estava chocada.
Mark por sua vez já conhecia o temperamento da ruiva. Lembrou-se de que ela tivera a mesma atitude em Tiro, quando havia brigado com Ragnar. Porém, desta vez, ela estava mil vezes pior. E estava com sua irmã. Na certa, Terrwyn, aquela inconsequente, saía no encalço dela.
– Forme duas patrulhas, Gwydyon. Mande os homens revirarem cada palmo de Delacroix, ordene que vasculhem debaixo de cada pedra. Envie também um mensageiro a D’Azûr. Elas podem ter ido para lá. E por favor, peça a Sven e Cornwall para virem falar comigo.
– Senhor... – a voz de Gwydyon parecia hesitante.
– O que foi?
– Há outra coisa. – Ele olhou de Mark para Clarisse, e para o mestiço de novo. Pareceu tenso.
– Diga logo, Gwydyon! – Impacientou-se Clarisse.
– Como sabem, – começou ele – fui eu quem socorreu a dama Radegund no momento do acidente. Durante esses dias que passaram, examinei criteriosamente o aposento para tentar entender o que aconteceu. – Ele encarou Mark, muito convicto do que dizia. – Até hoje não compreendo como meu senhor Luc foi parar do lado de fora, sobre aquela estrutura, e ainda mais com a

filha junto! Não consegui ver muita lógica naquilo, algo não estava encaixando!

– Entendo, Gwydyon. Eu também não vi muito sentido no que aconteceu. Luc jamais seria irresponsável de subir na plataforma com a filha nos braços. Algo muito grave o colocou ali, juntamente com Elizabeth.

– Exato. – Concordou Gwydyon. – E como as coisas não encaixavam, e como todos ainda estavam extremamente chocados, eu me antecipei. Peço que me perdoe se não comuniquei antes...

– Esqueça, homem. Sei do apreço que tinha por Luc. Diga, descobriu algo que explique o que aconteceu?

– Em parte, talvez. E o que tenho para lhes mostrar não é nada bom. Quando voltei ao local, descobri isso. – Ele puxou um pedaço de corda de uma sacola e mostrou a Mark. – Era parte das amarras da plataforma. Ela não se rompeu como supusemos. Esta corda foi cortada.

– Não! – Clarisse levou a mão à boca e se sentou. Já não podia confiar nas próprias pernas.

Mark empalideceu.

– O que está querendo dizer, Gwydyon? – Indagou ele.

– Que o senhor de Delacroix foi assassinado...

– E...

Gwydyon hesitou de novo, olhando para a trêmula Clarisse.

– Sinto muito, senhora – ele pegou uma pequena faca do bolso – achei isso perto da entrada do aposento. Quem cortou deve ter deixado cair, durante a fuga.

Mark franziu o cenho e pegou a faca, olhando o nome gravado no cabo de madeira.

– Não, Gwydyon. Não é possível...

– Deixe-me ver – pediu Clarisse.

– Não, Clair.

Mas ela já havia reconhecido o objeto nas mãos dele. E gemeu, agoniada.

– Dê-me isso, Mark.

Sem saída, ele entregou a faca nas mãos dela, sem conseguir encará-la. Gwydyon baixou os olhos.

– Oh, meu Deus! – Ela segurou o objeto com as mãos trêmulas – É de Gaetain. Eu mesma a comprei para ele...

– Calma, meu amor! – Mark abaixou-se a frente dela e a fez encará-lo. – Isso não quer dizer nada. Gaetain é uma criança, um bom menino; ele jamais seria capaz de ferir Luc, Lizzie ou Radegund.

Clarisse, porém, só conseguia chorar. Lembrou-se do gerifalte, do castigo que Luc impusera a Gaetain, da oposição do garoto para com seu casamento e de sua impaciência para com a priminha. Seria Gaetain tão cruel quanto Guillaume

fora? Teria herdado aquela maldade do sangue do pai? Confusa, ela olhou para o marido, e dele para o capitão.

– Onde estava meu filho naquela hora, Gwydyon?

– Parece que no quarto. Lothair disse que ele e a senhorita Terrwyn o chamaram para jogar xadrez, mas ele não quis e subiu.

– Tudo bem, Clair. Ouça-me, – Mark pegou suas mãos geladas – não vamos falar nada com ninguém sobre isso. Gwydyon mantenha sigilo. – O capitão assentiu. – Eu duvido que Gaetain fosse capaz de uma barbaridade dessas.

– Talvez ele só tivesse a intenção de assustar, Mark... – ela argumentou, presa às lembranças de Guillaume e à ideia de que aquela má índole fora herdada por Gaetain – talvez tenha sido isso, e ele não mediu as consequências.

– Não, Clair! Não pode pensar isso de seu filho! – Ele se revoltou.

Gwydyon interveio.

– Senhora, por favor, se acalme. Vou investigar de forma discreta, eu lhe prometo. – Ele se dirigiu a Mark. – Se me dá licença, senhor, vou começar imediatamente.

– Vá, Gwydyon. E mantenha-me informado.

O capitão os cumprimentou e saiu. Mark fechou a porta e ficou olhando para a esposa. Por mais que existissem provas, ele não acreditava que o menino fosse capaz de fazer aquilo. Aliás, nem acreditara na história do gerifalte. Era tudo muito certo, tudo muito bem encadeado, apontando para o garoto. Bem encadeado demais... havia algo cheirando mal ali. E ele teria que lidar com aquilo, remexer aquela sujeira, e ainda teria que lidar também com o desaparecimento de Terrwyn e Radegund.

Calma, Mark. Uma coisa de cada vez. Respire.

Aproximou-se novamente de Clarisse e falou.

– Clair, preste atenção. Essa faca não prova nada. Gaetain pode ser temperamental, ciumento, mas é um bom garoto.

Ela já estava aos prantos, desconsolada.

– Ah, Mark! Não percebe? Guillaume era cruel, sem coração. Gaetain tem o seu sangue...

– E tem o seu também, mas que diabo! – Ele se irritou. – Vai ficar contra seu filho?

– Eu não sei o que pensar! – Ela gritou, levantando-se e dando as costas para o marido. – Só consigo pensar na história da ave e no quanto Gaetain estava revoltado. Eu sou mãe! Pensa que não sofro por apenas cogitar a possibilidade de Gaetain... oh, meu Deus! De meu filho ser o responsável pela morte de Luc.

Mark estava petrificado.

– Clarisse, não pode alimentar essa ideia!

– Então me dê algo em que acreditar!
Ele se aproximou e a segurou pelos ombros.
– Eu juro que vou provar a você que está errada, que *nosso* filho não é igual àquele porco que o gerou.
Confusa, ela apenas abaixou a cabeça. Mal percebeu quando o marido deixou o gabinete.

Taverna Rosa Dourada

A porta se abriu e fechou rapidamente, praticamente sem fazer ruído.
– Demorou a aparecer. – Reclamou Patrus por sob o capuz do manto.
– Os dias foram agitados em Delacroix. Gostou?
O rosto deformado olhou em sua direção.
– Cumpru apenas metade do serviço. Disse que queria os dois. A criança e o marido.
A gargalhada soou divertida.
– Ora, onde está seu senso de humor? Não sabe jogar? Eu a fiz sofrer, mais do que se os dois estivessem mortos. E ainda incriminei o garotinho birrento. Em breve o mestiço e a mulher estarão em pé de guerra. Ainda não arrumei uma diversão para o norueguês... – voltou-se para Patrus com um sorriso animado e os olhos brilhando – tem alguma ideia?
– Por hora estou me concentrando em outra frente. E espero contar com seu apoio dentro do castelo. Ouvi as conversas do tal Tarascon. É ele mesmo quem se hospeda aqui. Hoje à noite irei ter com ele. E você vai me descobrir os pontos fracos na defesa de Delacroix. Tenho que ter algo para barganhar com o templário. Sei que o que ele quer está dentro do castelo.
– E o que vem a ser?
– Ainda não descobri.
– Pois bem. Ah, a mulher desapareceu, junto com a irmã do mestiço.
– Como “desapareceu”?
– Evaporou no meio da noite, como fumaça. – Seus dedos se aproximaram das brasas da lareira. – Ouvi dizerem que ela não pôde mais alimentar a criança. Tsc, tsc, tsc. Coitadinha.
Sua mão se fechou sobre uma brasa incandescente. Segurou-a na palma, para espanto de Patrus, e ficou brincando com ela, parecendo não sentir dor.
– O que está olhando?
– O que está fazendo?
– Experimentando a dor. – Atirou a brasa de volta à lareira e olhou para a palma da própria mão. – Patética. – Disse com enfado e depois mudou o tom. – Vou embora agora, senão podem notar que saí. Tenho que cumprir minhas

funções. – A mão que segurou a brasa acenou para Patrus, sua voz soando animada. – Até outra hora.

Mudo de espanto, Patrus não respondeu. E até que a porta se fechasse, manteve os olhos fixos naquela mão. Ela ficara intacta.

Delacroix

Mark caminhou pelos corredores e parou diante da entrada dos aposentos dos garotos. Respirou fundo e muniu-se de toda a paciência do mundo antes de bater suavemente à porta e entrar. Gaetain ergueu os olhos assim que ele pôs os pés dentro do quarto.

– O que veio fazer aqui?

Ao menos ele não me chamou mais de infiel...

– Conversar com você, Gaetain. – Ele fechou a porta atrás de si. – E antes que diga que não tem nada para falar comigo, gostaria que me ouvisse.

O garoto olhou para ele desconfiado. Mark avançou e puxou uma cadeira para perto da cama de Gaetain, onde o menino estava sentado lendo um livro. Parecia muito sério. Sério demais para seus nove anos. Observou seus cabelos castanho-claros e o corpo comprido. Naturalmente puxaria a estrutura e a altura dos LeFort.

Com voz calma, Mark começou a difícil conversa com o filho de Clarisse.

– Gaetain, vim aqui hoje conversar seriamente com você.

– Se veio para falar de minha mãe, perdeu o seu tempo. Eu não gosto de você!

Tudo bem, Mark, respire. Você consegue. Lembre-se, você também foi um garoto muito pouco sociável. Respire. Isso. Recomece.

– Não vim falar sobre sua mãe e eu, Gaetain. Este assunto eu já tratei com você no dia do meu casamento. E não voltarei a ele, pois não tenho que justificar meu amor por ela. Entretanto, meu coração está aberto para você, assim como está para Lothair. A escolha é sua. – Suspirou e passou a mão pelos cabelos, pensando em como começar o assunto. – O que me trouxe aqui hoje é algo bem mais grave, Gaetain, e tem a ver com a morte de seu tio Luc.

Pela primeira vez a expressão de hostilidade desapareceu dos olhos do menino, sendo substituída pela tristeza genuína.

– Eu gostava tanto dele...

Mark fez menção de tocá-lo, mas ele se retraiu. Conteve-se.

– Eu também gostava muito de seu tio, Gaetain. Ele foi um grande amigo, e era marido de Radegund, a quem eu quero mais do que a uma irmã. Por isso é que vim falar com você hoje. Em honra da memória de Luc, preciso que você me ajude.

O menino franziu o cenho, intrigado.

– Não entendo.

– Vai entender. Primeiro, gostaria que me respondesse a uma pergunta com a mais absoluta honestidade.

O garoto apenas assentiu.

– Lembra-se de onde está sua faca de caçar?

– Minha faca? Mas o que isso tem a ver com...

– Por favor, Gaetain – Mark pediu com seriedade – é muito importante.

Levantando-se, o menino se dirigiu até um baú aos pés da cama.

– Sempre guardo aqui, mas não uso desde que tio Luc... – a voz de Gaetain sumiu e ele abaixou a cabeça, deixando de ser um jovem herdeiro para se tornar apenas um garoto confuso. Soluços sacudiram seus ombros e ele permaneceu com as mãos apoiadas na tampa erguida do baú.

Naturalmente ele ia dizer que não usava a faca desde que o tio o proibira de caçar. E a lembrança de Luc, apesar da punição que ele lhe dera, o fez se emocionar. Afinal, apesar do rigor, o tio havia usado de amorosa disciplina para com o sobrinho, não lhe batendo como muitos pais e tutores tinham o hábito de fazer.

Mark, sentindo o coração se confranger, levantou-se da cadeira e ajoelhou-se à frente dele. Colocou uma das mãos em seu ombro e pediu.

– Permita-me ser seu amigo, ainda que apenas por este momento, Gaetain. E seja meu amigo também, pois ambos perdemos alguém que amávamos muito.

O menino ergueu os olhos anuviados para ele. Com a voz embargada, confessou.

– Eu sinto tanta falta dele, – ele balançou a cabeça e os cabelos caíram em seus olhos – mesmo ele tendo se zangado comigo, eu amava tio Luc...

Para espanto de Mark, Gaetain atirou-se sobre ele, chorando sentidamente. Emocionado com aquele enorme passo no relacionamento com o menino, ele o embalou, confortando seu coração entristecido. Dizendo palavras carinhosas que um pai diria a um filho.

No salão de Delacroix, Ragnar balançava a cabeça, pasmo, os longos cabelos louros ondulando ao redor de seu rosto. O cenho franzido o deixava com a expressão ainda mais severa.

– A ruiva só pode estar fora de seu juízo! – Ele soube por Clarisse do sumiço da amiga. – Onde ela pode ter se metido, por Deus!

– O pior é que Lizzie não para de chorar. – Comentou Leila, enrolada no manto, em frente à lareira.

Era dezembro e o inverno descera sobre Delacroix com força total,

combinando perfeitamente com o clima de luto que se apoderara do condado.

– Ela sente falta da mãe, – comentou Clarisse, sentando-se numa cadeira à frente do fogo – mesmo Raden não tendo mais como amamentá-la, ainda ficava horas junto dela. Agora ela sente falta do calor e do cheiro da mãe.

Nesse instante, um movimento a entrada do salão, seguido de uma rajada de vento frio, anunciou a chegada de duas pessoas.

– E então Gwydyon? – Indagou Ragnar. – Conseguiram alguma pista?

– Nada, *sire* – disse o capitão, desanimado.

Michael, com o rosto tão avermelhado quanto o cabelo, por causa do frio, comentou.

– Vasculhamos tudo, mas nem sinal delas. Radegund sabe muito bem como desaparecer sem deixar pistas. Não foi à toa que sobreviveu sozinha por tanto tempo.

– Mark está angustiado, – disse Clarisse – além de tudo o que já aconteceu, minha prima e sua irmã desaparecendo assim... para onde elas podem ter ido?

Só o silêncio e o crepitar do fogo na lareira responderam à Clarisse.

CAPÍTULO XVIII

“PARA ONDE QUER QUE EU FOR
QUE DOR, QUE DOR, QUE DOR AQUI, DENTRO DE MIM!
E, MAL ESTOU SOZINHA, PARTE-SE A MINHA ALMA,
CHORO, CHORO SEM FIM. ”

Fausto, quadro 18. Goethe.

Gombault, Baronato de D’Azûr. Normandia

– É aqui? – Indagou Terrwyn olhando a velha torre de pedras.

– Sim.

Radegund avançou com Lúcifer até entrarem no pátio da construção, que há muitos anos atrás fora seu lar. Ali também foi o lugar em que ela havia lavado sua alma e se libertado de seus fantasmas. E ali seria seu fim.

Luc havia começado a restauração do local no intuito de reativar a velha mina de prata e, com isso, recolocar os aldeões que tinham perdido suas terras e seu sustento, após a morte de Armond e sua família. Pessoas que haviam passado anos vivendo de favor, ou mendigando, ao saberem que Gombault voltava à ativa, lentamente foram retornando à sua terra natal. Com o início das obras em Delacroix, ele deslocou o contingente de pedreiros, carpinteiros e artífices para o castelo, deixando a segunda etapa da recuperação da velha torre para quando o inverno chegasse ao fim.

Lúcifer parou diante da porta da torre e Radegund apeou.

– Traga a montaria para a cobertura aqui atrás, – comandou – e depois entre.

Em silêncio, Terrwyn conduziu Cerrydwen para o local indicado, seguindo atrás da taciturna guerreira. Foi assim a noite inteira, no trajeto de Delacroix até ali, feito praticamente todo a galope. A ruiva falava apenas o estritamente necessário. E agora, quando entravam naquele lugar sombrio, depois de acomodarem os cavalos e lhes darem de comer, Terrwyn se perguntava o que ela realmente fora fazer ali.

O interior da torre era escuro, parcialmente desabado. Um único e amplo cômodo central fazia as vezes de salão e cozinha, com uma grande lareira numa das paredes. Uma escada levava a um pavimento superior. Terrwyn subiu alguns degraus, mas Radegund a admoestou.

– Volte ou acabará quebrando o pescoço. A escada não é segura.

Ela obedeceu enquanto a observava jogar o alforje num canto e começar a preparar a lenha na lareira. Em alguns minutos, um bom fogo espantava o frio.

– Fique aqui. – Ela disse simplesmente e foi em direção a uma porta que Terrwyn ainda não vira.

As dobradiças rangeram, os gonzos emperrados pela falta de uso e

lubrificação. Um cheiro de mofo e coisas velhas permeou o ambiente quando Raden passou pela porta, desaparecendo na escuridão. Terrwyn esfregou os braços e chegou mais perto do fogo, sentindo um súbito calafrio. De certo saíam fantasmas daquele buraco...

Radegund sorriu no meio da despensa subterrânea. Os fantasmas a cumprimentaram. Arreganharam seus dentes afiados para ela. Começo. Meio. Fim.

Respirou fundo. O ar mofado a sufocou. Gritos ecoaram do passado. Misturando-se aos seus, que vibravam contínua e surdamente dentro dela desde o instante em que seu marido foi arrancado de seus braços. Crispou as mãos ao lado do corpo. O ambiente opressivo combinava perfeitamente com seu estado de espírito sombrio. Ali ficaria bem quieta. Ali ninguém tentaria resgatá-la. Ali seriam só ela e os fantasmas. E Terrwyn.

Maldição! Ela se esquecera de Terrwyn. Tinha que fazer aquela menina tola desistir dela. Voltar para o irmão e para Clair. Deixá-la ali quieta, sozinha, em seu casulo de dor.

Taverna Rosa Dourada

Giles de Tarascon coçou a barba farta e escura e releu a mensagem, enquanto andava de um extremo ao outro do aposento. Seu manto branco bordado com uma grande cruz vermelha flutuava ao seu redor, enroscando-se momentaneamente em torno dele quando fazia a volta. Alguém se dizia interessado na morte do mestiço e se oferecia para ajudá-lo em sua missão contra Mark al-Bakkar.

Intrigado, ele indagou.

– Disse que encontrou a mensagem fincada à porta, Bodolf?

– Exato, *sire* – respondeu o soldado – logo pela manhã.

– Deve ser alguém aqui de dentro da taverna, – sugeriu Cawley – já que o taverneiro só abriu as portas depois que achamos isso.

– Tem razão, – comentou Giles, enrolando o papel e o colocando entre as dobras da túnica – seja como for, saberemos quem ele é em breve. Bodolf?

– Sim, *sire*.

– Sele nossos cavalos. Vamos nos encontrar com nosso misterioso colaborador na floresta, em meia hora. – Ele sorriu com uma chama perversa no olhar. – Foi a vontade de Deus que o conduziu até nós.

Os dois soldados repetiram em uníssono.

– A vontade de Deus. – E Bodolf foi cumprir sua tarefa.

Torre Gombault, Normandia.

Após uma semana naquele lugar estranho e silencioso, Terrwyn chegou à conclusão de que Raden se enfiara ali com um objetivo muito claro em mente. Tendo descoberto qual era este objetivo, a jovem tomou uma decisão desesperada. Voltar a Delacroix e buscar ajuda.

Como a ruiva passasse o dia inteiro metida naquele buraco lúgubre, só saindo para cuidar de Lúcifer e cortar lenha, Terrwyn calculou que poderia sair logo ao amanhecer e alcançar o castelo no fim da tarde. Por sorte a trilha era boa e fácil de ser seguida. E para falar a verdade, Raden estava tão alheia a tudo que mal perceberia a sua ausência. Agasalhando-se bem, Terrwyn partiu.

A velha torre dos Gombault, apesar de ter sido parcialmente restaurada, continuava com uma aparência sinistra e sombria. Olhando para aquele local tão carregado de sofrimento, Mark tentou entender por que Radegund fora se esconder exatamente ali. Que maldito ímpeto de autodestruição era aquele? Por que ela se punha daquela forma, depois de tudo pelo que já havia passado? Prendendo Baco, caminhou até a porta da torre.

Quando Terrwyn apareceu em Delacroix, na tarde anterior, o semblante triste e cansado, ele ficou sem saber se brigava ou se abraçava sua irmã. Porém, quando ela lhe disse onde Radegund estava, e o estado em que se encontrava, ele imediatamente encontrou o motivo de toda a angústia que vinha sentindo naqueles últimos dias. Clarisse ouviu aos prantos o relato de Terrwyn. E Leila também não conteve as lágrimas.

– Acho que ela quer morrer, meu irmão – Terrwyn disse, enquanto tomava uma caneca de leite aquecido com mel.

Ele também temia aquilo. Temia que ela acabasse se matando, ou se deixando morrer aos poucos. E quando Terrwyn lhe contou que ela passava dia e noite naquela despensa, ele sentiu o coração sendo apunhalado. Decidiu ir buscá-la. Radegund estava muito pior do que ele havia pensado para se enterrar naquele maldito buraco, onde ficou escondida quando a família foi assassinada, e onde Etienne a prendeu quando a sequestrou. Determinado, afastou as lembranças e entrou na torre.

Lá dentro o frio e a escuridão o receberam. Uma vela solitária iluminava o ambiente despojado de conforto e de vida. A lareira estava apagada, talvez há mais de um dia, tamanho era o frio que fazia ali dentro. Mark caminhou até o fundo do aposento e alcançou a escada estreita. O frio aumentava a cada degrau que ele descia. Parou diante da porta entreaberta, permitindo que os olhos se ajustassem à fraca luz de uma vela quase no fim. O cheiro de umidade que o recebeu fez com que se lembrasse dos subterrâneos de Tiro. O lugar era tão

lúgubre quanto as galerias sob a velha cidade. Parecia uma catacumba.

Entrou no aposento, varrendo-o com os olhos. Logo ele a enxergou. Radegund estava sentada no chão, encostada à parede úmida. Os cabelos soltos caíam sobre seu rosto, embaraçados e sem viço. O corpo parecia ter encolhido sob as roupas empoeiradas. As mãos estavam extremamente pálidas e emagrecidas.

Ela se matava. Oferecia-se à morte deliberada e lentamente, agonizando de maneira cruel e voluntária. Afogada num mar de culpa por uma escolha que jamais pôde fazer. Luc escolheu por ela, sacrificou-se para que mais aquele fardo não recaísse sobre suas costas. E ainda assim, ela se culpava.

O choque de vê-la naquele estado deplorável não suplantou a revolta por saber que Radegund se entregava. Sufocou qualquer vestígio de piedade que pudesse ter e avançou com passos rígidos até parar diante dela. Endureceu a voz e comandou.

– Levante-se. – O único movimento que ela fez foi respirar mais profundamente. Não ergueu sequer o olhar para ele. – Levante-se, Radegund. – Repetiu a ordem com mais veemência.

Desta vez ela ergueu o rosto. E o que Mark leu em seus olhos e em seu rosto encovado o fez temer por sua sanidade e por sua vida. Fosse como fosse, ele iria arrastá-la dali para Delacroix, nem que para isso precisasse amarrá-la, amordaçá-la e jogá-la sobre o lombo de Baco. Se deixasse Radegund seguir adiante naquela loucura, ela se encontraria com Luc no mundo dos mortos. E ele tinha certeza de que era exatamente isso o que ela desejava.

Engoliu a piedade. Fortaleceu-se na raiva que sentia ao vê-la daquele jeito. Falou mais uma vez, impaciente.

– Levante-se, ou eu mesmo o farei por você.

Ela estreitou os olhos. A voz soou rouca e desprovida de emoção.

– Saia.

Mark perdeu a paciência. Abaixou-se e a agarrou pelos ombros, espantando-se com sua magreza. Mesmo assim, não se deixou levar pela piedade. Sabia que súplicas e gentileza, desta vez, não funcionariam. A única coisa que tiraria Radegund daquele estupor seria a força que a movera durante toda sua vida. Que lhe dera energia para sobreviver ao massacre de sua família, ao estupro que sofrera, a perda de todos os seus sonhos juvenis e à guerra. A única coisa que a arrancaria daquele purgatório pessoal seria a mais pura e visceral raiva. E ele sabia exatamente como despertá-la.

Começou puxando-a rudemente, obrigando-a a ficar de pé de encontro à parede. Seus olhos encontraram os dela.

– O que pensa que está fazendo? – Ela não respondeu, não reagiu.

Continuou fitando-o com o olhar mortiço. Mark pressionou-a, a voz soando dura. – Vamos, responda-me! O que está fazendo?

– Saia daqui, Bakkar. – A voz dela soava gelada.

– Não vou sair coisa nenhuma! Vim buscá-la. Você volta comigo para Delacroix.

– Perdeu seu tempo, *sire*. Não vou sair daqui.

Pela primeira vez ele pareceu enxergar algo no fundo dos olhos verdes. Uma certa contrariedade, ainda que fugaz. Voltou ao ataque.

– Ah, você vai! – Agarrou-a pelo braço e começou a arrastá-la pelo aposento.

Pela primeira vez, Radegund reagiu de verdade, puxando o braço e sibilando.

– Vá para o inferno, Bakkar! Não vou a lugar algum com você!

Ele se voltou para ela, o semblante duro e ameaçador.

– Não vou perder a viagem. Você vai comigo, nem que eu tenha que arrastá-la pelos cabelos!

– Vai ter que me matar primeiro. – A voz da ruiva soou cortante. Seus olhos revelavam um brilho insano.

Mark sentiu a raiva explodir de vez dentro de si. Jogou o que restava de gentileza para o alto e a acusou.

– É exatamente isso o que quer, não é? É isso o que vem procurando desde que se enfiou nesse buraco, se escondendo como um bicho numa toca! E tem que ser da maneira mais dura, não é Raden? Você tem que morrer e não pode ser fácil! Precisa que seja uma lenta e torturante agonia, tem que sofrer aos poucos e ir definhando e se apagando devagar! Não é suficiente para você morrer, você precisa se torturar, se magoar, se machucar até que não reste nada!

Ela respirava com dificuldade a cada palavra que ele impiedosamente atirava em seu rosto. Como ele se atrevia?

– É isso mesmo! – Grunhiu. – Eu quero morrer. Quero me acabar assim, porque não posso simplesmente me matar. Não posso enfiar a espada em meu peito e me juntar ao meu marido! Não posso ser uma suicida, porque não serei enterrada junto dele no campo sagrado, não entrarei no Céu, onde ele está! E agora que já descobriu o que queria, saia daqui e me deixe em paz!

Concluiu o desabafo gritando, apontando a saída para ele. Mark avançou em sua direção, obrigando-a a erguer o rosto para encará-lo.

– E o que está fazendo não é uma forma de suicídio? Não está deliberadamente procurando a morte? Acha que Luc gostaria de vê-la neste estado?

– Não abra a boca para falar de meu marido! – Berrou ela.

Mark agarrou seus ombros e falou bem diante de seu rosto.

– *Seu* marido era *meu* amigo! *Seu* marido era o pai de *sua* filha! Nós o perdemos, tanto quanto você!

Ela se libertou com um safanão e gritou, a revolta pontuando cada palavra.

– Ninguém perdeu mais do que eu! – Apontou para si mesma. – Eu perdi meu amor, minha luz! Perdi o homem que me amou e que amei mais que tudo na vida! Perdi aquele que era a razão de minha existência e não quero mais viver, não sem ele! Agora saia daqui de uma vez por todas. Eu não lhe pedi para vir! Eu não pedi para ser salva! Suma daqui, Mark! Suma e me deixe morrer em paz!

Mark se revoltou quando ela cuspiu aquelas palavras duras sobre ele. Não admitiria que Radegund se entregasse daquela forma, que desistisse de sua existência. Que abandonasse Lizzie, a filha que Luc dera a vida para salvar. Sem refletir, começou a falar, desferindo cada palavra como se fosse uma chicotada.

– Covarde! Você é uma covarde Radegund! Covarde, fraca e egoísta! – Acusou. – Você não merece o sacrifício que Luc fez por você, para que sua filha não morresse! Ele deu a *vida* para que você não perdesse seu maior tesouro, e é assim que retribui a ele?

– Cale a boca! – Ela tentou cobrir os ouvidos, mas Mark segurou suas mãos, obrigando-a a escutá-lo.

– Não, isso não. Agora você vai me ouvir, criatura! – Sentenciou. – E depois que eu falar tudo o que penso, aí sim, deixo você enterrada nessa torre estúpida, atirada às traças e ao esquecimento. E quando eu voltar a Delacroix e acompanhar o crescimento de sua filha, quando eu vir Lizzie começar a dar seus primeiros passos e a falar, eu vou me lembrar de você. Vou lamentar profundamente pelo que *você* perdeu, e ficarei feliz pelo que *eu* ganhei! E quando sua filha perguntar por você, vou dizer que a mãe dela a abandonou, que não a amou o suficiente para seguir adiante e aceitar o presente que Luc lhe ofereceu!

– Não! – Ela gritou, cerrando os punhos que ele ainda segurava, tentando se libertar.

– Sim! É isso que vou dizer à sua filha, e a quem quer que pergunte sobre você. Vou dizer que foi tão egoísta que só viu a própria dor. Que não foi capaz de dividi-la e compartilhá-la com todos nós que também sofriamos. Que arrastou a todos para um inferno, abandonando sua filha, seu lar, sua prima, seus sobrinhos e seus amigos! Luc jamais faria isso! – Ele soltou seus punhos e ela cambaleou para trás, pálida. Ele desferiu o golpe de misericórdia. – Você é patética. Tenho pena de você, Radegund. E Luc, onde quer que esteja, deve estar coberto de vergonha ao ver o que você se tornou.

A chama do ódio que a mantivera viva por todos aqueles anos explodiu em

Radegund. Tomada pela fúria, avançou na direção dele, as narinas freminho, a respiração rápida e curta. A primeira bofetada atingiu o lado esquerdo do rosto dele. Calado, voltou a encará-la, cerrando os punhos ao lado do corpo para não a agredir de volta. Ofereceu a outra face, e ela aceitou. Atingiu-o do outro lado, descarregando sua ira. Mesmo enfraquecida, ela era forte o suficiente para machucá-lo. E ainda assim... de novo ele se voltou, sem reagir.

Algo parecido com rugido estrangulado partiu da garganta de Raden. Desferiu outro golpe, com mais força, tentando fazer com que ele reagisse e também a machucasse. Tentando provar a si mesma que ninguém poderia ser tão generoso quanto ele. Tentando negar o fato de ele ter razão em tudo o que dissera.

Mark sentiu o gosto de sangue nos lábios. O líquido, quente e viscoso, também escorria pelo nariz, tamanha foi a violência dos golpes recebidos. Respirou fundo repetidas vezes. Deixou que a raiva se dissipasse, antes de erguer para ela os olhos repletos de amizade e compreensão.

A imagem do sangue no rosto do amigo acabou por resgatar Radegund da loucura. Com um gemido, caiu de joelhos diante dele que, devagar, também se ajoelhou a sua frente. Não a abraçou, porém. Nem lhe estendeu a mão. Precisava deixar que ela desse o primeiro passo, que transpusesse aquela fronteira.

Quando ela o encarou, seus olhos estavam anuviados de tristeza, espelhando todos os sonhos desfeitos, todas as esperanças atiradas por terra, toda a felicidade que poderia ter sido e que jamais seria novamente. Neles havia também gratidão.

Radegund deixou-se cair sobre Mark, que a abraçou com força. Chorou convulsivamente, em soluços profundos e desesperados, em gritos doloridos e estrangulados que lhe saíam do fundo da alma destrocada, despejando sobre ele toda sua amargura.

Mark não fez nenhum esforço para reter os próprios sentimentos. Apenas a manteve junto a si, afagando-a com ternura, enquanto o choro aliviava seu coração oprimido. Entre as lágrimas, entreviu um homem muito alto e louro, sorrindo emocionado da porta da despensa. Piscou e não viu mais nada.

Cornwall, Inglaterra

Gilchrist acordou sentindo a cabeça latejar. Havia um gosto amargo em sua boca e seu estômago estava mais agitado do que um mar em dia de tempestade. Abriu os olhos com cuidado e a imagem meio embaçada que se formou denunciou a ausência do tapa-olho. Subitamente desperto, ele levou a mão à face.

– Inferno!

Sentou-se então sobre as mantas de pele e notou que estava nu. Sem se importar com o frio que fazia, ergueu-se, expondo as costas largas a luz do fogo. Olhou em volta, procurando por suas roupas, suas armas e algo mais. Procurando Ulla Svensdatter. A mulher que se deitara naquela cama com ele na noite anterior. A lembrança dela fez coçarem os dragões em seu punho, agora livres das proteções de couro que ele sempre usava. Forçou a mente embotada, tentando se lembrar do que havia acontecido naquela noite estranha. Tentando separar o sonho da realidade.

Retrocedeu no tempo, quando ele e a estranha norueguesa entraram naquele pequeno vilarejo escondido em Cornwall.

Uma semana antes

– Ande, homem! É o Dragão ou uma lesma? Não temos a eternidade!

Gilchrist olhou para ela de mau-humor. Emparelhando Boru com Valkyrie, falou.

– Para você é fácil falar, senhorita. Boru, porém não está habituado a um clima tão rigoroso.

Ela o mediu de cima a baixo.

– Boru? Pobre cavalo, levando a culpa pelo dono. – Ela se inclinou na sela na direção dele e surpreendeu-o arrancando o tapa-olho de seu rosto, enfiando nas dobras da túnica. – Disse que precisaria dos dois olhos bem abertos, Dragão.

Apesar de tentar manter distância, e da cara feia e surpresa dele, Ulla engoliu em seco diante da mudança operada em seu rosto causada pela simples retirada daquele acessório.

Freyja! Ele parecia uma daquelas estátuas romanas. O nariz era perfeito. A testa e os malaras altos, as sobrancelhas negras e harmoniosas, o queixo quadrado, a boca bem delineada entre barba por fazer. E os olhos... os olhos eram um caso à parte. Diferentes, fascinantes. Um negro como a noite. O outro, verde, como uma rica esmeralda. Ambos orlados com cílios escuros e compridos. Um mergulho num mar de mistério. Um capricho da natureza. Ele considerava um estigma. Ela, uma dádiva. Ele era um em milhares. Único. Perfeito.

– Devolva-me agora, senhorita. – Ele ordenou, lutando para controlar um palavrão. Apesar de maluca, ela ainda era uma mulher. – Não tem o direito de fazer isto.

Ulla, porém, lhe sorriu e, apesar da ausência do parentesco de sangue, o sorriso maroto lembrava o de Ragnar.

– Seus olhos são bonitos, Dragão. Ao invés de escondê-los, deveria agradecer ao Criador por tê-los sãos e perfeitos.

– São um estigma, não uma bênção. – Ele olhou para o caminho à frente, coberto pela geada. Além de expô-lo daquela forma, Ulla ainda lhe criara uma dificuldade. Habitado a usar apenas um olho, ele perdeu a noção de profundidade com o outro descoberto. Tanto que chegava a se sentir enjoado. Seu semblante endureceu. – Eles foram um dos motivos de minha mãe ter sido considerada por sua gente uma serva do demônio.

Calada, Ulla apenas ouviu e deixou que aquelas palavras fossem carregadas pelo vento. Morria de vontade de saber mais a respeito dele, de perguntar onde e quando as tatuagens foram feitas, e por que ele abandonara o velho povo e fora viver com os cristãos. Isso, no entanto, estava fora de cogitação. Ulla sabia que seu trabalho era conduzir o Dragão até o velho altar druida, uma das bocas do mundo. Ele e a espada.

Gjurd foi enfático a respeito da arma. Ela deveria ser preservada a todo custo. Deveria ser consagrada pelas mãos do Dragão. E depois levada ao velho vulcão adormecido, além de Svenhalla, onde o confronto se daria.

O Dragão teria então que ser deixado para trás, até que chegasse a hora de seu despertar. Até que ele estivesse pronto para unir-se ao seu Elemental, no alto da montanha, para combater o demônio que andava sobre a terra.

Loki, Set, pouco importava o nome que lhe davam. O que importava era o fato de ela, inadvertidamente, ter sido corresponsável por sua libertação. No fim, tudo era parte da infundável trama urdida pelas *Nornas*, uma barganha entre os Deuses. Uma vida pela outra. Ela mudou o curso dos acontecimentos, interferiu e agora pagaria caro.

Olhando mais uma vez para o taciturno irlandês, Ulla desejou ser apenas uma moça comum, de quem ele pudesse se enamorar, a quem ele pudesse cortejar e com quem ele pudesse se casar. Tudo o que ela mais queria era não ser uma mensageira da morte.

Ao fim daquele dia chegaram a um pequeno vilarejo, de pouco mais de dez casas. Sob o frio cortante do inverno de Cornwall, Ulla os conduziu para a cabana mais afastada do centro do vilarejo, uma habitação de pedras e com um telhado de turfa, baixo e inclinado. Desceu do lombo de Valkyrie no mesmo instante em que a porta se abria e um homem velho e encurvado aparecia na soleira. Ela inclinou a cabeça numa reverência.

– Pai Gjurd.

– Filha.

Ela se virou para trás, impaciente.

– Vai esperar que eu o desça, Dragão?

Resmungando, enregelado, Gilchrist desceu a tempo de ouvi-los – e não os entender, obviamente – falando na língua materna de Ulla.

– Este é o Dragão?
– Sim, Pai – ela balançou a cabeça meio desgostosa – teimoso, curioso e às vezes meio lento na compreensão.
– Você o desdenha porque o quer.
Ela cravou os olhos de safira na face enrugada do velho sacerdote.
– E isso fará diferença?
– Nenhuma.
– Poderiam falar numa língua que eu entenda? – Indagou Gilchrist aproximando-se dos dois. – Ou vou começar a achar que conspiram contra mim.
– Era exatamente isso o que fazíamos. – Ela retrucou olhando para ele, séria.
Um arremedo de sorriso curvou a boca sempre severa.
– Vindo de você, eu não duvido.
– Está frio, Dragão. Vamos entrar? Gjurd nos oferecerá sua hospitalidade.
O velho acenou com a cabeça e convidou.
– Seja bem-vindo, Dragão. Acomodem suas montarias na cobertura lá atrás e depois venham se aquecer. – O homem deu um passo à frente e ergueu os olhos pálidos, mais que os de Ragnar, para ele. – Há muito eu esperava o filho de Morgan.
Ao ouvir o nome de sua mãe, Gilchrist estremeceu.

Delacroix

Leila esfregou os olhos e fitou Clarisse, pondo os livros contábeis de lado.
– Parece que Luc deixou tudo em ordem. Ele era muito organizado. E Roger também tem feito um bom trabalho. Quando Mark voltar, poderemos ir até D’Azûr para que eu analise os livros.
– Está sendo maravilhosa, Leila, – ela tomou as mãos da sarracena por sobre a mesa – uma verdadeira amiga. Sei que deixou seus filhos em casa e ficou aqui por Raden. Em nome dela, eu lhe agradeço. E por mim também. Tem sido muito difícil lidar com tudo o que vem acontecendo.
– Nossa vida parece ter sido devastada por um vendaval, não é verdade? – Indagou Leila. – Eu já passei por algo assim, querida. Perdi ao mesmo tempo, meu pai, minha casa... tive que abandonar a cidade onde nasci e cresci. Precisei assumir toda a responsabilidade pelo patrimônio deixado pela minha tia. E ainda por cima, tive que aturar Patrus, aquele maldito! E em meio a tudo isso, conheci Ragnar. E se nem tudo foram flores naqueles dias, posso lhe dizer que foi tudo um aprendizado.
– É uma bela maneira de encarar a vida, Leila.
A sarracena fechou guardou os livros e ergueu-se da cadeira que fora de

Luc, dando a volta na mesa e sentando-se a frente de Clarisse.

– E o que é a vida Clarisse, senão uma grande escola?

– Às vezes me parece um tormento infinito, um purgatório. Veja Radegund. No momento em que sua vida parecia totalmente feliz, em que tudo estava perfeito, teve Luc arrancado de seus braços, assassinado...

– O quê? – Espantou-se Leila.

Tarde, Clarisse se lembrou que Mark pedira sigilo à Gwydyon. E que, em meio a tantas confusões, não falara nada ainda com Ragnar. E agora? Bem, já que havia começado, contaria sobre as suspeitas do capitão da guarda. Mas omitiria a história da faca de Gaetain.

Ao fim da narrativa de Clarisse, Leila estava perplexa. E assustada.

– Já pensou Clarisse, que isso pode ter a ver com a Sociedade?

– Foi a primeira coisa em que pensei – ela suspirou – e a segunda foi na reação de minha prima.

– Minha nossa! – Leila apoiou a cabeça nas mãos e depois encarou a amiga.

– Ela vai ficar como louca! Não quero nem pensar nas consequências...

Por alguns instantes as duas ficaram em silêncio. Sabiam que, se Radegund descobrisse que o marido fora assassinado, nada no mundo conteria sua sede de vingança. Ela arrasaria todo o reino se preciso fosse, até encontrar e punir o assassino de Luc.

– Acho melhor falarmos logo com Svenson e Cornwall. – Clarisse ponderou. – Assim, quando Mark voltar com Raden, já teremos uma estratégia elaborada.

Assentindo, Leila esperou que Clarisse chamasse Jean, que servia agora como pajem, pedindo-lhe que fosse levar o recado aos dois cavaleiros.

– Pois não, senhora – o menino assentiu educadamente e correu para cumprir a ordem.

– Ele continua sem se lembrar? – Leila perguntou.

– Sim. Sempre converso com ele, tento ajudá-lo, mas nada. Sua mente é como um livro do qual se arrancaram as primeiras páginas. Enfim, resta-me imaginar que a vida dele talvez tenha sido tão ruim antes do acidente, que Deus tenha achado melhor que ele esquecesse e começasse do nada.

– É, – disse a sarracena pensativa – talvez.

Andando pelo pátio de Delacroix, Jean procurava por Michel quando foi abordado pelo mestre de obras.

– Ei, garoto. Venha aqui – chamou Nestor, à sombra do muro interno.

– Pois não, senhor.

Nestor o estudou de cima a baixo. Sabia da história do garoto, os soldados

já haviam comentado com ele. Sem memória, sem parentes, gozando de uma posição de confiança no castelo... era exatamente o que ele precisava.

– Sabe menino – ele começou com voz macia – eu estive observando você.

Jean franziu o cenho. E Nestor continuou.

– Eu tenho um irmão que mora aqui por essas bandas e, quando eu fui a sua casa, ele me contou que seu único filho havia desaparecido há pouco tempo atrás. Eu não o via há muito tempo, mas, juntando uma coisa com a outra e olhando para você, bem... acho que pode ser o meu sobrinho desaparecido.

Mudo de espanto, o garoto apenas olhava fixamente para o mestre de obras. Nestor, por sua vez, já possuía um plano elaborado para estender sua permanência em Delacroix.

Com a morte do conde, as obras haviam sido suspensas e toda a equipe seria dispensada. Porém, se ele usasse aquela história de sobrinho desaparecido, poderia continuar ali durante algum tempo. E ainda usufruiria da boa comida, da excelente adega e da deliciosa ama de cabelos louros.

Tudo o que ele precisava fazer era dizer que aquele moleque parvo e desmemoriado era filho de seu irmão. E como ele não se lembrava de nada mesmo, ele inventaria o que lhe desse na telha. Era um plano perfeito.

Cornwall, Inglaterra

Depois de se vestir, Gilchrist saiu pela porta da cabana e atravessou o terreno coberto de geada até a casa de Gjurd, o velho druida. Bateu na porta e entrou, escapando do frio para o interior aquecido. O homem encarquilhado e enrugado como um velho carvalho parecia que já o aguardava.

Sem rodeios, ele indagou.

– Onde está ela?

– Partiu, Dragão.

– Como? – Ele se adiantou parando bem à frente do velho sacerdote. – Aquela maluca me arrasta da Normandia até aqui, rouba a espada de Delacroix, quase me enlouquece, me faz participar de uma cerimônia estranha para depois sumir? Vocês são todos loucos?

– Não seja insolente, Dragão! – A voz de Gjurd soou severa. – A jovem Svendsatter cumpriu a primeira parte de sua missão. E você deve aguardar o chamado.

Gilchrist passou a mão pelos cabelos. Agora sabia com quem Ulla aprendera a ser tão esquiva e arrogante.

– Onde está a espada?

– Segura.

O irlandês bufou exasperado. As coisas ficaram cada vez mais estranhas

desde que tinha colocado os pés naquela cabana, dias atrás. Depois que o druida dissera o nome de sua mãe e que o esperava, ele simplesmente mudara de assunto, passando a falar sobre a tal missão para a qual ele, Gilchrist, fora supostamente predestinado.

Como se tudo já estivesse previamente esquematizado, foi oferecida a ele uma pequena cabana, bem perto da de Gjurd. Conduzido para lá pelas mãos de Ulla, ele foi intimado a retirar as braçadeiras de couro que encobriam as tatuagens. Depois de uma breve discussão em que, invariavelmente, a mulher dos olhos de safira teve a última palavra, ele se arriscou a perguntar sobre seu tapa-olho.

– Joguei fora. – Foi a resposta lacônica que ela lhe deu, para em seguida completar, ignorando sua reação irada. – Descanse por hoje, Dragão. Amanhã subiremos a colina e iremos ao velho templo. Lá iniciaremos o ritual de consagração da arma.

Ulla, como de hábito, ia se virar e sair sem dar nenhuma explicação. Ele, porém, farto daquela história e de tanto mistério, puxou-a pelo punho e a fez se voltar para ele, retrucando irritado.

– Nada disso, senhorita. Não pense que vou continuar de cá para lá sem saber o que realmente está acontecendo aqui. Tenho direito a uma explicação.

Ulla olhou para ele por algum tempo e Gilchrist imaginou que enxergava um certo brilho de divertimento naqueles olhos profundos. Esperou por uma recusa, uma evasiva. Mas Ulla, mais uma vez, o surpreendeu com sua resposta.

– É justo. – Ela se acomodou numa cadeira e indicou a cama coberta de mantas de pele para ele, alguns dos poucos móveis do parco mobiliário daquele lugar. – Sente-se e lhe contarei algumas coisas. Não tudo, apenas o suficiente para parar de me importunar com suas perguntas.

Curioso e intrigado, o irlandês obedeceu.

Taverna Rosa Dourada

Giles de Tarascon preparava-se para se encontrar mais uma vez com seu mais recente colaborador. A primeira foi há uma semana, na floresta, quando avistara a figura deformada encoberta por um manto escuro e pesado, aguardando por ele numa clareira.

O homem, ou o que sobrara dele, erguera os olhos negros repletos de maldade e o encarara fixamente durante muito tempo antes de lhe dirigir a palavra, numa voz estranha, com um sotaque estrangeiro.

– Agradeço-lhe, *sire*, por ter atendido ao meu convite. – Ele começou dizendo e logo estendeu o coto de um antebraço amputado, com um afiado gancho de metal na ponta. – Sinto não proceder à formalidade de lhe apertar a

mão.

– Quem é o senhor? – Indagou Giles, pouco afeito à rodeios. – E qual o seu interesse em al-Bakkar.

– Além ter sido ele quem tirou um pedaço de meu corpo e de ter me tornado neste arremedo de gente? – Ironizou Patrus. – Não quero só Bakkar, *messire*. Quero ele, o norueguês e a mulher, e também a viúva de Delacroix. Aliás, – ele falou com um esgar que pretendia ser um sorriso – o que achou do serviço feito com o conde?

O cavaleiro templário franziu o cenho, intrigado.

– O que está insinuando?

– Não estou insinuando, estou afirmando. Tenho uma pessoa de confiança dentro daquele castelo, alguém que executa minhas ordens. A primeira delas foi de acabar com o marido da mulher chamada Radegund.

– O que eu ouvi dizer foi que ele sofreu um acidente – retrucou Giles, confiando a barba negra.

– Oh, isso é o que todos pensam... – os olhos se tornaram mais cruéis ainda – o que lhe ofereço, *sire*, é uma chave para o castelo Delacroix e para o que quer que deseje conseguir em seu interior.

– E o que pede em troca?

– O direito de concluir minha vingança.

CAPÍTULO XIX

"TRABALHA, MEU VENENO! TRABALHA!"

Otelo. Cena 1, Ato 4. William Shakespeare

Torre Gombault

Depois que desabafou toda sua dor, Radegund caiu num sono exausto e profundo, acalentada por Mark. Com gentileza, ele a carregou para cima e a acomodou perto da lareira. Com ela adormecida, acendeu o fogo e aqueceu o ambiente gelado, afastando um pouco da morbidez daquele lugar. Revirou o alforje esquecido num canto e encontrou ingredientes suficientes para preparar uma sopa rala. Depois, deixando-a enrolada num cobertor, bem aquecida, foi cuidar dos animais. Quando voltou, já perto do anoitecer, ela ainda dormia, recuperando as forças desgastadas naqueles dias de tanto sofrimento desde a morte de Luc.

Olhando ao redor de si, Mark se perguntou o que realmente vira naquele momento em que olhou para a porta. Não. Ele não precisava se perguntar. Ele *realmente o viu*. Luc, seu amigo, esteve ali, vindo do mundo além da vida, velar por sua adorada Radegund. Como um anjo protetor, foi ajudá-lo a salvá-la. Endereçando mentalmente uma prece de agradecimento ao amigo morto, Mark se deitou ao lado de Radegund e descansou.

Amanhecia.

Acomodada junto ao calor do fogo, Radegund se virou e esbarrou em outra pessoa. Abriu os olhos sonolentos e encontrou Mark adormecido ao seu lado. Franziu o cenho.

O que diabos fazia Mark dormindo em sua cama? Fechou os olhos de novo e aos poucos foi saindo da confusão mental. As lembranças dos últimos dias, a morte de Luc, o estupor em que mergulhara, a ida para aquele maldito lugar, a companhia incansável de Terrwyn...

Terrwyn! Onde estaria Terrwyn?

Ergueu-se e sentou sobre a manta onde havia dormido. Voltou-se novamente e fitou o rosto de Mark.

– Oh, meu Deus! – Ela gemeu e estendeu a mão, tocando o lábio cortado e os hematomas em seu rosto. – Ah, meu amigo, me perdoe! – Murmurou envergonhada.

Os olhos castanhos se abriram, assustando-a.

– Não me peça perdão, Radegund.

Desolada, ela retirou a mão e balançou a cabeça.

– Eu o feri, me perdoe.

Mais do que acostumado às reações dela, ele sorriu e se levantou do leito improvisado, esticando-se e fazendo um gracejo.

– Isso não foi pior do que aguentar você me chutando a noite inteira! – Ele dobrou as mantas enquanto ela se levantava e ajeitava os cabelos. – Nunca vi alguém para se mexer no sono como você!

Raden deu um sorriso tímido e estendeu a mão para ele.

– Você é realmente único, Mark. Obrigada, por tudo. Até por aguentar meus chutes. Só espero que Clarisse não venha me desafiar para um duelo porque eu bati no marido dela.

– Clair está muito preocupada com você, – ele reteve a mão dela por um instante – todos nós estávamos.

Ela ignorou o assunto, afastou-se dele e indagou, enquanto começava a trançar os cabelos.

– Onde está Terrwyn? Aquela teimosa me seguiu.

– Se não fosse pela teimosia dela, jamais a teríamos encontrado. O que deu em você para se enfiar aqui?

Terminando de trançar os cabelos, ela se abaixou para calçar as botas.

– Não sei. – Passou um longo tempo olhando para o fogo com as botas nas mãos. Depois de um suspiro profundo, falou. – Na minha cabeça está tudo ainda um pouco confuso. Acho que queria voltar para onde tudo começou, para onde minha vida teve início, e onde teve também um fim. Um fim que não deixou de ser um começo. – Deu uma risada amarga. – Que coisa mais estranha para se dizer.

– Deixe de filosofar e coma, – ele estendeu uma tigela com o caldo que cozinhara na véspera – do jeito que está magra, o vento vai carregar você. Se nos apressarmos, alcançaremos Delacroix antes do fim do dia.

Raden não deu resposta, deixando-o com uma sensação incômoda, fazendo com que imaginasse que ela escondia alguma coisa. Apenas tomou em silêncio a sopa que ele lhe ofereceu e depois, ainda em silêncio, foi até o lado de fora da torre. Voltou meia hora depois. E o encontrou com tudo arrumado.

– Pronta para partir?

– Quase. – Ela passou por ele sem encará-lo, dizendo. – Vou pegar as coisas que deixei lá embaixo.

– Não precisa, – ele apontou seu equipamento num canto – peguei para você.

Em silêncio ela assentiu. Depois, colocou a cota de malha e atou o cinturão com as armas aos quadris.

Silêncio demais para meu gosto.

– Vamos para casa, Radegund.

Ela enfim se dignou a olhá-lo nos olhos. No fundo, ele já esperava pela resposta que ela lhe deu.

– Não vou com você, Mark.

– Por quê?

Ela caminhou e parou mais perto dele, tranquilizando-o com um sorriso.

– Meu amigo, eu estou morrendo de saudades de minha filha, louca para apertá-la em meus braços, para sentir seu cheiro, para tocar seus cachinhos... – sua voz ficou embargada e Radegund precisou limpar a garganta antes de prosseguir – também sinto falta de Clarisse, Leila, Ragnar, dos meninos...

– Mas...?

– Mas preciso, antes de mais nada, tentar encontrar algo... alguma coisa... – deu de ombros, sem conseguir colocar em palavras todo aquele vazio e toda aquela dor que a consumiam – acho que preciso voltar a acreditar em algo, preciso saber se há esperança para alguém como eu. Preciso entender por que, depois de ter encontrado Luc, de tê-lo amado tanto e ter sido amada por ele, depois de ter me libertado do meu passado, tudo me foi arrancado dessa forma. Não só de mim, mas também de Lizzie, que sequer vai ter um rosto para se lembrar como sendo o do pai dela. Um pai que a amou tanto e de tal forma que se sacrificou para que ela vivesse. Preciso saber Mark, preciso compreender. Preciso, acima de tudo, voltar a crer.

– A crer? – Os olhos verdes fixaram-se nos seus, melancólicos. Ele compreendeu. Assentiu e indagou. – Para onde vai?

– Visitar um velho amigo. – Fez uma pausa. Perguntou baixinho. – Cuidaria de Lizzie para mim?

– Como se fosse minha filha.

Radegund sorriu e o abraçou com força.

– Agradeça a Terrwyn por não ter desistido de mim, quando eu mesma o fiz. – Se afastou e deslizou a mão pelo rosto machucado, depositando um beijo casto no lábio ferido. – Ela é mesmo sangue de seu sangue.

Dando-lhe as costas, calçou as luvas e saiu pela porta da torre, deixando-o para trás com o coração apertado. Lúçifer resfolegou e festejou a dona. Montando, ela afagou o pescoço e a crina lustrosa do animal. Colocou o capuz do manto, e fez com que o garanhão se colocasse de frente para Mark, que saíra da torre.

– Eu volto, prometo. Assim que encontrar as respostas, eu volto.

Sem mais palavras, incitou Lúçifer, desaparecendo pela estrada.

Delacroix

Ragnar, no dia anterior, ouviu chocado o relato de Clarisse a respeito da

morte de Luc. Foi chamado por ela, juntamente com Michael, ao gabinete. Sentado ao lado de Leila, com as mãos da esposa entre as suas, absorvera cada palavra que a dama dissera. Michael tinha chegado à mesma conclusão que Clarisse. Aquilo poderia ter relação com a Sociedade. Isso significava que havia alguém dentro de Delacroix ameaçando suas vidas. Uma mão gelada apertou o peito do norueguês. Olhou para sua pequena esposa, adormecida em seus braços. Leila. Seu enlevo, seu amor.

A pequena tigresa que arrebatara seu coração anos atrás e que lhe dera dois filhos lindos. Uma cabeça da Sociedade. Querendo senti-la em segurança, puxou seu corpo adormecido mais para perto, acabando por despertá-la.

– Amor...? – Os olhos amendoados o encararam, sonolentos e os lábios vermelhos sorriram para ele. – Será que nunca me deixa dormir?

Ragnar depositou um beijo terno em sua boca e a encarou daquele jeito que a fazia se derreter, tamanha era a intensidade de seus olhos da cor do gelo.

– Queria só dizer que te amo.

As mãos pequenas e macias percorreram sua face, desenhando as cicatrizes com as pontas dos dedos.

– Eu também te amo. – Perscrutou-lhe o semblante com atenção e afirmou. – Está preocupado.

Ele, porém, não queria falar, não queria dizer que temia que ela, assim como acontecera com Raden e Luc, fosse arrancada dele por causa daquela maldita história da Sociedade, das caixas, de Ibelin, ou do diabo que fosse. Tudo o que queria era sua mulher, sua Leila, em seus braços. Viva e segura.

Respondeu-a com um beijo, separando os lábios dela com os seus, invadindo sua boca com a língua sedenta e exploradora, apertando-a contra seu corpo sólido. Leila gemeu e correspondeu àquele ardor nascido do medo. Sentiu, mais que compreendeu, o arrebatamento de seu marido.

Mergulhando os dedos na massa de cabelos castanhos, ele a despiu da delicada camisola de algodão, tocando os seios com os polegares, circundando os mamilos, fazendo-os se arrepiarem.

– Ragnar, – ela falou entre os suspiros – por que está tão temeroso?

– Shh, – ele deslizou a boca por seu pescoço e colo, arrancando dela gemidos de prazer – não fale, não quero falar, *liten*. Só quero amar você.

Quem resistiria àquele pedido, indagou-se Leila, engolfada por uma onda de prazer ao sentir que além daquela boca devorando seus seios, a mão dele insinuava-se entre suas pernas, acariciando-a com conhecimento, sabendo exatamente aonde queria chegar.

Arqueou o corpo de encontro ao dele e mordiscou o lóbulo de sua orelha, prendendo a pequena argola de prata entre os dentes, enfiando a língua em sua

cavidade.

Ele gemeu, um som rouco e sensual, como ele o era.

Leila deliciou-se com as sensações que seu marido lhe proporcionava. Espalmou uma das mãos em seu peito, acariciando aquela parede sólida e contraída, arranhando um dos mamilos pequenos, sentindo que ele a apertava com mais força e enterrava um dos dedos dentro de sua carne.

– Ah, Leila! – Ele se deitou sobre seu corpo, segurando seu rosto com uma das mãos. – Eu te amo tanto que chega a doer.

Seu beijo foi profundo, intenso como ele mesmo era. Leila entregou-se completamente àquelas sensações que ele lhe provocava, afastando as pernas para que Ragnar se acomodasse entre elas e iniciasse sua investida para dentro de seu corpo.

– Amor... – ofereceu-se a ele, arqueando as costas, projetando os quadris de encontro àquela força rígida que mergulhava dentro dela, despertando um intenso prazer. – Ah, meu amor. Como eu te amo, como eu te quero!

Movendo-se dentro do corpo quente e úmido de sua esposa, Ragnar a amou com toda paixão de que era capaz. Beijou-a como se fosse a última vez, arrebatou-a consigo para o *Asgaard*, o paraíso das terras geladas. Com ela descansou mansamente depois de atingirem juntos o clímax que só aqueles que se amam e se conhecem profundamente saberiam alcançar. Em meio aqueles momentos de amor intenso, Ragnar jurou a si mesmo proteger sua mulher e mãe de seus filhos com sua própria vida.

Algun tempo depois, já vestida e pronta para descer ao salão, Leila foi chamada por seu marido. Ao se voltar, deparou-se com seus olhos preocupados. Antes que pudesse perguntar qualquer coisa, ele lhe entregou uma baihna curta com uma pequena adaga.

– Vai usar isso até quando estiver dormindo, mesmo que eu esteja ao seu lado. – Ela abriu a boca para falar, mas ele a impediu. – Desta vez estou lhe dando uma ordem, minha senhora. Nada de argumentar. – Ato contínuo, ele atou a baihna a um cinto e prendeu-o sobre seu vestido.

Leila colocou as mãos na cintura e olhou para ele.

– Por que tudo isso, Ragnar?

Com os olhos preocupados, ele a abraçou, praticamente esmagando-a contra seu corpo.

– Não percebe, Leila, que eu não suportaria perdê-la? Que eu ficaria tão, ou mais louco do que a ruiva? – Afastou-a um pouco de si e falou. – Além de Mark, Clarisse, Cornwall, Radegund e de mim, naturalmente, não quero que confie em mais ninguém.

– Mas...

– Absolutamente ninguém, – ele falou com mais veemência – nem em sua sombra. Enquanto não esclarecermos o mistério da morte de Luc, você é, presumidamente, um alvo. Não confie. Fui claro?

– Ora, está bem! – Ela disse exasperada. – Você é mesmo um turrão. Se eu disser que não vou andar por aí armada, é bem capaz de me amarrar a você!

Ele sorriu malicioso e esfregou-se nela despudoradamente.

– Sabe que não é má ideia? Um dia desses vou experimentar.

– Sossegue, *sire*! Temos que descer para o desjejum.

Ela se soltou de seus braços e caminhou para a porta, balançando os quadris sensualmente. Olhou por sobre o ombro e chamou.

– Não vem?

– Assim que esfriar um pouco, *liten*...

Com um sorriso maroto e um olhar para um pouco abaixo de sua cintura, ela o compreendeu e passou pela porta, fechando-a suavemente atrás de si.

No salão, Clarisse conversava com Michael, enquanto Jean e Lothair, em treinamento, serviam como pajens.

– Essa suspeita é muito grave, senhora – disse Michael – e é bem provável que tenha mesmo algo a ver com a Sociedade. – Ele recuou um pouco enquanto Lothair servia cidra em sua caneca e Jean colocava uma tábua com pão, queijo e fatias de carne defumada à sua frente. – Isso torna primordial a proteção das chaves para os arquivos, que é o que Tarascon cobiça. E conhecendo-o como eu o conheço, posso afirmar que ele não hesitará diante de nada até conseguir esses documentos.

– Vamos nos reunir então após o desjejum. Pedirei a Ragnar que assuma essa questão da defesa, enquanto Mark não retorna. – Ela revirou a comida em seu prato, sem apetite. – Só espero que ele consiga trazer minha prima de volta.

Leila descia as escadas neste instante e juntou-se a eles. A conversa seguiu um rumo mais ameno, até que um dos lacaios anunciou que o mestre Nestor queria falar com a senhora Clarisse. Pedindo licença, ela se encaminhou para o gabinete e pediu que o mestre fosse mandado à sua presença.

Em poucos minutos, Nestor estava de pé diante de Clarisse, o barrete nas mãos e a atitude subserviente, contando a mirabolante história de seu sobrinho perdido.

Franzindo o cenho, ela indagou.

– Não entendo, mestre Nestor, como não reconheceu Jean antes. De certo o senhor já havia visto o menino em suas outras visitas.

Ele previra aquela pergunta.

– Sim, minha senhora. Só que eu não via o menino há muito tempo. Só liguei uma coisa e outra quando fui à casa de meu irmão, há dias atrás.

– E por que não trouxe seu irmão para ver o filho?

– Ah, senhora, meu irmão tem um problema nas juntas. Seus humores incham com o inverno e ele mal se levanta da cama, o coitado!

Intrigada, Clarisse apoiou os cotovelos sobre a mesa.

– O senhor já falou com Jean a respeito? Ele se recordou?

– Pobrezinho, – Nestor se fez de desolado – ainda não. Creio que convivendo com ele, eu acabe por despertar suas lembranças.

– Mestre, eu não acho que seja uma boa ideia tirar o garoto daqui agora...

Nem eu, sua tonta.

– Minha senhora! Meu irmão precisa ver seu filho!

– Acalme-se, mestre. – Ela ergueu uma das mãos. – É inverno e o senhor mesmo disse que Jean ainda não se recordou de sua pessoa. Além do frio que passarão na estrada, ele pode estranhar, e até mesmo ter um choque maior e se retrair mais ainda. Já pensou se sua memória não voltar nunca mais?

– Eu não havia pensado nisso – disse Nestor, cínico.

– Pois bem, mestre. Gostaria que aceitasse nossa hospitalidade. Vou pedir a Gwydyon que lhe separe um alojamento junto ao pavilhão da guarda.

– No pavilhão da guarda? – Droga! Não era isso que tinha em mente.

– Sim, – ela estreitou os olhos – algum problema?

– Claro que não, minha senhora! É uma oferta muito generosa! Ficarei feliz em poder estar perto de Jean.

– A propósito, qual é o nome verdadeiro dele, mestre?

– Edouard. – Usou o nome de seu pai. – Seu nome é Edouard.

Taverna A Rosa Dourada

– Encontrou o que queríamos, Bodolf? – Indagou Giles amarrando as botas.

– Sim, *messire*. Há nos arredores do castelo, uma velha cabana de caça. Está abandonada. Podemos usá-la para vigiar Delacroix.

– Excelente! O egípcio disse que já tem alguém lá dentro do castelo. Cawley! – Chamou pelo outro soldado.

– Aqui, *messire*.

– Vá até nossa fortaleza e leve minha mensagem. Diga ao grão-mestre que precisarei de reforços com urgência.

– Nesta época, *messire*?

Giles pôs-se de pé, irritado.

– O que tem a época, idiota?

– É inverno. Como atacaremos o castelo no inverno? Se precisarmos

levantar um cerco, não teremos suprimentos. Os campos já estão colhidos...

– Cale-se! Se blasfemar de novo contra os desígnios de Deus, terá que se penitenciar! – Giles ergueu a mão apontando-a para o céu, falando com veemência. – Ele quer que ataquemos Delacroix e arranquemos aqueles malditos documentos das mãos de Bakkar e de Cornwall. E quando conseguirmos, acabaremos com esta Sociedade de hereges que se mistura com os infiéis sarracenos e com a escória judia! Ele nos enviou como Seus mensageiros. Nós agiremos em nome Dele e acabaremos com aqueles que veneram a serpente de nove cabeças, esta sociedade de filhos do Diabo! Esta é a vontade Dele, a vontade de Deus!

– É a vontade de Deus – repetiram os outros dois homens como numa ladainha.

Porto de Sutton, Inglaterra

Ulla divisou os mastros do Freyja e sorriu. Björn era realmente um excelente capitão. E Hrolf farejara sua pista como ninguém. Se bem que, a partir de Harfleur, ela as tivesse deixado bastante óbvias, haja vista que precisaria de transporte direto para casa assim que tivesse cumprido a primeira parte de sua missão. Acariciou o volume enrolado num pano grosso, preso a sela de Valkyrie. E suspirou ao pensar no Dragão. Teria sido tão bom se na noite anterior...

Não, Ulla, – ela se repreendeu – sabe que não pode se desviar de seu caminho. Já chega o que fez. Toda essa confusão é culpa sua. Nada disso teria acontecido se você não interferisse.

Ela sentiu o peito se apertar. Se não tivesse interferido, seu irmão teria morrido. Como poderia saber, naquela época, o tamanho da reação que desencadearia?

Seus pensamentos foram interrompidos assim que chegou ao porto e um homem muito alto e forte, trajando um pesado manto forrado de pele, agarrou a brida de Valkyrie.

– Muito bem, pestinha. Creio que nos deve algumas boas explicações.

Ulla sorriu.

– Também senti sua falta, Björn.

Cornwall

Na cabana de Gjurd, Gilchrist ouvia estático as ordens do velho sacerdote.

– Está me dizendo que tenho que ir embora agora, assim, sem mais nem menos? E Ulla? Onde ela está?

Ulla tinha razão. O Dragão era mesmo irritante.

– Ouça, filho de Morgan. Sua missão mais importante agora está longe de

Cornwall. O tempo urge. Por isso, há um barco veloz a sua espera no ancoradouro, a duas horas a oeste daqui. Vai levá-lo direto a Cabourg. De lá, deverá seguir pela velha estrada romana para o leste, em direção ao Seine.

– E pode me dizer, senhor, para onde exatamente devo ir? – Indagou Gilchrist, já cansado de tanto vai e vem.

– Vai encontrar no caminho uma abadia cisterciense. Lá chegando, saberá o que deve fazer. Agora se apresse. Faça seu desjejum e parta. Temos pouco tempo antes que o maldito demônio ataque novamente.

Sem remédio, Gilchrist obedeceu e antes do fim daquela manhã de inverno, já estava a caminho do pequeno ancoradouro na foz do Tamar.

Delacroix

Antes mesmo que a guarda de Delacroix desse o alerta, Terrwyn já enxergara seu imponente irmão galopando sobre Baco. Habituada a subir as montanhas de Gales a pé, como um cabrito, ela achava muito mais fácil galgar as colinas de Delacroix no lombo de Cerrydwen, a égua que seu irmão lhe dera. Assim, desceu num galope desenfreado e foi cruzar o caminho de seu irmão na estrada.

Com a intempestiva chegada de sua irmã, Mark teve que conter Baco, que empinou com o susto.

– Onde ela está, Mark? – Terrwyn já foi interrogando.

– Sua maluca! – Ele avançou até emparelhar com ela. – Quer nos matar?

– Duvido que eu conseguisse. – Ela fez uma careta e insistiu. – Onde está Raden? Por que não a trouxe com você? O que houve com seu rosto?

Sorrindo com ternura para aquela criatura tagarela que lhe era tão cara, Mark a trouxe para a sela de Baco e a abraçou, enchendo-a de beijos estalados e fazendo-lhe cócegas.

– Ei! – Ela riu e se fez de zangada, apesar de adorar estar junto do irmão. – Ponha-me de volta!

– Sua amiga está bem, Terrwyn. Seja boazinha e deixe seu velho irmão matar a saudade de você. Ah, e foi sua amiga quem fez isso no meu rosto.

Terrwyn olhou para trás de cara feia.

– Raden bateu em você? O que fez a ela?

Mark gargalhou.

– Eu apanho e ainda levo a culpa! – Depositou um beijo sobre os cabelos castanhos e agarrou a rédea de Cerrydwen, atando-a à sela de Baco. – Esqueça, irmãzinha. Raden está bem e é isso que importa.

– Por que ela não voltou?

– Porque aquela garota é meio complicada, querida. Ela ainda precisa de

um tempo para se achar e até imagino para onde tenha ido.

– Ela vai voltar, Mark? – Os olhos castanhos, tão parecidos com os seus, estavam carregados de preocupação.

– Sim, ela vai voltar.

Clarisse agradeceu a Deus por ter seu marido de volta e correu para seus braços quando ele entrou no salão do castelo. Tomando o rosto dele entre as mãos, fez a mesma pergunta que Terrwyn lhe fizera.

– Meu amor, o que houve com seu rosto?

Mark sorriu fitando os adorados olhos da mulher, enlaçando-a pela cintura.

– Não foi nada, – ele roçou os lábios nos dela – digamos que eu e sua prima discordamos em alguns pontos.

Clarisse franziu o cenho e admoestou-o.

– Você e Radegund não têm outra forma de resolver suas divergências que não seja no braço ou na ponta da espada?

Sorrindo, ele a calou com um beijo que a deixou com as pernas bambas e depois, sussurrou em seu ouvido.

– Com ela, resolvo desse modo. Os outros métodos, mais agradáveis, reservo somente à minha esposa.

Clarisse gargalhou, apesar da preocupação de não ver Raden com ele.

– É um tratante.

– Um tratante que te ama. E antes que me pergunte, Raden está bem e disse que vai voltar.

– Onde ela está? – Indagou Ragnar, chegando neste momento junto com Leila.

– Olá, Sven, Leila, – Mark passou o braço sobre os ombros de Clarisse e caminhou até se aproximar do casal – Raden disse que precisava de um tempo.

– E para onde foi? – Perguntou Leila.

– Ela falou que ia visitar um velho amigo. Eu tenho um palpite sobre quem seja.

Abadia Sainte Radegund, Normandia, dois dias depois

O noviço olhou para o alto. Encarou a pessoa sombria e pálida, vestida de negro, sobre a besta resfolegante, – também negra – o cavalo mais sinistro que ele já vira em toda sua vida. Engoliu em seco, recordando-se das leituras do livro de São João, contendo o ímpeto de persignar-se ao imaginar que aquele bem poderia ser um dos temidos cavaleiros do Apocalipse. Com aqueles olhos fundos e sombrios, de certo era a Morte em pessoa. Só lhe faltava a foice. Controlando o tremor nos joelhos, o jovem indagou com voz fraca.

- O que deseja, *sire*?
- Mande chamar o abade Albéric.

A voz rouca o espantou mais ainda. E quando o cavaleiro baixou o capuz do manto, quase caiu para trás.

- A quem devo anunciar? – Conseguiu perguntar com voz sumida.
- Radegund.

Assim que o apavorado noviço entrou, Raden esboçou um sorriso cínico, já habituada à reação que sua presença causava em quem não a conhecia, ou a Lúcifer. Depois, permitiu que as lembranças fluíssem em sua mente, despertando nela um sentimento agri-doce, misto de alegria e tristeza.

A última vez em que esteve ali, há pouco mais de um ano, entrou carregada nos braços de Mark, entre a vida e a morte, com uma flecha traiçoeira cravada em suas costas. Foi a primeira vez que seu anjo a salvou. Luc...

Lembrou-se de quando viu seus olhos, dois poços azuis da cor do céu, no momento em que acordou. Confundira-o com um anjo, como os que se viam nos vitrais das igrejas. Quando saiu dali, já estava totalmente apaixonada por aquele monge fajuto; por aquele homem intenso, amoroso e ciumento. Suspirando de saudade, ela se mexeu na sela de Lúcifer e lutou para conter as lágrimas que afluíam junto com as lembranças. Uma voz mansa e serena interrompeu o fluxo de seus pensamentos.

- Filha...

Radegund desmontou e inclinou a cabeça diante do abade, reprimindo o desejo de se atirar nos braços do religioso e chorar como uma criança, pois sabia que as regras da Ordem, o protocolo e o bom-senso a impediam. Ao invés disso, parou diante dele. Erguendo orgulhosamente a cabeça, indagou.

- Daria sua hospitalidade a uma alma perdida, Pai?
- Vem em busca de Deus, minha filha?
- Não.

Diante da resposta lacônica e amarga, Albéric suspirou. Endereçou a ela um olhar sereno e repleto de compreensão. Sabia o quanto ela e Luc tinham se amado. Fora ele mesmo quem dera um empurrãozinho para que aquele amor florescesse, ao fazer com que o conde escoltasse e protegesse a jovem convalescente. Era lamentável a morte prematura de um homem tão bom. Olhando-a com atenção, o abade reconheceu todos os sinais de alguém que já não tinha mais nada a perder. Sem esperança e sem fé. Suspirou. Radegund se refugiava ali e teria um longo caminho a percorrer até se reconciliar consigo mesma e, quem sabe, com Deus.

– Temos um alojamento para peregrinos – ele falou, indicando que caminhasse ao seu lado até os estábulos – porém, conhecendo-a como eu a

conheço, creio que vá querer ficar sozinha.

– Eu preferiria.

– A ferraria da abadia está fechada desde que Thomas morreu, – ele sorriu para ela – não é a acomodação mais adequada a uma baronesa, mas creio que lhe dará a quietude necessária para suas reflexões.

– Serve. – Ela fez uma pausa enquanto entregava Lúcifer aos cuidados de um monge. Depois, indagou. – A forja ainda está em condições?

– Sim, – o abade ficou intrigado – por quê?

– Bom. Assim terei com o que me ocupar. Agradeço pela acolhida.

Ela se voltou para pegar o alforje e ir para seu novo alojamento. A voz do abade a deteve.

– Não quer entrar um pouco e conversar?

Ela olhou para os muros de pedra, o riacho ao fundo da construção, o bosque onde Luc a beijou pela primeira vez, a igreja onde tantas vezes o viu se recolher para meditar.

– Não. Não me sinto à vontade na casa Dele.

Silenciosa, seguiu para a pequena construção que, provisoriamente, seria seu lar.

Taverna A Rosa Dourada

Patrus ergueu os olhos para a porta, pressentindo sua presença antes mesmo que entrasse na taverna. Em poucos minutos, a porta se abriu. Estranhava que conseguisse captar sua força de tão longe. Ela parecia se expandir a cada dia. No que se transformara aquela criatura? O que ele realmente libertara ao arrebanhar aquela alma para sua causa?

– Não acredito que ainda não saiba o que despertou, sacerdote!

A voz debochada respondendo à pergunta que não formulara trouxe mais medo ainda para seu coração empedernido.

– Tenho até medo de pensar – respondeu Patrus com sinceridade incomum.

– Tolo. Acreditava que possuía um servo, quando na verdade me serviu por toda sua vida.

Veio-lhe à mente o resgate de seu corpo exangue por um de seus serviçais, um daqueles descartáveis que ele oferecia em honra e sacrifício a Set. Inundou-lhe as narinas novamente o cheiro do breu e da carne queimada, chiando sob o ferro em brasa que cauterizava seu antebraço decepado. Ainda pode ouvir os cânticos rituais que o servo proferira e sentir o gosto do sangue da serpente em sua boca. Então, quando ele conseguira levantar o corpo retorcido do catre e rastejar até seu altar semidestruído, ele praticou o mais negro dos ritos. Invocou a mais vil das hostes, desceu em transe até as mais baixas profundezas. Clamou

pelos répteis rastejantes do submundo para que ainda uma vez, lhe concedessem sua vingança. Usou aquele que o servira e o curara como um canal; por ele Set falara, momentaneamente o habitara... A compreensão assaltou Patrus, mas ele a recusou com teimosia.

– Impossível! Se assim fosse, já não haveria equilíbrio!

Os olhos da criatura faiscaram na sua direção e ele sentiu seu pescoço retorcido sendo apertado à distância, sem que fosse tocado, provando o poder que ajudara a trazer ao mundo. Todavia, não se desesperou. Sabia que aquilo era apenas um teste de sua força e de suas fraquezas. Quando quase sufocava, as mãos invisíveis relaxaram o aperto, e o ar passou de novo por sua garganta. Um prazer mórbido o assaltou, um orgulho diabólico por ter sido o responsável por lhe dar a forma humana.

– Ainda crê que é impossível?

Delacroix

Bodolf e Giles de Tarascon examinaram mais uma vez os arredores da cabana. Dali, indo adiante, era possível avistarem a parte anterior do imponente castelo, com sua ponte levadiça, o fosso ao redor do muro externo, o rio que o alimentava e passava atrás da construção, ao largo do penhasco. A vida em Delacroix seguia uma rotina previsível e, no auge do inverno, poucos saiam de casa. A atividade nos campos era inexistente e os animais se exercitavam perto das casas do vilarejo.

Naqueles dias de observação, ele e Bodolf já haviam memorizado as trocas de guarda, a quantidade de sentinelas avançadas, o número de homens nas ameias e os horários em que os portões se abriam e se fechavam.

– Inocentes como pombinhos... – escarneceu Giles – nunca ninguém irá prever um ataque em pleno inverno. Espero que Cawley volte logo.

– Ele já deve estar a caminho, meu senhor.

– Sim. Quero atacar na véspera de Natal.

– Na véspera?

– Pense bem, Bodolf. Estarão todos vulneráveis. Haverá missa à meia-noite, ninguém espera que um ataque seja realizado nessas condições. Será nossa homenagem a Nosso Senhor em Seu dia. Em Sua honra e em Sua Glória.

Bodolf olhou com certo receio para Giles de Tarascon. O cavaleiro templário era um dos combatentes mais bem preparados da Ordem. E também um dos mais fanáticos, perversos e cruéis. Ibelin forçara sua expulsão da Terra Santa devido aos ataques que ele incitava contra judeus e sarracenos, e até mesmo contra cristãos coptas e maronitas, provocando ainda mais a ira de Saladino. Era da mesma laia que Chântillon, com o agravante de realmente

acreditar que o que fazia era de natureza divina. Ao contrário do inescrupuloso e falecido senhor de Krak, que não passava de um vigarista.

Cawley fora mandado à base mais próxima, de onde traria um contingente de soldados, cavaleiros e provisões. Caso levantassem um cerco, o que era provável, seria fácil estabelecer uma linha de suprimentos entre a fortaleza e Delacroix. Contavam com o fator surpresa e com um trunfo perfeito, uma pessoa dentro do castelo. Alguém que lhes abriria as portas de Delacroix, que permitiria que Tarascon entrasse e dizimasse aqueles amigos do demônio, como eles os chamava, e que colocasse as mãos nos arquivos da Sociedade. Daí para a total eliminação da Hidra, seria um pulo. Era a vontade de Deus.

No interior do castelo, Clarisse observava Lizzie adormecida no colo de Mark. Para surpresa dela, o cavaleiro cantava uma canção de sua terra, exibindo sua voz de barítono, dizendo as estranhas palavras com impressionante doçura para um homem de seu tamanho.

Yallah tnam, Lizzie, yallah tnam. 'ahlam haluat, ya 'amirat saghira

– É uma bela melodia – ela falou baixinho ao lado do marido – o que querem dizer as palavras?

– *Durma, Lizzie, durma. Doces sonhos, pequena princesa.* Gosto de treinar com Lizzie, – ele piscou para a esposa – quando tivermos os nossos, já estarei bem afinado.

– Estamos nos empenhando, não é? – Ela falou, a voz rouca de desejo. Deus! Só de olhar para ele suas pernas amoleciam.

Colocando a garotinha adormecida em seu berço, Mark puxou a esposa para si, prendendo-a com a intensidade de seu olhar.

– Não o bastante.

Antes que pudesse dizer alguma coisa, ele a ergueu nos braços, saiu do quarto de Lizzie e cruzou o corredor com ela, entrando em seus aposentos e fechando a porta atrás de si.

– Mark! Não ia inspecionar as defesas com Ragnar?

– Primeiro derrubarei as suas defesas, dama. As do castelo virão outra hora.

Juntando a ação às palavras, ele a beijou com todo vagar enquanto a deitava gentilmente sobre a grande cama do casal. Seu corpo juntou-se ao dela, afundando o colchão com seu peso.

Suas mãos desataram os laços do corpete enquanto Clarisse passava as mãos por trás de seu pescoço, endereçando-lhe um sorriso cheio de segundas intenções.

– Estratégia ofensiva, senhor?

– A melhor defesa é o ataque, senhora! – Retrucou ele, puxando sua camisa

para baixo, expondo o colo alvo e acetinado a sua apreciação e ao seu toque.

Com a boca, provou sua pele, arrancando um gemido dos lábios de sua mulher.

– Deliciosa. – Ele murmurou um pouco antes de abocanhar um seio, faminto, e sugá-lo demoradamente, fazendo-a arquear o tronco de encontro a ele. Correu as mãos pelas laterais de seu corpo, acabando de puxar suas roupas para baixo, sem deixar de sugá-la e lambê-la.

Clarisse viu-se desnuda em seus braços e reclamou, fingindo-se zangada.

– Não é justo, *sire*. Já estou sem nenhuma linha de defesa, – ela deslizou as pontas dos dedos por dentro da gola de sua túnica – e o senhor se conserva dentro das trincheiras. Terei que fazer o inimigo se revelar.

Dito isso, ela puxou sua túnica pela cabeça, arrancando-a e jogando-a longe. Em seguida, seus lábios exploraram o peito bronzeado e musculoso, arrancando suspiros de seu marido. Deixou-o tão enlevado que acabou invertendo as posições de seus corpos, sentando-se sobre ele.

– Ah, que dama ardilosa!

– Ainda não viu nada, *sire* – ela sorriu e escorregou o corpo para baixo, desfazendo os laços das botas, retirando uma e depois outra, erguendo-as à frente dele como se fossem troféus de guerra. Em seguida, as atirou longe.

Admirou-o com um olhar carregado de sensualidade e paixão, e foi puxando suas calças devagar, libertando seu membro mais que desperto, que saltou ereto assim que se viu livre da prisão de tecido.

Os olhos famintos de Clarisse pareciam queimá-lo ao olhar para aquele lugar e quando ela se movimentou como uma gata naquela direção, ele só conseguiu engolir em seco e dizer, como numa advertência.

– Clair...

Ignorando-o, ela fez exatamente aquilo que ele desconfiou que ela iria fazer. E quando a boca quente e aveludada o envolveu, um som rouco e desconexo escapou de sua garganta. Ele cravou as mãos no colchão e se entregou a sensação maravilhosa de ser sugado e beijado daquela forma tão íntima por sua mulher.

– Arma mortal, golpe fatal, dama – ele conseguiu murmurar.

Ela prosseguiu naquela carícia íntima até que ele praticamente não se aguentasse e começasse a gemer seu nome. Satisfeita por ter rendido seu “inimigo”, ela se colocou sobre ele e sentou sobre seu membro molhado, ofertando-lhe sua intimidade morna, deixando que ele entrasse de uma só vez em seu corpo.

Ele a agarrou e a beijou com ardor, enfiando os dedos entre seus cabelos, sentindo o próprio sabor misturado ao dos lábios de Clarisse. Entre os beijos e os

impulsos do corpo dela sobre o dele, ainda gemeu.

– Vai ter volta, minha senhora. Ganhou uma batalha, mas não a guerra.

Preso aos espasmos de prazer, ela murmurou.

– Mal posso esperar para ver sua revanche, marido!

A reação veio rápida, com ele rolando rapidamente sobre ela, mergulhando profundamente em seu corpo, levando-a à beira do precipício, só para recuar e deixá-la momentaneamente impaciente.

– Mark, por favor...

– Sem perdão, dama.

Ele piscou para ela e usou das mesmas armas, levando a boca ao seu sexo inchado e úmido, circundando com a língua aquele botão tenro, arrancando dela uma série de gemidos extasiados.

Fez de novo e tremores a sacudiram. Suas coxas vibraram e ele as separou, liberando seu acesso àquela gruta quente, onde introduziu um dedo enquanto sua língua a incendiava.

Clarisse estava presa a um êxtase interminável, um orgasmo que parecia contínuo e infundável. Seus gemidos só fizeram estimulá-lo a ir mais além, acariciando-lhe o clitóris com o polegar, além da língua, combinando aqueles estímulos com o dedo que se contorcia em sua carne.

Ergueu a cabeça apenas para agradecer.

– Rende seus exércitos, dama?

– Completamente, *sire* – ofegou ela.

– Ah, – ele se colocou de novo sobre ela e guiou o sexo inchado e volumoso para o seu interior – então, celebremos o armistício!

Os impulsos adquiriram um ritmo constante, feito para gerar o máximo de prazer para ambos. Unindo sua boca a da esposa, ele aumentou o ritmo das investidas, celebrando com ela a paz daquela pequena guerra particular que, de violenta, só tinha a paixão que os consumia.

A rendição de Clarisse foi a dele também. Juntos chegaram ao clímax, ambos vencedores, ambos vencidos. Num gemido prolongado e primitivo, Mark despejou-se dentro dela, enquanto Clarisse o apertava dentro de si.

Exaustos, acabaram se deixando cair sobre a cama.

Clarisse ainda conseguiu se lembrar.

– Amor, as muralhas...

– Por hora, deixe que caiam – ele a puxou para um beijo e a reteve em seus braços – e Ragnar que se vire para defendê-las.

CAPÍTULO XX

“OH! COMO ESSE LUGAR, ONDE ORA PENAM,
É DIVERSO DO CÉU DONDE CAIRAM”
Paraíso Perdido, Canto 1. John Milton.

Abadia Ste. Radegund

Choque.

Foi essa a primeira emoção que tomou o coração de Gilchrist O’Mulryan ao colocar os pés diante da abadia naquela manhã, depois de viajar praticamente sem parar, e encontrar Radegund. Choque maior ainda foi ouvir de seus próprios lábios a notícia da morte de seu marido. Recordou-se imediatamente do sonho que teve, em que a viu chamando por ele, pedindo socorro. E ao contrário de se sentir morbidamente satisfeito por sua viuvez, ele ficou absurdamente triste, pois sabia o quanto ela era apaixonada por Luc. Solidário, ofereceu-lhe um abraço e ela se deixou ficar ali, chorando um choro baixo e sentido, lembrando a Gilchrist o lamento de *Maoveen* que o vento de sua terra trazia.

– Nem posso expressar o quanto sinto por vocês, Radegund. – Ele falou quando ela se acalmou. – Tive pouco contato com Luc, mas notei que ele era um homem íntegro. E que vocês se amavam muito. Só não entendi o que você faz aqui.

– É uma longa história – ela franziu o cenho – aliás, o que aconteceu exatamente para que desaparecesse daquele jeito?

Ele sorriu, desanuviando o semblante sempre sério.

– Também é uma longa história.

– Bem, sendo assim, por que não se acomoda e vem me encontrar na oficina? Podemos contar nossas longas histórias um para o outro, enquanto eu trabalho.

– Trabalho?

Foi a vez de ela esboçar um curto sorriso.

– Outra longa história, Gil. Vá, nos vemos mais tarde.

Duas horas depois, um impressionado Gilchrist observava os músculos firmes e bem definidos do braço dela enquanto ela golpeava furiosa e repetidamente o metal incandescente. Radegund prendera os cabelos numa espécie de nó e alguns fios teimosos escapavam e grudavam no rosto e no pescoço suados. Terminando de malhar a peça, ela a mergulhou na água e depois a ergueu diante de si, fechando um olho e procurando algum ponto de empeno.

– Impressionante! Sabia que lidava com a forja, mas não imaginei que tivesse tanta habilidade! – Exclamou ele, lhe passando um pano com o qual ela secou o suor do rosto.

– Quando garota eu fui acolhida por um ferreiro. Foi a partir daí que comecei a me fazer passar por um rapazinho. E ele me tomou como aprendiz. Em Toledo, enquanto esperava para ir para a Terra Santa, acabei me aperfeiçoando com um mestre-armeiro. A espada que fiz para Luc, – ela olhou significativamente para ele – e que a irmã de Sven fez o favor de *pegar emprestada*, foi forjada com a têmpera andaluza.

O irlandês sorriu.

– Ulla me explicou que a espada possui magia, por causa daquela pedra que engastou no punho, e por sua causa também. – Ela franziu o cenho. – E não adianta me perguntar o porquê. Essa parte ela não me explicou.

Raden puxou um caixote e se sentou de frente para ele.

– Disse que ela veio buscá-lo e à espada, e que a arma pode matar o Mal que nos persegue. Mas que Mal é esse? Quem é esta pessoa que nos quer a todos mortos?

– Gjurd, o velho sacerdote, disse que não é exatamente uma pessoa. Ele se refere a ele, ou ela, como a Coisa, ou o Mal. Só sei que a espada foi consagrada num ritual ancestral, num lugar que Ulla disse ser uma das bocas do mundo. E disse também que essa Coisa, esse Mal, vai atacar de novo, e que está dentro de Delacroix.

Raden engoliu em seco, uma suspeita se formando em sua mente. Seria possível que a morte de Luc não tivesse sido acidental? Desde o início achara estranho tê-lo encontrado pendurado ali juntamente com Lizzie. Será que tudo não passara de um ardil, de uma horrível armadilha? E Lizzie, sua filhinha, pendurada naquele lugar...

Aquela cena ficava se repetindo vezes sem conta em sua mente, torturando-a. Se ao menos tivesse conseguido segurá-lo, se ao menos tivesse uma corda, se tivesse mais tempo... Oh, Deus, que falta sentia de Luc! Que dor! E que saudade de sua filha!

Chegou a sentir o cheiro doce e delicado e Elizabeth ao pensar nela. Fechou os olhos por um instante e pôde visualizar seus cachinhos vermelhos, sua boca rosada, as bochechinhas gorduchas que Luc tanto gostava. Deus, como amar doía!

– Radegund.

A voz de Gilchrist a fez despertar de suas lembranças.

– Desculpe, Gil. Eu estava pensando em minha filha. E em Luc...

Ele estudou seu rosto sombrio por alguns instantes.

– Faltam apenas cinco dias para o Natal. Não vai voltar para sua casa? – Ela se levantou, dando as costas para ele, evitando deliberadamente o assunto. Foi pegar a lâmina da foice que consertara. Colocou-a num cabo de madeira e

começou a martelar uma cunha para segurá-la no lugar. O irlandês insistiu. – Por que não passa o Natal com sua gente, com Lizzie, se sente tanta falta dela?

Sem se voltar, e parecendo martelar cada vez mais forte a madeira, ela respondeu.

– Não posso, Gil. Neste Natal... – ela atirou o martelo longe, com raiva, e se virou para ele, concluindo com voz sumida – neste Natal eu e Luc completaríamos um ano de casamento.

– Eu... sinto muito. – Ele ficou constrangido. – Eu não sabia. Se soubesse não teria insistido...

– Esqueça – ela o interrompeu.

Alguém chamou à porta da oficina e, ainda segurando a foice adaptada ao novo cabo, ela foi atender. Encontrou o mesmo noviço assustado que a recebeu quando chegou. Ao vê-la com a foice na mão, ele não se conteve e persignou-se.

– Jesus! – O rapazinho gaguejou. – O abade pede que o *chevalier* O'Mulryan vá ter com ele.

Disposta a provocar o noviço, ela lhe endereçou seu sorriso mais diabólico e falou, a voz mais rouca que o normal e a sobrancelha erguida.

– Ele irá num segundo.

Sem responder, o moço assentiu e saiu correndo, segurando o hábito para não tropeçar.

– Como diz Bakkar, você é uma peste Radegund. – Caçou Gilchrist.

Ela se voltou parcialmente para ele.

– Tento manter meu senso de humor.

– O que o abade pode querer comigo?

– Na certa pedir a você para me convencer a voltar para casa. – Ela guardou a foice num canto. – O abade também quer me reconciliar com o Velho Rabugento. – O irlandês franziu o cenho. Ela explicou, apontando um dedo para cima. – Ele.

Delacroix

No alto das ameias açoitadas pelo vento cortante e pela chuva fina de inverno, um homem e um menino caminhavam e conversavam, atentos para verem se eram ouvidos ou observados. Já era noite e a maior parte das pessoas já se recolhera em seus aposentos, fugindo do frio em frente ao fogo das lareiras.

– Tem feito como falei? – Indagou o homem.

– Sim. Continuo observando.

– O que pôde perceber até agora?

– Pouca coisa, – o garoto deu de ombros – parece tudo normal.

– Continue com nosso plano.

– Tem certeza? – O menino olhou para o homem de forma interrogativa.
– Sim. Continue agindo naturalmente. Em breve chegaremos onde eu quero.

O garoto deu de ombros.

– Está certo.

– Agora vá dormir. Senão acabará levantando suspeitas.

Andando com passos lépidos, a pequena figura envolta num grosso agasalho sumiu pelas escadas.

Clarisse, enrolada nas cobertas, aproveitava a luz de uma vela para costurar uma das camisas de Lothair. Seu filho estava crescendo tão rápido! Ele e Gaetain... Ah, Gaetain! Esse era uma fonte constante de preocupação. Desde a história da faca, ela se esforçava para agir naturalmente e não tocar no assunto. Mark lhe dissera que havia conversado com o garoto e que havia uma razão plausível para que a faca tivesse aparecido naquele local tão suspeito. Seu marido também lhe pedira para esquecer o incidente, e que ele mesmo já estava investigando, junto com Gwydyon, as circunstâncias da morte de Luc.

Parou a agulha no ar e seu olhar vagou perdido pelo aposento. Era tão triste pensar que seu cunhado, que ela conhecera ainda na juventude, estivesse morto! Luc fora um amigo, seu apoio e sua defesa contra os desmandos de Guillaume. Fora também seu amparo quando se vira viúva e sozinha com dois filhos para educar. Fora ele quem intercedera junto ao rei para que ela não fosse obrigada a se casar de novo por razões políticas. O que seria de sua prima e de Lizzie, agora que Luc se fora? Principalmente, o que seria de Lizzie, já que Radegund estava passando por um período de tamanha tristeza que mal tinha condições de olhar por si mesma, quanto mais pela filha! Suspirando, Clarisse guardou as costuras num cesto e franziu o cenho.

Onde estaria seu marido àquela hora? Mark já deveria ter aparecido. Como se fosse invocado por seus pensamentos, ele entrou no quarto, os cabelos desalinhados e úmidos e o manto nas mãos.

– Querido, onde esteve até agora? – Ela perguntou, saindo da cama para lhe dar um beijo.

Ele a abraçou, as mãos um pouco geladas, e a beijou.

– Fui até a casa da guarda verificar as sentinelas. Não podemos relaxar.

– Tem razão – ela pegou o manto de suas mãos e estranhou. Havia uma passagem coberta até a casa da guarda. – está úmido. Onde se molhou?

Ele andou até ela e retirou o manto de suas mãos.

– Está? Nem percebi. – Jogando a peça no chão, ele a enlaçou. – E o que me importa isso agora? A única coisa molhada que me interessa está aqui, bem

na minha frente.

Sem maiores explicações, ele a beijou, calando-a com seu ardor. Clarisse, entretanto, se perguntou que razões seu marido teria para mentir para ela.

Sua presença havia sido pressentida.

Porém, não era nada com o que se dignasse a se preocupar. Breve haveria uma grande distração no castelo Delacroix. Talvez até entregasse o que Tarascon queria, os tais papéis. Gozando da intimidade da casa, era muito fácil conseguir acesso ao local onde estariam guardados.

Poderia também providenciar para que o feiticeiro obtivesse sua vingança, apesar de agora que descobrira todo seu poder, achar aquilo uma tremenda tolice. Tinha um acordo com ele, era certo. Patrus, porém já deveria estar ciente de que não era lá muito sábio confiar em uma serpente.

O que mais lhe interessava ali dentro, contudo, era a criança. Ali existia um potencial, uma força herdada pelo sangue, algo que não deveria ser desprezado. Ter aquela criança consigo, arrastá-la para seu mundo de lama, sombras e podridão, vê-la desenvolver aquela força e canalizá-la para o mal seria sua vitória suprema. Além de um passatempo estimulante.

Quando chegasse a hora, sairia do castelo levando a criança consigo. Como ela já se acostumara a sua presença, não enfrentaria nenhuma resistência. Em meio ao cerco que certamente os templários levantariam, encontrar uma brecha para escapar seria fácil. E mesmo que não fosse, poderia esperar. Tempo era o que não lhe faltava. Apesar daquela criança ser especial, tinha toda a eternidade a seu favor. Se não pudesse ter aquela, teria outra. E se assim fosse, antes de ir embora, apenas para se divertir, a mataria. Afinal, não havia prazer maior do que o de conceder a dor.

Ragnar observou os arredores de Delacroix do alto da muralha externa, seu manto se agitando atrás de sua imensa silhueta, fazendo-o parecer um grande pássaro cinzento pousado sobre as pedras. Faltava apenas um dia para o Natal e o frio era intenso. Os guardas se encolhiam em seus postos e se aqueciam com canecas de cidra quente que as criadas levavam junto com a refeição do meio-dia. Esquadrinhando os limites da floresta, Ragnar notou uma fumaça clara, tênue, quase imperceptível, se erguendo do meio da mata. E como se para confirmar suas suspeitas, um bando de pássaros voou repentinamente do meio das árvores, como se algo tivesse perturbado seu sossego.

As mãos de Ragnar se crisparam sobre a pedra. Um arrepio percorreu sua espinha, eriçando os cabelos de sua nuca. Berrou uma ordem a um dos escudeiros lá embaixo, no pátio.

– Ponha toda a guarda em alerta e mande o povo se recolher para dentro das muralhas! – Em seguida voltou-se para o soldado na guarita mais próxima. – Deixem todos a postos. Quero arqueiros ao longo de toda a ameia!

– Senhor? – O rapaz o fitou de forma interrogativa. O enorme norueguês estava como doido. Num momento olhava a floresta e os campos vazios, no outro saía gritando como se as bestas do inferno estivessem às portas do castelo.

– Faça o que eu disse, homem. Vou atrás de Bakkar! Depressa! Não temos muito tempo!

Acostumado a obedecer aos comandos de seus superiores, o soldado correu para cumprir as determinações do cavaleiro, enquanto o mesmo descia como um louco as escadas berrando pelo mestiço. Atraído pela confusão que Ragnar causara, Mark correu para o salão ao mesmo tempo em que Ragnar saltava os cinco últimos degraus.

– Eles estão aqui, Bakkar! Já ordenei o estado de alerta.

A longa convivência entre os dois dispensou perguntas triviais. Tudo o que Mark quis saber foi...

– Onde?

– Meia milha, uma talvez; na floresta. Não sei o tamanho do contingente, mas pela falta de descrição com que se aproximam, só pode ser grande. Como as sentinelas não deram nenhum alarme, só posso imaginar que tenham sido todos mortos.

Clarisse, que estava com Lizzie e Leila no solário, correu para o salão.

– O que está havendo? – Indagou com a menininha no colo.

Mark se aproximou dela e colocou as mãos em seus ombros.

– Estamos na iminência de um ataque, – ela arregalou os olhos, mas se controlou; não seria nada útil se apavorar – Ragnar notou a movimentação na floresta. O povo será trazido para dentro das muralhas. Preciso de você, meu amor. Terá que organizar tudo caso haja um cerco.

– Um cerco? – Indagou Leila, abraçando o marido. – No auge do inverno? Ninguém seria tão louco a esse ponto!

– Tarascon seria. – Respondeu Ragnar, olhando-a preocupado. – Agora mais do que nunca, lembre-se de meu conselho. – Ele se voltou para Mark. – É melhor nos prepararmos. Só gostaria que a ruiva estivesse aqui.

– Eu também, Sven. Eu também.

Terrwyn logo notou, pela movimentação frenética no castelo, que havia algo de muito grave acontecendo. Saiu em disparada pelos corredores e topou com Michael.

– Ei, menina! Tenha calma! – Disse ele amparando-a pelos ombros.

Terrwyn olhou para o simpático cavaleiro ruivo.

– O que está acontecendo, senhor? Onde está meu irmão? Por que estão todos vindo para dentro das muralhas?

– Acalme-se, senhorita, – Michael lhe ofereceu o braço e foi caminhando com ela pelo corredor, enquanto explicava – Svenson descobriu uma movimentação na floresta e teme que sejamos atacados.

– Ele teme ou tem certeza?

Ele riu. A mocinha era bem perspicaz.

– Ele tem certeza. Satisfeita?

– E onde está Mark?

– No arsenal, organizando os armamentos com a tropa. – Olhou para a jovem ao seu lado e teve uma ideia. – Gostaria de ajudar, senhorita Terrwyn?

– Como? – Os olhos castanhos se iluminaram. – Lutando?

Contrariada, ela notou que Michel se conteve para não gargalhar.

– Não! Por Deus! Seu irmão me mataria! Mas pode fazer algo importante. Recrute as crianças maiores e leve-as até o solário.

Franzindo o cenho ela indagou.

– Para quê?

– Para preparar flechas, cortar ataduras, carregar água e ajudar as mulheres com os feridos. Pode fazer isso?

Ela sorriu, os olhos castanhos se iluminando.

– É para já!

Mark observava o povo de Delacroix passar apressado pelos portões do castelo. Levavam todo o alimento que pudessem carregar e também os animais. Vacas, bezerros, cabras, galinhas e porcos. Toda lenha disponível nas casas foi carregada, até mesmo parte dos móveis. E arados, foices, pás e toda sorte de ferramentas foi recolhida também. Nada que pudesse servir de alimento ou infraestrutura para um cerco poderia ser deixado para trás. Súbito, avistou as tropas saindo da linha das árvores.

Um grupo de dez cavaleiros portando as insígnias da Ordem do Templo, mais uns cinco mercenários. Uma infantaria de cerca de sessenta homens, trinta arqueiros e mais escudeiros, pajens, servos e duas catapultas.

– Que filho da puta!

Tarascon devia ser mesmo um louco para atacar no meio do inverno, com os campos vazios e o frio cortante para minar a resistência da tropa. A lista e os arquivos valiam realmente todas aquelas vidas? Olhando para as últimas pessoas que entravam na segurança dos muros, Mark endereçou uma prece a Luc, pedindo ao amigo que o ajudasse a ser digno de defender sua casa, sua gente e

sua filha.

Leila e Clarisse sorriram, apesar da tensão, quando Lothair, Jean e Gaetain se sentaram ao lado delas para ajudar a preparar as flechas. Todo o salão de Delacroix se encontrava em atividade frenética. Várias das mulheres que chegaram do vilarejo foram recrutadas para auxiliar. Trudy e Terrwyn ajudavam-nas a se organizarem, bem como às crianças, delegando tarefas. Trudy se encarregou das crianças pequenas, chamado para ajudá-la duas meninas mais velhas. Levou-as para o solário e pôs-se a distraí-las com histórias e músicas. Estava tão entretida que só algum tempo depois notou que era observada. Da porta, o mal-encarado Nestor a olhava com cobiça.

– Deseja alguma coisa, mestre?

Ele endereçou-lhe um olhar lascivo.

– Quer saber mesmo o que eu desejo, ama?

Ela fechou a cara.

– Os homens foram recrutados para ajudar nas muralhas. – Ela ajudou uma garotinha que havia caído a se sentar. – Por que o senhor não vai para lá?

Ele se aproximou dela mancando e apontou a perna.

– Com essa perna ruim não sou muito útil. – E para espanto de Trudy, ele se sentou no chão e se ofereceu. – Quer que eu conte uma história para as crianças?

– O senhor?

– Posso ser feio, ama, mas minhas histórias são boas. E gosto de crianças, apesar de eu preferir a companhia da jovem que cuida delas.

Afastando-se um pouco dele, Trudy assentiu a contragosto.

– Faça como quiser, mestre. Mas não se atreva a tomar liberdades comigo.

Nestor apenas sorriu.

Gwydyon correu até onde Mark estava.

– *Messire!* Os portões já estão trancados e reforçados e todos os homens estão a postos. Quais são suas ordens?

– Vamos aguardar, Gwydyon. Se for mesmo Tarascon, e Michael tem certeza de que é o crápula o responsável por esta confusão, em breve ele virá nos apresentar seus termos. Enquanto isso, deixe tudo pronto. Todos equipados, bem armados e com provisões individuais. Quero os homens em turnos de duas horas. Rondas em todas as muralhas, arqueiros a cada dez passos e homens experientes e de confiança nos portões e nas saídas laterais. Escolha quatro soldados de sua mais absoluta confiança, de preferência que tenham família aqui dentro. Coloque-os guardando o poço principal. Não quero nenhuma brecha, Gwydyon, nada que possa comprometer a segurança do castelo ou de nossa gente. – Mark

olhou nos olhos do capitão. – Sei que foi leal a Luc por muitos anos e, em nome dele, peço sua lealdade também. Conto com sua ajuda e sua experiência. Conhece Delacroix muito melhor do que eu. Tem total liberdade para remanejar os homens para os pontos em que achar mais necessário.

– Não se preocupe, senhor. Tem minha lealdade e minha amizade. Farei o melhor. Delacroix é minha casa desde que me entendo por gente. Mas já lhe adianto que não será fácil defender o castelo de um cerco prolongado. Nosso contingente atual é a metade do deles, muitos de nossos homens partiram com a Hoste e não retornaram. Se ao menos pudéssemos contar com as forças de D’Azûr...

– Infelizmente não houve tempo para acionarmos as tropas de lá. – Mark socou a parede. – Inferno! Quem poderia imaginar que Tarascon estaria tão sedento assim, tão desesperado por esses arquivos, a ponto de atacar na véspera de Natal?

Desolado, o capitão balançou a cabeça.

– Ninguém, senhor.

No fim da tarde, após dispor suas tropas diante de Delacroix, numa atitude francamente ofensiva e exibicionista, o próprio Giles de Tarascon em pessoa, escoltado por Bodolf e Cawley, galopou até a frente dos portões do castelo.

– Sou Giles de Tarascon, cavaleiro da Ordem do Templo e exijo falar com o senhor de Delacroix – berrou ele ao soldado no alto da muralha.

Mark, que já estava a postos, ao lado de Ragnar e Michael, adiantou-se.

– Sou o *chevalier* Mark al-Bakkar, o atual comandante e guardião de Delacroix. O que deseja, Tarascon?

Lá de baixo, o cavaleiro zombou.

– Ora, vejam só. O mestiço agora é o todo poderoso de Delacroix? – O cavalo de Giles bateu os cascos impaciente e ele o controlou, ainda falando. – Bem que se comentava em Tiro que você e a vagabunda ruiva, que virou mulher dele, tinham um caso. Eliminaram o conde para ficar com tudo, Bakkar?

Lutando para controlar o ódio que lhe subia à cabeça diante daquela insinuação tão sórdida, Mark retrucou.

– Diga logo a que veio, Tarascon. Na certa não deslocou seus homens até aqui em pleno inverno apenas para se certificar de conversas de alcoviteiros.

– Sabe muito bem o que quero aqui, – ele apontou Michael – esse rato já lhe trouxe as notícias e os pacotes. Seja gentil e me dê as listas e os arquivos.

– Não sei se é estúpido ou confiante demais, *messire*. – Respondeu Mark, apoiado no alto da muralha. – O que o leva a crer que eu entregaria a você toda a Sociedade?

– O fato de eu estar em maior número?
– Não pode manter um cerco prolongado no auge do inverno.
– E você não pode manter a defesa do castelo durante muito tempo.
– Desista, Tarascon. Dê as costas e suma daqui. Ou eu o farei correr ganindo com o rabo entre as pernas, como o verdadeiro cão sarnento e traidor que você é!

Praguejando, Giles retrucou, revelando todo seu ódio e fanatismo.

– Veremos quem chutará quem, maldito infiel! Quando a vontade de Deus se fizer por minhas mãos, não terei piedade. Você será o primeiro a ser pendurado pelo pescoço no alto dessas muralhas como castigo por colaborar com esta Sociedade do Demônio! Eu vencerei, – ele bradou com o braço erguido – é a vontade de Deus!

Como ecos, seus dois homens repetiram a mesma frase e os três partiram a galope para o acampamento de suas tropas.

Na muralha, Mark fechou os olhos e inalou o ar profundamente. A responsabilidade de centenas de vidas estava em suas mãos. Olhou para Ragnar e Michael e deu as ordens.

– Todos a postos. Mantenham mulheres e crianças dentro do castelo, longe das janelas. Com certeza ele vai iniciar o ataque com as catapultas e os arqueiros. Quero todos em segurança.

– Acha que temos condições de resistir sem os reforços de D’Azûr? – Indagou Ragnar, sombrio.

– Temos que resistir, Sven. Tarascon está disposto a tudo. – Mark olhou para a linha de tendas lá adiante, nos campos pisoteados. – Se ele entrar em Delacroix, só Deus sabe o destino que nossas mulheres, nossos filhos e nosso povo terão.

– Radegund e Gilchrist seriam um bom reforço aqui – comentou Michael, pesaroso.

Mark apertou o punho da cimitarra e acenou em concordância. Aquela seria a primeira vez em muitos anos que lutaria sem a ruiva às suas costas. Só esperava que aquilo não fosse um mau presságio.

Abadia Ste. Radegund

Radegund sentiu o peito se apertar de angústia. Uma vontade imperiosa de voltar a Delacroix instalou-se em seu coração, mas, apesar da saudade, tratou de sufocá-la. Era véspera de Natal. Véspera de seu aniversário de casamento. Não pisaria em sua casa, não nessa época. *Esqueça!*

Espantando os pensamentos, ela desceu o malho novamente sobre a peça que havia forjado. Usou a tenaz para mergulhá-la na água, fazendo o metal

incandescente chiar e gemer em protesto. Ergueu a lâmina e examinou-a com atenção. Sorriu para si mesma. *Perfeita, Radegund.*

A nova lâmina para o arado da abadia estava pronta. O abade Albéric ficaria feliz. Desde a morte de Thomas, o serviço fora se acumulando ali, sem ninguém para dar conta dele. Para ela era um alívio, já que o trabalho a fazia praticamente dormir e acordar na forja. Ali não precisava pensar, nem sentir, nem se lembrar. Seus dias se resumiam ao retinir de metal contra metal, regados a suor e limalha. E suas noites eram puro esgotamento físico e esquecimento. Com um suspiro cansado, deixou as ferramentas de lado e fechou um pouco a coifa da forja, reduzindo seu calor. O dia chegava ao fim e não havia porque manter a fornalha tão quente. Bastavam as brasas.

Retirou as luvas, secou o suor da testa com o antebraço e olhou para o próprio corpo. O grosso avental de couro a protegia do metal aquecido, mas a fazia transpirar absurdamente. A frente da camisa estava empapada, assim como as calças. Precisava se limpar. Ou melhor, precisava de um banho de verdade.

E embora tivesse que pegar água do riacho, aquecê-la e encher a tina que ficava na cozinha para poder se banhar, a perspectiva de ficar cheirando a camelo não a agradava. Sem remédio, fechou a porta da oficina e foi buscar a água. Em três viagens, encheu o caldeirão. Colocou-o sobre o fogo e buscou mais alguns baldes de água fria, despejando-os na tina. Despiu o avental, descalçou as botas, retirou as calças e as meias e ficou só de camisa. Quando a água estava aquecida, completou a tina e acabou de se despir, mergulhando na água tépida, onde pusera também algumas ervas.

– Ah! Que delícia!

O banho estava tão relaxante, e ela tão exausta, que acabou cochilando ali. As pernas apoiadas na borda da tina, os cabelos vermelhos e úmidos descendo como um manto atrás de sua cabeça. E foi essa imagem sensual que recebeu o desavisado cavaleiro Gilchrist.

O sonho de sua vida estava materializado naquela tina. Com a respiração pesada, o Dragão percorreu com os olhos o corpo mal submerso de Radegund, detendo-se nos seios arredondados e volumosos, cujos bicos rosados estavam enrijecidos pelo contato do ar frio com a pele úmida. Ela continuava bonita, apesar de tudo o que passara. Até as cicatrizes, em lugar de macular sua beleza, só a tornavam mais majestosa, com um quê de agressiva. Aquela mulher era uma joia única, rara e preciosa.

Sentindo o corpo responder prontamente àquela visão, ele apertou os maxilares, retrocedeu, fechando a porta. Depois de respirar fundo várias vezes para poder se acalmar, bateu os nós dos dedos sobre a madeira, chamando-a pelo

nome, tentando acordá-la. Poupano a ambos do embaraço.

– Gil? – Ele respondeu do outro lado e ela, sobressaltada, se levantou depressa, puxando uma toalha – Já vou, um momento!

Amaldiçoando-se por ter dormido e deixado a porta destrancada, ela rapidamente se enxugou e enfiou uma camisa e uma calça limpas. Só então o chamou.

– Entre.

Ele passou pela porta, fechando-a atrás de si. Ainda perturbado, disfarçou e sorriu.

– Olá. Vim ver como está.

Ela se sentou na cama, no canto do cômodo que também fazia às vezes de cozinha, e começou a secar os cabelos.

– Estou bem. Foi à missa?

– Não. Não gosto muito de igrejas. E você?

– Ainda não resolvi meu assunto com Ele. – Disse ela com o polegar apontado para cima. Em seguida reclamou. – Juro que ainda corto este cabelo! Que trabalho me dá para secar...

A oferta saiu sem que ele se desse conta do que dizia.

– Posso?

Ela parou um instante, como se hesitasse. Mas deu de ombros e lhe entregou a toalha. Gilchrist se sentou atrás dela, mantendo a maior distância possível, e começou a secar os fios emaranhados. Ao mesmo tempo em que friccionava o tecido nos cabelos sedosos, amaldiçoava-se por ter feito aquela oferta. Onde estava com a cabeça? Tocar Radegund daquela forma e não poder tê-la era um suplício!

Bem, teoricamente, nada os impedia, sussurrou uma vozinha sedutora dentro dele. Ela era viúva; ele não era casado, nem tampouco comprometido.

Ética. Sensibilidade. Lealdade. Moral. Por que aqueles nobres conceitos estavam tão arraigados em sua alma? Por que ele não podia atirar tudo às favas e simplesmente começar a tocá-la com suavidade, sentindo sua pele macia e cheirando a ervas frescas de encontro às suas mãos? De algum recanto de sua mente, emergiu a imagem de Ulla Svensdatter e seus cabelos platinados.

A presença de Radegund, porém, bem ali, sob o toque de suas mãos era muito mais poderosa, mais cativante, mais devastadora para um homem que amou em silêncio por tanto tempo.

Pare, Gilchrist!

Radegund suspirou enquanto o irlandês secava seus cabelos. Fechou os olhos e deixou o pensamento vagar no labirinto de suas lembranças. Quantas

vezes Luc fizera aquilo para ela? Seu marido adorava seus cabelos, amava secá-los, trançá-los e penteá-los. De olhos fechados, ela poderia até fingir que era Luc quem estava ali, enxugando-os de maneira delicada, fazendo-a relaxar para depois...

Não faça isso, Radegund. Gilchrist não merece.

Gilchrist observou-a fechar os olhos e inclinar a cabeça um pouco para trás. Por detrás de seus ombros, entreviu os seios aparecendo pela abertura mal fechada da camisa, que fora vestida às pressas. Seu corpo parecia mais quente do que a forja onde ela trabalhava, e ele lutava para terminar a tarefa que se impusera. Não percebeu quando exatamente suas mãos deixaram de apenas secar os fios, para começarem a acariciá-los. Nem sentiu que com aqueles movimentos, ia puxando-a devagar, até que ela se recostasse em seu peito. A toalha caiu no chão.

Radegund sentiu o calor de outro ser humano junto a si e suspirou novamente. Deus, era apenas uma mulher, e estava tão carente, tão sozinha, tão perdida! Precisava tanto de um gesto de consolo. Precisava ser cuidada, confortada e acalentada.

Deixou que Gilchrist brincasse com seus cabelos, os dedos longos deslizando entre os fios, desembaraçando-os. Suspirou quando eles tocaram o couro cabeludo, fazendo a pele se arrepiar.

– Radegund, – a voz grave soou tão perto de seu ouvido que ela pode sentir seu hálito morno junto ao pescoço – sabe que eu a quero. Sempre quis. Se não for levar isso adiante, mande-me embora já.

– Não posso usá-lo, Gil. E ao mesmo tempo eu...

– Eu entendo. – Ele a fez se voltar, seu olhar atormentado, dividido entre a carência e a razão. – Eu lhe ofereço conforto, e só lhe peço esta noite.

Tão só...

– Eu aceito.

Os olhos diferentes a fitaram um segundo antes da boca exigente apoderar-se de seus lábios. Abriu-os no mesmo instante, aceitando a língua que a explorava com avidez. As mãos longas e calejadas meteram-se sob sua camisa, desnudando-a, tocando os seios com gentileza. Um gemido escapou de sua boca quando a língua dele deslizou sobre um mamilo. Agarrou-se aos cabelos escuros e depois começou a despi-lo. Em poucos minutos, os dois rolavam sobre a cama, numa exploração lenta de seus corpos. Segurando seu rosto entre as mãos, ele a beijou devagar, colando seu corpo ao dela. Raden sentiu seu calor e a virilidade que pulsava de encontro ao ventre. Tudo o que queria era sentir-se viva de novo,

sentir-se inteira, sentir-se humana. Mesmo que por alguns minutos...

Espalmou as mãos sobre o peito coberto por alguns pelos escuros e abriu mais a boca, movimentando a língua de encontro à dele. Deixou que ele afastasse suas pernas com os joelhos, roçando-se nela intimamente. Uma das mãos dele desceu até o centro de sua feminilidade, tocando-a, estimulando-a, preparando-a para o que viria. Gilchrist sentiu-a estremecer e circundou o botão túrgido com a ponta do dedo, dando-lhe prazer, fazendo-a sentir uma umidade morna encher seu sexo. Os beijos se tornaram mais intensos, os gemidos dos dois mais profundos. Ele usou a mão que a tocara para guiar-se para dentro dela. Uma breve contração de seu corpo e ele parou, fitando-a de forma interrogativa. Ela suplicou.

– Não pare.

Sem precisar de outro convite, ele uniu seu corpo ao dela. Raden sentiu o volume e o peso sobre si. Acomodou-o mais profundamente e ele deu um gemido rouco. Gilchrist beijou-a com ardor redobrado e prosseguiu investindo e retirando-se dela, agarrando-a com força. Usou uma das mãos para acariciar os seios e a boca para sugar-lhe os mamilos. Sentiu-a apertá-lo dentro si ao chegar ao clímax e deixou-se levar por aquele prazer fugaz. Fechou os olhos e permitiu-se esvair na mulher que povoara seus sonhos desde a Terra Santa, anos atrás. Estranhamente, ao chegar ao orgasmo, por trás dos olhos fechados, ao invés de mechas vermelhas, ele via um par de olhos da cor de safiras.

Em seu catre no Freyja, naquele exato instante, sem saber e sabendo o porquê, Ulla Svensdatter chorou.

CAPÍTULO XXI

“O MOCHO CUJOS OLHOS NOTURNOS SÃO CEGOS PARA A CLARIDADE,
NÃO PODE DESVENDAR O MISTÉRIO DA LUZ.”

O Profeta. Gibran Khalil Gibran

Delacroix

Clarisse observou seu marido passar pelas portas do solário. Vestido e paramentado para a guerra, ele parecia maior e mais ameaçador ainda. Para ela, todavia, continuava sendo o mesmo Mark de sempre. Um homem amoroso, devotado, competente e responsável. E agora, extremamente preocupado. Assim que ele se aproximou, ela se ergueu da cadeira, deixando de lado as ataduras que cortava e dobrava.

– Meu amor, – ela estendeu a mão para sua face arranhada e suja de fuligem. Parte dos cabelos negros estava enfiada por dentro do capuz de malha de metal e os olhos castanhos estavam rodeados de círculos escuros – já se alimentou?

Dando-lhe um sorriso cansado, ele a abraçou com cuidado para não a machucar com a cota de malha.

– Vim fazer isso, Clair. Só não posso me demorar. Sven ficou no meu lugar, mas preciso voltar para a muralha.

Ela o pegou pela mão e o fez se sentar numa cadeira. Serviu-o de pão, carne e cidra. Depois sentou-se à frente dele e indagou, enquanto ele comia.

– Como estão as coisas?

– Quentes. – Ele respondeu antes de dar mais uma mordida no pão.

– Daqui de dentro só ouvimos os estrondos. As crianças estão apavoradas. – Depois de um silêncio prolongado, ela perguntou em voz baixa. – Temos chances contra eles?

Ele pegou a mão delicada entre as suas, grandes e calejadas. Acariciou-a com o polegar enquanto a fitava com os intensos olhos castanhos.

– Preciso crer que temos, Clair. Só vou pedir que comece a racionar os víveres e a água. Nada de exageros. E também controle a lenha para o aquecimento. Durante o dia, faça com que permaneçam todos no salão e na cozinha. Assim, só acenderemos as outras lareiras à noite.

– Você está prevendo um cerco demorado, não é?

– Sim, – o rosto dele endureceu – Tarascon, aquele porco, é um fanático! Não vai sossegar enquanto não obtiver o que quer.

Clarisse engoliu em seco ao ler as entrelinhas daquelas palavras. Estavam presos numa gigantesca ratoeira. Não tinham como enviar um mensageiro a D’Azûr nem à Abadia, onde poderiam solicitar tropas ao duque da Normandia.

Com o prolongamento do cerco e os ataques, logo estariam sem água, sem comida e sem madeira para se aquecerem. Isso sem falar nos feridos e mortos. E também nas doenças que aquele confinamento poderia causar. Lendo tudo aquilo nos olhos da esposa, Mark a puxou para si, fazendo-a se sentar sobre seus joelhos. Abraçou-a e a acalentou, dando um beijo suave em seus lábios.

– Não sofra por antecipação. Encontraremos uma saída, eu juro. Aquele porco jamais porá as mãos em você ou em nossas crianças. Eu lhe dou minha palavra, minha senhora.

– Dê-me sua palavra de que tomará cuidado. Não suportaria que algo lhe acontecesse!

– Prometo, querida. Não a deixarei só.

Um beijo selou seu juramento.

Terrwyn chegou ao solário e encontrou Clarisse encarapitada no colo de seu irmão. Ora, vá lá! Era a mulher dele, por certo. Mas não havia nada que pudesse fazer para controlar o ciúme que sentia de Mark. Talvez porque ele tivesse caído do céu em sua vida, como um presente de Deus, ela encontrasse tanta dificuldade em dividi-lo com alguém.

Tudo bem, gostava de Clarisse. Ela era boa, gentil e carinhosa. Estava sempre se preocupando com seu bem-estar. E junto com Leila trabalhava incansavelmente desde que Ragnar dera o alarme, organizando, conferindo as despensas, alojando as pessoas, delegando tarefas. Era isso que fazia com que ela, Terrwyn, não cogitasse soltar rãs no quarto da dama. Adiantando-se, parou ao lado do casal e avisou.

– Padre Gervase pediu permissão para rezar a missa de Natal no salão meu irmão, já que não podemos ir até a capela.

– Deus! – Gemeu Clarisse. – Será que os bastardos não nos darão trégua sequer no Natal?

– Duvido, Clair. – Disse ele, levantando-se e colocando-a no chão com delicadeza. – Diga ao padre que tudo bem, irmãzinha. Mas avise que não teremos festa. A comida está racionada.

Terrwyn olhou para ele, os olhos castanhos, tão parecidos com os do irmão, cheios de experiência.

– Por mim, tudo bem. Já estou acostumada.

Mark se enterneceu e a puxou com o outro braço.

– Ah, Terrwyn. Queria tanto que esquecesse as dificuldades que passou.

– Não se preocupe, irmão. Elas me fizeram mais resistente.

Clarisse sorriu, do outro lado, e afagou o rosto delicado de sua cunhada.

– Você é uma jovem muito especial, Terrwyn. – Ela olhou para o marido. –

Estará na missa?

– Não, querida. Tenho que voltar às muralhas. Vá com Terrwyn. *Reze por um milagre.* Acrescentou mentalmente.

Abraçando as duas, Mark depositou um beijo no alto da cabeça de cada uma. Soltou-as e pegou sua cimitarra. Com um aceno, desapareceu pela porta do solário.

Abadia Ste. Radegund

Radegund despertou assim que o sol fraco de inverno nasceu. Abriu os olhos antes sequer de se mover. O que fizera...? Sacudiu a cabeça e afastou o arrependimento. Não importava. Estava feito. Embora ainda se sentisse uma casca vazia. Olhou para o lado.

Gilchrist fora discreto. Não estava mais lá. No lugar em que sua cabeça havia repousado, ficou a depressão no travesseiro e uma vermelha e succulenta maçã, com um pedaço de papel. Ela esticou o braço e desdobrou a folha.

Bom Natal.

Gil! Sempre um cavaleiro, sempre cortês. A rainha Eleanor decerto o teria apreciado em sua corte, anos atrás. Raden virou-se de costas e deu uma mordida na fruta. Um pensamento lhe ocorreu. Onde o irlandês arranjava a maçã fresca no auge do inverno? Claro! Na cozinha da abadia, onde deveria haver uma despensa subterrânea, fria o bastante para conservar os alimentos reservados aos nobres que visitavam a ordem. Decerto ele usara seus talentos de gatuno para conseguir a fruta.

Terminando de comer, ela se levantou e se vestiu, agasalhando-se bem. Olhou em volta. A tina que ficara na cozinha fora esvaziada e pendurada em seu lugar. Sobre a mesa havia uma caneca coberta e um filão de pão.

Radegund agradeceu a gentileza de Gilchrist, enquanto se alimentava e, depois de arrumar tudo, saiu da casa envolta no manto. Aproximou-se da parte lateral da abadia, onde ficava a igreja. Estacou diante da entrada. Por mais que se esforçasse, ela não conseguia entrar ali. Não conseguia passar da porta. Era como se uma barreira invisível a impedisse, bloqueando seus passos. De lá de dentro, vinham os sons dos cânticos dos religiosos, na missa solene de Natal.

Ostende nobis Domine, misericordiam tuam...

Domine, exuadi orationem meam...

O que entende de misericórdia, maldito Velho Rabugento? Você nunca me ouviu, seu desgraçado! Todas as vezes em que clamei e gritei seu nome, jamais me escutou. Gritei por você enquanto matavam minha família. Eu o chamei

naquela noite atrás da taverna. Implorei que me ouvisse quando Edouard caiu do cavalo. Chamei por você vezes sem conta, aqui e na Terra Santa! Onde você estava? Onde esteve enquanto meu marido despencava para a morte torre abaixo, me deixando só? Ficou olhando de seu trono enquanto Luc se oferecia em sacrifício, para salvar Lizzie?

Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, dona nobis pacem...

Não pode me dar a paz.

Kyrie eleison. Christe eleison...

A missa terminou e os religiosos se retiraram em silêncio. Ela colocou o capuz do manto sobre a cabeça e a abaixou, velando o rosto para que o abade não a visse ali tão perturbada. Durante muito tempo ficou imóvel, encostada ao portal da pequena igreja. Nunca soube o que moveu seus pés pelo interior da nave. Nem o que a fez se ajoelhar diante do altar do Cristo crucificado, bem embaixo do único raio de sol que rompera as nuvens da manhã melancólica, filtrando-se pelos vitrais. Envolvendo-a numa luz colorida, quase mágica. Ficou ali em silêncio por muito tempo com seus pensamentos, imersa num mundo só seu, nas recordações do pouco tempo em que fora feliz.

Moça...

Ela abriu os olhos e estremeceu. Não podia ser. Estava louca! Louca de dor e desespero! Sentiu uma mão pousar em seu ombro suavemente.

Não percebe que tanta mágoa e tanto rancor não me dão paz?

Agora tremia dos pés à cabeça. Queria se levantar, queria olhar, queria vê-lo. Oh, Deus, como queria vê-lo ainda uma vez!

Levante-se, meu amor. Olhe para mim.

Com medo e o com o coração disparado, ela se colocou de pé. Devagar, foi se voltando com os olhos baixos. Um brilho luminoso entrou em seu campo de visão. Ao se virar completamente, enxergou um par de pernas vestidas de branco e a barra de uma cota dourada. Já com os olhos anuviados, ela foi levantando a cabeça, divisando a túnica branca e dourada, o peito largo, os cabelos louros e o rosto adorado, tudo envolto numa luminosidade opalescente.

– Luc... – sua voz escapou num suspiro diante da aparição.

Ele sorriu e os olhos da cor do céu a envolveram com amor e saudade.

Ah, moça! Se Ele não existisse, se Ele não gostasse de você, como eu estaria aqui hoje, provando para você que há outra vida além desta?

Muda de espanto, ela só tinha consciência daquela presença iluminada e das

lágrimas que brotavam de seus olhos.

Volte do inferno Radegund, como prometeu que faria por mim. Volte por mim e por Lizzie. Precisa acreditar que tudo tem um propósito, que nada é por acaso. Eu continuarei te amando e protegendo, assim como à nossa filha.

– Ah, Luc – ela murmurou e ergueu a mão, sem, no entanto, tentar tocá-lo, com medo que aquela visão se desvanecesse – eu sinto tanta saudade, me sinto tão sozinha, eu...

A lembrança da noite nos braços de Gilchrist veio à sua mente e ela abaixou os olhos, envergonhada. Sentiu então os dedos imateriais da aparição lhe erguerem o queixo delicadamente.

Não se mortifique. Sei que se sente sozinha. E ele a ama, apesar de não ser o seu destino.

Ela ficou muda de espanto e o fantasma de seu marido lhe sorriu.

Eu soube que o irlandês a amava desde aquele dia em nossa casa, quando ele pegou Lizzie nos braços. Um homem só olharia com tanto amor para uma criança se ela fosse sua filha. Ou se ele desejasse ser o pai dela. E quando ele falou que a mulher que ele amara era incomum, eu tive a certeza de que ele falava de você.

– Se soubesse como é difícil sem você!

A hora de sua definitiva felicidade vai chegar, meu amor. Vai ter que ser forte, pois há um Mal enorme contra o qual deve lutar. Volte para Delacroix e leve o irlandês com você. Ele é protegido por forças além de sua compreensão, e esta luta é dele. Eu estarei ao seu lado, e ao lado de nossa filha. Porém, o fim da jornada se aproxima. Será feliz, eu lhe prometo. Encontrará a felicidade. E ela vai estar mais perto de que pode supor.

Então, com um delicado beijo, que mais pareceu uma pluma a lhe tocar os lábios, ele se despediu.

Amo você, moça. Estarei por perto.

A claridade se tornou mais forte, obrigando-a a fechar os olhos. Uma brisa suave entrou pela porta e agitou as chamas das velas no altar. Radegund abriu os olhos e ele havia desaparecido. Girou em torno do próprio corpo procurando-o. Nada. Deus! Tinha sonhado?

Seus olhos encontraram então, no lugar onde ele estivera, a prova de que tudo fora realidade. Abaixando-se, ela colheu do chão a pequena rosa branca ainda em botão, e levou-a ao peito. Junto de seu coração que recomeçava a acreditar. Mais uma vez, seu anjo a salvava.

Delacroix

Após a penosa viagem, Patrus chegara ao acampamento de Giles de

Tarascon, numa colina diante dos muros de Delacroix. Caminhando devagar, quase se arrastando, ele perguntou ao templário que, sob a lona de uma tenda, repassava seus planos de ataque com um dos cavaleiros mercenários.

– Quando vou poder colocar as mãos no mestiço e em seus aliados?

– Em breve, meu caro, em breve. Seu agente já sabe o que fazer?

– Ele não se comunicou comigo hoje. Deve estar com dificuldades em arranjar um ponto discreto de onde sinalizar, já que o castelo está abarrotado.

– Melhor assim, – retrucou Giles cruzando os braços e olhando para as muralhas que acertava impiedosamente com projéteis lançados pelas catapultas – quanto mais tempo eles ficarem presos lá, mais caótica ficará a situação. Deixe que sofram, que fiquem com fome, com sede e com frio. Que queimem os móveis para se aquecerem e que cacem ratos para comerem. Amigos de infiéis não merecem nenhuma clemência. Quero ver aquele mestiço morrer lentamente!

– O mestiço é meu! – Rosnou Patrus. – Ele, a sarracena e o norueguês, são meus! Não se esqueça disso. Ou não haverá colaboração de dentro dos muros.

– Que seja, estrangeiro. Que seja. Tudo é a vontade de Deus.

Mark se apoiava em uma parede e cochilava, enroscado no manto. Havia passado a noite toda reforçando os muros bombardeados. Terrwyn veio correndo, ofegante, acordá-lo.

– Irmão! – Ela falou baixo. – Mark, acorde!

– O que houve? – Ele se ergueu de um salto, a mão já no punho da cimitarra.

– Shh! – Ela o puxou pela mão para uma pequena sala e fechou a porta. – Eu e Leila achamos uma coisa. Ela me mandou vir falar com você. Disse para não confiar em ninguém.

– E ela está certa, – rebateu ele, esfregando o rosto – o que tem para me mostrar?

– Venha comigo.

A jovem o arrastou até a adega. Leila os aguardava, impaciente.

– Demorou, Terrwyn!

– Ele estava dormindo. – Voltou-se para o irmão. – Entre e tranque a porta.

Ele obedeceu. Seguiu as duas pelo corredor estreito até o fundo da adega.

– Veja, Mark, – mostrou Terrwyn – atrás deste barril há uma passagem. Eu e Leila a encontramos quando fazíamos o inventário. Eu segui por ela e descobri que sai na floresta...

– Você o quê? – Ele berrou, o coração aos saltos ao imaginar a irmã enfiada no túnel estreito e escuro.

– Ela entrou no túnel com uma corda na cintura, Mark, para que não se

perdesse caso houvesse uma bifurcação.

– Por Deus, Leila! E você permitiu? Vocês são duas malucas!

– Quer calar a boca e nos escutar, homem! – Zangou-se Leila, as mãos nas cadeiras, batendo o pé no chão.

– Fale – grunhiu Mark, encarando as duas pequenas e beligerantes mulheres.

– Mesmo que quiséssemos chamar alguém para investigar, não poderíamos. O túnel é muito estreito, só uma pessoa pequena, como eu ou Terrwyn, conseguiria passar. E estava, obviamente, fora de cogitação mandar uma criança.

– Certo. E o que descobriram?

Foi Terrwyn quem respondeu.

– O túnel passa sob o fosso e sai na floresta. Atrás do castelo, do lado oposto ao acampamento inimigo. A boca fica bem perto do rio, protegida por rochas e vegetação. Selada por uma porta que se abre por dentro. Poderíamos usá-lo para ir atrás de reforços.

Mark sorriu e ergueu a irmã do chão, num abraço apertado.

– Você vale ouro, menina! – Deu-lhe um beijo estalado, tamanha era a sua alegria. – Vamos arrumar alguém para ir até D’Azûr imediatamente.

– Não tem muitas opções além de nós duas, Mark. – Disse Leila, encarando-o seriamente.

Ele colocou a irmã no chão e bateu com o indicador enluvado na testa da sarracena.

– Aquele sol da Terra Santa cozinhou seus miolos? Ou o frio da Noruega os congelou? Nem morto, está me ouvindo!

Leila enfiou o indicador no peito dele, estreitando os olhos amendoados.

– É turrão como Ragnar. Não é à toa que é amigo dele! Diga-me, qual de vocês dois vai passar aqui, hein? – Ela apontou o túnel, que não tinha nem dez palmos de largura. – Até sua irmã, que é bem miúda, teve dificuldade em se esgueirar neste aperto!

Passando as mãos pelos cabelos, ele lhe deu razão.

– Pois bem. Vou chamar Ragnar e Michael. Resolveremos o que fazer.

Em pouco mais de um quarto de hora, voltou com os dois homens. Clarisse, que os interceptara no caminho, veio junto. Leila mostrou o túnel aos três. Ragnar concordou com a esposa.

– Ela tem razão, Bakkar. Nenhum homem adulto passa por aí. Só uma pessoa de compleição pequena, ou uma criança, poderá atravessar o túnel.

– Crianças estão fora de cogitação – afirmou Mark.

– Concordo – disse Michael. – Tem que ser alguém pequeno, e que conheça o caminho daqui até D’Azûr para poder fazê-lo em segurança.

– Então isso me deixa de fora – falou Terrwyn desanimada.
– Eu também – resignou-se Leila.
– Mas não a mim – disse Clarisse.
Mark olhou pasmo para a mulher.
– Não!
– Mark...
– Não, Clarisse, nem adianta argumentar.
Ela cruzou os braços e fulminou-o com o olhar.
– Não seja arrogante! Estamos em meio a um cerco. Este túnel é tudo o que pedimos a Deus, pode ser nossa salvação, Mark! A salvação de todo o povo de Delacroix!
Ele deu um passo em sua direção e pegou-a pelos braços.
– Você não vai Clarisse. Estou lhe dando uma ordem e ponto final!

Duas horas depois, numa discreta operação, Clarisse ouvia pela milésima vez as mesmas recomendações, meio encolhida à boca do túnel.

– Mantenha os cabelos cobertos e o rosto sujo de lama, para que o brilho de sua pele não chame a atenção. Fique com a adaga à mão. Caminhe pela floresta e marque as árvores. Se ouvir alguma coisa...

Clarisse puxou o marido pela roupa e calou-o com um beijo demorado. Em seguida sussurrou.

– Vai dar tudo certo. Amanhã alcançarei D’Azûr. Só lamento não poder dispor de um cavalo, seria bem mais rápido. Mas não se preocupe. Apenas cuide dos meninos e de Lizzie. – Ela o beijou de novo. – Aconteça o que acontecer, saiba que eu te amo.

Ele fechou os olhos e encostou a face à dela.

– Não fale assim. Meu coração se aperta ainda mais. Vamos conseguir. Estarei com você em pensamento. – Deu-lhe outro beijo. – Também amo você.

Afastando-se dela, abraçou Terrwyn pelos ombros. A jovem acenou para Clarisse.

– Tome cuidado, cunhada.

– Tomarei querida. Cuide de seu irmão até eu voltar.

Sem mais demora, ela desapareceu na escuridão do túnel, arrastando um alforje consigo. Levando um pedaço do coração de Mark com ela.

Abadia Ste. Radegund

Depois da experiência pela qual passara, Radegund deu vazão aos seus sentimentos sozinha no interior da capela. Chorou até esgotar suas lágrimas, aliviando sua alma atormentada. Muito tempo depois, já passando do meio-dia,

ela se levantou e apertou junto ao peito o botão de rosa que encontrara. Que Luc lhe dera. Agasalhando-se, guardou a pequena flor por dentro da túnica e saiu para a friagem do pátio. Deu de cara com Gilchrist.

– Esteve chorando – ele afirmou assim que fitou seu rosto.

– Estive. De alívio. – Ela baixou os olhos e hesitou, falando num tom mais baixo. – Sobre ontem...

Gilchrist se adiantou e pegou sua mão, levando-a aos lábios, olhando-a intensamente com aqueles olhos um de cada cor.

– Minha senhora, eu lhe pedi uma noite e você me deu. Demos um ao outro o conforto de que precisávamos. Sei, porém, que não iremos além disso. Continuo lhe oferecendo minha amizade e meu apoio. Quanto ao que aconteceu, esteja certa de que jamais sairá de minha boca qualquer palavra a respeito. Este assunto só a nós pertence.

Raden sorriu de forma tímida.

– Feliz da mulher que compartilhar sua vida, Gilchrist. É um homem excepcional.

– E você, uma mulher como poucas; – ele fez uma pausa e sorriu – gostou de seu presente?

Radegund agradeceu a mudança de assunto e ergueu uma sobrancelha, naquele gesto tão dela.

– Aposto que um gatuno invadiu a despensa do abade esta madrugada.

Ele piscou e enfiou a mão no embornal preso ao cinto.

– Ainda tem mais, – e segredando-lhe como uma criança travessa, falou – a despensa é bem variada. Não resisti e também peguei um punhado dessas para nós – ele abriu a mão e na sua palma havia várias amêndoas confeitadas.

– Hum! – Ela pegou uma e levou à boca. – Gil, esses seus talentos de forada-lei são muito úteis! – Os dois caminharam até a beira do riacho e se sentaram. Ela comunicou sua decisão. – Vou voltar à Delacroix. Vem comigo?

– O que houve para que mudasse de ideia?

Ela permaneceu olhando para ele por um bom tempo e depois respondeu.

– Se eu contasse, você não acreditaria.

Ele sorriu.

– Está certo. Quando partimos?

– Isso quer dizer que irá comigo?

– Sem dúvida.

Delacroix

De um canto do apinhado salão, Nestor espiava Jean que, ao lado de Gaetain e Lothair, ajudava a graciosa Trudy a distrair os pequenos. O menino

desmemoriado esculpia figuras de animais em pequenos gravetos. Aproximando-se do grupo, ajoelhou-se sobre a perna sã e pegou um dos brinquedos.

– Vejam, meu sobrinho é talentoso.

Jean apenas o fitou com um toque de desconfiança no olhar. Nestor indagou, com uma das figuras na mão.

– Que bicho é esse?

– Um leão, – respondeu o menino – só existe nas terras distantes, além de Jerusalém.

O mestre franziu o cenho.

– Como sabe? Já esteve lá?

– O senhor conde me contou. Eu vi um desses na tapeçaria – ele apontou a peça no fundo do salão.

Nestor acompanhou seu gesto com os olhos e viu o desenho da tapeçaria, onde havia realmente um leão desenhado em meio a vários outros animais. Sorriu e mudou de assunto, falando mais baixo.

– Sabe onde dorme a ama?

– Acho que no quarto de Lizzie. Por quê? – Indagou o menino intrigado – O que quer com ela?

O mestre sorriu e deu-lhe um tapinha nas costas.

– Nada que lhe interesse garoto. Assunto de homens.

Incomodado, Jean se afastou do seu toque e começou a esculpir outra das figuras retratadas na tapeçaria; uma gazela. Do outro lado, junto à Trudy, Gaetain falava com seu irmão em voz baixa.

– Não gosto dele?

Lothair acompanhou a direção de seu olhar.

– De quem? De Jean?

O mais novo bufou.

– Não seu tonto! Do tal Nestor. Veja como ele é esquisito.

O menino mais velho observou o mestre conversando com Jean e o jeito incomodado do outro garoto.

– Parece que Jean também não vai muito com a cara dele. – Ele se inclinou para o irmão. – Essa história de ser tio dele está muito mal contada!

– Eu também achei. Melhor ficarmos de olho, irmão.

– Concorde, Gaetain.

Ragnar se abaixou e encolheu o corpanzil de encontro à parede de pedras como pôde. O projétil assoviou sobre sua cabeça e se espatifou lá embaixo, no meio do pátio externo.

– Fogo! – Berrou alguém.

Ele se levantou e correu ao longo do adarve até a proteção de um merlão mais adiante. Encontrou-se com Michael.

– Que inferno! Teremos que gastar mais água para apagar o fogo! – Rugiu o norueguês, erguendo a proteção do elmo.

– A situação está cada vez pior! – O cavaleiro ruivo olhou pela seteira. – Eles estão se preparando para avançar. Se conseguirem subir pelas muralhas...

As outras palavras ficaram no ar. Ragnar sabia, porém o que significaria a tropa de Tarascon conseguir escalar as muralhas com suas grandes escadas. Seria uma luta encarniçada, corpo-a-corpo, onde muitos morreriam. E só Deus sabia o quanto poderiam resistir até a chegada de reforços. Os cavaleiros templários, além de extremamente bem-treinados, não tinham medo de nada, eram absolutamente temerários, movidos em sua maioria por uma fé insana e inconsequente.

Outro projétil se chocou contra a muralha, lançando detritos e fragmentos incandescentes para todos os lados. Alguns deles atingiram os dois cavaleiros, tilintando contra suas cotas de malha e chamuscando suas túnicas. Berrando ordens, Ragnar seguiu correndo pelo adarve. Se tivesse ido um pouco mais rápido, teria escapado da flecha que o acertou no ombro esquerdo, perfurando sua cota de malha. O impacto o desequilibrou. Rastejando e ignorando a dor, ele se escondeu sob a ameia. Olhou para o próprio ombro. A seta não fora muito fundo, mas não havia tempo de descer para cuidar daquilo. Cerrando os dentes, quebrou a parte que ficara para fora. Respirou fundo e sentiu o suor frio brotar em sua face enquanto o movimento reverberava dentro de sua carne. Evitou se mexer muito para não sangrar. Ao menos a flecha enfiada ali serviria para manter o ferimento estanque.

– Se esta merda não me matar, Leila há de fazê-lo, com certeza – resmungou consigo mesmo, enquanto se levantava, baixava a proteção do elmo e atirava o pedaço da flecha fora – De qualquer forma, hoje é um bom dia para matar. E também para morrer.

Arrastando seu machado, seguiu em frente.

O saldo do dia de Natal foi triste. Cinco homens, uma mulher e uma criança mortos. Esta última atingida pelo fragmento do projétil que atravessara uma das janelas. Entre os diversos feridos, a maioria queimados, estava Ragnar, que discutia com Leila.

– Esqueça, mulher! Não vou beber nenhuma porcaria que me deixe zozinho a ponto de não ver em quem eu acerto! – Baixou o tom de voz para que só ela o ouvisse. – Podemos ser invadidos a qualquer momento.

– Preciso tirar isso daí e dar pontos!

– Cauterize!

– Não! – Ela gritou – Vai morrer de dor se não tomar nada!

Ele puxou seu braço, irritado.

– Leila, estou mandando cauterizar, obedeça! Derrame uma boa quantidade de vinho em cima desta merda e cauterize. Não posso me dar ao luxo de não mover o braço para não abrir os pontos. Preciso voltar lá para fora. – Ele suavizou a voz – Se eles entrarem aqui, pequena...

Resignada, ela concordou.

– Está certo. – Ela pegou um pedaço de couro e lhe deu uma caneca de vinho – Use isso para morder. E tome um pouco de vinho, pelo menos vai relaxar.

– Não colocou nada aqui dentro? – Ele perguntou olhando desconfiado para a caneca.

– Não, respeito sua decisão.

Seu marido a puxou para seus braços. Deu-lhe um beijo que reunia ansiedade, fúria e amor. Depois murmurou, a testa encostada na dela.

– É mesmo a mulher de um guerreiro, minha pequena corajosa. Eu te amo.

– Eu também. – Ela o fitou intensamente, perdendo-se em seus olhos claros e ordenou – Fique vivo.

A despeito da confusão reinante, Mark era interpelado no pátio por um irado Padre Gervase.

– Meu senhor, sei que não é cristão e que segue costumes estranhos, mas queimar os mortos é uma blasfêmia!

– E o que sugere, padre? – Indagou Mark, exausto. – Que eu os deixe apodrecendo aqui dentro, espalhando doenças? Se for assim, não precisarei nem de Tarascon para nos matar!

– Precisa lhes dar um enterro digno!

O mestiço se irritou.

– Onde?

O padre não tinha nenhuma sugestão. Mark sentenciou.

– Os corpos serão queimados no pátio externo, agora à noite. Avise a todos que vai cheirar mal. Seu Deus há de compreender

– Senhor... – o religioso ainda tentou argumentar.

Mark se irritou ainda mais.

– Não é Seu representante aqui na Terra? Fale com Ele. E se Ele não entender, que vá para o Inferno!

A noite já havia caído há muito tempo. Exausta, Clarisse parou para beber água e comer um pedaço de pão. Olhou para o céu e notou que a lua, agora crescente, ia alta. Deveria faltar cerca de três a quatro horas para o nascer do sol. Se continuasse naquele ritmo, atingiria D’Azûr logo após o amanhecer.

Pendurando o odre a tiracolo, ajeitou o manto e prosseguiu em sua jornada, numa caminhada acelerada, quase uma corrida. Ao longe podia ouvir o som do rio. Sinal de que não se afastara também da estrada. Resolveu margeá-la. Poderia assim acelerar o passo, até mesmo correr em alguns trechos, já que, àquela hora da madrugada, não devia haver viva alma por ali. Caminhou durante aproximadamente meia hora quando o som de cascos a galope fez com que parasse. Céus! Alguém vinha pela estrada. E naquela altura da madrugada, não poderia ser alguém de bem. Ninguém viajaria no inverno num horário daqueles.

Exceto alguém tão desesperado quanto eu!

Com o coração descompassado, Clarisse correu para trás dos arbustos que beiravam a estrada. O som agora vinha de muito perto e não haveria tempo de se embrenhar na mata sem ser vista.

Oh, meu Deus! Façam com que não me vejam!

O galope se transformou num verdadeiro estrondo no meio da noite. O som só era suplantado pelas batidas frenéticas de seu coração. A silhueta de dois cavaleiros armados apareceu sob a luz fraca da lua, que escolheu aquele exato instante para sair de trás das nuvens. E num golpe de azar, o vento resolveu, naquele momento, arrancar o capuz do manto de Clarisse, expondo seus cabelos claros à luz do luar.

O galope cessou repentinamente e ela ouviu as patas dos cavalos batendo nervosamente no solo. Um deles trotou até onde ela estava e uma voz de homem ordenou.

– Saia daí, quem quer que seja.

Com a boca seca, Clarisse agarrou o punho da adaga e obedeceu.

CAPÍTULO XXII

“MORTAL É TUA ASTÚCIA.”
Temporais. Gibran Khalil Gibran

– Mas que diabo! – Exclamou uma voz muito conhecida sua, vinda de cima do outro cavalo, mais afastado. – Quer me dizer o que faz aqui, prima?

Clarisse não conteve as lágrimas de alívio ao ver Radegund saltar de Lúcifer e vir ao seu encontro. Só então percebeu que o homem que a interpelara, montado no outro garanhão, era ninguém menos do que o irlandês. Sem o tapa-olho.

– Misericórdia! – Gemeu Clarisse com a mão no peito que chegava a doer tamanha era a velocidade das batidas de seu coração. – Quase me matam de susto vocês dois!

Raden abraçou a pequena mulher, que retribuiu seu gesto. Em seguida, afastando-se um pouco, indagou.

– O que faz no meio da estrada, sozinha e de madrugada? – Ela olhou as roupas de Clarisse. – E vestida como um moleque!

– Delacroix está sob ataque – disse Clarisse sem rodeios.

– O quê? – Berrou a ruiva, pensando logo em sua filha, enquanto Gilchrist apeava de Boru.

– Eles vieram na véspera do Natal e cercaram o castelo. Eliminaram as sentinelas e ocultaram-se na floresta. Se não fosse por Ragnar, todo o povo do vilarejo teria sido chacinado.

– Quem são? – Indagou o irlandês sob o olhar espantado da dama para seu rosto e seus olhos.

– Minha nossa! – Ela exclamou momentaneamente esquecida do cerco – Seus olhos são... diferentes!

Gilchrist fez uma cara desanimada e Raden deu-lhe um tapinha nas costas.

– Vá se acostumando. Provoco as mesmas reações. – E voltando-se para a prima, falou. – Agora que já se refez do susto, Clair, pode nos dizer quem atacou o castelo?

– Tarascon, quem mais? – Ela esbravejou. – Aquele porco cretino não respeitou nem o Natal! O bastardo, filho de uma cadela!

O irlandês arregalou os olhos ao ver a delicada dama se transformar naquela pequena fera desbocada. Não era à toa que era parenta da ruiva!

– E para onde você estava indo, Clarisse?

– Para D’Azûr, prima. Onde mais? – Ela se sentou numa pedra, massageou as pernas cansadas e encolheu-se de frio. – Terrwyn e Leila acharam uma pequena passagem na adega. Como era muito estreita, só alguém pequeno

poderia ter passado por ela. Eu vim, pois conheço o caminho para D’Azûr. Minha intenção era chegar até lá pela manhã e pedir reforços.

Gilchrist se abaixou ao lado dela e lhe estendeu um pequeno cantil.

– É muito corajosa, minha senhora. Tome um gole, é *uisce beatha*. Vai lhe esquentar.

A pequena loura obedeceu e a bebida desceu queimando por sua garganta. Ela tossiu, engasgou e reclamou, com lágrimas nos olhos, sentindo-se incendiar por dentro.

– Por Deus, homem! Quer me matar?

– Perdoe-me, dama, devia ter lhe avisado que essa bebida é muito forte; – e voltando-se para Raden, indagou – o que faremos?

– Tenho que pensar, Gil – ela puxou Lúçifer pelas rédeas e acariciou a crina do cavalo, que resfolegou de prazer – tem ideia do contingente deles, Clair?

– Ragnar havia contado, no início, quinze homens a cavalo e mais noventa a pé, entre arqueiros e infantaria. Eles levaram duas catapultas também. – Os olhos azuis anuviaram-se mais ainda e sua voz se tornou baixa e sombria. – Não sei por quanto tempo irão resistir, Raden. Tarascon jurou... – sua voz falhou e ela lutou para recomeçar – ele disse a Mark...

Exausta Clarisse desabou e a prima a amparou.

– Tudo bem, Clair. Acalme-se. Daremos um jeito. – Ela olhou para o irlandês sem deixar de abraçar a prima que soluçava, aflita. – Estamos a meio caminho dos dois castelos. Há um desvio pela floresta que leva até o moinho de D’Azûr. Lá podemos descansar por umas duas horas e conseguir uma montaria para Clarisse.

– E depois? – Indagou Gilchrist.

Ela voltou-se para a prima.

– Consegue chegar a D’Azûr sozinha, Clair?

Ela assentiu determinada, secando as lágrimas.

– Nem que para isso eu tenha que morrer.

Raden engoliu em seco e apertou-lhe as mãos nas suas.

– Não diga uma coisa dessas, prima. Você é a única família que me resta. – Ela abaixou a cabeça e perguntou com a voz trêmula. – Como está Lizzie?

– Está bem, a cada dia mais linda. Todos só fazem mimá-la, especialmente Mark. – Clarisse secou uma lágrima furtiva que escorria pelo rosto da guerreira. – Ela sentiu sua falta. E nós também. Que bom que está de volta, ainda que numa situação tão ruim.

Durante algum tempo, Raden permaneceu de olhos baixos, silenciosa. Quando ergueu a cabeça, porém, seu olhar trazia um brilho determinado, quase diabólico.

– Ruim vai ficar a situação de Giles de Tarascon por se atrever a atacar a minha casa.

Uma hora depois, com Clarisse na garupa de Boru, o trio acordava o assustado moleiro de D’Azûr. Espantado e sonolento, ele encarou uma descabelada Radegund e só depois de piscar repetidas vezes, reconheceu a herdeira e baronesa do feudo.

– Minha senhora! – Exclamou aturdido. – Só pode ter acontecido algo muito grave para a senhora estar aqui em plena madrugada! – Ele fez uma reverência e apontou o interior da casa. – Por favor, entrem. Está frio aqui fora.

– Obrigada, Bertrand, – ela desceu de Lúcifer e avançou pelo interior da construção, seguida por Gilchrist e Clarisse – Delacroix foi atacado e está sob cerco. Preciso pedir reforços em D’Azûr. Gostaria também de contar com sua hospitalidade por algumas horas, apenas para que nós e os cavalos descansemos um pouco.

– Claro, senhora! – Ele se voltou para o interior da casa e chamou. – Margot, acorde Marcel e venham para cá! A baronesa de D’Azûr está aqui! – Bertrand se virou de novo para os três viajantes – Sentem-se, por gentileza. Minha esposa vai lhes trazer uma refeição quente. Peço licença, pois vou tratar dos cavalos.

– Perdoe-nos o inconveniente, Bertrand. – Desculpou-se. – Mas a necessidade me obriga a tirá-los da cama.

– Inconveniente nenhum, minha senhora. – O homem sorriu. – Desde que assumiu as terras de seu tio – ele torceu o nariz – que o diabo o carregue, Deus me perdoe, – persignou-se – nossa vida melhorou muito. O que eu puder fazer para ajudá-los, esteja certa de que o farei.

– Fico grata. Infelizmente, aquilo de que realmente necessitamos, você dificilmente terá.

– Ora, e o que seria, minha senhora?

– Armas.

Bertrand sorriu e deu uma piscadela.

– E se eu lhe dissesse, senhora, que está sentada sobre um verdadeiro arsenal?

Radegund, pela primeira vez em muitos dias, deu um sorriso genuíno. Retrucou, enquanto esticava as pernas sobre o banco.

– Eu diria, Bertrand, que meu traseiro tem uma sorte danada.

O alçapão se abriu no meio da casa do moleiro. O cheiro de mofo se espalhou pelo ambiente. Bertrand desceu na frente carregando um archote,

seguido por Radegund e Gilchrist. Clarisse, exausta, dormia diante da lareira.

– Aqui está, dama Radegund. – Ele apontou vários caixotes. – Aquele seu tio era uma praga, mas tinha boa cabeça para guerra. Tinha armas guardadas por toda a propriedade, para o caso de o arsenal principal do castelo ser tomado. Vivia com medo, o porco! Só tinha inimigos.

– Tem razão, Bertrand, – ela concordou e se adiantou, chamando o irlandês – venha Gil. Vamos ver o que temos aqui. – Ela se virou para o moleiro. – Seu filho já partiu?

– Sim, minha senhora. Marcel chegará com o nascer do sol ao castelo de D’Azûr. Até o fim do dia, o contingente alcançará Delacroix, tenho fé em Deus!

Ela examinou atentamente o conteúdo das caixas, o cérebro raciocinando furiosamente, revendo mentalmente a disposição do terreno de Delacroix, a planta do castelo, os pontos estratégicos.

– O que tem em mente, Radegund? – Indagou Gilchrist examinando uma besta.

Com o sorriso sinistro que lhe rendera a alcunha de Demônio Vermelho, ela o encarou.

– Distração.

Delacroix

O castelo apinhado de gente dificultava sua movimentação e a concretização dos planos. Poderia simplesmente eliminar meia dúzia de idiotas e abrir a poterna para os homens de Tarascon. Mas seria tudo tão rápido! Não haveria diversão. E ali dentro estava começando a ficar do jeito que gostava.

Irritadas pelo confinamento, as pessoas discutiam e alimentavam rancores umas contra as outras. Inadvertidamente, o alimentavam também. Faziam crescer suas forças. Ultimamente notava que seu corpo se tornava menos suscetível às fraquezas humanas. Gradualmente, sua forma evoluía, assumindo a imortalidade que era sua por direito. Reparava que, a cada dia, se tornava mais forte. Talvez fosse uma boa ideia continuar se alimentando, amadurecendo como uma larva, até que pudesse tomar conta de tudo. Ah, sim! Havia o acordo com o feiticeiro. Patrus achava que era seu servo. Pobre idiota. O acordo iria até onde lhe fosse conveniente.

Caminhando pelo corredor do andar superior, entrou no quarto de Lizzie. Ah, ali estava um prêmio que valeria a pena!

– Olá pequena! – A garotinha olhou para a face conhecida com os claros olhinhos curiosos. – Sentiu minha falta desde seu último passeio?

A menina agitou os bracinhos e deu um gritinho, animada com a perspectiva de sair do berço.

– Acalme-se, pequena. Ainda não é chegada nossa hora. Não podemos sair daqui. Ainda não. – Sua mão acariciou os cachos ruivos, antecipando o prazer que teria em arrancá-la dos braços da protegida de Sekhmet. – Quando eu a levar embora, farei de você igualzinha a mim. Com o tempo, será minha mão e minha voz. Eu...

O Limbo se agitou. Um vento gelado fustigou seu corpo.

Não vai conseguir demônio!

Sorriu cinicamente para a imagem à sua frente, trêmula e translúcida.

– Não pode me impedir, bruxa. Foi você mesma quem começou o jogo. Iremos até o fim.

Engano seu, demônio! Eu já tenho o Dragão, a espada e a pedra. Eu o libertei, maldito. E eu o aprisionarei novamente. Cumprirei a minha sina, é justo. Mas você voltará para o buraco de onde saiu!

– Sabe que me deve uma dádiva. É a lei. O Equilíbrio deve ser mantido. – Seu sorriso passou de cínico a cruel. – Está disposta a pagar o preço, bruxa? Se ele despertar, um dos dois morrerá.

Que seja demônio. Qualquer preço será ínfimo para mandá-lo de volta ao inferno!

O Limbo estremeceu e reverberou em sua carne, que apesar de resistente, ainda podia ser ferida. Garras invisíveis rasgaram seu peito.

– Maldita!

Largue a criança! Sabe que ainda posso ferir seu corpo. Deixe-a!

A contragosto, colocou a garotinha no berço. Retrucou, o ódio inundando suas entranhas, o punho se fechando no ar.

– Sinta meu ódio e a minha força, bruxa desgraçada! Nossa hora chegará e eu vencerei. Não haverá espada, pedra ou Dragão capaz de me deter! Eu sou O Mal.

A onda negra que partiu de seu hálito se expandiu pelo aposento, engolfando a aparição, fazendo-a se desvanecer. Lizzie começou a chorar em seu berço, já sozinha no quarto. O Mal vagou pelos corredores do castelo, satisfeito e paciente.

A eternidade lhe pertencia.

Nas muralhas, Mark sentiu um mal-estar súbito. Olhou por sobre os ombros e procurou ao redor a fonte daquela sensação nefasta. Seu olhar cruzou com o de Ragnar, na outra extremidade do adarve. O norueguês franzia o cenho, parecendo ter sentido tanto quanto ele aquela onda ruim. Desanuviando a mente, ele se concentrou novamente nas defesas. Preparou uma nova flecha no arco e disparou, endereçando um pensamento à Clarisse, rezando para que aquela

sensação de perigo nada tivesse a ver com sua esposa.

Ao amanhecer, Radegund e Gilchrist já se encontravam na estrada para Delacroix, levando atrás de si um cavalo de carga com tudo o que achavam necessário para providenciar a *distração*.

Clarisse esbravejara com a prima, discutira com o irlandês, bufara e batera os pés no chão. Contudo, no final das contas, acabara se conformando em ficar com a família do moleiro até poder ser escoltada para D’Azûr.

Por volta do meio-dia, a dupla se aproximou furtivamente da floresta que cercava Delacroix. Levaram as montarias até o lado oposto ao do acampamento de Tarascon, ficando próximos ao rio. Sob o frio cortante, os dois falavam baixo, temendo que a névoa, causada pelo choque entre o sol pálido e a água gelada do rio, propagasse o som de suas vozes. Até os cascos dos cavalos foram enrolados em tecidos, naquela última etapa da jornada, para que não fizessem barulho.

Com o vapor se condensando à frente de seus rostos a cada palavra ou expiração, os dois conversavam.

– Temos mais umas três horas de boa luz, Raden. Acha que vai dar tempo?

Ela olhou para o céu, meio encoberto.

– Creio que sim. É tempo suficiente para colocarmos em prática o nosso plano e para que cheguem nossos reforços.

Gilchrist esquadrinhou a área com os olhos.

– Ficaré com qual lado?

– O direito, onde está a tenda de Tarascon.

– Certo, – ele falou, ajeitando o alforje e a besta às costas e estendendo a mão enluvada para ela – boa sorte.

Raden apertou a mão dele, a expectativa da luta começando a fazer o sangue correr mais rápido em suas veias.

– Para você também.

Nenhum dos dois precisou comentar com o outro a respeito da angústia e da ansiedade que sentiam.

Svenhalla

Hrolf Brosa bateu mais uma vez à porta do chalé onde Ulla se refugiara desde que haviam atracado, no dia anterior. Ela ficara prostrada repentinamente, desde a véspera de Natal, e só saíra de sua cabine no navio quando aportaram. E do cais, fora direto para o chalé, sem querer falar com ninguém. Sem resposta, ele bateu de novo e chamou.

– Jovem Svensdatter! Sou eu, menina! Hrolf!

Uma angústia estranha começou a tomar conta do coração do rastreador.

Sem esperar mais, ele golpeou a porta com o ombro largo e a arrombou. Apenas para encontrar Ulla estirada no chão, nua, pálida e gelada, com um filete de sangue escorrendo do nariz.

– *Helvete!* Ulla! – Ele apanhou um cobertor e a envolveu. Depois a ergueu pelos ombros e verificou seu pulso, um tanto fraco – Minha nossa! O que pode ter acontecido com essa menina? – Ele murmurou para si mesmo enquanto a erguia nos braços como fizera tantas vezes desde que Ulla era uma criança e ele um rapaz. – Aguenta, menina. Logo estaremos em sua casa. Sua mãe vai cuidar de você.

Para Hrolf, Ulla era quase que uma filha. Ele a vira nascer e crescer, e a tomara sob sua tutela assim que ela havia começado a se interessar pelos rastros que os pequenos animais deixavam sob sua janela em Svenhalla, ensinando-a com paciência a arte de seguir as pistas deixadas por pessoas e bichos. Transmitira a ela todos os seus truques, e se apegara à jovem endiabrada que possuía um coração de ouro.

Preocupado, apertou o passo e subiu as escadas de Svenhalla, carregando seu fardo querido sob o olhar assustado de guardas e lacaios. Marit, ao ver a filha nos braços do rastreador, ergueu-se num salto e correu para perto deles.

– Brosa! O que foi dessa vez? Caiu de outra árvore? – Indagou a matriarca dos Svenson, já habituada às aventuras da caçula.

– Penso que não, Marit. Encontrei-a desacordada e sangrando dentro do chalé. Ela está com o corpo muito frio.

O coração de Marit, esposa e mãe de guerreiros, já acostumado a tantos sustos, apertou-se ao ver sua garotinha naquele estado. Os lábios chegavam a estar arroxeados, tão baixa era sua temperatura. Assumindo seu lado prático, ela ordenou.

– Rápido, Brosa! Traga-a para perto do fogo! Mande Helga vir me ajudar e procure por Björn. Temos que aquecê-la e descobrir como se feriu.

Meia hora mais tarde, tendo deixado Hrolf no chalé a procura de pistas sobre o que acontecera, Björn, e também Einar, conversavam em voz baixa com a mãe.

– Por que ela não acorda? – Indagou o mais velho, lançando um olhar à irmã, deitada em sua grande cama, envolta em várias mantas de pele.

– Não sei, filho – Marit suspirou – ela já está aquecida e seu coração bate normalmente. Entretanto, não reage a nada.

Einar se ajoelhou ao lado da irmã e acariciou seus cabelos. Tocou sua mão fechada sobre o peito e se surpreendeu ao encontrar algo entre seus dedos.

– Mãe! Björn! Vejam isso! – Ele pegou o pedaço de tecido negro que estivera amassado entre os dedos da moça. – Que coisa estranha...

Björn examinou o tecido que o irmão lhe passara.

– Ora, mas isso... parece um tapa-olho.

Marit olhou com atenção.

– Onde sua irmã terá conseguido isso? Ela esteve sozinha no chalé. Será que alguém entrou lá? – Indagou Marit, cogitando a possibilidade de a filha ter sido atacada. Logo descartou-a. Se assim fosse, haveria marcas em seu corpo – Acho melhor perguntar a Brosa. Se há alguém que conhece os segredos de sua irmã, esse alguém é ele.

– Concordo. – Disse Einar – Vou atrás dele.

O rapaz saiu e Marit e Björn ficaram parados, abraçados, aos pés da cama de Ulla. Intimamente, ambos faziam suas preces pela recuperação da jovem.

Delacroix

Já passava do meio da tarde e a luz do sol de inverno começava a enfraquecer. O bombardeio às muralhas cessara, na certa porque os projéteis haviam acabado.

Oculto numa das guaritas, Mark observava o acampamento inimigo. Tentava contabilizar as baixas no lado oposto quando uma sensação muito conhecida começou a brotar dentro dele. No início, foi como uma réstia de luz, passando pela fresta de uma porta. À medida que ele se concentrava, porém, ela foi se avolumando e tomando forma, trazendo alívio e esperança. Olhou para Ragnar, sentado junto à parede, ao seu lado, engolindo a ração do dia.

– Radegund está aqui.

O norueguês franziu o cenho, parando de comer, e esticou o pescoço pela abertura da seteira, tentando enxergar a ruiva ou os reforços.

– Está maluco? Só vejo Tarascon e seus cães! E como ela poderia saber de nossa situação? Nem mesmo temos ideia de onde ela se meteu!

Mark balançou a cabeça, o olhar perdido na floresta atrás do campo inimigo, a voz transbordando convicção.

– Ela está aqui.

– Se ela está aqui com reforços, – Ragnar resmungou – por que ainda não atacou Tarascon?

– Ela o fará, Sven.

– Quando, homem?

Mark não desviou o olhar da floresta.

– Logo.

Na estrada para Delacroix, Clarisse seguia a galope. À sua frente, a menos de meia milha de distância, ela podia enxergar a poeira levantada pela marcha

acelerada das tropas de D’Azûr.

Contrariando as ordens da prima, e driblando a vigilância de Bertrand, o moleiro, ela tomara o cavalo de Marcel e pusera-se a caminho do castelo. Tinha que voltar para casa. Tinha que ficar perto de seu marido. A ameaça que Tarascon fizera a ele ecoava dia e noite em sua cabeça e só de pensar no cruel cavaleiro colocando-a em prática, sentia vontade de vomitar.

– Vamos rapaz – ela incitou o cavalo – temos que chegar a tempo. Se eu conseguir alcançar o túnel, poderei voltar para dentro do castelo.

Lothair, Gaetain e Jean, mais uma vez, distraíam as crianças menores no solário. Naquele dia, entretanto, todas elas pareciam irritadiças e agressivas e tudo era motivo de brigas.

Jean, esculpindo mais uma de suas figuras de madeira, permaneceu sentado de cabeça baixa e sorriu quando dois garotinhos com a metade de sua idade protagonizaram uma cena de pugilato diante dele.

– Diabos, Jean! – Reclamou Lothair apartando os dois pequenos brigões. – Será que não dava para separá-los?!

O garoto olhou para Lothair, parecendo divertido.

– E levar mais uma mordida, como ontem? Deixe-os, daqui a pouco se cansam.

– Cansado estou eu! – Resmungou Gaetain caindo sentado ao lado de Jean. Sua atenção foi atraída para a figura que ele esculpia. – O que é isso?

O menino levantou a figura e examinou-a com atenção diante dos olhos negros.

– Um dragão.

Gaetain observou com atenção a pequena imagem.

– Bonito. – Depois de uma pausa, segredou ao irmão e a Jean. – Ei, olhem lá. É seu tio, Jean. O que ele vai fazer lá em cima?

Os dois meninos mais velhos observaram o mestre de obras que subia furtivamente as escadas. Jean retrucou.

– Eu não me lembro dele. Nem do meu pai. E não gosto dele.

– Ele é esquisito mesmo – concordou Gaetain.

Jean estreitou os olhos e enfiou o pequeno dragão de madeira no bolso. Levantou-se e avisou.

– Fiquem aqui. Eu vou atrás dele. Sabe-se lá se não vai aproveitar a confusão para roubar algo...

– Boa ideia, Jean – concordou Lothair.

No tumulto do salão de Delacroix, Trudy distribuía a ração do dia, limitada

a pão, carne seca e uma caneca de cerveja para cada pessoa. Na passagem, ouvia resmungos e imprecações.

Idiotas! Não percebem que se comerem demais agora, poderemos passar fome em um ou dois dias.

No fim do trabalho, estava exausta. Subindo as escadas, foi ao quarto de Lizzie. A garotinha estivera irritada durante todo aquele dia. Nem as canções de Leila, nem as gracinhas de Lothair ou os bichinhos de Jean haviam conseguido acalmá-la. Só depois de mamar e ser acalentada por muito tempo no colo ela dormira.

Na certa são os dentinhos nascendo, pensou a ama, aproximando-se do berço onde a bebezinha dormia placidamente com um dedinho na boca.

– Ah, Lizzie. Onde andarás sua mamãe? Agora, com esse cerco, mesmo que ela queira te ver, não conseguirá chegar até você, minha princesinha.

Estava tão entretida com a menina que não notou que não estava sozinha no aposento. Apenas quando uma mão grosseira a puxou para trás ela se deu conta, muito tarde, de que devia ter seguido o conselho que o senhor Mark dera a todas as mulheres do castelo de andarem armadas com ao menos uma faca.

– Olá, minha jovem, – falou Nestor junto ao seu ouvido, sem deixá-la se virar – que bom que arrumou um jeito de ficarmos a sós.

Esforçando-se para se soltar, Trudy esbravejou.

– Solte-me já! Ou começarei a gritar!

– Ora, ama, – ele a fez se voltar sem soltá-la – com essa barulheira toda lá fora e no salão, crê que alguém vai ouvi-la? Deixe de ser metida. Pensa que é melhor do que eu só porque goza da confiança dos senhores?

Trudy empurrou seu rosto para longe.

– Não penso nada! Deixe-me em paz!

Nestor, porém, não estava inclinado a desistir. Interessado na moça desde que chegara ali, faria de tudo para convencê-la a lhe dar o que desejava. Sabia que as mulheres sempre se faziam de difíceis. Entretanto, seria só começar a beijá-la e enfiar a mão em seu decote para fazê-la se contorcer em seus braços.

– Deixe disso, ama...

– Já disse para me largar – ela esperneou e acertou sua perna com um chute.

– Mas que diabo! – Ele rugiu e a empurrou contra a parede. – Vai querer fazer as coisas do jeito mais difícil? Só quero um beijo!

Ato contínuo, pressionou-a contra a pedra dura e forçou um beijo, impedindo-a de gritar. Debatendo-se, Trudy quase sufocava sob aquele homem estúpido. Porém, não conseguia empurrá-lo já que Nestor era muito corpulento. Já perdera as esperanças quando o sentiu enrijecer o corpo e subitamente largá-la, um ar de espanto e surpresa estampado nos olhos de onde a vida fugia

lentamente. Quando os joelhos dele se dobraram, Trudy pode ver Jean, parado atrás do mestre, com sua pequena faca de esculpir na mão, tão surpreso quanto ela. O garoto foi o primeiro a falar.

– Ele a estava machucando.

Trudy apenas assentiu com a cabeça, chorando e em choque. Lizzie começou também a chorar alto e Jean a retirou do berço, passando-a para a jovem.

– Cuide dela, eu vou chamar a senhora Leila.

Tremendo, a moça passou por cima do corpo caído do mestre. Seu passo foi interrompido, porém, por uma mão se fechando em seu tornozelo.

– Largue-me, maldito! – Desequilibrada, ela caiu de joelhos ao lado dele, amparando Lizzie.

Um balbucio saiu da boca de Nestor, junto com um filete de sangue.

– Perdão... – a voz foi sumindo – ...não confie...

No acampamento de Giles de Tarascon, Patrus impacientava-se. Já deveriam ter recebido o sinal combinado.

Aquela criatura estava cada vez mais além de seu controle. Não sabia mais se podia confiar em sua colaboração. Seus objetivos, porém, eram semelhantes e ele contava com isso para que a missão fosse levada a cabo.

No fundo, queriam a mesma coisa. Destruir.

Ele, antes de tudo, queria sentir o gosto da vingança. Queria ter o prazer de ver o mestiço e a sarracena suplicarem por seus entes queridos, queria vê-los implorarem de joelhos para que as vidas dos seus fossem poupadas.

Da sarracena usurpadora, ele tiraria o marido.

Do mestiço, que lhe roubara a mão e o transformara naquela massa disforme de carne e ossos, ele arrancaria a esposa.

Daqueles dois prazeres, ele não abriria mão.

Raden moveu-se nas sombras do entardecer, bem próxima de onde estava montada a tenda com o estandarte de Giles de Tarascon e da carroça com suprimentos. Seus pés, calçados em botas envoltas em pedaços de pele, deslizavam sem ruído por detrás das árvores.

De seu lado, já contabilizava dois sentinelas mortos, ambos em silêncio. Agora, tocaiava o terceiro, o que estava mais perto da tenda do chefe e de seu objetivo principal. Misturando-se às sombras, com os cabelos cobertos e o rosto sujo de terra, ela propositalmente balançou um galho atrás de si, atraindo a atenção do homem, que entrou na mata para investigar.

O último pensamento do soldado, antes de ter sua garganta cortada, foi de

que não devia ter ignorado o mais elementar treinamento militar, que dizia que não deixasse seu posto sem comunicar a um de seus camaradas. Agora era tarde.

Satisfeita, Radegund o segurou até que os estertores parassem. Deitou-o suavemente no chão. Não que houvesse algum tipo de respeito pelo homem. Era apenas uma questão de manter o silêncio ao seu lado. Por fim, limpou a lâmina na roupa do morto e verificou as armas que ele trazia. Pegou uma faca, enfiou na própria bota e aliviou-o de uma adaga.

– Não vai precisar mais disso, camarada. – Resmungou baixinho.

Seguiu adiante, cada vez mais perto do objetivo final: a catapulta. Como uma enorme fera adormecida, ela aguardava a chegada de novos projéteis. Logo recomençaria a investida sobre as já combalidas muralhas do castelo.

Gilchrist eliminava mais um soldado, dessa vez torcendo-lhe o pescoço como ao de um frango. Puxou o corpo para um lugar discreto, livrou as botas das pantufas improvisadas e subiu numa árvore. Esquadrinhou o limite da mata. Faltava um, escondido atrás de um grupo de arbustos.

Armou a besta e fechou um olho, fazendo pontaria. A seta zuniu e cravou-se no pescoço do homem, impedindo-o de gritar.

Imediatamente após, viu Radegund derramar óleo sobre a carroça de suprimentos para, logo em seguida, se mover para mais perto de uma das catapultas. Desceu da árvore e esgueirou-se até sua nova posição. Aguardou pacientemente até que ela estivesse no local combinado. Pendurou a besta a tiracolo e puxou a balestra que trouxe do moinho. Preparou a seta, acendeu a bucha e disparou. Do outro lado, observou o lançamento de Radegund atingir a carroça quase ao mesmo tempo que o seu. Mais uma flecha e a catapulta também se incendiava,

– Fogo! Fogo! – Os gritos começaram no acampamento.

Mudando rapidamente sua posição, subiu em outra árvore e direcionou outra flecha incendiária, desta vez a uma das tendas no ponto mais distante da primeira. Outra flecha, desta vez de Raden, acertou a tenda de Tarascon.

Assim fizeram, atirando e movendo-se, para não denunciarem suas posições, até que praticamente todas as tendas estivessem em chamas.

Ao anoitecer, o acampamento de Giles de Tarascon parecia uma das fogueiras de maio. O ataque às muralhas cedeu lugar ao combate ao fogo, que danificou profundamente as máquinas de guerra e destruiu todas as provisões da tropa. Sob o brilho das chamas, a face sinistra do templário fitava a orla da floresta, contorcida pelo mais puro ódio.

– Apareçam, covardes! Lutem como homens! – Berrava – Saiam das sombras, miseráveis!

No interior do castelo, Leila e Terrwyn olhavam Gwydyon e um servo carregarem embora o corpo de Nestor. Trudy, enrolada numa manta, era consolada por outra criada.

– Ainda mais essa! – Disse Leila, exausta. – O que mais falta acontecer?

– Nem me fale, Leila! – Retrucou Terrwyn, ajeitando as cobertas de Lizzie, que finalmente adormecera em seu bercinho. – Depois dessa, acho melhor andarmos sempre em duplas. E armadas. Há gente demais dentro desse castelo.

– E Jean, como está? – Indagou Trudy com a voz ainda trêmula.

– Está bem. Sabe como ele é, – respondeu Terrwyn – nunca fala muito, é sempre contido. Acho que está assustado.

– Coitado! – Exclamou Leila. – E Nestor disse que era tio dele. Já imaginaram se o mestre fosse a única ligação do garoto com seu passado?

A entrada de Mark e Ragnar, cobertos de fuligem e esfoladuras interrompeu a conversa das mulheres. Tendo sido informados do incidente, os dois falavam ao mesmo tempo, querendo saber os detalhes da confusão.

– Arre! – Reclamou Terrwyn. Será que seu irmão e o amigo não viam que havia uma criança dormindo ali? – Daqui a pouco acordarão Lizzie! Vamos lá para fora.

A intempestiva chegada de Michael, porém, a fez deixar de lado as explicações. Sorridente – o que era algo muito estranho numa situação como aquela em que se encontravam – ele chamou.

– Bakkar, Svenson! Corram até as muralhas! Vocês não vão acreditar!

Mark e Ragnar deram meia-volta e saíram correndo no encalço do cavaleiro ruivo. Sem se fazer de rogada, Terrwyn os seguiu. Do alto da muralha, sob o crepúsculo, o espetáculo do acampamento em chamas era mais do que bem-vindo.

– Viva! Aposto que é obra de Radegund! – Berrou Terrwyn fazendo com que só então seu irmão e seus companheiros notassem sua presença.

– O que diabos está fazendo aqui? – Berrou Mark. – Volte já lá para dentro! Ela o enfrentou.

– Nem morta eu perco isso!

Mark passou as mãos pelo rosto pedindo aos céus paciência para lidar com aquela teimosa.

– Morta você vai estar quando uma flecha a acertar.

– Isso é que dá deixá-la andar com a ruiva! – Grunhiu Ragnar. Como troco ela lhe fez uma careta.

Logo ele voltou a olhar os homens de Giles de Tarascon correndo como baratas tontas pelo acampamento, tentando apagar as chamas.

– Parece que você estava certo, Bakkar. Raden deve estar por aí em algum lugar.

– Vejam! – Gritou Terrwyn. – Lá na floresta. Reforços!

CAPÍTULO XXIII

“ELES QUEREM TE SURPREENDER. SURPREENDE PRIMEIRO.”

A Arte da Guerra. Sun Tzu

Se naquele momento alguém pedisse a Mark al-Bakkar para definir *felicidade*, ele certamente citaria a imagem à sua frente.

Lá adiante, surgindo do meio da floresta, montada em Lúcifer e iluminada pelas chamas, sua leal amiga ceifava os desavisados e desorganizados inimigos como uma das Fúrias, encabeçando o ataque. O alívio sentido era maior ainda, pois, se os reforços chegavam, era sinal de que Clarisse estava bem, de que chegara a D’Azûr sã e salva e de que lá permanecia em segurança.

– Agora podemos lutar de igual para igual. Reúna os homens, Sven! – Ele sorriu determinado. – Vamos espremer a cavalaria deles contra a de D’Azûr, no meio do campo, e fazê-los dar meia volta com o rabo entre as pernas! Michael, quero você aqui com Gwydyon na defesa do castelo, dando cobertura com os arqueiros!

Os dois cavaleiros correram para dar cabo de suas tarefas. Mark virou-se para descer das ameias.

– Veja, Mark! – Gritou sua irmã, que ficara ali, desobedecendo às suas ordens. – É Gilchrist!

Enquanto o pequeno contingente de cavaleiros de Delacroix se preparava para reforçar o ataque fora dos portões, um homem e um menino se encontravam de maneira furtiva na sala de falcoaria.

– É como lhe disse. Estávamos prestando atenção nele.

– E fizeram bem. Só que ainda não acabou.

– Quer que continue de olho?

– Sim. Agora mais do que nunca.

– Fique sossegado, estarei atento.

– Sei que não vai me decepcionar.

– Claro que não.

Depois de um breve aperto de mão, separaram-se, sumindo pelas sombras.

Clarisse conseguiu finalmente alcançar Delacroix. Optou, porém, por dar a volta na colina onde se erguia o castelo e evitar a zona de confronto e o campo inimigo. Perderia um tempo enorme, certamente. Contudo, era melhor do que se arriscar no meio da batalha.

Sob a luz fraca do anoitecer, ela conduziu sua exausta montaria até bem perto do rio. Ocultou o cavalo entre as árvores e se escondeu, esperando que a

noite caísse definitivamente para que pudesse encontrar a saída do túnel sem revelar sua posição. E lá chegando ainda teria que dar um jeito de abrir a porta. Suspirou, agarrou o punho de sua adaga e se enrolou no manto, tentando espantar o frio da noite que caía rapidamente. Seria uma longa espera.

Mark saiu pela porta principal do castelo enfiando as luvas. Ragnar já o esperava, impaciente, sobre Viking.

– Diabos, Bakkar! Foi fazer as unhas?

– Não amole, Sven! – Ele retrucou saltando sobre Baco. – Uma das minhas grevas perdeu a correia, tive que improvisar outra. – Ele olhou para a porta do salão, onde Leila e Terrwyn acabavam de chegar. Sorriu para a irmã. – Tenha juízo, mocinha.

A jovem se aproximou e lhe estendeu a mão trêmula. Seu único irmão, sua única família estava ali, prestes a enfrentar um furioso inimigo, enchendo seu coração de angústia, de medo de perdê-lo. Controlando-se para não chorar, ela deu um sorriso tímido.

– E você, infiel, tenha cuidado.

Mark se abaixou sobre a sela e lhe deu um beijo no alto da cabeça.

– Amo você, irmã. Foi um presente na minha vida, apesar das rãs.

Ela sorriu e apertou a mão dele entre as suas.

– Também o amo, meu irmão. Deus o proteja.

Afastando-se, ele colocou o elmo e dirigiu-se aos portões, juntando-se ao restante de seus homens, enquanto no outro canto do pátio, Leila se preocupava com o marido.

– Tem certeza de que conseguirá lutar com esse ombro machucado?

Inclinando-se para o lado, ele puxou sua delicada esposa com apenas um braço e içou-a sobre a sela, sentando-a sobre suas coxas.

– Tanta certeza quanto a de que estarei com você em nossa cama ainda esta noite, *liten*.

Leila o abraçou, sentindo o calor que atravessava a cota de metal e a túnica grossa e acolchoada.

– Tenha cuidado. Não suportaria perder você.

Ele a fez erguer o rosto e encarou-a com os olhos cinzentos.

– Juro por Deus que ficarei vivo, só para poder beijar você quando voltar, – ele roçou os lábios nos dela – *mitt liv, min kjæreste*.

Colocando-a no chão, Ragnar emparelhou sua montaria com a de Mark, que ordenou aos guardas.

– Abram. E assim que sairmos, reforcem os portões. – E olhando para Ragnar, afirmou. – Estamos juntos.

Abaixando a proteção do elmo e puxando o machado da sela, o norueguês confirmou.

– Estamos juntos.

Gaetain e Lothair olhavam pela janela de uma das torres enquanto os cavaleiros se afastavam dos portões em direção ao campo de batalha. Apreensivo, Lothair via Mark se dirigir para o centro do conflito. E sua mãe, onde estaria?

O sumiço da dama fora justificado a todos como uma doença contagiosa, que a obrigara a se isolar numa das torres. Ele, porém, sabia que ela havia saído do castelo por uma passagem secreta na adega, pois ouvira uma conversa entre Terrwyn e Leila.

Torcendo as mãos, ele rezou para que ambos, sua mãe, e aquele que considerava como um pai, ficassem a salvo.

Gaetain, por sua vez, mantinha seu olhar fixo num outro ponto, mais precisamente num canto da muralha perto do portão lateral. Uma sombra furtiva se movera ali, cruzando o pátio mal iluminado, onde não devia haver ninguém.

Voltando-se, saiu em desabalada carreira. Gwydyon e Michael tinham que ser avisados.

Usando o salto da bota para acertar o nariz de um soldado, Radegund, ao mesmo tempo, se livrou-se de um inimigo do lado oposto. Traçou um arco mortal com a espada, atingindo o tórax e decepando-lhe um braço. Mais adiante, já refeitos da surpresa, os cavaleiros do Templo se reorganizavam.

– Esses daí são osso duro, amigo! – Resmungou para Lúcifer, incitando-o a escoicear um soldado a pé.

Organizadas e bem treinadas, as tropas de D’Azûr já haviam neutralizado os arqueiros. Com um braço sinalizou para seu capitão.

– Raynor! Mande nossa cavalaria! – Apontou o flanco direito e ordenou. – Cerque-os também por lá.

O castelão de D’Azûr se aproximou, batendo-se com os inimigos pelo caminho.

– Nossos homens estão a postos – apontou o lado oposto do campo – podemos fechar o recuo deles sobre a ponte. Os arqueiros de Delacroix os manterão afastados dos muros.

Ela emparelhou a montaria com a dele, à espera da nova carga do inimigo, que se reagrupava.

– Ótimo. Mantenha o bloqueio dos lanceiros! – Lançou um olhar mortal a ele. – Os templários não fazem prisioneiros. Nem eu. Acabe com eles, Raynor.

O *chevalier* acenou com a cabeça. Partiu no encalço dos inimigos com determinação mortal. O contingente de Tarascon, apanhado de surpresa, já se reduzia à metade.

Gilchrist apareceu de lado direito de Radegund, materializando-se do nada, ao mesmo tempo em que uma nova carga inimiga os encontrava. Sua espada se chocou com a de um dos templários.

– Morra, infeliz! – Rosnava o homem.

Cerrando os dentes, ela aparou os golpes, controlando Lúcifer com os joelhos. Outro cavaleiro vinha em sua direção, pelo lado esquerdo.

– Inferno! Como Mark faz falta aqui! – Ela falou mais para si mesma, ao conter a lâmina do inimigo com o escudo.

Como se evocado por suas palavras, o amigo surgiu à sua esquerda, trazendo Ragnar e seu mortífero machado em sua esteira. Juntaram-se a ela e a Gilchrist.

– Pensei que não fossem aparecer nunca! – Ela reclamou com o mestiço.

Mark engalfinhou-se com o segundo cavaleiro, que avançava sobre ela. Ao dar cabo dele, retrucou.

– Estava deixando você se divertir um pouco!

Ragnar colocou-se às costas deles, esmagando tudo o que via pela frente, rosnando uma série de pragas e imprecações em sua língua materna. Gilchrist fechou o outro flanco, ágil, silencioso e preciso.

Juntos, os quatro começaram a abrir um círculo no meio do campo inimigo, empurrando o que sobrou do contingente na direção das tropas de reforço.

Raynor, comandando as forças de D’Azûr, fechou o cerco. E sob a determinação férrea dos defensores de Delacroix, nem mesmo a afamada perícia dos cavaleiros do templo os impediu de sucumbirem. No meio de toda aquela confusão, só muito tarde Radegund foi perceber que nenhuma vez se bateram com o tal Giles de Tarascon.

A situação caótica gerada pelo incêndio e pela chegada dos reforços, fez Giles de Tarascon usar de uma tática impensável pelos manuais da Ordem. Recuando, foi com Cawley, Bodolf e mais três homens para a margem da floresta. Lá, Patrus o aguardava com uma boa notícia. A primeira daquele dia.

– Meu agente sinalizou, o portão está livre.

Animado com a nova perspectiva, quando julgava tudo perdido, Giles incitou a montaria na direção do castelo. Os arquivos da Sociedade em breve estariam em suas mãos.

– Inferno!

A lâmina da adaga de Clarisse acabava de se partir enquanto ela tentava forçar a porta do túnel. Agora só lhe restava uma pequena faca, enfiada na bota.

Saindo do buraco onde desembocava o túnel, ela tentou enxergar através da noite escura. O castelo erguia-se imponente lá adiante e além dele, no campo perto do vilarejo, fogo e gritos atestavam que ainda havia luta.

Esgueirando-se com cuidado, ela foi se aproximando das muralhas de Delacroix. Seu plano era andar colada a elas até alcançar um pequeno portão lateral e lá chegando, chamar a atenção do guarda para que o abrisse. Como os soldados de Tarascon estavam mais empenhados em rechaçar o ataque das forças de D’Azûr, seria fácil chegar até ali. Infelizmente, Clarisse não contou com um fator decisivo, que mudaria a maré da batalha.

Traição.

Patrus e Giles de Tarascon seguiram pela orla do campo até a lateral da muralha de Delacroix. Finalmente haviam recebido o tão esperado sinal do interior do castelo. E para o cavaleiro templário, não poderia ter sido em melhor hora.

Acuados pelos reforços e pela ferocidade dos defensores de Delacroix, eles se viram com poucas opções de ação.

– Senhor! – Chamou Cawley em voz baixa – Veja só aquilo.

Giles olhou para a direção apontada pelo seu soldado. Adiante, na penumbra junto à muralha, uma pequena sombra se esgueirava.

– Ora... – o cavaleiro se voltou para Patrus – é o seu agente?

– Não. Deve ser alguém deles, um mensageiro talvez. Vamos segui-lo.

Giles deu um sorriso cruel.

– Sim. Pode ser que as coisas fiquem ainda mais fáceis do que pensávamos.

Clarisse finalmente alcançou o pequeno portão. Encolheu-se no recuo e colou-se à madeira, batendo com o cabo da faca, tentando chamar a atenção de alguém lá dentro em meio ao barulho.

Depois de alguns minutos de insistência, para seu alívio, a portinhola correu alguns centímetros para o lado.

– Abram. Sou eu, Clarisse.

– Senhora! – Exclamou a voz de Michael do outro lado.

A portinhola correu novamente e ela escutou aliviada a tranca sendo erguida. O portão estreito se abriu e Michael apareceu estendendo-lhe a mão.

– Entre, dama. Sorte sua eu estar aqui. Um dos meninos avisou...

O corpo de Clarisse, sendo empurrado contra ele e o portão, impediu o cavaleiro de concluir a frase. E para seu espanto, surgiram atrás dela, invadindo

o castelo, Giles de Tarascon, Cawley, Bodolf e um sujeito completamente deformado e que tinha um gancho no lugar de uma das mãos. Três outros soldados os seguiram.

Mais que depressa, Giles puxou Clarisse contra si e encostou a adaga em seu pescoço.

– Vejam só, como Deus escreve certo por linhas tortas. – Escarneceu ele. – Estou dentro do castelo, com o rato na minha frente e a mulher do mestiço em minhas mãos. Essa é a vontade de Deus.

Apavorada, Clarisse olhou para Michael, que era desarmado por Cawley. O cavaleiro ruivo rosnou irritado.

– Vai se esconder atrás de mulheres agora, Tarascon?

– Se for essa a vontade Dele, eu a usarei com prazer, rato. – Ele sorriu com desdém. – As filhas de Eva podem ser apenas umas bestas inúteis, mas essa daqui vai me trazer os arquivos da Sociedade. E o mestiço marido dela.

Patrus saiu das sombras, sua voz cavernosa causando um arrepio de terror em Clarisse.

– Já disse que ele é meu. Ele e a sarracena são meus!

Só então Michael notou de quem se tratava o homem deformado que acompanhava Tarascon.

– Você?!

Patrus lançou-lhe um sorriso que retorceu mais ainda sua face disforme.

– Pensaram que eu estava morto, não é mesmo? – Ele parou a frente de Michael, que era contido por dois dos soldados. – Na verdade, quase morri mesmo. Não fosse por um de meus servos, eu jamais estaria aqui para cobrar o preço de minha vingança. – Ele olhou para Clarisse, nas mãos de Tarascon. – E ela vai ser saboreada lentamente.

Terrwyn ficou agachada por detrás de um amontoado de barris até perceber que podia sair sem ser vista. Determinada, se afastou sem fazer ruído de seu esconderijo.

Mas que inferno! Aqueles bandidos haviam pegado Clarisse e Michael. Tinha que achar Gwydyon o mais rápido possível.

Alcançando o canto do pátio, ela contornou a muralha interna e correu na direção do salão. Gaetain praticamente colidiu com ela.

– O que diabos está fazendo aqui fora, garoto?

– Vi alguém se esgueirando pelo muro...

– Era eu, seu tonto! – Puxando o menino para trás de um monte de feno, explicou. – Invadiram o castelo. Acho que é o tal de Tarascon. E tem um sujeito muito estranho com ele.

– Nossa!

– Eles... – ela hesitou e pôs as mãos nos ombros do garoto – eles pegaram sua mãe e Michael como reféns. – Gaetain engoliu em seco e ela continuou. – Tem que achar Gwydyon e Leila. Vá depressa, e cuidado para que não o vejam. – Gaetain já se erguia para correr quando ela o reteve. – Não confie em *ninguém* além deles.

Assentindo, o menino disparou para dentro do castelo. Já Terrwyn tinha outras coisas em mente.

Por pouco seu disfarce não foi descoberto. Alguém devia ter visto sua sombra se movendo junto ao portão e chamado Cornwall.

Agora também, isso pouco importava. A loura idiota poupava-lhe o trabalho de abrir o pequeno portão para Tarascon e Patrus.

Poderia assumir sua inocente posição novamente, aparentemente tão vítima quanto todos ali dentro. Assim, continuaria a ter acesso a todos os cantos do castelo, principalmente à pequena Lizzie, seu novo brinquedo.

– O que está dizendo Gaetain? – Indagou Leila em voz baixa, puxando-o para uma saleta pegada ao solário e fechando a porta.

– Eles estão no pátio. Temos que sair daqui depressa!

– E Gwydyon?

– Mandeí Lothair avisá-lo.

Decidida, Leila tirou o cinto com a adaga e, para o espanto de Gaetain ergueu a saia. O menino corou e virou as costas.

– Senhora...!

– Desculpe, Gaetain, – ela amarrou a arma à coxa – recurso desesperado. A essa altura, não temos muito para onde correr. Pelo barulho, já devem estar no salão. – Ela abaixou a saia e o chamou – Venha para cá. Fique abraçado comigo e vamos fingir que somos dois maricas morrendo de medo.

Gaetain riu do jeito da sarracena.

– E não somos?

Ela juntou o polegar e indicador à frente dele.

– Um pouquinho assim.

Mas no fundo, ela estava mesmo era apavorada.

Gwydyon foi surpreendido por Lothair no alto de uma das torres.

– O que está me dizendo?

O garoto, esbaforido, repetiu a informação.

– São sete, segundo Gaetain. Terrwyn os viu. Pegaram Michael... – a voz do

menino falhou – e minha mãe.

O capitão coçou a cabeça, tentando achar uma saída. Porém, não via nenhuma. Com a dama em seu poder, Tarascon tinha a faca e o queijo na mão. Ele, porém, ainda poderia fazer alguma coisa.

– Lothair, use as escadas de serviço e vá até Trudy. Ela estava no quarto de Lizzie. Esconda as duas em algum lugar. Se eles puserem as mãos na menina, aí mesmo é que teremos dificuldade em detê-los. Sua mãe e Cornwall ao menos têm como se defender. Lizzie não.

O garoto assentiu em concordância e saiu correndo. Gwydyon pegou suas armas e correu até as ameias, alertando os guardas que haviam ficado na linha de defesa. Lá de cima viu quando Tarascon apareceu finalmente no centro do pátio, com a adaga no pescoço de Clarisse.

– Escutem bem! – Berrou ele no centro do pátio. – Quero todas as armas no chão. Todas elas, agora! Se algum de vocês tentar qualquer bobagem, a vadia aqui vai se encontrar com o diabo mais cedo!

Os soldados fitaram o capitão, indecisos. Gwydyon, contudo, experiente e responsável por dezenas de vidas ali dentro, achou mais seguro fazer o jogo dos invasores. Por hora.

– Façam o que ele falou, – ordenou – soltem as armas. A vida da senhora Clarisse está em jogo.

Desarmados, os soldados de Delacroix, dez ao todo, foram escoltados até a casa da guarda e de lá, trancados nas masmorras por Cawley, Bodolf e um dos cavaleiros. Até o capitão foi jogado na cela escura. Ao voltarem, os homens indagaram ao chefe, que mantinha Clarisse sob o fio de sua adaga.

– E agora, entramos?

– Sim, fiquem junto de mim. A mulherzinha será nosso escudo.

– E quanto a ele? – Perguntou Patrus apontando para Michael, que fora imobilizado e estava jogado num canto do muro.

– Deixe o rato aí! Não poderá fazer nada amarrado como está. Que morra de frio.

Terrwyn esgueirava-se pela passagem escura, sentindo o cheiro de mofo e a umidade que escorria pelas paredes.

– Ótimo – falou consigo mesma, mais para quebrar aquele silêncio sufocante – já estou embaixo do fosso. Mais um pouco e saio dessa tumba!

No escuro, pois não se atreveu a carregar sequer uma vela consigo, ela fazia o caminho que podia significar a liberdade e a vida de sua cunhada e de seu irmão. Mark e os outros tinham que ser avisados da situação no interior do castelo antes de voltarem do campo. Por sorte ela foi acostumada com passagens

secretas desde garotinha. Aquela ali era fácil para ela.

Mais dez minutos e Terrwyn finalmente esbarrou na saída. Apalpou a madeira envelhecida até achar o trinco. Abriu a porta e uma bem-vinda lufada de ar fresco inundou seus pulmões. Deixando para se refazer depois, ela se esgueirou para fora e prendeu a porta com um graveto, deixando sua volta garantida caso algo desse errado.

Em seguida, saiu detrás dos arbustos e começou a correr, amaldiçoando a hora em que colocara aquele vestido, que só lhe retardava o passo.

O que restava do incêndio no acampamento do inimigo foi suficiente para orientá-la. Continuou correndo naquela direção, focalizando a pelagem branca de Baco e o homem montado sobre ele, dando ordens aos soldados. Estava tão feliz em vê-lo que só muito tarde ouviu um galope às suas costas. Mal teve tempo de se virar ou de puxar a adaga da bainha. Numa fração de segundos, um braço enorme a agarrou e jogou sobre o cavalo em disparada.

Enchendo os pulmões e esperneando, Terrwyn gritou.

– Mark!

Atraído pelo grito de sua irmã, bem ali, no meio do campo, Mark se voltou num sobressalto. E relaxou. Esperneando sobre Viking, ainda sem perceber que fora Ragnar quem a apanhara, Terrwyn desfiava um rosário de pragas e imprecções dignas de um marujo. Olhando de soslaio para Raden que se aproximava sobre Lúcifer, Mark gracejou.

– Foi essa a *educação esmerada* que andou dando para minha irmã?

– Fique quieta, menina! – Reclamou Ragnar. – Daqui a pouco caímos eu e você!

Terrwyn não sabia se gritava de alívio ou de raiva ao ouvir a voz do norueguês.

– Seu gigante cretino! – Ela esperneou ainda mais. – Ponha-me no chão!

Gilchrist se aproximou e puxou-a para o lombo de Boru, permitindo que se sentasse com um pouco mais de dignidade.

– Senhorita Terrwyn, creio que este vocabulário não é digno de uma jovem dama. – Pilheriou o irlandês, enquanto ela se ajeitava à sua garupa.

– Pois eu devia era deixar aquele porco templário fazer picadinho de vocês!

– Ei! – Reclamou Radegund aproximando Lúcifer de Boru e cumprimentando a mocinha com um sorriso. – Deixem Terrwyn em paz, sim? Se ela está aqui, algum motivo há de ter. O que sabe sobre Tarascon, menina?

– Parece que só você pensa aqui, Raden! – Ela fez cara feia para os homens e dirigiu-se à sua mentora. – O covarde invadiu o castelo com cinco soldados e um homem muito estranho, que tem um gancho no lugar de uma das mãos...

– Como?! – Indagou Mark. – Como é esse homem, Terrwyn?

– Moreno, aleijado, estrangeiro. Anda todo recurvado e tem o rosto deformado. Fala de um jeito estranho... – ela olhou muito séria para o irmão – eles pegaram Clair.

Mark sentiu o coração falhar uma batida. Radegund e Gilchrist entreolharam-se perplexos. O irlandês praguejou, deixando todo seu cavalheirismo de lado, espantando a todos.

– Maldito bastardo!

– Com todos os demônios! – Raden esbravejou – O que Clarisse fazia aqui? Mandei que ficasse com Bertrand!

Ainda sem ação, o mestiço só fazia olhar para a irmã e pensar em sua mulher, sua Clair, sua esposa doce e meiga nas mãos daqueles bandidos...

– Tire as mãos de mim, cão sarnento!

Clarisse, refeita do susto inicial, chutava furiosa Giles de Tarascon, que a arrastava para o solário enquanto os seus lacaios ameaçavam as crianças, detendo assim qualquer tentativa de insurreição por parte das pessoas abrigadas ali dentro.

– Calada, vadia! – Ele berrou furioso e tentou acertá-la com um tapa.

Clarisse, porém, mais rápida e menor, abaixou-se e desferiu-lhe outro chute.

– Ora sua... – ele ergueu a adaga, mas a mão parou no ar ao ouvir a voz de Patrus.

– Se matá-la, o que terá para barganhar com o mestiço, idiota?

Bufando, Tarascon baixou a mão e empurrou a pequena loura, atirando-a ao chão junto de Leila e Gaetain.

– Mamãe! – O garoto pulou nos braços dela.

– Filho! – Clarisse abraçou-o emocionada e Patrus logo viu ali mais uma oportunidade de chegar à sua vingança.

– Ora, que cena comovente. Quer dizer que o mestiço bastardo, além de mulher, tem também filhos? – Ele arrancou Gaetain dos braços de Clarisse. – Você fica comigo pirralho. E você, – ele apontou para Leila – também.

Ao ver aquela figura disforme entrar no solário, junto com Giles de Tarascon, Leila achou que estivesse mergulhando no pesadelo de anos atrás. Reviu o momento em que aquele monstro dominara sua mente, fazendo-a enfiar uma adaga envenenada no corpo de Ragnar. Ela nunca poderia acreditar que aquele feiticeiro houvesse sobrevivido à queda e aos ferimentos. Mas ele estava ali, à sua frente, louco e sedento por vingança.

A mão retorcida se fechou em seu punho e ela foi arrastada junto com Gaetain pelo salão. Com um esgar cruel, ele os levou escada acima. Agarrada à

mão do menino, ela temeu não só por sua sorte e a de Gaetain, mas também pela da filhinha de Radegund.

Deus, faça com que Trudy tenha se escondido com Lizzie.

Patrus abriu uma das portas, empurrou-os para dentro do aposento e bateu-a atrás de si. Leila lançou um rápido olhar à sua volta. Ali era um dos quartos de hóspedes que estavam desocupados. A mobília estava protegida por panos e a cama estava sem colchão. O feiticeiro também examinou o ambiente em silêncio e os empurrou até um canto perto da pesada cama.

– Fiquem sentadinhos aí os dois. – Ele olhou fixamente para Leila que sentiu um mal-estar invadi-la, o entorpecimento começar a tomar conta de sua mente. Lutou contra aquilo que ameaçava dominá-la. Patrus falou. – Ora, vejam. Aprendeu a resistir a mim. Será que o garoto também consegue? – Ele usou o gancho para fazer Gaetain erguer o queixo e fixou o olhar no do menino. – Diga-me seu nome rapazinho.

– Gaetain... – o garoto disse com a voz inexpressiva.

– Não! – Leila gritou e tentou sacudir Gaetain, mas Patrus, com uma força surpreendente para seu corpo aleijado, atingiu-a com a base do gancho, atirando-a longe e abrindo um corte em sua face.

– Fique aonde está, – ele ordenou, ameaçando o garoto com a ponta afiada – ou eu o estriparei na sua frente. Seu marido escapou daquela vez porque o irlandês e aquela bruxa ruiva o ajudaram. Mas aqui não há ninguém que possa socorrê-los. Os dois vão ficar bem quietinhos aqui e em breve, eu terei seu homem e o mestiço na minha ratoeira. E você menino, – ele sorriu com crueldade – vamos ver de que forma poderá ser útil.

Refazendo-se do choque, Mark começou a conduzir Baco na direção do castelo, só conseguindo pensar em Clarisse e nos meninos nas mãos daqueles loucos. Raden, porém, agindo de forma mais racional, agarrou a rédea do garanhão e interceptou seu caminho.

– Mantenha a calma, Mark.

– Calma uma ova! – Ele tentou arrancar a rédea das mãos dela, mas a ruiva não deixou.

– Não vê que é isso o que Tarascon quer? Que você se atire direto nas mãos dele?

Irritado ele saltou para o chão e começou a caminhar em direção ao castelo.

– Maldito idiota teimoso! – Berrou Raden apeando e indo no encalço dele, cortando seu caminho. – Quer me escutar?

– Saia do meu caminho Radegund, ou eu vou derrubar você! – Ele ameaçou, furioso. – Minha mulher e meus filhos estão lá dentro!

– E quem garante que os bastardos não vão matá-los assim que tiverem você? – Ela argumentou, irritada com a teimosia dele.

– Ninguém! – Ele já estava gritando. – Mas não posso deixá-los nas mãos deles!

– Controle-se e pense com a cabeça! – Ela argumentou. – Minha filha também está lá, Mark!

– Como se você se importasse com ela!

– O que está dizendo? – Ela sibilou, os dentes e os punhos cerrados.

– Você abandonou sua filha, lembra? – Mark despejou, descontando nela sua impotência.

Radegund partiu para cima dele, que se preparou para revidar.

– Seu filho da...

– Ei, ei! – Ragnar entrou no meio dos dois, antes que chegassem as vias de fato – Pelo amor de Deus! Todos nós temos alguém lá dentro. Leila está lá, esqueceram? Ela corre tanto risco quanto os outros. Se Tarascon descobrir que ela é uma cabeça da Sociedade, minha mulher estará morta!

Cego de raiva, Mark provocou.

– Radegund pouco se importa, Sven! Ela só quer saber de vingar Luc, mais nada!

– O quê? – Ela gelou, suas suspeitas praticamente se confirmando. [\[DB1\]](#) – Como assim *vingar*? Foi um acidente... não foi?

Gilchrist interveio, segurando-a, enquanto Ragnar continha Mark.

– Mas que merda – bufou o norueguês.

– Diga com todas as letras o que sabe! – Ela intimou, enquanto Gilchrist se esforçava para contê-la. – O que escondeu de mim, Mark?

Tarde ele caiu em si, e se lembrou de que Radegund não sabia que Luc fora assassinado, que o acidente havia sido premeditado. Livrando-se de Ragnar, ele deu as costas ao grupo e chutou o chão.

– Merda!

Raden finalmente se soltou de Gilchrist e puxou o mestiço pelo braço, os olhos verdes arregalados e o corpo todo tenso.

– Diga...

Mark engoliu em seco. Respondeu em voz contida.

– Foi assassinato. – E expôs rapidamente o que tinham descoberto.

E ao contrário da explosão esperada, o grupo de amigos, juntamente com uma espantada Terrwyn, assistiu a uma assustadora calma a dominar. Mark foi quem mais se espantou com aquela reação. Nunca tinha visto seu olhar tão gélido quanto naquele instante. Preferia mil vezes vê-la colérica, a testemunhar aquela sombria transformação.

– Escute bem, Mark. Pois se sua insensatez for a causa de algum erro, eu o matarei pessoalmente; – diante do silêncio dele, continuou – eu quero um plano muito bem elaborado para entrar lá, – não deixou de encará-lo um só minuto – quero cada passo medido e calculado. Quero todas as probabilidades cobertas e previstas. Não quero erros. Vou ter o prazer de colocar as mãos no desgraçado que fez isso. Terei seu sangue nas mãos quando arrancar seu coração do peito enquanto ainda estiver batendo. Delacroix é a minha casa. Alguém ousou entrar debaixo de meu teto e matar meu homem sob os meus olhos. Não me importa se foi Tarascon, Patrus ou o Diabo em pessoa. Não pode haver nenhuma chance de fuga para o animal que fez isso.

O silêncio foi se tornando desconfortável enquanto os dois se encaravam. Até que Mark falou.

– Que seja. Faremos do seu jeito.

No alto de uma das torres, Lothair acabava de acomodar Trudy e sua priminha.

– Aqueça-se e a ela também, Trudy. – Falou o garoto entregando-lhe algumas mantas – Não podemos acender o braseiro, senão chamaremos muita atenção.

– Será que eles virão até aqui?

– Não sei, – respondeu o garoto – talvez não, já que são apenas sete e têm que vigiar muita gente. Vamos ficar aqui mais algum tempo. Daqui a pouco eu saio com cuidado e tento descobrir como está a situação.

CAPÍTULO XXIV

“DA RAÇA DA SERPENTE SURGIRÁ UM BASILISCO,
QUE DEVORARÁ OS PÁSSAROS”

Salomé. Cena 2. Oscar Wilde

Do canto onde estava, continuava a observar a movimentação no salão de Delacroix. Tarascon era um idiota de cabeça vazia, um fanático que provavelmente, antes do fim da noite, daria um passo em falso e acabaria morto. Quanto a Patrus... estava louco. Cego. Obcecado pela vingança. Melhor assim.

Tinha certeza de que a mulher e o mestiço apareceriam ali com seu bando a qualquer momento, acabando com os sonhos daqueles imbecis. Esperaria que a confusão se estabelecesse para levar consigo a criança. Sentia o seu cheiro. Ela estava na torre, levada pelo moleque mais velho, junto com a ama. Na hora certa, saberia retirar os dois de perto da menina e levá-la consigo.

A menina seria sua mensageira. Moldada por suas mãos, caminharia na terra ao seu lado assim que a transição se completasse, assim que aquele corpo finalmente se tornasse isento das mazelas mundanas.

O mais irônico naquilo tudo era o fato do Mal mais puro de todos ter subido à terra na veste da mais terna inocência.

Em seu canto, sorriu.

Michael, amarrado e jogado num canto do pátio, observou os soldados de Tarascon levarem os homens que estavam abrigados no castelo, entre servos, aldeões e criados, todos para as masmorras. O desgraçado era eficiente! Deixara sob sua mira direta apenas as mulheres e as crianças, provavelmente confinadas em separado. Só esperava que ao menos um dos garotos tivesse conseguido sair e alertar Bakkar e os outros. Se o mestiço entrasse ali desavisadamente, poderia se considerar um homem morto.

Com paciência, Michael continuou a tentar soltar as cordas, raspando-as contra uma pedra pontiaguda. E enquanto fazia isso, rezava para que todos saíssem com vida daquela enrascada.

– Desta vez você fica.

– Raden!

– É uma ordem, Terrwyn.

Inconformada a mocinha saiu bufando para o lado onde estavam Raynor e os soldados de D’Azûr.

– Se ela o desobedecer, – completou Mark – podem amarrá-la à uma árvore!

Terrwyn endereçou ao irmão uma série de pragas e deu-lhe as costas.

O plano já fora elaborado. Iriam se esgueirar pela floresta até bem perto dos muros do castelo. Seus cavalos ficariam junto ao acampamento, com outros soldados montados sobre eles, para que quem olhasse das muralhas pensasse que ainda se encontravam no campo. Ragnar, com sua habilidade para escalar, subiria pela torre posterior, a mesma de onde Luc caíra, e de lá entraria no castelo.

Simultaneamente, Mark se apresentaria no portão principal. Gilchrist e Radegund se infiltrariam pela lateral.

A expectativa era que, distraído com a inesperada rendição de Mark, Tarascon relaxaria. Assim, os outros três poderiam libertar os prisioneiros.

Radegund só esperava que Tarascon fosse um daqueles vilões que adorassem contar vantagem. Assim teriam tempo de achar Clarisse e as crianças antes que ele resolvesse matar seu amigo. Pois quando o templário descobrisse que a tal chave para os arquivos não era exatamente o que estava pensando, a vida dele não valeria nada.

Olhando de soslaio para Mark, enquanto se embrenhavam na mata, ela suspirou. Diabos! O clima entre eles tinha ficado mais do que pesado depois daquela discussão idiota. Ela disse mesmo que o mataria? E ele? Como ele pôde acusá-la de não se importar com a filha? Deus! Se seu coração se apertava a cada vez que se lembrava dela...

– Raden.

A mão pousada em seu ombro, assim que chegaram ao ponto em que o grupo deveria se dividir, a fez sair de suas reflexões.

Voltando-se para o lado, encarou Mark. Mesmo à luz fraca do luar pôde enxergar os olhos castanhos repletos de preocupação e tristeza. Como os dela também deveriam estar.

– O que quer?

– Desculpe-me. Falei sem pensar.

Os olhos verdes se abaixaram, escondendo-se por detrás dos cílios fartos.

– Mas disse o que pensa.

Não, não se esconda, garota. Não de mim que já a conheço tanto.

– Sim, cheguei a pensar isso. Antes. Logo que sumiu. – Ele ficou em silêncio por algum tempo e depois continuou. – Quando a encontrei, entendi porque havia se afastado. E agora, ao pensar em Clair e nos garotos à mercê daqueles loucos, eu...

Ele silenciou. Ela completou.

– Você sente seu coração sendo arrancado de seu peito. Sente que seu mundo deixará de fazer sentido se apenas um deles lhe for tirado. Sente-se morto.

– Sim.

A palavra pairou no silêncio por alguns instantes. Gilchrist e Ragnar, discretos, haviam se afastado um pouco e os aguardavam. Radegund o encarou de novo. Seus olhos fixaram-se diretamente nos dele.

– Jamais me acuse de não amar minha filha. Se ainda vivo, é por Lizzie. Porque Luc me implorou que ficasse viva. Por ela e por ele estou aqui... – seus olhos, apesar da raiva, da frieza e da necessidade de vingar a morte de Luc, ficaram marejados – e por você, Mark. Ainda estou aqui por você.

Sem palavras, ele apenas a abraçou. Depois de muito tempo, um murmúrio escapou de seus lábios.

– Eu sei.

No interior do castelo, Giles de Tarascon ocupava-se em preparar uma armadilha para Mark al-Bakkar. Sentado na cadeira do senhor do castelo, na mesa principal, ele havia colocado Clarisse amarrada ao seu lado. Chamou Bodolf e deu-lhe as ordens.

– Coloque um dos homens no alto da ameia, sobre o portão. Assim que o mestiço aparecer, comunique-o de que temos sua mulher e seu filho em nosso poder.

– Deixamos ele entrar? – Inquiriu o soldado.

– Sim. Desarmado. – Ele olhou de um jeito maldoso para Clarisse. – Quero que ele veja a mulherzinha dele bem aqui, ao meu lado. Tenho certeza de que ele se convencerá a me dar os arquivos da Sociedade.

– Por que não interroga direto aquele rato do Cornwall?

– Porque, meu caro e precipitado Bodolf, os Hermes, por questões de segurança, não têm conhecimento do teor dos documentos que carregam. – Giles puxou Clarisse pelos cabelos, fazendo-a inclinar-se sobre o braço da cadeira. Só o fato de estar amordaçada a impedira de gritar de dor. Seus olhos, porém, encheram-se de lágrimas.

– E quanto a você, mulherzinha, depois que me assistir dar cabo de seu marido, poderá ser dada como recompensa aos meus homens.

– Vamos, – grunhiu Ragnar pendurado na parede da torre – ache mais uma brecha, Svenson. Só mais uma.

Sem poder contar com uma corda, ele escalava as pedras irregulares com as mãos nuas, como tantas vezes fizera em seus amados fiordes, procurando ninhos com seus irmãos. Lá embaixo, as pedras o esperavam, como dentes afiados. *Um bom dia para morrer.*

Ora, mas que praga! Não queria morrer. Queria viver. Queria beijar sua

mulher, sentir o corpo macio sob o seu enquanto faziam amor. Queria rever seus filhinhos, e produzir mais uma dúzia deles. Sua mão alcançou uma fenda discreta. Ragnar calçou seus dedos ali. Travou a outra mão no segundo nicho que encontrou. Mediu a distância até a beira da parede derrubada. Ignorou a dor no braço ferido. Respirou fundo, retesou o corpo e soltou os pés, tomando impulso como um pêndulo.

Uma chance. A vida. Ou a morte lá embaixo.

Ragnar rezou.

No aposento do andar superior, Patrus divertia-se em aterrorizar Leila. Tendo Gaetain sob seu domínio, ele dava andamento aos seus planos de vingança.

– Diga-me, querida – ele começou num tom melífluo – ele não parece uma criança inocente?

Gaetain estava parado ao lado do egípcio, os olhos vidrados e sem expressão.

– Por que faz isso? Ele nada tem a ver com o que aconteceu. Deixe-o em paz!

– Ah, ele tem a ver sim... – Patrus envolveu o pescoço de Gaetain com a mão sã – ele tem uma forte ligação com o mestiço.

Gaetain? Patrus só podia estar maluco mesmo. O garoto detestava Mark!

O vilão pareceu ler seus pensamentos.

– Engano seu, minha cara. Através dele eu atingirei o maldito. E a você, eu atormentarei devagar, fazendo-a ver seu homem se contorcer de dor até morrer.

Ele apanhou uma bolsa presa a tiracolo e de lá tirou um saco de couro. Enfiou o gancho dentro dele e pelo metal começou a subir uma pequena serpente. Patrus sorriu cruel quando ela arregalou os olhos, amedrontada.

– Ah, vejo que reconhece a víbora de Thar. Pequena e mortal. Imagine o que fará ao seu marido, querida...

Tremendo de pavor e angústia, Leila se lembrou da adaga que prendera à sua coxa. Esperou que o feiticeiro se distraísse com a serpente e olhou para Gaetain. Enfiou a mão discretamente sob a saia, e tocou o cabo da arma. Mentalmente fez uma prece. E ao mesmo tempo em que sacava a adaga, gritou, despertando o garoto do torpor.

– Fuja, Gaetain!

Patrus, surpreendido, deixou cair a bolsa com as serpentes e Leila saltou para longe delas com a adaga em punho. Gaetain, desperto, correu porta afora.

– Maldita! Vai me pagar!

– Venha, desgraçado! Quero ver o que faz sem ter uma criança atrás da qual

possa se esconder!

Patrus avançou coxeando na direção dela, o gancho assestado em sua direção, o metal afiado brilhando à luz das velas. A serpente ondulou o corpo e afastou-se dos dois, enroscando-se num canto.

Num salto, ele tentou atingi-la, mas Leila se esquivou.

– Vou acabar com você, mulher. E depois vou atrás do seu marido!

Uma voz grossa e irada, parecendo o som do martelo de Thor, rosnou à entrada do aposento.

– O marido já veio atrás de você, idiota!

– Aberta.

Nas sombras, Gilchrist sorriu para Raden.

– Ganharia a vida assim, camarada. – Ela comentou puxando a adaga da bainha – Pronto?

– Pronto.

Devagar, empurraram a porta apenas o suficiente para que se esgueirassem para dentro do pátio. O irlandês foi o primeiro a ver Michael amarrado num canto. Apontou naquela direção e ela assentiu com a cabeça.

Devagar, para não alertar o guarda no alto do portão principal, que se conservava de costas para eles, os dois deslizaram pelas sombras do muro. Sem uma palavra, Gilchrist abaixou-se por trás de Michael e soltou as cordas. Segredou-lhe ao ouvido.

– Onde estão os outros?

– Lá dentro. Tarascon mantém a dama Clarisse sob sua mira. O aleijado está obcecado por Leila e Bakkar.

– E as crianças? – Ela perguntou aflita – E Lizzie?

– Sinto muito, Raden. Eles me prenderam aqui e não sei o que foi feito dela.

– Oh, Deus!

– Acalme-se, Radegund – falou Gilchrist – mantenha a cabeça fria. Vamos encontrá-la. Agora, dê o sinal à Bakkar.

Da orla floresta ele ouviu o conhecido pio de uma coruja.

Hora do espetáculo, Bakkar.

Caminhando em direção aos portões com a cimitarra em punho, ele logo foi avistado pela sentinela inimiga que, empolgado, nem pensou em indagar-se porque o cavaleiro aparecia ali sozinho e sem seu cavalo. Correu a avisar Tarascon.

– Esplêndido! – Comemorou o vilão, soltando Clarisse da cadeira e puxando-a por uma corda presa aos seus punhos – Vamos ver o quanto seu

marido gosta de você, mulherzinha.

Clarisse, amordaçada e arrastada com estupidez, foi posta à frente de Tarascon e teve uma afiada lâmina encostada à sua garganta. Esperto, o cavaleiro se precavia contra qualquer cilada que pudesse ter sido preparada contra ele.

Ela já havia perdido toda a energia de tanto ser jogada de um lado para o outro e ameaçada a todo instante. Além disso, estava exausta, após ter caminhado até o moinho, comido e dormido mal e depois ter cavalgado de volta até ali. Maldita a hora em que não ouvira as ordens de sua prima e ficara em D’Azûr. Agora, por sua causa, Mark estava correndo o risco de ser morto. Maldição! Por que fora se deixar apanhar?

A visão dos portões se abrindo e de seu marido entrando em Delacroix a fez derramar lágrimas de alívio e tristeza. Alívio por ver seu amor ali, diante si, belo e imponente como sempre foi, sorrindo para ela apesar de um dos soldados de Tarascon já ter avançado sobre ele e o desarmado. Tristeza por saber que, a qualquer momento, Tarascon poderia cumprir a promessa feita de enforcá-lo nos muros do castelo. O aperto da adaga em seu pescoço e a voz de Tarascon a fizeram estremecer.

– Ora, ora. O mestiço bastardo em pessoa. O filho de Anwyn.

– Deixe-a, Tarascon. Já estou aqui.

– Ah, não, Bakkar, – ele sorriu e olhou para Clarisse – a mulherzinha é a minha garantia. – O sorriso se apagou e a voz soou dura e cruel. – Quero as listas e os arquivos. Todos eles, aqui, nas minhas mãos.

– Não estão todos comigo. Tenho apenas os que Cornwall trouxe.

– Não minta! – O cavaleiro se irritou – Aquele rato não vagou atrás de você de Tiro até aqui à toa! Sei que Ibelin deu a você a chave dos arquivos da Sociedade!

Se ele soubesse...

– Tenho que ir até o gabinete. Os documentos estão lá.

– Que seja. – Falou Tarascon sem soltar Clarisse. – Vá na frente.

Agora era o momento adequado. Saiu de seu canto e subiu as escadas sem que ninguém percebesse sua movimentação. Evidentemente só teria sua presença notada se assim o quisesse. Farejou a criança. Leite e lavanda. Doce. Carne fresca.

A ama e o moleque continuavam lá. Com um pensamento fez com que os falcões no piso logo acima deles comessem a se agitar e a fazer um estardalhaço.

Não demorou e o menino saiu, virando-se para dentro do aposento e falando em voz baixa com a moça.

– *Fique aqui. Silêncio. Não confie.*

Sábio conselho, Lothair.

O garoto subiu. A porta da sala de falcoaria se fechou atrás dele. Perderia um bom tempo lá. O suficiente para que pudesse tirar a criança do castelo. Abriu a porta e Trudy se voltou assustada, mas logo relaxou ao ver a fisionomia conhecida.

– Que bom que veio. Estava com medo de ficar sozinha aqui.

– Não tema. Estou aqui para olhar por você. E por Lizzie. – Estendeu os braços para a moça. – Deixe-me segurá-la e durma um pouco.

Pensando que estava realmente muito cansada, a moça lhe entregou a criança e enrolou-se na manta. Antes de adormecer, porém, fez uma última recomendação.

– Não saia daqui. E não confie.

– Claro, Trudy.

Svenhalla

Ulla sonhava...

Presa no Limbo, ela tentava se libertar. Paredes invisíveis bloqueavam sua passagem. Era como estar presa dentro de uma garrafa de vidro. Via tudo lá fora, mas não podia se fazer ouvir. O Demônio avançava sobre a criancinha.

– Deixe-a monstro maldito!

O Dragão! Tinha que ligar sua mente à do Dragão. Mas até lá, o monstro já teria levado a menina. Oh, Freyja!

– Vou ajudá-la. – Ulla o sentiu, mais do que o viu. Um anjo, vestido com uma túnica branca e cota de malha dourada. – Vou ajudá-la. Ache o Dragão.

Prestes a entrar no salão do castelo, junto com Radegund e Michael, Gilchrist foi assaltado por um frio súbito, como se garras de gelo apertassem sua alma. Sentiu os pelos da nuca se arrepiarem e ao se virar para trás, já sabia o que encontraria.

Dragão! Vá a torre. Ele está lá. Quer a menina.

– Por que não o detém? Você pode!

Não, Dragão. Ele me aprisionou no Limbo. Detenha-o, mas não o confronte diretamente. Ele já é muito forte e você não completou seu caminho.

– O que quer que eu faça então?

Tire a menina do alcance dele. Use a dádiva que Morgan lhe deixou.

A imagem estremeceu e ele ainda perguntou.

– A dádiva?

A herança de sua mãe, Dragão.

Ela sumiu, deixando-o sozinho no pátio. Radegund se virou para trás e o interpelou.

– O que houve?

– Siga com o plano. Tenho que encontrar sua filha.

– Lizzie? – Sua voz soou apreensiva. – Vou com você.

– Não. Confie em mim. Esteve em Tiro e viveu aquela experiência junto comigo. Creia-me, sua espada nada pode contra o Mal que está aqui dentro.

– Está me deixando com medo, Gil.

– Tenha medo. E também fé.

Estática, ela fitou aqueles dois olhos estranhos e em algum lugar ali dentro viu a certeza de que Gilchrist nada deixaria acontecer com sua adorada Lizzie.

Tomou as mãos do irlandês entre as suas e afirmou.

– Confio em você.

Sem mais delongas, ele tomou o rumo oposto, deixando Raden e Michael para dar cabo da invasão e de Giles de Tarascon.

No meio do pesadelo, Ragnar foi um raio de luz surgindo à entrada do aposento. Refeito da surpresa, porém, Patrus, tão traiçoeiro quanto seu deus e suas cobras, logo encontrou a saída da situação num golpe baixo e cruel.

Tão surpreendida quanto o vilão, Leila teve sua atenção desviada para a abençoada visão de seu marido à porta. Para ela, Ragnar parecia um dos grandes deuses nórdicos, talvez o próprio Thor das histórias que sua cunhada contava. Apesar de sua face contraída de cólera, da fuligem e do sangue borrifado sobre suas vestes, para Leila ele nunca pareceu tão belo, tão bem-vindo. Naqueles preciosos instantes, contudo, em que Leila teve seu olhar voltado para Ragnar, Patrus deu o bote, como uma naja traiçoeira.

– Leila!

A voz de Ragnar penetrou em sua mente e, num átimo, ela despertou, a tempo de esquivar-se para o lado. Não foi o suficiente. A consciência do metal afiado penetrando em seu corpo e do arremedo de sorriso de Patrus, surgiu antes da dor. E numa agilidade surpreendente para um aleijado, ele a empurrou para o chão, ferida e perigosamente perto das serpentes soltas. Com uma gargalhada, Patrus recuou e se esquivou de Ragnar, que vinha na direção deles.

– O que vai fazer, nortista? Salvar sua mulherzinha? Ou correr atrás de mim!

Rugindo de ódio por ver sua mulher sangrando e por ter que deixar o vilão escapar, Ragnar saltou para o meio do quarto, enquanto Patrus escapulia pela porta.

Leila ergueu a cabeça, segurando a lateral do corpo, onde o gancho do

feiticeiro a atingira.

– Ragnar...

Ele, porém, tinha os olhos fixos atrás dela.

– Quietinha, *liten* – ele apanhou uma das facas presa ao cinto – tem uma aí atrás.

Era fácil ele falar para ficar quieta! Tudo o que queria era se dobrar e gritar de dor! Leila mordeu o lábio e esperou enquanto Ragnar fazia pontaria. Sentiu a faca zunir acima de sua cabeça e o golpe seco atrás de si. Num segundo ele a erguia nos braços e a carregava para o corredor, batendo a porta atrás de si, fugindo para um dos quartos.

Lá chegando colocou-se com ela sobre a cama. Leila já estava entorpecida, tanto pela dor quanto pela perda de sangue. Ele deu alguns tapinhas em sua face, despertando-a.

– Acorde Leila!

– Não me bata! – Ela resmungou, zozza.

– Acorde, meu amor! – Rasgou sua roupa, expondo o ferimento. Um talho profundo que sangrava muito. Avisou. – Vai doer, mas preciso fazer isso.

Ato contínuo, embolou o próprio tecido arrancado do vestido e prensou firmemente o ferimento. O grito de dor de sua esposa rasgou sua alma por dentro. Ragnar implorou, abraçando-a firmemente.

– Aguenta firme, *mitt liv*! Fique comigo.

– Oh, céus! Dói! Como dói! – Gemeu sua mulher.

– Calma, Leila... – Ragnar segurava o tecido, tentando conter o sangramento, enquanto apertava contra si e beijava seus cabelos.

E em meio a tudo isso, mais uma vez naquele dia, ele rezava.

Michael e Raden esgueiraram-se pelo salão, mantendo-se nas sombras, nos cantos onde as poucas velas que permaneciam acesas não conseguiam banhar com sua luz amarelada.

Do solário fechado partia o choro de algumas crianças assustadas. A maioria, contudo, acabou adormecendo, tal era o estado de exaustão e o adiantado da hora.

Guardando o salão havia três homens de Tarascon, todos fortemente armados. E de dentro do gabinete fechado vinha a voz alterada do cavaleiro templário.

Com um sinal silencioso para Michael, ela apontou o alvo que escolhera. O homem que estava mais perto da porta do solário e que poderia constituir a ameaça mais imediata para as crianças. Perguntou-se se os filhos de Clarisse também estariam presos ali.

Concentrando-se em seu objetivo, aguardou que Michael se posicionasse. O cavaleiro ruivo apontou o homem que estava perto da entrada do gabinete. Eliminados os dois, ainda teriam que cuidar do terceiro, que provavelmente teria tempo suficiente para dar o alarme.

Não sabiam se isso era bom ou ruim. Mas se conseguissem ao menos atrair os outros dois homens de Tarascon ali para fora, ficaria mais fácil para Mark lidar com o templário sem colocar Clarisse em risco.

Puxando a besta que trouxera presa as costas, Radegund rezou para ser tão certa quanto seu amigo Gilchrist o era com aquela arma. Olhou para Michael que puxava um punhal, agachado nas sombras. Quase que simultaneamente, os dois atacaram, com precisão mortal.

O punhal de Michael cravou-se no pescoço do cavaleiro templário, roubando-lhe a vida em segundos. A seta lançada por Radegund atravessou a proteção da cota do outro soldado e fez parar seu coração. O terceiro homem rapidamente se recuperou da surpresa e ocultou-se atrás de uma arca. Berrando por seu chefe.

– Meu senhor! Estamos sendo atacados!

De dentro do gabinete, ainda com Clarisse em seu poder, Tarascon ordenou aos seus dois leais lacaios.

– Vão lá fora! Rápido.

Os dois soldados abriram a porta com cuidado e avaliaram o salão.

Mark deu um passo na direção do templário.

– Desista! Não vai conseguir nada aqui, Tarascon.

Ele apertou mais ainda a adaga no pescoço de Clarisse.

– Fique aí! Se der outro passo, sua mulher morre!

– Se ferir minha esposa, quem morre é você, bastardo! – Rosnou Mark.

– Estou sempre preparado para morrer, infiel! Se for a vontade de Deus, que assim seja! Mas será que você está pronto para ver sua mulherzinha sangrar até a morte?

Os olhos azuis de Clarisse se arregalaram, implorando a Mark, pedindo socorro e, ao mesmo tempo...

Mark sorriu por dentro. Ah, Clair! Ele agradeceu a Deus por ter uma mulher tão corajosa e esperta. Com um movimento dos olhos Clarisse sinalizava, algo no chão...

Ela franziu o cenho e moveu os olhos de novo.

Não, no chão não, homem!

O que diabos Clarisse queria?

– E então, bastardo? – O templário já estava impaciente. Do salão vinham os sons de uma luta. – Vai me dar o que eu quero?

Gaetain correu do aposento quando Leila mandou e se escondeu no alto das escadas. Tremendo de medo, ele procurava com os olhos algum sinal de sua mãe ou de Mark.

Pediu a Deus que protegesse o cavaleiro mestiço, o marido de sua mãe, o homem que acreditara em sua palavra. Lembrou-se do dia em que Mark foi falar com ele, em seu quarto, quando chorou em seu ombro a perda do tio adorado.

Depois de secar suas lágrimas, Mark lhe contou a respeito da faca que foi achada por Gwydyon e da corda da plataforma que foi cortada. E em nenhum momento o cavaleiro acreditou sequer na hipótese de ele ter estado envolvido com aquele sórdido acidente. Mark lhe disse com todas as letras que o mal não passava pelo sangue. Que não importavam as origens de alguém. O que contava era a forma como se levava a vida, como ele se conduzia em seu caminho. Mark confiou em Gaetain.

E desde aquele dia, apesar de manterem a aparência de animosidade, começaram a se ver de maneira furtiva. Gaetain, sendo uma criança inteligente, dispôs-se a observar tudo pelo castelo e a relatar a Mark. Foi assim que notou o interesse de Nestor por Trudy. E foi assim que descobriu que havia mais alguém ali dentro disposto a atraí-los. A mesma pessoa que matou o gerifalte, que pôs suas luvas na sala de falcoaria e que jogou o capuz da ave em seu baú. A mesma pessoa que pegou sua faca às escondidas e que a deixou perto do local do crime. Faltava pouco para descobrirem o assassino de seu tio Luc. Mas agora, e antes disso, Gaetain tinha que ajudar Mark.

Lá embaixo, no salão, notou quando sua tia e o cavaleiro ruivo se esgueiraram nas sombras. Encolheu-se junto ao anteparo da escada e viu quando os dois soldados foram atingidos e caíram. O terceiro soldado deu o alarme e a porta do gabinete se abriu. De lá vieram mais dois homens. E lá dentro, Gaetain viu.

Sua mãe, com a adaga de Giles de Tarascon no pescoço. E Mark, sem poder fazer nada para não colocar Clarisse em risco.

Determinado, Gaetain começou a descer as escadas.

CAPÍTULO XXV

“TENTAI ASSEMELHAR-SE A UMA FLOR INOCENTE,
MAS SEDE, POR DETRÁS DA FLOR, RECÔNDITA SERPENTE. ”

Macbeth. Ato 1, Cena 5. William Shakespeare

Patrus correu pelos corredores de Delacroix, afastando-se do ensandecido norueguês e galgando as escadas que levavam ao piso superior. Mais acima, do último pavimento, vinha o estardalhaço dos falcões. Não precisou procurar muito. Sua força estava tão grande que parecia atraí-lo em sua direção. Abriu a porta do aposento e entrou. A imagem diante dele era a da mais pura inocência.

– Dê-me a criança e vamos sair daqui!

A fisionomia se transformou, a maldade maior ainda por se estampar naquelas feições suaves. Uma onda negra partiu em sua direção e Patrus cambaleou. Com um sorriso debochado, respondeu ao feiticeiro.

– Não. A criança é minha. Ela ficará no lugar da dádiva que a bruxa me tomou.

– A bruxa roubou a dádiva de Set! – Retrucou Patrus, como se apenas quisesse confirmar o que já sabia.

– Então, não foi o que eu disse? – Acariciou a cabecinha ruiva de Lizzie. – Ela o tomou *de mim*.

O feiticeiro apenas perguntou.

– Quando?

– Quando você clamou por mim. Quando você usou aquele garoto piolhento e órfão para ser a minha voz e o meu canal. – Sorriu para Lizzie que despertava, fitando sua face com os olhinhos curiosos. – Naquele momento o equilíbrio já havia sido rompido. A porta já estava destrancada, meu bom Patrus. Você apenas a escancarou e me convidou para entrar.

– Eu não acredito... – Patrus estava perplexo. O que libertara sobre a terra? O que fizera? Isso não importava, queria apenas a menina. Seria seu passe livre para fora de Delacroix.

– Já disse que não a entregarei. – A voz suave contrastava com sua perversão. Com um gesto de sua mão atraiu o olhar do feiticeiro para a porta. Por baixo da folha de madeira, a serpente que restara deslizava em silêncio. – Veja, Patrus. Meus servos são leais. Assim como você me foi leal durante todo esse tempo.

Espantado, Patrus provava de seu próprio veneno. Não podia se mexer, não podia fugir daquela força hipnótica que o brigava a ficar parado enquanto a pequena víbora começava a se enrolar em seu tornozelo retorcido. A picada foi rápida. O sorriso foi sereno e cruel.

O veneno começou a tomar o corpo deformado do feiticeiro. Patrus sentiu

um calafrio e seu corpo foi se entorpecendo devagar. Os joelhos se dobraram. Ele caiu de costas no chão. A criatura se agachou ao seu lado, ainda sorrindo e acalentando a bebezinha. Voltou para ele seus olhos inexpressivos e o encarou.

O feiticeiro sentiu o desespero começar a tomar conta de si. Os músculos dos braços também paravam de responder. A morte pelo veneno da víbora de Thar era cruel. Uma indagação surgiu em sua mente, mas antes que pudesse verbalizá-la, foi respondida.

– Porque você me chamou. Clamou por mim e gritou meu nome em sua agonia. Você me despertou. Eu vim. A dádiva que me foi tomada é pequena diante das perspectivas que o futuro me reserva. A bruxa, sem saber, ao salvar o irmão, lhe entregou a chave. Você a girou na fechadura. Agora que caminho sobre a terra, terei a criança. Nela está a força de Sekhmet, é a filha da protegida. Será a glória! – Gargalhou. – Rirei na cara dos deuses. Tornarei a pequena filha de minha inimiga a minha mais eficiente mensageira. Farei dela a minha imagem, a minha mão, a minha honra e a minha vingança contra aqueles que me trancaram no Limbo!

A garganta de Patrus começava a se fechar, os músculos respiratórios parando, falhando. Maldito Set traíçoeiro!

Os olhos vazios observaram sua lenta agonia. Que morte bela! Totalmente consciente até o último instante. Prosseguiu em sua ladainha.

– Sim, meu caro servo. Sou Set. Também Loki, Satanás ou o Diabo em pessoa, ou qualquer outro nome que me quiserem dar. Sou a mesquinha, o egoísmo, a hipocrisia, a cupidez e a ganância. Alimento-me da miséria dos homens em todas as suas formas e ao mesmo tempo, sou essas mesmas mazelas. Rastejo no submundo desde o princípio dos tempos. Desde que a Luz me banuiu, estou à espera da liberdade, à espera de uma rachadura no Equilíbrio. Eu sou o Mal primordial, puro e verdadeiro. Compreende agora que nada tenho, nem nunca tive a ver, com sua ridícula vingança pessoal? Não é nada contra você, particularmente, meu caro. – Um sorriso desenhou-se em sua face. – Isto está além dos sentimentos e das emoções. Isto é sobre vencer. Sobre causar dor. Isso é sobre supremacia, sobre conquista. Sobre poder. – A derradeira centelha da vida brilhou nos olhos de Patrus, que levaria para o inferno o arrependimento eterno por ter confiado em uma serpente. – Agora podemos sair para passear Lizzie.

Não cruzará este portal com minha filha, demônio!

Diante da aparição, sorriu.

Gilchrist, correndo pelas escadas e corredores, ia escancarando todas as portas que encontrava.

Repentinamente, sentiu que não estava só em sua luta.

Havia alguém ali com ele, alguém que não era Ulla Svensdatter, alguém cujo coração repleto de amor poderia ajudá-lo a banir aquele mal de Delacroix.

Determinado, continuou percorrendo seu caminho, agora mais confiante.

Faltava pouco para encontrar Lizzie.

Raden e Michael lutavam contra os dois soldados restantes no meio do salão. Gaetain lançou um olhar para eles e correu colado à parede. Passou por trás da tapeçaria e fitou a porta do gabinete.

Pegou sua pequena faca de caça e sorratamente esgueirou-se até bem perto da entrada. Mark estava de costas e sua mãe olhava fixamente para ele, sinalizando com os olhos para baixo.

O que ela queria dizer?

Gaetain olhou para a própria faca e de novo para a mãe, que parecia cada vez mais pálida e irritada por não se fazer compreender. Ele, porém, já percebera onde ela queria chegar. Ora, Mark estava mesmo com a cabeça muito ruim. Onde mais se escondiam facas? Nas botas, ora essa!

Disposto a dar uma chance a sua mãe e ao marido, Gaetain correu sala adentro, sua agilidade e leveza lhe dando a vantagem sobre o corpulento e pesado cavaleiro.

Quando Giles de Tarascon percebeu, a pequena faca já se cravara em sua coxa e Clarisse escapava de seus braços. Gaetain, por sua vez, ficou do outro lado, com o templário entre ele e Mark.

– Maldito! – Urrou o cavaleiro sacando a espada. – Vou acabar com vocês!

– Para trás, Clair! – Mark empurrou a mulher para suas costas.

Clarisse finalmente pode arrancar a mordança da boca, e cutucou-o com os punhos amarrados.

– Quer pegar a maldita faca enfiada em minha bota?!

Ele recuou diante do primeiro golpe de Giles e inclinou o corpo para o lado, sem desprender os olhos do cavaleiro.

Achou a perna de Clarisse e os dois se esquivaram de novo.

Gaetain atirou um tinteiro na cabeça de Tarascon e se escondeu sob a escrivaninha, dando tempo a Mark de pegar a bendita faca.

E o que poderia aquela faca, pensou Clarisse, contra a espada de um cavaleiro templário?

Giles de Tarascon deu um sorriso cínico, zombando de sua arma.

– Vai palitar os dentes, bastardo?

– Quem não tem cão... – retrucou Mark, recuando num círculo, com Clarisse às suas costas. Viu Gaetain do outro lado, saindo de seu esconderijo.

Diabos, fique aí!

Mark voltou a lâmina da faca para dentro e partiu para cima de Tarascon, agarrando seu punho antes que ele pudesse desferir outro golpe. Gritou para a mulher.

– Fuja, Clair!

Clarisse recuou, mas hesitou ao chegar à porta. Gaetain. Seu filho estava ali!

Longe de ter medo, porém, o menino saltou sobre a escrivaninha e cravou a faca de novo no vão entre a espaldeira e o braçal do cavaleiro, obrigando-o a largar a espada. Com um violento soco, Mark atirou Tarascon para trás e Gaetain pulou no chão.

– Saia daqui, Gaetain! – Rosnou o mestiço, enquanto desferia outro soco em Giles de Tarascon. O cavaleiro revidou com o braço são e sua luva metálica acertou o nariz de Mark.

– Vai para o inferno comigo, infiel! – Rosnou o templário. – Eu morro, mas você irá junto!

– É o que veremos! – Mark desferiu um violento golpe com o joelho em sua coxa machucada e Tarascon caiu no chão.

Rapidamente, chutou sua espada para longe e pegou sua adaga.

– Se levantar daí, corto sua garganta!

Com dor e zozura, o templário permaneceu ajoelhado no chão, respirando pesadamente, com uma das mãos apoiada ao lado do corpo, no solo. No salão, os sons da luta também cessavam, com um gemido longo indicando que o último soldado fora abatido. Clarisse abraçou Gaetain, que corria para ela. Michael apareceu na porta, dizendo.

– O salão está livre, Bakkar.

Mark virou-se e disse com um breve sorriso.

– Bom trabalho, Hermes.

Foi o que bastou para Giles de Tarascon puxar uma faca traiçoeira escondida em sua túnica e cravar nas costas do cavaleiro, atravessando suas proteções.

– Mark! – O longo grito horrorizado partiu dos lábios de Clarisse, enquanto seu marido cambaleava, surpreso sobre ela.

Mark sentiu cada centímetro da lâmina enterrar-se em sua carne. Conseguiu ainda erguer os olhos para sua mulher e mergulhar naqueles lagos azuis e cristalinos. Em meio a dor que lhe roubava os sentidos e a luz, aquele grito de Gaetain, ainda que repleto de agonia, o consolou.

– Pai!

No salão, Radegund estacou a poucos passos da porta e de costas para o gabinete. Antes de ouvir qualquer coisa, a dor rasgou suas entranhas. Um murmúrio escapou de seus lábios.

– Mark...

Os gritos de Clarisse e Gaetain ecoaram em seus ouvidos.

Voltou-se a tempo de vê-lo tombar e Giles de Tarascon se erguer, ameaçando Clarisse e Gaetain. Michael estava perplexo e sem ação.

Com um urro animal, Radegund reuniu todo o ódio guardado ao longo de sua vida. Concentrou-o em seu braço, tomou impulso e lançou sua espada como se fosse um dardo, endereçando um pedido ao Diabo para que lhe concedesse sua vingança.

Giles de Tarascon mal viu a lâmina.

Apenas sentiu-a atravessar o peito e sair às suas costas, rasgando carne, músculos, órgãos e ossos em seu trajeto mortal. Caiu sobre os joelhos, o sangue jorrando aos borbotões de sua boca, de onde ainda escapou um murmúrio.

– É... a vontade... de Deus.

No alto da torre, o duelo entre as forças do Bem e do Mal se desenrolava, fazendo o ar vibrar e estalar dentro do aposento.

– Veio tentar me deter, fantasma? Vá embora. Não pode comigo.

Se não posso com você, por que tem medo?

– Não o temo. Eu o matei.

Eu sei. E a vantagem de minha condição é que a visão se amplia. Pena que eu não tinha esse conhecimento antes, quando abri as portas de minha casa para a entrada de uma cobra venenosa como você.

– Oh, se arrependimento matasse... – debochou a criatura, ainda com Lizzie nos braços. Jogada num canto, Trudy estava presa a um sono hipnótico, inconsciente de tudo a sua volta. – Ah, desculpe. Esqueci. Você já está morto.

Por sorte eu estou. Creia-me. Você me favoreceu. Pois aqui, onde estou, nada pode contra mim. Deixe minha filha em paz.

– Vê, Lizzie? Papai está bravo... – a criatura voltou seus olhos vazios para Luc. – Saia de meu caminho, fantasma!

Luc sorriu.

Se tem tanto poder como diz, por que não passa de uma vez?

A criatura rangeu os dentes.

– Foi aquela bruxa maldita que o mandou, não é mesmo? Ela sabe que ainda não completei a transição. Porém, – a mão fria e pegajosa acariciou o rostinho de Lizzie – haverá um dia em que nem você, nem ela e nem ninguém serão capazes de me impedir. Nem seu amor por elas poderá salvá-las. E então, a

criança será minha. Até lá, ficarei aqui, adormecido. Acima de qualquer suspeita.

Veremos, demônio.

– Sim, veremos.

A porta do aposento se abriu e a aparição se desvaneceu. Gilchrist olhou ao redor, na penumbra. Num canto divisou a figura da moça caída. Mais adiante, o corpo retorcido e arroxeadado de Patrus.

– Trudy!

Avançou e reparou em outra pessoa com a filhinha de Radegund nos braços.

– Lizzie! Graças a Deus.

Jean ergueu os olhos marejados para Gilchrist.

– Senhor, graças a Deus que chegou. Estávamos com muito medo. Ele, – apontou para o feiticeiro – queria levar Lizzie.

Apesar das lágrimas do garoto, Gilchrist teve uma vontade súbita de pegar Lizzie no colo. E o fez. Envolveu a garotinha nos braços e falou para ela que, apesar de tudo, estava tranquila.

– Pronto pequenininha... está a salvo. – Uma voz falou em sua mente, sobressaltando-o.

A dádiva de Morgan. O anel. Dê o anel à menina. Ele a protegerá.

Com uma das mãos, Gilchrist retirou a correntinha do pescoço, onde carregava o anel de sua mãe, e prendeu-a em torno de Lizzie. Sem que o cavaleiro notasse, Jean recuou. O Mal, meio adormecido, ainda retrucou.

– *Haverá outra oportunidade, fantasma.*

– *Estarei por perto, demônio.*

Ragnar conseguiu finalmente estancar o sangramento de sua mulher, quando ouviu a comoção do lado de fora do aposento, no corredor.

– Fique quietinha aqui – ele depositou um beijo em seu rosto e saiu da cama com a adaga em punho.

– Como se eu fosse a algum lugar, meu marido... – Leila ainda encontrou forças para dizer.

O ferimento, apesar de feio e profundo, não atingiu nenhum órgão vital. Na certa ela teria uma febre infernal, mas depois se recuperaria. Ragnar voltou, pálido.

– Bakkar está gravemente ferido! Cornwall e a ruiva acabaram de trazê-lo para cima. Tarascon o atingiu nas costas.

– Venha me ajudar, marido. – Ela estendeu a mão. – Leve-me até ele. Posso cuidar de Mark.

– Leila! Com os diabos! – Ele praguejou. – Mal se aguenta de pé!

– Vamos, homem, – Teimou ela – não há tempo. Mark pode morrer se não

for tratado a tempo.

– Está certo. – Ele a ergueu nos braços. – Só queria saber aonde foi parar Gilchrist.

Ao lado de Mark, que sangrava muito, Clarisse não conseguia agir. Já tratara de tanta gente, até mesmo dele, quando Etienne de D’Azûr quase o matara. Mas agora, simplesmente não conseguia fazer nada. Só podia segurar sua mão fria entre as suas e rezar.

Raden encarregava-se de tirar a cota de malha perfurada e a túnica, tomando cuidado para não abrir mais ainda o ferimento. Lothair, todo sujo, arranhado e coberto de plumas, apareceu à porta do aposento. Ao ver o estado de Mark, engoliu em seco. Gaetain foi até seu irmão e o abraçou, dizendo.

– Vamos até a capela rezar por nosso pai?

Surpreso, o mais velho dos herdeiros LeFort apenas assentiu com a cabeça e se deixou conduzir pelo irmão.

A chegada de Leila, nos braços de seu marido, trouxe alívio para as duas primas. E ao mesmo tempo, surpresa por vê-la ferida. A sarracena, porém, não deu tempo para perguntas. Assim que Ragnar a colocou sentada à beira da cama, examinou o ferimento e saiu distribuindo ordens.

– Quero água quente, panos limpos, um braseiro, um almofariz e também beladona. Mandem alguém arranjar matrircária. Ah, e arrumem uma bebida forte. *Akevitt, uisce beatha*, ou qualquer outra coisa do gênero.

Clarisse correu a procurar as criadas para ajudar. Radegund sentou ao lado da cama e colocou as mãos entre a cabeça.

Mark não, meu Deus...

Ragnar pousou a mão em seu ombro.

– Acalme-se ruiva. Vai dar tudo certo.

Ela ia responder, mas um movimento a porta do quarto a fez erguer a cabeça.

– Gil... – seu coração transbordou e seus olhos se encheram de lágrimas – Lizzie!

Com um grito de alegria em meio a tanta dor e preocupação, ela arrebatou a filha dos braços do irlandês e abraçou-se com ela, beijando-lhe os cachinhos, admirando-se com seu tamanho, sentindo seu cheiro de bebê.

A correntinha e o anel, velho conhecido seu, chamaram-lhe a atenção. Olhou de forma interrogativa para Gilchrist. Ele lhe respondeu.

– Prometa nunca tirar isto do pescoço de sua filha.

– Mas...

– Apenas prometa. Dê-me sua palavra.

– Sim. Eu prometo.

– Bom. E mais uma coisa. – Ele se abaixou, como se fosse mexer com a menina, mas segredou em seu ouvido. – Não confie. Ainda não acabou. O Mal dormiu. Mas tenho certeza de que, mais cedo ou mais tarde, irá acordar. – Acariciou a face de Lizzie e se endireitou, fitando o espaço atrás de Raden e depois, olhando-a nos olhos. – Luc mandou dizer à *moça* que estará por perto.

Emocionada, ela segurou Lizzie meio de lado e o abraçou.

– Obrigada, Gilchrist. É um homem muito especial.

Leila fez de tudo para parar a hemorragia causada pelo ferimento nas costas de Mark. Finalmente conseguiu contê-la. Depois de escutar atentamente o peito de seu paciente utilizando uma pequena trompa, ela agradeceu aos céus pelo fato de seus pulmões não terem sido perfurados.

A lâmina provavelmente resvalara numa das costelas e entrara numa diagonal. Mesmo assim, os músculos e muitos vasos haviam sido dilacerados. Cauterizou o que foi possível, mas só Alá sabia a extensão dos danos internos. Se ele sangrasse por dentro... aquela primeira noite seria crucial para o cavaleiro. Recostando-se numa cadeira ao lado da cama, ela estendeu a mão para Clarisse que, abatida, sentava-se à cabeceira do leito e segurava a cabeça de seu marido no colo, acariciando seus cabelos.

– Tenho certeza de que ele vai escapar, Clair.

A loura ergueu os olhos marejados para ela.

– Ele tem que sobreviver, Leila. Oh, Deus! Temos tantos planos, tanto a fazer. Mal acabamos de nos casar. Será que é uma sina das mulheres de minha família, Leila, jamais sermos felizes? Raden, tia Celeste, eu... Meu Deus!

Leila foi firme.

– Não pense assim, Clair. Não seja pessimista. Mark não iria querer ver você desse jeito. Ele está vivo e vamos fazer com que ele fique bom. Seja forte. Até porque, – Leila fez uma pausa – Ragnar foi buscar Terrwyn...

Mal acabou de falar, Ragnar e Radegund entraram no quarto com a mocinha.

– Mark! – Ela se atirou no chão, ao lado da cama. – Mark, fale comigo meu irmão! – Suas mãos delicadas acariciaram a face dele, cuja pele morena agora tinha uma aparência macilenta. – Não me deixe sozinha, Mark, por favor. Eu só tenho você no mundo!

Radegund pousou a mão em seu ombro e fez com que se levantasse, fitando-a de forma solidária.

– Jamais estará só, Terrwyn. Olhe ao seu redor.

A jovem fitou os rostos que a observavam.

Ragnar, com todo seu tamanho e aqueles olhos cinzentos e amigáveis. Gilchrist, que estava à porta, com Lizzie no colo, e que se preocupava com ela desde que haviam se conhecido, ainda em Gales. Leila, que diligentemente trocava os curativos de seu irmão. Clarisse, que acarinhava os cabelos negros do marido, e lhe lançava um olhar de mais puro amor e ternura. Pela primeira vez na vida, Terrwyn sentiu-se realmente pertencendo a algum lugar. E apesar do coração apertado por causa de seu irmão, ela se sentiu em paz. Abraçou Radegund, que retribuiu em silêncio, afagando-seus cabelos. Terrwyn sentiu-se verdadeiramente em casa. Tinha uma família. Tinha um lar.

CAPÍTULO XXVI

“ESTE DIA TERMINOU. ESTÁ SE FECHANDO SOBRE NÓS
COMO O NENÚFAR SOBRE O SEU PRÓPRIO AMANHÃ.
AQUILO QUE NOS FOI DADO AQUI, GUARDAREMOS. ”

O Profeta. Gibran Khalil Gibran

Svenhalla

Ulla Svensdatter abriu os olhos. O reconhecimento das coisas que lhe eram familiares foi tão bem-vindo, que a comoveu. Ao redor havia seu quarto, o calor do fogo espantando o frio da noite de inverno, e o cheiro de ervas. E aos pés da cama, estava Gjurd. Confusa, ergueu-se num cotovelo e perguntou.

– O que houve?

– Ele dormiu. Você conseguiu, filha.

Aliviada, ela se deixou cair sobre os travesseiros.

– Obrigada, Pai.

– Ainda não acabou. Quando acordar, porém, o véu do esquecimento descerá sobre sua mente. Para sua segurança, apenas se recordará no instante em que o Dragão em sua terra pisar.

Apesar da angústia que apertou seu coração como uma garra gelada, ela ainda encontrou voz para perguntar.

– Ele vai se lembrar?

Gjurd balançou a cabeça, triste.

– Para o Dragão, é impossível esquecer.

Pela manhã, Marit entrou no quarto da filha. Deus! Queria tanto que sua menina despertasse! Que saísse daquele mundo estranho onde se internara. Seus joelhos já estavam gastos de tanto implorar a Virgem Maria que trouxesse sua filha de volta...

– Acorde, meu amor... – sussurrou a mãe aflita.

E espantou-se ao ser atendida. Um par de olhos da cor de safira pestanejou e depois a encarou, confuso e sonolento.

– Mãe...?

Comovida às lágrimas, abraçou Ulla.

– Ah, minha filha! Que susto, que preocupação! – Ela se afastou um pouco e acariciou os cabelos platinados. – Primeiro você sumiu daquele jeito, nos botando loucos. Depois, se enfiou naquele chalé. E então, Hrolf a encontrou desacordada, sangrando...

– Mãe...

– Oh, minha filha! Eu e seus irmãos morremos de preocupação.

– Mãe, por favor, – Ulla pediu, alarmada – do que está falando? Quando eu

sumi? De que chalé?

– Ulla! Filha, seu irmão a encontrou em Cornwall...

A jovem franziu o cenho.

– Eu nunca estive em Cornwall, mãe.

Delacroix, janeiro de 1192

A semana foi longa e cansativa.

Leila, apesar de seu próprio ferimento, sentava-se numa cadeira nos aposentos de Mark e Clarisse e trocava informações com a loura, orientando-a acerca do que não sabia, trocando experiências trazidas de sua terra a respeito de tratamentos e dando-lhe força quando ela fraquejava. O cavaleiro permanecia inconsciente, mas a febre já dava sinais de que cederia.

Radegund, juntamente com Gilchrist, Ragnar e Michael, encarregou-se de reorganizar a vida em Delacroix e de reparar os estragos causados pelos homens de Tarascon, no vilarejo e nos campos. Numa daquelas tardes, Michael a chamou para uma conversa nos jardins do castelo.

– Radegund, serei direto com você. Delacroix morreu sem deixar uma indicação para seu posto na Sociedade. – Ela o ouvia em silêncio, enquanto caminhavam lado a lado. – Como sabe, ele era um Emissário. E foi um de nossos mais valiosos agentes, arriscando-se dentro do covil dos templários em Toron.

– Sim, eu sei Michael. Ele me disse que serviu lá. E não duvido de seu valor, pois tudo o que meu marido fazia, ele o fazia com o coração.

Michael parou, a fisionomia franca e os olhos claros fitando-a atentamente.

– O que eu quero saber – ele começou – é se posso fazer uma indicação de seu nome para a Sociedade.

Raden pensou por um longo tempo. E sorriu convicta ao dar a sua resposta.

– Michael, meu velho. Eu agradeço a confiança, mas tudo o que eu quero agora é cuidar de minha filha. Chega de guerras, de intrigas e confusões.

– Eu entendo. – O cavaleiro ruivo sorriu. – Contudo, é uma pena. Meu senhor Ibelin, particularmente, ficaria muito feliz em ter você como membro da Sociedade.

– Diga a ele que serei um membro não-oficial. Quando precisarem de mim, sabem onde me encontrar. Diga-lhe também que, através de Leila, enviarei recursos para financiar a causa. – Ela fez uma pausa. – E quanto aos arquivos que Tarascon tanto queria?

Michael deu uma gargalhada.

– Tarascon era um imbecil. Ele pensava que os arquivos eram documentos, papéis que o levariam aos nomes e às listas da Sociedade.

– E não são? – Ela indagou, sentando-se num banco de pedra.

– Na verdade, não exatamente. E como disse que será um membro não-oficial, e já que está envolvida até o pescoço nessa confusão, tem o direito de saber. A chave para os arquivos, na verdade é A. M. Scholz.

– E o que vem a ser isso?

– Não o *quê*, minha cara. *Quem*. A.M. Scholz é uma pessoa.

– E como uma pessoa pode ser a chave para os arquivos?

– Tendo a chave tatuada no corpo.

Ela se espantou e Michael prosseguiu.

– Guarde este segredo consigo. Bakkar também sabe dele. A segurança da Sociedade depende da segurança dessa pessoa.

– Conte comigo.

Nos aposentos do casal, Clarisse permanecia ao lado de seu marido, atenta a cada respiração dele. Acariciando seus cabelos, falava todos os dias com Mark sobre a recuperação de Delacroix, sobre seus filhos, sobre sua irmã, enfim, deixava-o a par de tudo o que acontecia.

– Terrwyn saiu hoje com Cerrydwen... – ela deslizou os dedos por sua face, o nariz machucado ainda um pouco inchado – ela deixa o vilarejo todo em polvorosa. Parece até que é irmã de minha prima, e não sua! Por falar em Raden, – ela se sentou e colocou a cabeça dele no colo – ela está voltando aos poucos a se interessar pela vida, apesar de tudo. Apenas anda extremamente irritada por não termos descoberto o assassino de Luc. Será que foi Tarascon quem forjou o acidente? – Clarisse deu de ombros e prosseguiu em seu monólogo. – Trudy contou que minha prima lhe deu todos os seus vestidos. Ficou apenas com o que foi de seu casamento. Disse que não tem mais para quem se vestir, e que prefere andar de calças.

– Deve ser mais prático.

– Também acho. Gaetain e Lothair estão tendo aulas de falcoaria de novo. E Jean ficou mais taciturno ainda depois de tudo o que aconteceu. Acho que aquele tal Patrus o assustou terrivelmente, pobrezinho! Leila disse que ele era horrível e cruel. Ainda bem que morreu.

– Já foi tarde.

– Ragnar só está esperando Leila parar de sentir dores para voltarem para casa. Ela está morrendo de saudades dos filhos! – Clarisse suspirou sem notar ainda que não falava mais sozinha. – Sabe, eu gostaria tanto que você acordasse logo! Todos os dias fico aqui com você desde que amanhece até a hora de dormir. Não posso ficar longe de você, Mark. Não posso viver sem você ao meu lado. Desde aquele dia, em que entrou por aqueles portões junto com minha prima, acho que o eu amei. Desde a primeira vez em que eu o vi, meu mundo

começou a mudar... E naquela vez em que eu o flagrei no banho... Deus! Eu quase morri de vergonha. Mas, – ela mordeu o lábio e corou – eu também morri de vontade de entrar ali naquela banheira, com você...

– Devia ter feito isso.

Dessa vez ela ouviu. Olhou para baixo, para seu colo, e encarou um par de olhos castanhos, sonolentos e marotos.

– Fica linda encabulada. – Ele estendeu o braço devagar e secou uma lágrima que rolava sobre a face dela. – Se tivesse entrado naquela banheira comigo, Clair, eu teria me casado com você naquele mesmo dia. Eu te amo, minha esposa.

Sem caber em si de felicidade, ela apertou as mãos dele nas suas.

– Eu também, marido. Eu também.

EPÍLOGO

Março, 1192

A primavera derramava suas cores sobre os campos de Delacroix, espantando definitivamente os últimos vestígios do inverno sombrio. Montada em Lúcifer, Radegund trotava sobre as colinas, observando o lugar que adotara como lar. Por sua mente passavam todos os acontecimentos dos últimos três meses.

Depois de tudo o aconteceu naquela noite infernal, o condado levou algum tempo para se recuperar e voltar à vida normal.

Ragnar e Leila haviam partido há um mês, depois que a sarracena havia se recuperado bem o bastante do ferimento sofrido nas mãos de Patrus. Michael de Cornwall prosseguiu em suas tarefas como Hermes, levando as mensagens da Sociedade e as notícias de Delacroix de novo à Terra Santa, e à Balian de Ibelin, seu superior imediato.

Gilchrist também voltou à Irlanda, depois de uma emocionada despedida. Radegund nutria um carinho muito especial pelo cavaleiro irlandês, mas suspeitava que o coração dele já estava preso ao da misteriosa irmã de Ragnar. Antes de partir, no entanto, ele a fez jurar, mais uma vez, que não retiraria por nada o anel que ele havia pendurado no pescoço de sua filha.

– Nem quando for banhá-la! – Ele a intimou. E pareceu tão convicto, tão certo do que dizia, que ela achou por bem obedecê-lo.

Terrwyn voltou a segui-la como uma sombra, aplicando-se ainda mais, tanto aos estudos, quanto aos treinamentos. Clarisse aos poucos retomava a vida normal, organizando o castelo, distribuindo atenção e doçura por onde quer que fosse. Depois de dias tão difíceis, sua prima realmente precisava de paz e tranquilidade.

– Perdida em pensamentos?

Olhou para o lado e sorriu, enquanto comentava.

– Estava tão distraída que, desta vez, não o pressenti.

Mark sorriu e levou Baco até o lado de Lúcifer. Olhou para a mesma direção em que os olhos dela se demoravam, repletos de saudade.

– É exatamente como Luc descreveu... – a voz saiu rouca, e as íris verdes voltaram-se para ele, brilhando com lágrimas contidas – na primavera a colina fica coberta de florezinhas brancas e miúdas. Logo pela manhã, quando o sol faz as gotas de orvalho brilharem, é como se alguém tivesse espalhado cristais sobre a relva... – um soluço baixo pontuou a última palavra.

– Vai passar, garota. – Estendeu a mão e tocou-lhe o ombro. – A dor vai passar.

– A saudade ficará. Para sempre. – Ela fungou e sorriu de maneira tímida. Deu um suspiro e se afastou devagar. Conduziu Lúçifer colina abaixo, enquanto dizia. – Irei para D’Azûr.

– Está mesmo decidida? – Ele indagou, induzindo Baco num trote, seguindo-a.

– Sim. As lembranças em Delacroix são muito intensas. Luc está em cada canto, em cada tapeçaria, em cada pedra deste castelo. Além disso, – ela puxou a rédea e voltou-se para ele, acariciando o pescoço de Lúçifer – D’Azûr precisa de mim. Raynor me disse que a criação está com problemas, e há uma série de questões pendentes desde o tempo de Etienne. Gilchrist comprometeu-se a manter uma correspondência regular comigo, orientando-me acerca da criação de cavalos e da melhoria do plantel.

Mark fitou-a, desconfiado.

– O que houve entre você e o irlandês?

Ela corou.

– Nada.

O mestiço estreitou os olhos e a encarou por um bom tempo. Depois, sorriu.

– Você e ele sempre tiveram seus segredos. Na certa sempre soube que aquele tapa-olho era fajuto. Estou certo?

– Ora, vejam! Ressentido por perceber que nem sempre é o primeiro a saber de tudo?

– Bah! Está certo. Eu me rendo.

Trotaram em silêncio até a ponte nos limites do vilarejo, onde, no ano anterior, haviam se despedido. Ele olhou em volta.

– Agora será a sua vez.

– Sim. – Houve uma pausa, antes que ela informasse, algo insegura. – Terrwyn me pediu para levá-la a D’Azûr.

– Ela falou comigo, – ele sorriu, embora o sorriso tivesse um traço de evidente melancolia – e apesar de um lado meu, egoísta, ciumento e possessivo, estar gritando que não, sei que minha irmã ficará feliz junto a você. E afinal de contas, D’Azûr fica a menos de meio dia a cavalo de Delacroix.

Raden sorriu e estendeu-lhe a mão, que foi envolvida pelo calor dos dedos morenos.

– Obrigada. Por tudo.

– Somos amigos. Amigos não precisam agradecer.

– Mesmo assim.

Depois de um longo silêncio, em que apenas seus olhares se comunicaram, ele mudou o rumo da conversa, um sorriso travesso iluminando seu rosto.

– Até os portões?

– Quem perder, cuida de Baco e Lúcifer? – Ela indagou.

– Certamente.

Os animais já batiam os cascos, impacientes, antecipando o prazer de seus donos.

– Pronto?

– Vai perder, ruiva! – Ele gritou, enquanto disparavam pelas colinas de Delacroix.

No alto das ameias, sentindo o vento beijando seu rosto sereno, Clarisse gargalhou enquanto os dois passavam pela ponte levadiça, cruzando os portões embaixo dela.

A alegria deles a contagiou. Correndo, desceu as escadas, cruzando o pátio e chegando à porta dos estábulos, no mesmo instante em que seu amado mestiço saía pelas portas. Levantando-a nos braços, ela a fez girar no ar e depois a beijou com todo amor de que era capaz.

– Minha prima perdeu a disputa? – Indagou, risonha e sem fôlego.

– Não, eu perdi. Mas como ela a viu no alto das ameias, mandou-me embora para me consolar com minha mulher.

– Preciso agradecer Radegund por isso.

– E eu preciso agradecer a você por me amar.

Com um demorado beijo, ergueu-a nos braços e entrou pelas portas do castelo. Atrás deles, o sol de primavera brilhava e a vida, a despeito de tudo, se renovava na Normandia.

Mais uma vez, gratidão!
Sem você, Radegund jamais teria retornado!

O DESPERTAR DO DRAGÃO

Irlanda, Normandia e Noruega, 1193

Ela seria sua salvação ou sua morte, mas irremediavelmente seu destino.

O Mal despertou!

Insaciável, voraz e permanentemente em alerta, ele está pronto para se libertar em definitivo, e para subjugar os homens à sua vontade. Suas armas foram escolhidas. E a fúria que arde no coração de Radegund poderá ser a porta por onde ele entrará na Terra.

As engrenagens foram colocadas em movimento...

Mark e Leila precisam de tempo. O maior tesouro da Sociedade está em suas mãos. E os assassinos do inimigo à sua porta. Confinados pelo rigoroso inverno em Svenhalla, eles sabem que há poucas chances de saírem ilesos deste embate.

O que pode apenas um homem contra o mundo?

Presos entre os jogos de intriga e o Mal que cresce a cada dia, cobrindo a terra de Ragnar com uma sinistra escuridão, Ulla e Gilchrist precisarão fazer o definitivo sacrifício. A Lua engolirá o Sol. Virá o Dragão.

“Quando o vazio se abriu sob meu corpo e me sugou para o abismo lá embaixo, a última visão que tive foi do verde musgo de seus olhos. Não senti medo da morte. Apenas a certa incerteza, a convicção de não saber o que adviria, e a crença absoluta de que seria muito diferente daquilo que os padres disseram para mim. Depois, só o vácuo silencioso.

Fui então despertado quando o Limbo se agitou. Do conforto daquele nada absoluto, fui lançado ao inferno dos porquês insistentes. Então, do mesmo modo repentino e abrupto, a compreensão se fez em mim.

Aquele Que Tudo Governa havia usado – num golpe de ironia onde eu quase pude ouvir Sua gargalhada ecoando pelo Limbo – o Mal que, de maneira tola e pueril, pensou em obter alguma vantagem ao me arrancar do mundo dos vivos. Mesmo Ele sabe ser trapaceiro.

Compreendi com exatidão aquela velha história sobre portas que se fechavam e janelas que se abriam. Sendo assim, aqui estou eu, apoiado sobre o punho da espada de meu pai, enquanto o cortante vento norueguês faz meu

manto se agitar como enormes asas, no alto nevado do Galdhøpiggen, esperando.

Aproxima-se o dia.

Virá o Dragão.

Tipperary, Irlanda, primavera, 1193

– Não compreendo porque está fazendo isso, Chris.

– É apenas uma precaução, primo.

Dermott O'Mulryan balançou a cabeça, incrédulo. Seus cabelos castanho-claros se agitaram de um lado para o outro e os olhos verdes se estreitaram ao fitar o primo e chefe do clã O'Mulryan. Voltou à carga.

– Será que não percebe que com isso está enfraquecendo seu poder? Sabe que Donnie daria tudo para ser aclamado como O O'Mulryan em seu lugar.

– Donnie é um inconsequente, – retrucou Gilchrist – e acaba de completar seus vinte verões. Não tem experiência, sabedoria e nem suporte para liderar o clã. Você sim, Dermott, é o mais indicado, em minha ausência, para fazer isso.

– É por causa da mulher, não é mesmo? – Indagou o perspicaz Dermott. – Aquela que conheceu em Tiro e que não consegue esquecer. A mesma para quem escreve quase todas as semanas. É por causa dela que vai embora?

Gilchrist revirou os olhos. Dermott sabia ser persistente quando queria.

– Não, homem, não é por causa da baronesa de D'Azûr que estou partindo. Ou melhor, tem um pouco a ver com ela sim. Mais especificamente com a filhinha dela. – Ele fez uma pausa e seu tom mudou. – Venho tendo sonhos estranhos...

O silêncio que se seguiu foi mais eloquente do que mil palavras para Dermott, que já conhecia os poderes premonitórios de seu primo. Porém ele ainda guardava consigo uma dúvida. Resolveu que aquela era a hora de tirá-la.

– A criança é sua? – Indagou à queima roupa.

– Dermott!

– Pode apenas me responder? Preocupa-se tanto com essa menina...

– Elizabeth é uma LeFort-Gombault e eu, além de gostar muito de Radegund, respeitava demais o pai dela. Luc deu a vida para salvar sua filha. E pediu-me que tomasse conta delas.

Dermott olhou-o com atenção.

– Foi com ele que sonhou – deduziu.

– Sim. E um pedido desses não se recusa.

– Que seja, então – falou Dermott num suspiro – mas saiba que assumirei

apenas provisoriamente sua posição.

Gilchrist o encarou, severo. Foi categórico.

– Assumirá a chefia do clã, Dermott. Eu a estou outorgando a você.

– Inferno, Chris!

Ele colocou as mãos nos ombros do primo, quase tão alto quanto ele mesmo era.

– Aceite, por favor. Vai me deixar mais tranquilo. – Ele se afastou e ficou de costas, olhando pela janela do aposento – Algo me diz que posso não voltar.

Resignado, Dermott assentiu.

Svenhalla, Noruega

Despertando ofegante em sua cama forrada com mantas de pele, Ulla passou a mão pela testa coberta de gotículas de um suor frio e pegajoso. Mais um sonho estranho! Deus, o que estava acontecendo com ela?

Fazia mais de um mês que vinha sonhando com aquele homem de olhos diferentes a quem, naquelas ocasiões, sempre chamava de Dragão. Era estranho porque, enquanto sonhava, sentia nitidamente que o conhecia. Porém, ao despertar e lembrar-se daquele rosto bonito, – apesar da cicatriz que o atravessava desde a sobrancelha até um pouco abaixo do olho, daqueles cabelos escuros e da voz de bardo – ela tinha a certeza de que aquele homem jamais cruzara seu caminho. Bem, tinha quase certeza.

Porque havia um período de alguns meses em sua vida que permaneciam obscuros. Um deles era a época que antecederia a chegada de Hrolf Brosa da Terra Santa com notícias de Ragnar, seu irmão adotivo. Outro período de amnésia era mais recente. Era o mesmo em que seu irmão mais velho, Björn, e o próprio Hrolf, afirmavam terem-na encontrado em Cornwall, a milhas de distância de sua casa na Noruega. Ulla não sabia o que dizer.

Björn contara que ela passara a viagem de volta inteira muito calada, e que ao chegar a Svenhalla, enfiara-se na cabana de caça e fora encontrada lá, quase morta, dias depois. E quando acordara, após um longo período de inconsciência, Ulla não se lembrava de nada disso.

Um ano se passou e o episódio acabou caindo no esquecimento. Ulla voltou a viver como sempre vivera. Subindo nas árvores, caçando, rastreando com Hrolf e espantando os pretendentes que se atreviam a aparecer para cortejá-la. Sua mãe e seus irmãos, condescendentes com a única filha mulher e a caçula da família, acabavam fazendo-lhe a vontade porque, no fundo, não queriam se separar dela. Sendo assim, Ulla Svensdatter gozava de uma liberdade e de uma autonomia incomuns para as mulheres de sua terra e de sua época.

Com um suspiro, afastou as cobertas e se levantou. Melhor deixar aquilo

tudo de lado. Era primavera e ela queria aproveitar o sol, o verde e a vegetação lá fora. Queria colher ervas e flores para secá-las para o inverno e aproveitar as frutas frescas para fazer conservas e geleias. Livrando-se das roupas de dormir, ela usou a bacia de água para fazer sua higiene e pegou roupas limpas do baú aos pés da cama. Vestiu-se, trançou os cabelos e prendeu-os com uma tiara de prata. Por fim, pegou sua pulseira e sua gargantilha, ambas também de prata e presentes de seu pai, e as colocou. Apanhou sua bolsa de couro, a faca e um manto e deixou o quarto para cumprir as tarefas do dia.

[\[DB1\]](#)Rever argumento.

Table of Contents

[APRESENTAÇÃO](#)

[Prólogo](#)

[Parte I – O Dia](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Parte II – A Noite](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Capítulo XXIII](#)

[Capítulo XXIV](#)

[Capítulo XXV](#)

[Capítulo XXVI](#)

[Epílogo](#)

[O Despertar do Dragão](#)